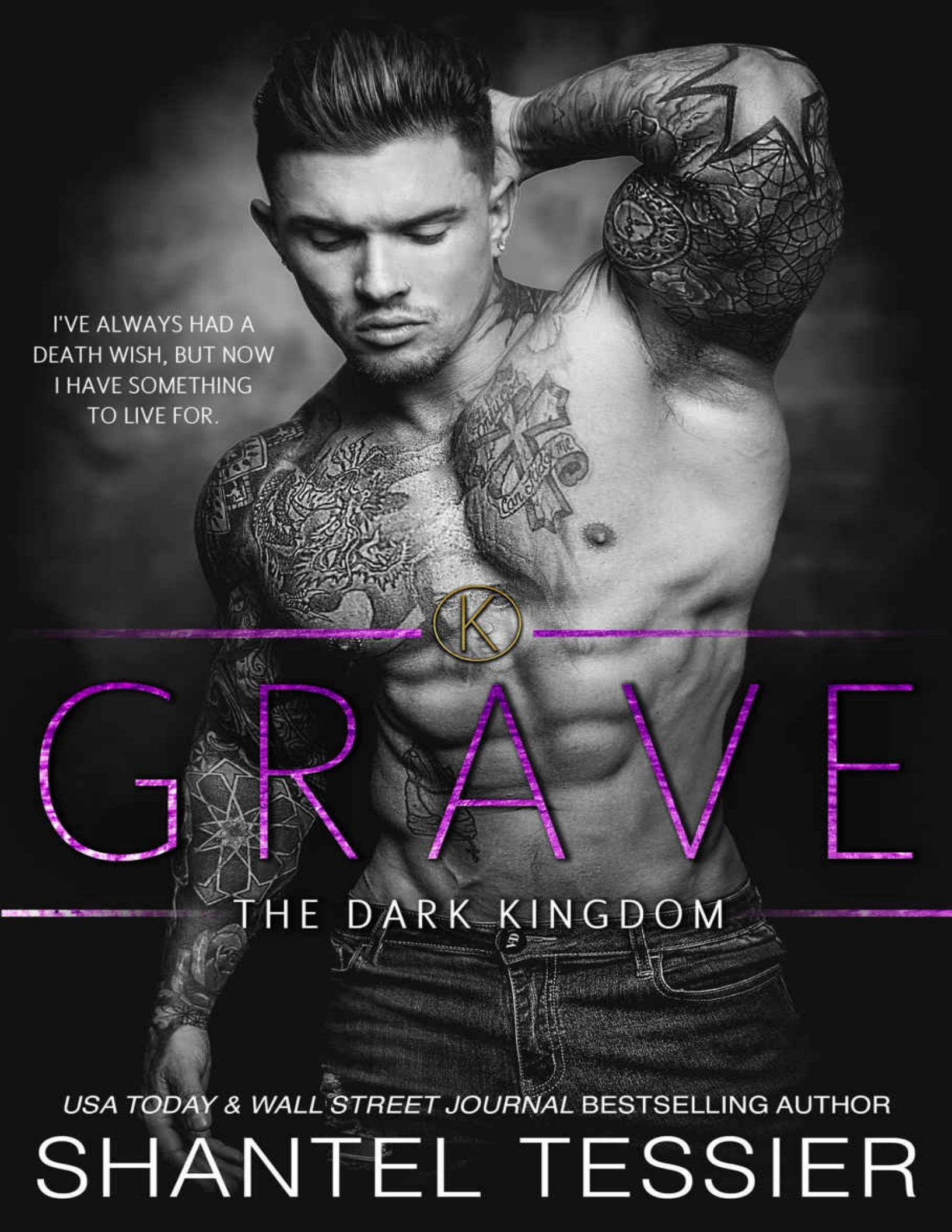




I'VE ALWAYS HAD A
DEATH WISH, BUT NOW
I HAVE SOMETHING
TO LIVE FOR.



GRAVE

THE DARK KINGDOM

USA TODAY & WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

SHANTEL TESSIER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A.D.T.

2022

SINOPSE

Grave

Minha vida foi para o inferno anos atrás, e eu tive um desejo de morte desde então com carros velozes, mulheres e drogas. Eles não me chamam de Grave à toa!

Mas faço isso porque preciso sentir algo.... qualquer coisa. O que vale a vida sem o alto?

E então eu a vi!

Ela é boa demais para mim, e eu deveria ficar longe. Mas como um viciado, troco uma droga por outra e vou levá-la para o inferno comigo.

April

Eu sou tudo menos doce, apesar do que as pessoas pensam, então quando ele me diz que eu sou boa demais para ele e estou melhor sem ele, eu não escuto.

Minha vida era simples antes de Grave entrar por aquela porta, mas quem quer simples?

Ele me faz sentir viva. Bastou apenas um, e fiquei viciada!

Mas esse é o problema. Vício é o nome do meio de Grave, e quando ele me diz que vai me levar para o inferno com ele, não sei se considero isso uma ameaça ou uma promessa!

Lancamento

I'VE ALWAYS HAD A
DEATH WISH, BUT NOW
I HAVE SOMETHING
TO LIVE FOR.

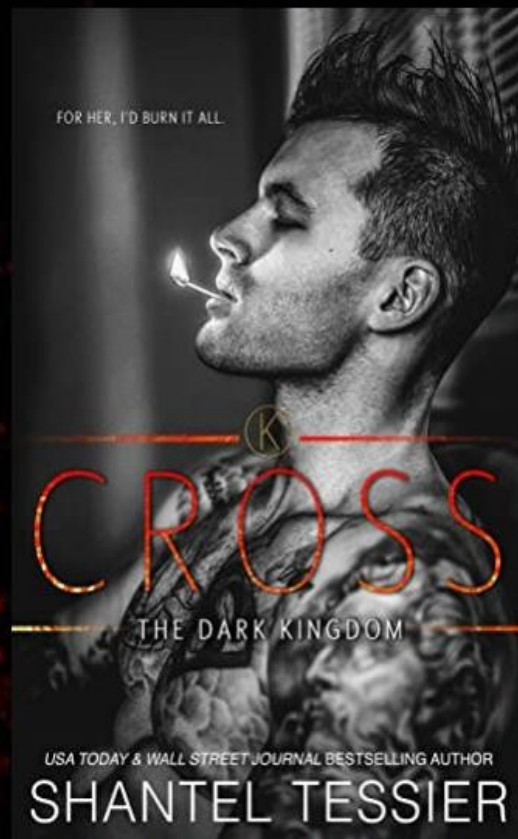
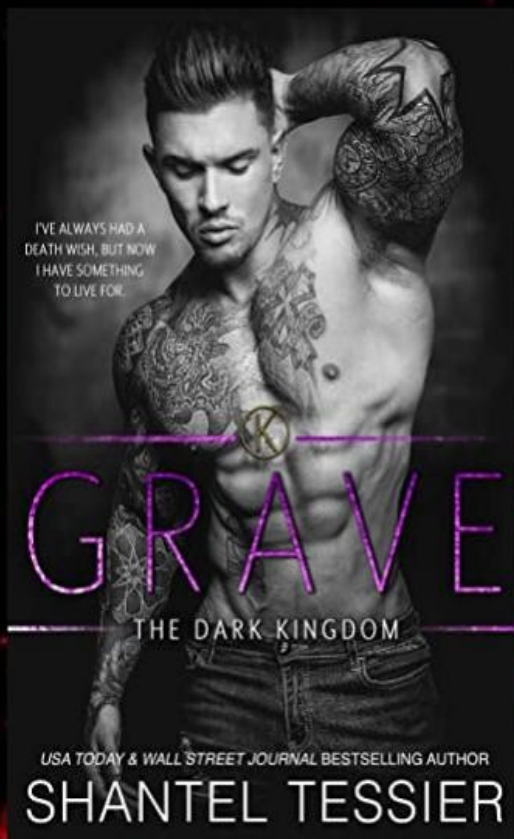
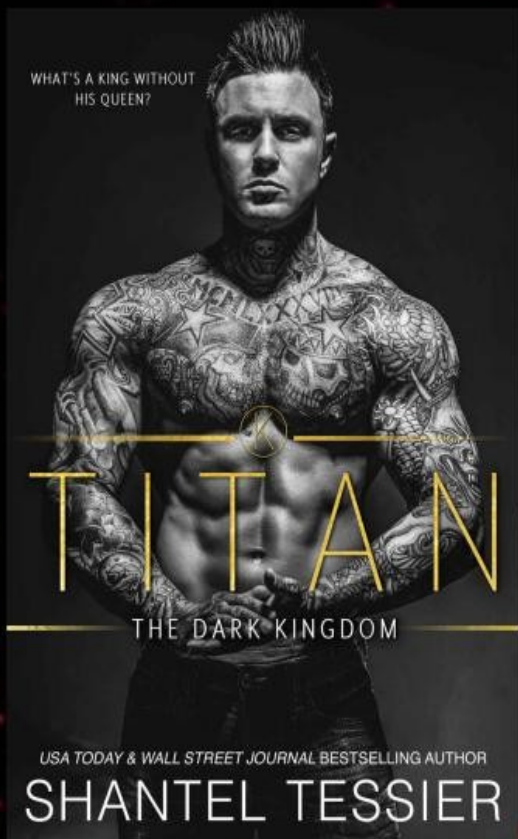
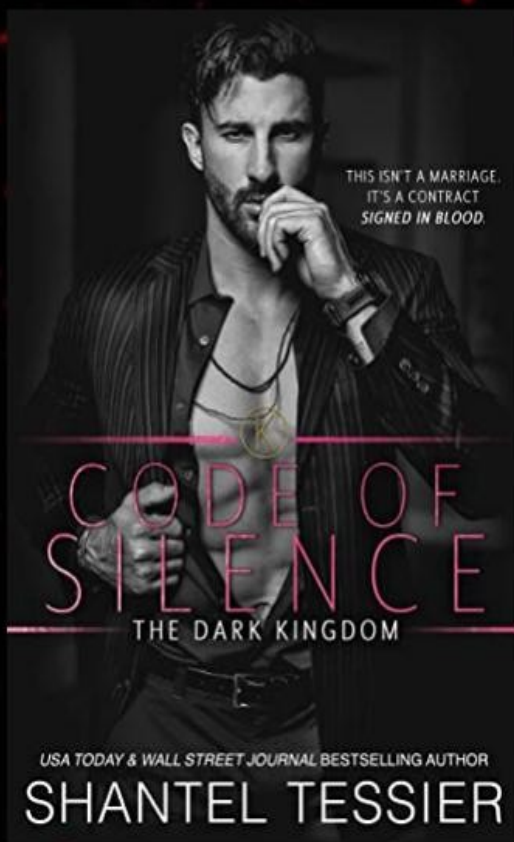
GRAVE

THE DARK KINGDOM

USA TODAY & WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

SHANTEL TESSIER

Serie



PRÓLOGO

Grave

‘Swalla’ de Jason Derulo toca enquanto as luzes piscam no meu clube de strip favorito. Glass tem o melhor das melhores mulheres da Las Vegas Strip.

Meu melhor amigo, Cross, e eu sentamos no centro do palco com várias pilhas de centenas na nossa frente enquanto uma dançarina chamada Mandi está sentada em seu colo de topless.

Natalie está de bruços no palco preto com a bunda para cima bem na nossa frente. Seu fio dental branco brilha nas luzes negras. Jogo algumas centenas enquanto ela balança a bunda para cima e para baixo como se estivesse fodendo um pau imaginário.

Ela se senta, se vira e se inclina sobre a borda. Agarrando minha camisa, ela me puxa para ela, empurrando seus seios falsos no meu rosto, e respiro o cheiro de morangos.

Ela se afasta rindo e pego minha bebida, engolindo o que resta dela.

Assobio e levanto meu copo vazio para sinalizar que preciso de um reabastecimento, sabendo que nossa garçonete está nos observando. Paguei

a ela duzentos quando nos sentamos para garantir que nunca ficaríamos sem esta noite.

Quando a música termina, outra bebida é colocada na minha frente. Natalie lambe os lábios, olhando para mim. — Quer uma dança particular? — Ela pergunta, empurrando o cabelo de seu peito nu.

— Claro. — Pisco para ela. As meninas sabem que pago bem.

— E quanto a mim? — Um homem se senta no assento vazio à minha esquerda.

Seus olhos vão até os dele, e o sorriso desaparece de seu rosto. — Que porra você está fazendo aqui, Randy?

Ele se inclina para frente, os antebraços apoiados na grade de prata. — Você tem ignorado minhas ligações. Achei melhor te ver cara a cara. — Seu rosto se contrai quando ele acrescenta: — Precisamos conversar.

— Não tenho nada para dizer para você. — Ela começa a pegar o dinheiro que cobre o palco. O lugar está lotado a essa hora da noite, mas a maior parte do que ela coleta veio de Cross e de mim.

Ele se levanta e estende a mão para ela, mas sou mais rápido. Agarro seu braço, parando ele. — A senhora disse que não quer falar com você. Sugiro que você vá embora.

Ele olha para a minha mão segurando seu braço e depois para os meus olhos. — Quem diabos é você?

— Randy, pare, — ela avisa.

Sorrio. — Não importa quem eu sou.

— Você está fodendo minha mulher? — Ele exige.

Solto ele e pego meu copo. — Eu planejo, — digo com naturalidade, — mas não parece que ela pertence a você.

— Randy...

— Você está transando com ele? — Ele grita com ela.

Meus olhos disparam para o DJ que está em sua cabine de canto, e ele levanta a mão, sinalizando para o segurança. Eles tentam manter este lugar limpo, mas isso não impede que o lixo entre de vez em quando.

Cross empurra a stripper de seu colo e fica de pé ao meu lado, sabendo que a merda está prestes a ficar feia. Coloco uma mão em seu peito e o empurro de volta em seu assento. Não preciso da ajuda dele lutando minhas batalhas.

— Nós não estamos juntos, Randy! — Ela rosna e se levanta.

— Sua vadia do caralho! — Ele grita. — Você não passa de uma puta do caralho! — Ele pega meu copo e joga na direção dela. Ela grita enquanto pula para trás em seus saltos de quinze centímetros.

Homens se amontoaram ao redor do palco enquanto o que restava da minha bebida espirrou na maioria deles.

Agarro a parte de trás de seu pescoço e bato seu rosto no palco. — Diga isso de novo, — rosno. Sangue cobre a lateral do palco enquanto suas mãos chegam ao rosto machucado. Ele cai em sua cadeira, e ela tomba,

aterrissando no tapete antes de rolar para o lado. Eu o chuto. — Porra, diga isso de novo! — Grito.

Não dou a mínima para o que uma mulher escolhe fazer com seu corpo. É a decisão dela. Mas para esse filho da puta entrar em seus negócios e desrespeitá-la assim é inaceitável.

—Fala, filho da puta! — Me inclino e agarro a parte de trás de sua cabeça, batendo seu rosto no tapete azul escuro coberto de confete roxo e rosa. De pé na minha altura total, piso em sua mão.

Ele levanta a cabeça do chão e grita quando torço minha bota, na esperança de estar quebrando os ossos.

—Grave? — O segurança que trabalha na recepção vem até mim.

—Ele jogou uma bebida nela. — Aponto para o palco. Agora está coberto de vidro quebrado e álcool. Natalie está na extremidade oposta com as costas pressionadas contra a parede espelhada. Ela se agarra ao vestido e ao dinheiro molhado. O DJ saiu de sua cabine e agora está subindo as escadas laterais para ver como ela está.

—Eu vi. — Ele coloca a mão no meu ombro. — A polícia foi chamada, — ele me assegura. — Deixe-os fazer o seu trabalho.

Chupo uma respiração profunda e, em seguida, chuto uma última vez.
—Pedaço de merda!

Ele geme e rola, embalando sua mão.

Olho para cima para ver Natalie descendo as escadas em minha direção.
— Vamos lá, Grave. — Ela pega minha mão e me puxa para longe de seu ex.

Subo os três degraus e passo pelo bar, pegando uma bebida enquanto ela me leva para um quarto dos fundos.

— Você está bem? — Pergunto uma vez que ela fecha a porta atrás de mim.

— Sim. — Ela coloca as mãos no meu peito. — Graças à você.

Caio em uma cadeira no canto, e ela dá um passo para trás de mim. — Quando foi a última vez que você o viu? — Exijo, tomando outro gole de rum e Coca-Cola, tentando acalmar meus nervos.

— Noite passada.

— Jesus, Nat. Você tem que parar de vê-lo. — Removo o frasco de comprimidos do bolso da minha calça jeans porque está apertando minha coxa e coloco na mesa ao lado da cadeira.

— Temos um filho juntos. — Ela suspira.

— Assim? Isso não dá a ele o direito de desrespeitar você assim. — Rosno. O que eles têm é complicado, para dizer o mínimo. Ele não a quer, mas odeia que ela se desprenda. Ele é um pedaço de merda que nem ajuda a alimentar seu filho. Ela faz o melhor que pode com as opções que tem.

— Ei, você precisa se acalmar. Estou bem.

Por enquanto, ela está. Mas sempre me preocupo com ela e sua bunda. Ele é abusivo. É por isso que ela o deixou para começar. — Você precisa obter uma ordem de restrição contra ele. — Rosno.

— Eu tenho. Você sabe que isso não o impede.

— Tenho um amigo que é juiz. Posso entrar em contato com ele para você. — Tenho certeza que o filho da puta tem um mandado contra ele. Posso jogar a bunda dele na cadeia pela manhã.

Ela me dá um sorriso suave. — Você está sempre cuidando de mim.

Em geral, sinto pena de mulheres na mesma posição que Natalie. Elas não têm ajuda e meios limitados. Ela ganha muito dinheiro, mas as crianças não são baratas. Adicione em honorários judiciais e advocatícios e é como correr no mesmo lugar.

— Aqui... — Ela cai de joelhos diante de mim e abre minhas pernas. Quando seus olhos encontram os meus, ela me dá um sorriso tranquilizador. — Trouxe uma coisa para você. — Abaixando, ela remove um saquinho de sua blusa que ela vestiu depois que ela saiu do palco, já que seu vestido estava molhado. — Carteira? — Ela se levanta, estendendo a mão para mim. Levanto meus quadris para remover minha carteira do bolso de trás e entrego para ela. Ela o abre, retira meu cartão Amex preto e começa a cortar o pó que despeja na mesa ao lado do meu frasco de comprimidos. — Você merece isso. — Ela então tira uma nota de cem dólares e a enrola antes de me entregar.

Sou um viciado em muitas coisas. Nenhuma das quais é bom.



Me sinto começando a relaxar quando ‘Pour It Up’ de Rihanna começa a tocar na grande sala. Sua blusa branca está no pequeno palco à direita. Ela dança diante de mim em nada além de sua tanga e saltos.

Ela se levanta e se inclina, colocando o rosto no meu pescoço. Minha mão direita vai para sua bunda nua enquanto a outra segura meu copo frio no braço. Ela ainda tem gosto da minha bebida que o bastardo jogou nela. Ela nem se deu ao trabalho de tirar um tempo para lavar. E não me importo.

Ela é arrancada de mim. — Ei, — ela retruca, virando para o homem que nos interrompeu. Então sua voz muda para interessada. — Não sabia que seu amigo ia se juntar a nós.

Olho para cima, pronta para dar uma surra em seu ex, mas olho em um conjunto de olhos azuis escuros que combinam com os meus. É meu irmão. Eles o chamaram para vir me buscar porque fiz uma cena. Não levaria muito tempo para ele chegar aqui. Kingdom, o hotel e cassino que possuímos, fica na mesma rua.

— Vamos Grave. — Ele a ignora.

Passo meus olhos sobre a bunda dela antes de tomar o que sobrou da bebida que peguei no bar. Então olho para ele. — Qual é a pressa, Bones? Fique. Brinque um pouco.

O homem precisa se soltar. Ele é muito tenso. Você pensaria que por mais boceta que ele ganhasse, ele seria um cara mais amigável. Mas não.

Ele rosna. — Grave.

Rio, afundando mais na cadeira. Passo minha mão sobre minha camiseta e agarro meu pau sobre meu jeans. — Se você não quer participar, então puxe uma cadeira. Você pode assistir. — Não me importo com um público.

Ele se abaixa, agarra meu braço e me puxa para uma posição de pé. — Estamos saindo, — ele ordena, não me dando espaço para discutir enquanto ele começa a arrastar minha bunda bêbada para fora da sala. — Onde está o Cross?

— Ele encontrou uma garota de quem gostava e ofereceu a ela algum dinheiro. Eles saíram. — O ouvi dizendo a Mandi que queria levá-la para casa. Cross não se importa com os quartos privados, mas está sempre disposto a pagar mais para que elas saiam com ele.

Nós fazemos nosso caminho para a entrada, e vejo seu Lamborghini Reventon escurecido ainda ligado no meio-fio.

— Eu não sei... — um garoto vestido de smoking diz, parecendo estressado. Ele trabalha como manobrista. Este lugar é tão caro quanto um

clube de strip pode obter. — Ele simplesmente estacionou aqui e saiu. — Ele está gesticulando para o carro do meu irmão.

— Estou saindo, — Bones os informa.

— Esse é ele. — O garoto se vira e aponta para meu irmão.

O homem mais velho olha para nós. — Bones. Peço desculpas. — Ele acena. — Tenha uma boa noite, senhor.

Bufo. Meu irmão é dono do lugar. Ele não sabe que sei, mas sei. Ele é sócio com um de nossos melhores amigos, Luca Bianchi, ele dirige a Máfia de Las Vegas. Temos laços em toda a Cidade do Pecado. Se você quer ser intocável, é preciso um exército, e nós construímos um que é indestrutível.

— Você também, — diz ele antes de entrarmos no carro, e ele sai do estacionamento.

Afundo no banco do passageiro.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta com um suspiro.

Puxo meu celular do meu bolso. — Vou ser fodido. — Desbloqueio. — Esse pau duro não vai se chupar. E você interrompeu meu plano para a noite. Estou mandando uma mensagem para Lucy. — Ela nunca me decepçiona.

— Quando você vai cagar ou sair da moita?

Bufo para isso. — Eu não amo Lucy. É só sexo. — Começo a digitar, mas meu telefone começa a tocar. O nome de Cross pisca na tela e eu atendo. — Alô?

— Ei, há uma festa hoje à noite. Mandi e eu estamos indo para lá agora. Quer que eu volte e pegue você? — Ele pergunta. Posso ouvir cadelas gritando ao fundo sobre a música.

— Não, — digo. E não estou com vontade de perseguir bocetas. Quero que isso venha para mim.

— Tudo bem, te vejo de manhã. — Ele desliga e faço o mesmo. Volto a mandar mensagens para Lucy.

Eu: Você está livre?

Meus olhos começam a ficar pesados. Aquela pílula que tomei mais cedo está começando a fazer efeito.

Lucy: Quando e onde?

CAPÍTULO UM

Grave

Abro meus olhos pesados e giro com um gemido. —Porra. — Minha cabeça lateja e minha mão direita dói. Olho para baixo para encontrar juntas rachadas e sangrentas. —Mas que porra? — Gemo.

Me sento e passo a mão pelo meu rosto. Ainda estou vestido com minhas roupas da noite passada. Cross e eu fomos para Glass como sempre fazemos para aliviar o estresse. Enfio a mão no bolso para pegar meu frasco de comprimidos, mas encontro vazio. Onde diabos eles estão? Olho para o criado-mudo e depois para o chão, mas eles não estão em lugar nenhum.

Onde eles poderiam ter ido? Eu os deixei cair? Sei que não tomei todos porque era um vidro cheio. Que horas são? Estendo a mão, procurando meu celular. Encontro ele escondido debaixo de um travesseiro. O relógio na tela marca quatro e meia da madrugada. Passo a mão no rosto e saio da cama. Onde estou?

Saio do quarto e sei imediatamente onde estou. A casa de Titan, um amigo de infância e parceiro de negócios. Como diabos cheguei aqui? E porque...?

—Titan. — Ouço um gemido vindo do corredor.

Emilee. A noiva de Titan. A mulher que antes fodia meu irmão no ensino médio e na faculdade agora está noiva do nosso melhor amigo Titan. É uma situação fodida se você me perguntar.

Agarro o corrimão para descer e pegar uma garrafa de água quando ela fala de novo, me fazendo parar. —Oh, Deus... Bones.

Que porra?

Decido dar uma olhada porque por que diabos não? Faço meu caminho até o final do corredor e giro a maçaneta lentamente, gentilmente abrindo a porta o suficiente para olhar dentro do quarto principal.

Emilee está deitada de costas no centro da cama. Titan está deitado de bruços, com as mãos nas coxas dela, mantendo abertas com o rosto entre elas, fodendo sua boceta com a língua. Meu irmão escarranchou seu rosto. Ele segura os braços dela na cama acima de sua cabeça. Seus quadris balançam enquanto Titan a segura o melhor que pode enquanto ela geme ao redor do pau do meu irmão.

Vejo o corpo dela lutar contra suas restrições enquanto ela goza de ambos dando prazer a ela.

Bones é o primeiro a se mover, soltando seus pulsos e saindo de cima dela. Ela está ofegante com os olhos fechados. Titan então se retira de entre as coxas dela, e ela fecha as pernas trêmulas e rola para o lado.

— Não terminei, querida, — Titan diz a ela, segurando seus quadris e virando ela de bruços. Suas mãos agarram os lençóis, e ela enterra o rosto neles. — Bones? — Ele acena para o canto da sala.

Meu irmão se aproxima e pega uma calça jeans jogada sobre uma cadeira, sabendo o que Titan queria. Ele arranca o cinto da calça e o joga para Titan, que o pega no ar.

Ele agarra os braços dela e puxa para trás, prendendo seus pulsos com o cinto. Ele pega o que sobrou e envolve em seu punho, puxando.

Ela choraminga enquanto meu irmão fica de lado, acariciando seu pau enquanto ele fica duro mais uma vez.

Titan abre as pernas dela com os joelhos e desliza para dentro dela enquanto ela grita. Meu irmão caminha até a cama, agarra seu cabelo em sua mão, e puxa seu rosto para cima dos lençóis e começa a foder sua boca novamente.

Fecho a porta e volto para o quarto de hóspedes. Deitado, abro minhas calças e me masturbo, ouvindo eles foderem nela.

CAPÍTULO DOIS

Grave

Sabe aquele ditado que acontece em Vegas, fica em Vegas? Todo mundo sabe que não é verdade. A cidade do pecado é o maior playground adulto dos Estados Unidos. Nunca fecha. As pessoas vêm de todos os lugares para gastar cada centavo que têm na esperança de ganhar muito. Mas eu? Morei aqui toda a minha vida. Nascemos e crescemos aqui. Nós, os Kings, não falamos sobre isso, mas todos nós tínhamos planos que não incluíam o Kingdom. Titan, Cross, Bones e eu não pedimos por esta vida ou este império. Kingdom foi iniciado por nossos pais, os Três Sábios. Junto com isso, herdamos clientes e inimigos.

Assim como qualquer outra coisa que envolva dinheiro, você terá aqueles que têm inveja do que você tem e aqueles que querem pegar isso. Então você tem aqueles que querem entrelaçar seus negócios com os nossos. Os irmãos Mason sempre foram meus amigos. Crescemos com eles. Eles são donos do Airport. Não é o que você pensa. Bem, costumava ser um aeroporto de verdade nos anos setenta, mas foi fechado e transformado no ringue de jogo ilegal de elite de Nevada. Você pode apostar em

qualquer coisa a qualquer hora, dia ou noite. Assim como qualquer outra coisa aqui, nunca fecha.

Todo mundo sabe disso, juízes, o prefeito e o promotor público. Do que se trata. Eles não fecharam porque dependem de sua parte. É apenas mais uma fonte de renda para eles que não precisam pagar impostos. O dinheiro no bolso parece ter um efeito ofuscante.

Depois da minha luta no Glass ontem à noite, queria sair hoje à noite. Pegar um pouco de ar fresco. Fazer o que faço de melhor. Correr. O ar da noite é abafado, dificultando a respiração. Está úmido, fazendo com que minha camisa coberta de suor grude no meu corpo. A mulher parada diante de mim crava as unhas no tecido, puxando.

Ela empurra seu rosto no meu, e mordo seu lábio inferior. Ela rosna como uma puta no cio e então suas mãos se conectam com meu peito, me empurrando. A parte de trás dos meus joelhos bateu na frente do meu carro, e a força de seu empurrão me fez cair para trás. Minhas costas estão no capô enquanto ela sobe em cima de mim.

— Não tenho tempo...

— Vou fazer isso rápido, — ela diz correndo, colocando as duas mãos no meu rosto e me beijando. Minhas mãos vão para seu short jeans que subiu, e cavo meus dedos em suas bochechas nuas. Ela geme. Seus quadris começam a moer contra meu pau duro.

Porra! Não tenho tempo para isso. — Lucy, preciso ir, — digo, mas não faço nenhum movimento para empurrar ou deter ela de alguma forma.

Meu pau está duro pra caralho, e ela está disposta. Que tipo de filho da puta recusaria uma boceta? Eu não.

— Apenas me deixe chupar bem rápido. — Ela rasteja de cima de mim e fica em seus saltos altos. Tiro minhas costas suadas do capô já quente do meu Dodge Demon.

Olho para ela enquanto ela está diante de mim ofegante. Seu cabelo loiro descolorido é uma bagunça do caralho. Suas raízes cresceram mais do que deveriam. Ela usa um short Daisy Dukes que mal cobre a porra de sua boceta, e ela tem os botões dele aberto e enrolado uma vez. Sua camiseta branca tem uma caveira preta com uma coroa preta combinando. Ela está ao lado, inclinada para a direita, e o sangue escorre por ela, cobrindo o crânio. Ela tem a camisa amarrada em um nó debaixo de seus seios grandes sem sutiã. Seu umbigo tem um sol amarelo e vermelho tatuado ao redor com um colar de diamantes que pende do piercing. Ela é minha líder de torcida número um. Minha foda. A cadela pode chupar a porra de uma Harley.

Antes que possa falar, ela vai para o meu jeans. Levanto minhas mãos enquanto seus dedos se atrapalham com meu cinto preto cravejado. Uma vez que ela o abre, ela abre os botões e empurra minha calça até meus tornozelos junto com minha boxer. Meu pau duro entra em ação, olhando para ela.

— Curve-se ao seu rei, minha senhora, — digo com um sotaque britânico.

Garotas curtem essa merda. Bem, nunca conheci alguém que não tenha curtido. Ela ri e se curva na cintura, inclinando para levar meu pau em sua boca sem perder mais um segundo. Deveria forçar ela a ficar de joelhos, mas estamos em um estacionamento de cascalho abandonado. E não sou um idiota total.

Coloco minhas mãos atrás da minha cabeça e entrelaço meus dedos. Jogando minha cabeça para trás, olho para o céu escuro e gemo quando ela engole meu pau como se eu estivesse jogando centenas de dólares nela.

Minha língua sai e corre sobre o meu piercing no lábio. — Porra! Sim, querida...

— *Corredores, estejam na pista para a última pré-eliminatória da noite.* — A voz de Colt Tinsley ecoa pelo megafone atrás de nós.

Porra! Empurro sua cabeça para longe. Ela perde o equilíbrio e cai de quatro no cascalho. — Grave... — Ela rosna meu apelido, seus olhos castanhos me encarando.

— Desculpe, querida. — Estou pulando com os dois pés, tentando puxar minha boxer e jeans para cima enquanto dou a volta no carro e quase tropeço quando meus sapatos escorregam no cascalho solto. Caio no meu Challenger, sem nem me preocupar em fechar ou abotoar minhas calças antes de ligar.

Lucy se levanta de um salto, limpando as mãos e os joelhos antes de dar um passo para trás quando acelero o motor, coloco a marcha e saio, jogando cascalho e poeira no meu rastro. Acelero sobre o cascalho e para o

asfalto. Passo por carros que acabaram de sair da faixa do aeroporto outrora privada.

Fazendo meu caminho até a linha de frente, paro meu carro e olho para a minha esquerda para ver um cara que conheço há anos. Jimmy Trust está parado ao meu lado em sua nova fodida de Ferrari amarela. Sorrio.

— Duas noites seguidas? — Ele pergunta. Cross e eu estávamos aqui ontem à noite antes de chegarmos no Glass. — Você nunca dá um descanso a ela?

— As prostitutas foram feitas para serem montadas. — Esfrego o volante preto. — Não é, baby?

Tenho o Dodge Challenger SRT Demon há dois anos. Ela é o carro de produção mais rápido nas ruas. Apenas trezentos e três mil, foram feitos. Três mil desses foram vendidos nos Estados Unidos. Os outros trezentos foram para o Canadá. Eu tinha uma amiga que trabalhava em uma concessionária Dodge e paguei em dinheiro por ela com meses de antecedência para ter certeza de que eu tinha uma garantia. Ela só sai quando corro com ela. Fora isso, ela é mantida na garagem.

Ele bufa. — Só vou te avisar, Grave. Você não está ganhando.

Uma mulher com grandes seios falsos, bronzado falso e cílios postiços sai para a pista e se posiciona. Nossos faróis iluminam ela e a pista diante de nós. As pessoas estão alinhadas em ambos os lados até onde você pode ver. Alguns têm seus carros puxados até a beira da pista e sentam no capô

ou no porta-malas depois de fazer suas apostas. Bebidas em uma mão, baseados na outra.

—Estou sempre pronto, querida. — Mando um beijo para ele. —Ouvi que você gosta de ter sua bunda espancada. Mas e os acessórios? Você prefere corda ou algemas? Talvez algumas gravatas? Ah, ou uma corrente. Talvez um pouco de ação de chicote? Tenho tudo.

Sua mão aperta o volante preto, e ele se mexe no banco.

— Ah, não tenha vergonha, Jimmy. Todos nós temos nossas torções, — provoco.

Ele balança a cabeça. —Seu filho da puta sádico, — o ouço murmurar.

—Corredores, vocês estão prontos?

Deixando todas as piadas de lado, me viro para olhar para a mulher seminua que está diante de nós. Ela tem uma bandeira verde na mão direita. Ela separa as pernas em seus saltos pretos. Tiras de couro percorrem todo o caminho das panturrilhas até as coxas. Ela usa uma saia de couro preta que mal cobre sua bocetinha e um sutiã de renda preto. É isso. Ela empurra o quadril direito para fora, levantando a bandeira e depois abaixando. Solto a embreagem e mudo para a primeira marcha. Em seguida, segunda. Então terceira. Me distancio dele logo de cara. Sou o mais rápido desde o início e o mais rápido ao redor. Ninguém pode me vencer. Nem tenho certeza por que eles tentam.

Meu carro vibra debaixo de mim, o som do motor rugindo enchendo o interior. Estou com o ar condicionado desligado e as janelas abaixadas, e o

vento é bom na minha camisa suada. Quando cruzo a linha de chegada, vejo pessoas pulando para cima e para baixo em ambos os lados das pistas. Eles sabem apostar em mim. Nunca os decepcionei. Olhando pelo espelho retrovisor, vejo suas luzes atrás de mim e rio. Começo a desacelerar e faço a curva que eles mapearam com cones laranja.

Desligo meu carro na pista. Ele termina, então vem para o estacionamento. Uma vez fora de seu carro, ele se dirige para mim. Ele olha para baixo para ver meu jeans ainda desabotoado. Não faço nenhuma tentativa de fechar porque ele está prestes a sair de qualquer maneira.

— Como você se sentiu? — Pergunto. — Foi tão bom para você quanto foi para mim, baby?

Ele apenas balança a cabeça para mim, afastando o cabelo suado do rosto.

— Da próxima vez, trarei o lubrificante. Não quero te machucar muito, — brinco.

Ele para, inclinando a cabeça. — Você é gay, Grave?

Sorrio. — Homofóbico, Jimmy? É 2020. Não passamos disso?

— Acho que você tem uma queda por mim, — ele murmura, desgosto escorrendo de suas palavras.

Sorrio para ele e jogo meu braço sobre seus ombros, puxando ele para o meu lado. Ele endurece. — Vou foder qualquer coisa com um buraco, querida. Por que você não fica de joelhos e abre essa boca para mim? — Minha mão livre sobe e toca seus lábios.

— Vai se foder, cara! — Ele explode e me empurra para longe. Ele enfia a mão no bolso e joga um maço de notas de cem dólares para mim.

— Ah, vamos lá. Fazendo chover? — Pergunto, e ele vira as costas para mim, indo embora. — Você não quer ver o que mais posso fazer por uma pilha de centenas?

— Vai se foder, cara, — ele grita, me dando o dedo por cima do ombro.

Rio enquanto pego o dinheiro do chão.

— Grave!

Me viro para ver Lucy correndo em minha direção. Suas pernas balançam, como um filhote de cervo que ainda não sabe andar enquanto seus saltos batem no cascalho, mas acho fofo que ela tente por mim. Me abaixo e a pego no colo ao mesmo tempo que ela pula em meus braços. Envolvendo meus braços ao redor dela, giro.

— Você ganhou! — Ela diz animada.

— Você duvidou de mim? — Pergunto com um arco de minha sobrancelha.

Ela balança a cabeça. — Nunca! Agora, o que o rei quer de sua rainha?

— Bem, para começar, você pode terminar o que começou antes que eu tivesse que fugir.

Ela salta dos meus braços, agarra minhas mãos e me puxa de volta para o meu carro estacionado.



A fumaça enche a pequena sala reservada para grandes apostadores. Sento à mesa de Black Jack dentro do Airport. Os irmãos Mason não são donos de um hotel e cassino como os Kings e eu. Eles são mais do tipo underground, fora dos livros, de círculo de jogo. Devido às leis de Nevada, este é o único lugar em que posso apostar. Ser co-proprietário de um cassino tem seus contras. Então, quando tenho a necessidade de gastar algum dinheiro, venho aqui.

Um charuto à minha direita e um rum e Coca-Cola à minha esquerda. Lucy está atrás de mim. Depois que ela chupou meu pau no meu carro, decidimos entrar e brincar um pouco. Estava alto por vencer a corrida. Por que parar então?

O crupiê me entrega uma nova carta e xingo por dentro. Vinte e dois. Desisto das minhas cartas e ele pega os cinco mil em fichas que tinha apostado.

—Quanto tempo mais? — Ela sussurra, inclinando para falar no meu ouvido. —Eu preciso...

—Vá em frente, — digo a ela.

Ela me dá um beijo na bochecha e depois vai para o banheiro feminino.

—Se importa se eu perguntar quanto custa o seu encontro? — O cara sentado ao meu lado pergunta.

Olho para ele. Ele sorri para mim. Seus olhos escuros enrugam nos cantos. Ele olha e observa enquanto ela balança sua bunda naqueles shorts minúsculos. Não sou do tipo ciumento. Nunca fui. Além disso, Lucy não me pertence.

—Muito caro para você, — respondo com um sorriso. Ele está apostando entre cinco e vinte dólares por mão.

Ele ri e então começa a ter um ataque de tosse, como um fumante. — Filho, antigamente, você podia conseguir um boquete por cinquenta centavos.

—Uma boa merda? — Sorrio.

Ele balança a cabeça antes de dar uma tragada em seu charuto e apagá-lo. O cheiro de canela enche o ar. — As mulheres naquela época eram muito mais entusiasmadas. Eu estava na Marinha. Semana da frota... — Ele para com um assobio.

Aposto que eram. Pego minhas cartas e as examino com um sorriso. Escolho uma para colocar para baixo.

Sinto ela mais do que vejo seu retorno para ficar atrás de mim. O crupiê coloca a carta na mesa e pulo no meu lugar. —Uau! — Venci. Colocando meu charuto entre os lábios, sento e enfio a mão no bolso. Pego cinco notas de cem dólares e entrego para ela. —Vá jogar na sua máquina favorita. — Lucy não é uma garota que você tem que comprar. Não, ela dá essa merda de graça. Mas não me importo de compartilhar.

—Obrigada, baby, — diz ela animadamente e depois salta.

O problema de estar em qualquer cassino é que você perde a noção do tempo. Sem relógios. Sem janelas. Você pode literalmente ficar sentado lá enquanto sua bexiga aguentar enquanto você está em uma sequência de vitórias. Mas quando finalmente me levanto da mesa, verifico meu telefone para ver que estava sentado lá há três horas. Tenho duas ligações do meu irmão. Uma de Cross e duas de Titan. Vou para a nossa mensagem de grupo e envio um texto rápido.

Eu: O que está acontecendo?

Então coloco de volta no meu bolso. Ando entre as máquinas de jogo, chegando a uma que tem grandes peixes vermelhos e amarelos. Lucy está sentada com uma perna na cadeira e a outra na plataforma em que a máquina está. Me sento ao lado dela. — Como você foi?

Ela olha para mim e rosna. — Uma merda. Você?

— Fantástico pra caralho.

Ela revira os olhos dramaticamente. — Claro. Você sempre tem sorte.

— Não tem nada a ver com sorte, — digo a ela.

Ela joga a cabeça para trás com uma risada. — Você é tão cheio de si mesmo.

Me inclino em seu pescoço e a beijo. — Você vai estar cheia de mim.

— Sim por favor. — Ela vira a cabeça e coloca seus lábios nos meus. — Vamos ir para a minha casa. — Ela respira, se afastando.

Ela pula no meu colo com um grito, e dou um tapa em sua coxa. — Vamos, — ordeno.

O Airport fica em cerca de duzentos e cinquenta acres com a estrutura original do aeroporto de cinco andares e um nível subterrâneo, que é onde as mesas e máquinas estão localizadas. Conectado ao aeroporto é o Mason Towers. Duas torres que já foram hotéis para quem entrava e saía quando o aeroporto ainda estava em serviço. Os Irmãos Mason as reformaram ao longo dos anos e os transformaram em apartamentos que alugam.

Nós fazemos nosso caminho para as torres e pegamos o elevador até sua cobertura. Assim que abro a porta, ela está me empurrando em direção ao seu quarto. Começamos a descer o corredor quando ela me empurra contra a parede e enfia a mão no bolso de seu short jeans. — Tenho uma surpresa para você. — Ela enfia na língua, depois passa pelos meus lábios. Capturo seus lábios com os meus e tomo a pílula dela. Ela se afasta, ofegante.

—Seu? — Pergunto.

—Já tomei.

Jogando a chave no chão, ela puxa minha camisa por cima da minha cabeça enquanto faço o mesmo com a dela enquanto fazemos o resto do caminho para seu quarto. Ela empurra meu jeans para baixo, e eles ficam presos nos meus tornozelos, me fazendo tropeçar. Ela ri enquanto empurra o short pelas pernas antes de cair em cima de mim, nem se incomodando em esperar que cheguemos à cama. Chutando meu jeans o resto do caminho, agarro seus quadris e nos viro, então estou montado nela.

Ela se inclina e passa a língua sobre o piercing que tenho no meu mamilo. E gemo quando ela envolve seus lábios em torno dele.

Minhas mãos agarram seu cabelo loiro, e puxo sua cabeça para trás. Sua boca está aberta, e ela ofega. — Como você quer isso? — Pergunto. Ela vai falar, mas eu digo: — Não importa. Sei como eu quero. — Rastejo para fora dela, agarro seus quadris e a viro. Então estou puxando sua bunda no ar. Minha mão desce sobre ela, com força, deixando uma impressão vermelha instantânea. Ela enterra o rosto no tapete, soltando um gemido.

— Grave. — Ela ofega, balançando a bunda no ar para mim, porque ela sabe exatamente o que vou levar esta noite.

CAPÍTULO TRÊS

Grave

O toque do meu telefone me faz abrir os olhos para um quarto escuro. Caio da cama dela e bato no chão com um baque, então gemo com a dor que sobe pelo meu lado. Ele toca de novo, e o vejo acendendo no chão no final da cama. Rastejando até ele, respondo. — Alô?

— Onde diabos você está? — Meu irmão exige.

Havia enviado uma mensagem para o grupo mais cedo, mas nunca mais verifiquei meu telefone depois disso. Estava muito ocupado com Lucy para me importar com o que eles queriam. — Que horas são? — Pergunto mais ou menos, minha língua gruda no céu da boca. Parece uma lixa.

— Você está chapado? Claro, você está, — ele rosna, respondendo sua própria pergunta. — Você está no Kingdom?

— Não. — Passo a mão pelo meu cabelo, encontrando meu caminho de volta para a cama. Deitado, chego à minha direita na escuridão para sentir Lucy deitada ao meu lado, nua e profundamente adormecida. — O que... O que você quer? — Limpo minha garganta. Porra, preciso de uma bebida para lavar esse gosto.

Ele suspira pesadamente, sua raiva desaparecendo, e meu corpo endurece. — Estamos tentando chegar até você. Recebi uma ligação ontem à noite... — Ele para, e meu aperto no telefone fica mais forte. — É o papai, ele está...

Deito silenciosamente na escuridão, completo e totalmente imóvel, esperando que ele diga as palavras que já sei que estão vindo.

— Desculpe, Kyle. — Ele usa meu nome verdadeiro, e meu coração começa a bater forte no meu peito. Ele nunca me chama assim. Eu sou Grave. Sempre fui conhecido como Grave, até para ele. — Papai faleceu ontem à noite. Ele foi encontrado morto em sua casa. Estão dizendo que foi...

Desligo.

O filho da puta está morto.

Vi ele na festa de noivado do nosso amigo Luca, mas o evitei. Não falo com ele há mais de seis meses. Antes disso, foram pelo menos três. Ele me ligou para me dizer que estava decepcionado com a vida que escolhi. Que ele não aprovava as drogas e as mulheres. Como se eu devesse sossegar e me casar, dar a ele netos.

Bufo com esse pensamento.

Ele nunca quis me reivindicar como seu. Ele se referia a mim como filho da minha mãe. Dillan era seu favorito. Ele ensinou-lhe tudo o que sabe. Queria fazer dele um homem e o preparou para o negócio da família. Nunca importou, porra, que Dillan e eu façamos a mesma coisa para viver.

Meu irmão pode não usar drogas, mas tem seus vícios. E meu pai os conhecia bem. Ele apenas compartilhou os mesmos, então para ele, eles eram uma dupla perfeita de pai e filho.

Saio da cama e uso meu telefone como uma luz para sair do quarto dela, descer o corredor e ir para a cozinha. A luz que entra pelas janelas do chão ao teto me permite ver melhor do que a do meu telefone. Agarrando uma garrafa de Jack, removo a tampa e depois tomo, tentando abafar qualquer lembrança que tenha dele. Ele não merece meu tempo.

— Grave? — Lucy chama. De pé no centro da cozinha, ela está encostada em sua ilha. — Grave, o que há de errado? — Ela caminha até mim e acende a luz.

Seu cabelo loiro está selvagem, e ela pisca várias vezes, seus olhos tentando focar em mim.

Meu corpo treme, e tomo outro gole, a bebida queimando meu peito. Quando seus olhos finalmente encontram os meus, ela olha do meu rosto para a garrafa. Ela estende a mão para mim, colocando as mãos no meu peito, mas afasto ela. — Agora não, — murmuro.

— O que aconteceu? — Ela pergunta, medo amarrando suas palavras.

Meu telefone toca na minha mão e o nome de Bones acende a tela. Silêncio e depois desligo antes de jogar o filho da puta no balcão. Volto para o quarto dela, empurro as portas francesas do banheiro e fecho atrás de mim. Colocando minhas mãos em seu balcão de mármore branco,

inclino minha cabeça, tentando ignorar a porra do buraco no meu peito que está crescendo a cada segundo.

Vai ficar tudo bem. Posso desligar isso como fiz todos aqueles anos atrás, depois que perdi a única mulher que amei. Nunca vou esquecer o que aquele filho da puta me disse quando perdemos nossa mãe. O único pai que me amava como sou.

Dezessete anos de idade

Estou na frente da igreja. Meu irmão está ao meu lado. Ele olha para nossa mãe, sem uma única lágrima em seus olhos. Seu rosto uma tela em branco. Ele é como nosso pai. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e meus ombros tremem. Estou com dificuldade para respirar e meu peito dói.

— Sr. Reed, estamos prestes a abrir as portas para amigos e familiares que quiserem prestar suas homenagens antes do culto, — diz a mulher ao meu pai.

Ele vem para ficar do meu outro lado e acena com a cabeça.

Não consigo desviar o olhar de nossa mãe. Ela não se parece com ela mesma. Sua pele é amarela e seu rosto parece inchado. Eles não fizeram sua maquiagem como ela usava. Seu cabelo está dividido no topo e espalhado ao redor de seu rosto. Ela nunca usou assim, no entanto. Sempre foi enrolado.

Meu irmão espera mais uma batida e então se vira e vai embora, voltando pelo corredor. Provavelmente para ir encontrar sua foda lá fora para chupar seu pau em um quarto dos fundos em algum lugar. A única coisa que ele se permite sentir é ela. Qualquer outra coisa é apenas ruído de fundo.

Colocando minhas mãos no caixão de madeira, aperto o forro de cetim que cobre os lados. Me inclino para beijar sua bochecha, mas um aperto firme no meu ombro me puxa de volta, e sou girado. Meu pai se inclina para colocar seu rosto na frente do meu. Olhos azuis me encarando. – Se controle! – Ele rosna antes de limpar meu rosto das minhas lágrimas. Elas simplesmente caem mais rápido. – A morte faz parte da vida. E você está fazendo um espetáculo do funeral de sua mãe. Desligue isso.

– Pai... – Fungo.

– Você tem dezessete. Não cinco! Desligue, porra, Kyle! É apenas uma emoção. Você tem o controle de sua mente para superar algo tão insignificante, – ele termina e então se endireita. Ele nem olha para minha mãe enquanto agarra meu braço e me arrasta para nossos assentos na primeira fila.

Levanto minha cabeça para me olhar no espelho do banheiro. – Não sentirei nada por você, – digo a mim mesmo. Uma parte doente de mim espera que ele possa me ouvir enquanto queima no inferno. Tudo o que importava era o Kingdom. Seu precioso maldito clube que estava lá para ele dia após dia. Deu-lhe vida. Dinheiro. Mulheres.

Abro as portas para encontrar Lucy de pé nua no final de sua cama com meu telefone na mão. Ela pode ligar novamente se quiser, mas não conhece o código, então não pode desbloquear. Agarro seu braço e a empurro para o colchão.

– Grave, o que você quer...?

Agarrando a parte de trás de seu pescoço com a minha mão, empurro seu rosto na cama. — Você.

Seu corpo relaxa e ela cede ao que está por vir. Nunca tive o conceito de não sentir emoções como meu irmão. Ele já estava bem morto por dentro, mas depois que mamãe faleceu, ele era um zumbi que andava e falava. Achei uma pena, mas meu pai o elogiou por isso.

CAPÍTULO QUATRO

Grave

—Onde você está indo? — Lucy pergunta, sentando em sua cama.

—Tenho um lugar para estar, — minto, puxando meu jeans pelas minhas pernas.

Ela franze a testa, mas não diz mais nada. Ela sabe quando terminei e não há nada que ela possa fazer para me fazer ficar.

—O que você fará esta noite? — Ela pergunta.

—Não sei. — Pego minha camisa do chão e a coloco. Porra, realmente preciso de um banho e algumas roupas limpas.

—Grave...

—Ligo para você, — interrompo e saio de seu quarto. Saio de sua cobertura e entro em seu elevador privado. Quando as portas se fecham, pego meu celular e pressiono ligar.

—Alô? — Luca atende no primeiro toque.

—Ei, estou fora. Você tem alguma coisa? — Pergunto, inclinando minha cabeça para trás contra a parede. Recebo a maior parte da minha merda de

Luca Bianchi. Meu irmão odeia ele ser meu principal fornecedor, mas não há nada que ele possa fazer sobre isso.

— Sim, vou passar no Kingdom mais tarde e deixar alguns.

— Parece bom. Obrigado.

— A qualquer momento.

Desligamos quando a porta se abre, e entro na garagem. Caio no meu carro, sem saber para onde estou indo, mas sabendo que não posso mais ficar aqui.

Não estou apaixonado por Lucy e ela sabe disso. Independentemente do que ela sente por mim, ela sabe onde está. E você tem que respeitar uma cadela que não empurra algo que ela sabe que nunca vai acontecer.

Dirijo pela cidade, meu rádio tocando ‘Mansion’ do NF no volume máximo para abafar todos os meus pensamentos. Não liguei de volta para meu irmão, mas ele me enviou uma mensagem há uma hora para ligar para ele, não respondi. Ele provavelmente está tendo sua ereção matinal chupada agora. Já que Titan está disposto a compartilhar sua mulher com ele, ele provavelmente está se afogando em Emilee. Eles têm alguma coisa fodida de trio acontecendo.

Chego a um semáforo fechado e sento lá enquanto um carro com duas garotas para ao meu lado. Elas mal parecem ter dezesseis. A motorista sorri para mim, e então seus olhos percorrem minha tatuagem no pescoço e manga, e seu sorriso cresce. Olho para longe dela, olhando para frente, não tendo tempo para lidar com uma garota que tem problemas com papai. A

maioria das mulheres que querem me foder fazem isso para irritar seus pais. A única falha em seus planos é que nunca fico tempo suficiente para conhecer seus pais.

A música muda para 'MONSTERS' de Shinedown, e acelero meu motor, esperando a luz mudar também. Olho para a esquerda e vejo uma floricultura. Tem um toldo vermelho-sangue e uma vitrine de vidro. Uma rosa vermelha é pintada em uma das janelas. Isso me lembra minha mãe.

Dezessete anos de idade

O serviço está prestes a terminar. Nós só estivemos em outro funeral antes, e eles tinham uma foto da tia Beth e a frente da igreja estava cheia de flores.

Meu irmão está sentado à minha direita, com as costas retas. A mão de Emilee na dele em seu colo. – Onde estão as flores da mamãe? – Pergunto.

Ele se inclina para mim, mas mantém os olhos voltados para a frente. – Papai disse sem flores. Ele não queria que elas bagunçassem a casa depois.

Fecho minhas mãos. Papai as odeia. Sempre disse que é um desperdício de dinheiro pagar tanto por algo que vai morrer em questão de dias. – Mamãe adorava flores, – digo a ele.

Ele suspira pesadamente. Até ele sabe que não é certo, mas não desafia papai. Não sei por que ele se importa tanto com o que papai pensa dele. Acho que se fosse a criança escolhida, me sentiria diferente sobre a situação.

— Você vai calar a boca, Kyle? — Meu pai rosna no meu ouvido. — Mostre um pouco de respeito.

O semáforo fica verde, e giro para uma vaga de estacionamento na primeira fila da floricultura e paro. Sentado no meu carro, não sei o que estou fazendo. Mas sem pensar mais, saio. Abro a porta de vidro onde se lê *Roses* e entro. O cheiro de flores me atinge como uma porra de um soco no meu rosto. Isso me dá náuseas. É por isso que meu pai nunca as comprou para minha mãe. Ele odiava a maneira como elas cheiravam e o que elas representavam, a vida.

Não quero ser nada como ele.

—Olá? — Pergunto quando não vejo ninguém atrás do balcão na minha frente.

Olho para a minha esquerda e uma fileira de portas de vidro contém todos os tipos de flores dentro. Cada porta é rotulada com seu conteúdo.

—Olá? — Chamo um pouco mais alto.

Nada ainda. Olho para o outro lado, e há prateleiras de vasos de vários tamanhos. Alguns são apenas de vidro simples, mas outros foram pintados. Me aproximo e pego um que tem uma cena de praia nele. Um grande sol amarelo brilhante está se pondo ao fundo, dando à praia um brilho amarelo suave. As ondas estão rolando e a areia tem conchas. Isso me faz querer férias. Nem me lembro da última vez que fui em uma.

Coloco de volta e vou até o balcão. Há uma campainha e uma placa que diz *‘toque, se não estiver no balcão.’* Toco duas vezes. —Olá? — Chamo novamente.

Meu telefone vibra, e o tiro do meu bolso. É uma mensagem do meu irmão.

Bones: Onde diabos você está? Estou no Kingdom.

Ignoro e guardo meu telefone. —Alguém aqui? — Grito e toco a campainha novamente.

Me voltando para a porta, verifico novamente a placa aberta e vejo que estão. Empurro o balcão e passo por ele mais para dentro da loja. Há uma porta atrás do balcão, e a abro, pensando que é um escritório. Entro para atacar quem abandonou seus deveres, mas paro quando entro.

Não é um escritório. É um freezer de algum tipo. Um arrepio me percorre quando o frio me atinge, instantaneamente encharcando minha pele e gelando meus ossos. Odeio o tempo frio. Mas não é isso que me faz parar. É a garota na minha frente. Ela está virada para mim, mas sua cabeça está baixa, e há um vaso de vidro na frente dela sobre uma mesa branca. Ela está cortando as hastes de um conjunto de lírios amarelos antes de colocar no vaso. Então ela pega a fita branca ao lado dela. Ela puxa do carretel para onde quer e corta.

Levo um segundo para olhar para ela. Ela usa um jeans desbotado com os joelhos rasgados. Ele está baixo em seus quadris estreitos. Uma camisa branca que tem uma grande rosa vermelha no centro. Uma pétala caiu e

fica abaixo dela sozinha. E está escrito *até a última pétala* em tinta preta no topo. Seu cabelo é um roxo vibrante que ela prendeu em dois coques bagunçados.

Seus quadris balançam para frente e para trás, e sua cabeça balança para cima e para baixo suavemente. Um iPhone fica ao lado do arranjo em que ela ainda está trabalhando e fones de ouvido estão em seu ouvido. Ela está ouvindo música. É por isso que ela não me ouviu chamando. Fico apenas olhando para ela. Meu corpo estremece levemente com o frio. Não parece incomodar ela. Ela se afasta e examina seu trabalho com um sorriso. Dentes brancos e retos sorriem orgulhosos para seu trabalho. Seus lábios carnudos estão cobertos no mesmo tom de seu cabelo.

Pegando-o, ela se vira e o coloca na quarta prateleira. Ela tem que ficar na ponta dos pés para alcançar, e a parte de trás de sua camisa sobe, mostrando duas covinhas e uma pele bronzeada. Meus olhos viajam por suas costas, e é difícil não notar as alças de um sutiã preto que você pode ver através de sua fina camisa branca. Se você está prestando atenção como estou. Chego ao cabelo dela e vejo que ela tem duas tranças de cada lado correndo até os dois coques bagunçados.

Ela coloca onde quer e gira. É quando ela grita, me tirando do meu transe. Ela se empurra de volta para as prateleiras, fazendo-as chacoalhar, e arranca os fones de ouvido. Ela coloca a mão no peito, e seus seios saltam para cima e para baixo de sua respiração pesada. Olhos azuis de gelo encontram os meus, e ela engole nervosamente quando eles observam meu rosto. Seu olhar permanece no meu piercing na sobrancelha, antes de cair

no meu piercing no lábio e, em seguida, se move para a minha tatuagem no pescoço que aparece por baixo da minha camisa antes de ir para a manga que tenho no meu braço direito.

—Desculpe, — anuncio, levantando minhas mãos para que ela saiba que não estou prestes a roubar ela. Ou pior. Sei o que as mulheres pensam quando me veem pela primeira vez. A maioria não gosta de tatuagens e piercings. Elas nos chamam de bandidos. —Toquei a campainha...

Seu corpo relaxa instantaneamente, e ela respira fundo. Então sua risada enche a pequena sala. É leve e inocente. —Sinto muito, — ela se desculpa, sua voz treme um pouco do quase ataque cardíaco que acabei de dar a ela. —Não sabia que estávamos abertos ainda, — ela acrescenta quando fico aqui.

Franzo a testa e aponto meu polegar de volta para a porta fechada para esta caixa de gelo em que estamos. — A placa dizia aberto.

Ela para de rir e volta para a mesa. —Você está esperando há muito tempo? — Ela coloca a tesoura no bolso de trás e pega o carretel de fita.

—Talvez cinco minutos.

—Sinto muito por isso. — Caminhando até mim, ela abre a porta e gesticula para que eu saia, e noto o aro de prata, um piercing no septo. Uma fileira de pequenos diamantes. É delicado e quase imperceptível à primeira vista.

Coloco minha mão na porta acima de sua cabeça e a mantenho aberta. —Damas primeiro.

Ela me dá um sorriso gentil e sai. Ela vira à direita e sigo, nos levando para dentro da loja. Ela chega a uma nova porta e abre. Um jovem adolescente está sentado atrás de uma velha mesa de madeira. Seu tufo de cabelo escuro está cobrindo seus olhos. Seus braços cruzados sobre o peito, e sua cabeça está para trás enquanto a cadeira parece que está prestes a cair para trás. *A criança está dormindo.*

Ela caminha até a mesa e empurra os pés dele da superfície arranhada. Ele pula para cima, os olhos arregalados. — O que...?

— Tínhamos um cliente. O que você está fazendo aqui dormindo? — Ela grunhe nele.

Ele empurra os longos fios escuros de seu rosto. — Foi um acidente...

— Vá fazer alguns arranjos no refrigerador, — ela ordena.

Ele acena com a cabeça uma vez e murmura: — Sim, senhora.

Ela parece satisfeita com isso e se vira para sair, mas para quando me vê. Seus olhos encontram os meus, e instantaneamente começo a recuar. Não queria seguir ela até aqui. — Desculpe, — digo novamente.

Ela sai e vai ficar atrás do balcão. — O que posso conseguir para você?

— Uh... — As palavras ficam alojadas na minha garganta enquanto minha mente corre solta. Por que vim aqui? Não vou comprar flores para o funeral do meu pai. E nossa mãe está enterrada em outro estado, então não é como se pudesse colocar flores em seu túmulo. Ela se mudou para cá quando tinha dezesseis anos e conheceu meu pai. Eles se casaram logo depois que ela se formou no ensino médio. Quando ela faleceu, ele teve seu

corpo transferido para seu estado natal de Illinois. Como se ela soubesse a porra da diferença. Acho que ele só queria se livrar dela. Fora da vista, fora da mente, esse tipo de coisa. E uma maneira de me punir para que não pudesse visitar seu túmulo. Passo a mão pelo meu cabelo. —O que você sugere?

— Isso é para uma namorada? Esposa? — Ela pergunta, e não perco seus olhos caindo para minha mão esquerda para verificar se há um anel.

Quase engasgo com a pergunta. Limpando minha garganta, balanço minha cabeça. — Nenhuma. — Nunca comprei flores para Lucy antes, e não vou começar agora. A única vez que comprei flores foi para minha mãe. No aniversário dela. Ela morreu cinco meses depois. — Aniversário da minha mãe, — digo e instantaneamente fico tenso. Faltam oito meses e ela está morta.

O que estou fazendo?

Ela sorri para mim, seus olhos azuis de gelo brilhando de excitação. Seus lábios pintados de roxo puxam para trás em um grande sorriso. Ela é maravilhosa. Nunca vi nada como ela antes. Tão colorido. Tão real. Me encontro inclinado para ela. Meus quadris empurrando no balcão.

—O que você tem em mente? — Ela pergunta.

—O que você sugere? — Pergunto novamente, meus olhos seguindo a linha de sua mandíbula quadrada e lábios carnudos.

Ela começa a recitar todas as opções de arranjos e várias flores, e isso faz minha cabeça doer. Ainda estou sentindo a pílula que Lucy me deu ontem à noite. — Por que você não me surpreende? — Ofereço.

Seu sorriso se alarga, e é lindo. Me lembra aquele pôr do sol que vi pintado no vaso quando entrei. — Para quando você precisa?

— Quinta-feira. — Quase reviro os olhos com isso.

Ela assente e escreve isso.

— Desculpe se for de última hora. — Adiciono.

Mentiroso.

Ela balança a cabeça. — Sem problemas. — Então ela olha para mim através de seus longos e escuros cílios. Eles são forrados com delineador preto grosso que se espalha para o lado. Lucy se refere a isso como olhos de gato. — Peço desculpas que você teve que esperar.

Valeu a pena para na minha língua, mas em vez disso, aceno para ela. — Está tudo bem. Me desculpe por ter assustado você.

— Aqui. — Ela me dá o papel em que havia escrito. — Anote seu nome e o melhor número para entrar em contato com você. Ligarei para você assim que estiver pronto.

Me curvo e começo a anotar minhas informações.

— Você vai precisar que seja entregue? — Ela pergunta.

Coloco a caneta para baixo e empurro de volta para ela. — Não. Venho buscar. — Então me viro e saio, mas um dos vasos que ela tem na prateleira

chama minha atenção. — Estão à venda? — Pergunto, me voltando para ela e apontando para ele.

— Sim.

Caminhando, pego um vaso preto que tem uma borboleta roxa escura nele. As asas internas desbotam para um rosa escuro. Também me lembra minha mãe. Ela adorava borboletas. Ela tinha essa foto que mantinha na sala de estar de duas borboletas voando em um campo. Ela adorava. Meu pai o encaixotou e vendeu em um leilão depois que ela faleceu.

Coloco no balcão. Meus olhos se erguem da borboleta para os dela, e noto que a cor roxa no vidro combina perfeitamente com seus cabelos e lábios. — Vou querer este. — Antes que ela possa dizer mais alguma coisa, me viro e saio da loja.



April

Observo o homem sair pela porta da frente e então me viro para a porta do refrigerador e entro. — O que você acha que estava fazendo? — Grito para meu irmãozinho.

Ele está atrás da pequena mesa, tentando fazer um arranjo para o casamento Blitz neste fim de semana. Parando, ele olha para mim e solta

um suspiro. Seus olhos azuis são pesados, e ele tem bolsas sob eles. Sua camiseta de banda e jeans rasgados parecem que ele os pegou do chão do quarto esta manhã.

— A que horas você chegou ontem à noite? — Pergunto. Fui para a cama à meia-noite e ele ainda não estava em casa.

— Tarde. — Vem sua resposta cortada.

— Onde você estava?

— Numa festa.

Ele está mentindo. — Ethan... — Meu irmão mais novo é minha responsabilidade. Tenho que protegê-lo, mas ele luta comigo a cada passo do caminho. Sou apenas três anos mais velha que ele. Como ainda mora comigo, acha que é o homem da casa e que pode fazer o que quiser.

— Apenas pare, April. Não preciso que você seja toda mãe em cima de mim. É muito cedo e estou muito cansado.

Me abstenho de revirar os olhos para ele. — Vou cozinhar espaguete esta noite. Seu favorito. — Tento mudar de assunto.

— Eu não estarei em casa até tarde.

— Onde você está indo? — Pergunto através de lábios finos.

— Fora, — diz ele.

— Ethan, você precisa dormir um pouco.

Ele simplesmente me ignora.

Passo minhas mãos sobre meu jeans e fecho meus olhos. — Você está em apuros? — Pergunto. Tem sido o meu maior medo por um tempo agora. Ele nem sempre andava com o melhor público. Entre ser expulso da escola em várias ocasiões e seus desentendimentos com a lei, ele já está em um caminho perigoso. Ele bufa, e meus olhos se abrem.

— Não.

— Estou falando sério, Ethan. Estou preocupada com você. Você nunca está em casa. Você está dormindo no trabalho...

Ele bate o vaso de vidro na mesa. — Você queria manter essa porra de loja! — Ele ruge. — Eu não!

Engulo nervosamente. — É tudo o que nos resta da mamãe, — sussurro, e meu peito aperta. Como ele poderia não querer manter uma parte dela? Isso era tudo o que ela tinha para nos deixar. Toda vez que entro no Roses, penso nela. Vejo ela. E cheiro ela. De certa forma, ela vive enquanto estiver aqui. Esta era a vida dela. O sonho dela. E não poderia vender para outra pessoa que provavelmente o fecharia e o transformaria em outro café.

Ele coloca as mãos sobre a mesa e abaixa a cabeça. — Eu sei. — Ele rosna, empurrando a mesa. — Você queria isso, April. Eu não. — Então ele passa por mim e sai pela porta do refrigerador.

Sigo de volta pela loja de flores e para o escritório. — Onde você está indo? — Pergunto quando ele puxa sua jaqueta do encosto da cadeira.

— Fora. — Vem sua resposta cortada. — E não espere por mim esta noite.

São sete da manhã. — Ethan? — Chamo enquanto ele faz o seu caminho para a porta da frente.

Ele não responde ou para antes de empurrar a porta da frente e sair correndo. Volto para o escritório e me jogo na cadeira. Solto meus dois coques e corro minhas mãos pela parte de trás do meu cabelo para desfazer as tranças, permitindo que meu cabelo caia sobre meus ombros e pelas minhas costas. Estava me dando dor de cabeça. Olhando para o chão, vejo o que parece ser um cartão-chave para algum tipo de quarto de hotel. Um círculo preto está no meio com um K dourado no centro. Em seguida, abaixo disso, diz: *Somente membros do Kingdom.*

Deve ter caído do bolso da jaqueta. Coloco em minha mão e suspiro.

CAPÍTULO CINCO

Grave

Entro na garagem privada do Kingdom e paro meu carro. Andando até o nosso elevador, escaneio meu cartão e entro. Subo até o décimo terceiro andar e saio do elevador, pisando no piso de mármore branco. A recepcionista olha para mim, mas a ignoro e vou direto pelo corredor até os fundos. Cada um de nós quatro tem seu próprio escritório, mas estou indo para o do meu irmão. Ele odeia quando ele tem que me caçar, então posso muito bem acabar com isso.

Empurrando sua porta aberta, me abstenho de suspirar. Meu irmão está sentado atrás de sua mesa. As cortinas pretas atrás dele estão bem fechadas, já que está um bom dia lá fora. Ele tem um problema com a luz do sol. Qualquer coisa que tenha vida, ele gosta de escurecer. Assim como nosso pai fez.

Titan se inclina contra a parede à sua esquerda. Braços cruzados sobre o peito e tornozelos cruzados. Ele usa jeans, camiseta preta lisa e uma carranca no rosto. Cross se senta em uma das cadeiras em frente à mesa. Segurando um Zippo na mão, ele o abre e fecha.

Todos olham para mim quando fecho a porta, mas ninguém diz uma palavra. — Eu não sabia que estávamos tendo uma reunião hoje. — Caio no assento ao lado de Cross.

Meu irmão se inclina para trás, a enorme cadeira de couro preto rangendo com seu movimento. — Nós precisamos conversar.

— Se é sobre o papai, você pode esquecer isso. — Dispensando ele. Não tenho nada a dizer sobre o assunto.

— É sobre você, — Titan rosna.

Me viro para olhar para ele, me perguntando o que está acontecendo em sua bunda. Desde que ele ficou com Emilee, tem sido muito mais prazeroso estar por perto. — E quanto a mim? — Pergunto, não me importando.

— Precisamos conversar sobre o incidente da semana passada, — responde meu irmão.

— Que incidente? — Pergunto, mas já sei do que se trata. Eles acham que podem me encurralar e esperar que eu fale por causa de sua tentativa meia-boca de intervenção? Eles não me conhecem muito bem se é isso que eles pensam.

Titan empurra a parede, os olhos se estreitaram em mim. — Emilee pensou que você estava morto.

Passo minhas mãos pela minha camisa e jeans até onde agarro meu pau. Ainda está duro de ver a mulher de cabelo roxo na floricultura. Nunca perguntei o nome dela, mas decidi que vou chamar ela de Pétala. Ela é delicada como uma pétala. — Como você pode ver, estou muito vivo.

— Maldição, Grave! — Meu irmão bate a mão na mesa preta. — Este é um assunto sério.

É uma de suas falas favoritas para gritar comigo.

— Você a aterrorizou, — acrescenta Titan, e bufo.

Cross e eu nos sentamos na sala de estar da Suíte Real, a suíte que os Kings e eu dividimos aqui no Kingdom.

Titan está trabalhando, é claro, e Bones saiu hoje cedo para ir para Nova York por qualquer motivo. Ele nunca me diz merda nenhuma.

Termino o copo de bourbon e me levanto. Balançando em meus pés, minha visão turva. — Caralho... — xingo.

— Sim, — Cross concorda, caindo do sofá no chão. Nós dois rimos. — Essa merda é boa.

Dou um passo em direção à cozinha aberta, mas tropeço e caio de cara. Meus olhos pesados se fecham e solto um longo suspiro.

Acordei com Emilee ajoelhada ao meu lado, sacudindo meu corpo enquanto gritava na minha cara. Ela ligou para Titan, e ele ligou para Bones. Eu tinha desmaiado. Não era algo novo ou uma ameaça à vida, mas ela se assustou e me denunciou.

Me inclino para trás, cruzando os braços sobre o peito. — Cross estava tão fodido quanto eu. — Denuncio meu melhor amigo como a criança que sou.

— Ei, não me traga para isso. — Cross coloca as mãos no ar, se rendendo imediatamente.

— Emilee não encontrou Cross desmaiado no chão. Ela encontrou você,
— Titan rosna.

Sorrio para ele. — Ela tem sentimentos por mim, T? — Suas narinas se dilatam. — É melhor se certificar de manter ela sob controle, ou antes que você perceba, ela vai me pedir para participar enquanto você a fode. — Pisco para meu irmão. — Bones não deve ficar com toda a diversão.

Titan avança para mim. Suas mãos batem no meu peito com tanta força que minha cadeira cai para trás. Nós caímos no chão, e rolo para a direita enquanto Cross puxa Titan de cima de mim.

Sento no chão olhando para um Titan enfurecido. Seu peito sobe e desce rápido, e um rosnado vem do fundo de seu peito. Suas mãos se fecham, e quando acho que ele está prestes a me bater, ele se vira e sai andando sem outra palavra, abrindo a porta com tanta força que bate na parede interna com um baque antes que ela se feche. Estico a mão para ver se meu nariz está sangrando. Fico surpreso quando não vejo sangue. Acho que foi o cotovelo dele que se conectou comigo.

— Nos dê um minuto, — meu irmão diz a Cross.

Ele sai, e me levanto do chão. Inclino minha cabeça para trás, ainda esperando o sangue escorrer. Bones dá a volta na mesa e inclina sua bunda contra ela, cruzando os braços sobre o peito. Sua camisa preta aperta contra

seus braços musculosos e tatuados. —Porque você faz isso? — Ele pergunta.

Não respondo.

Ele suspira. —Por que você pega uma situação séria e a estraga abrindo a boca?

Bufo. —Como você achou que essa conversa ia ser?

Ele abaixa a cabeça e passa a mão pelo cabelo escuro. —Você tem um problema com drogas.

Minhas palmas começam a suar. Ele nunca disse isso em voz alta antes. Nós dois o ignoramos. —Bem, sinto muito, mas nem todos nós podemos desligar tudo.

—É isso que você acha que eu faço? — Ele pergunta, franzindo a testa.

—Não importa o que você faça. — Balancei minha cabeça, não me importando. —Você lida com você, e vou lidar comigo. — Vou sair, mas suas próximas palavras me param.

—Você é tudo que me resta, Grave.

Engulo e fecho meus olhos. Ele e eu sempre fomos próximos. Ele e os Kings são apenas um ano mais velhos que eu, mas ele sempre foi meu irmão mais velho. Quando nosso pai não me ensinou a jogar beisebol porque queria que Dillan fosse a estrela, Dillan me ensinou. Quando chegou a hora de eu dirigir, Dillan me ensinou a dirigir em seu carro. Ele

me deu minha primeira cerveja. Primeiro cigarro. Foi ele quem me mostrou como ser um homem.

—Eu quero que você procure ajuda, — ele acrescenta, preenchendo o silêncio.

Endireito meus ombros, sem me preocupar em me virar para encarar ele. — E eu quero que você fique fora do meu negócio.

—Kyle? — Ele suspira, e engulo o nó que se forma na minha garganta.
—Mamãe se foi há oito anos.

Meu corpo inteiro fica rígido. Ele nunca a menciona. —Seu ponto? — Estalo.

—Agora papai se foi.

Giro em torno dele com meu rosto franzido de raiva. —Então você não se sentiu mal quando a mamãe faleceu, mas agora que aquele filho da puta está morto, você vai sentir alguma coisa?

—Isso não é o que disse, — ele rosna, seus olhos azuis estreitando em mim.

—Então que porra é essa? Porque é assim que soa.

Ele olha para longe de mim, e vejo o tique em sua mandíbula bem onde sua tatuagem no pescoço para. Ele me levou para fazer minha primeira tatuagem quando fiz dezoito anos. Na verdade, foi no meu aniversário. Ele já tinha a primeira. Lembro do dia seguinte quando vi papai, e ele ficou chateado comigo. Disse que eu estava tentando ser como Dillan e ele não

criava ovelhas. Eu não deveria fazer algo só porque meu irmão fez. Disse a ele para ir para o inferno e imediatamente fui e fiz outra.

— Você vai se machucar se não parar, — ele finalmente diz, evitando minha pergunta anterior sobre nossos pais.

Bufo. — Sim, porque você é tão cauteloso com sua vida.

— É diferente, — ele rosna.

— Como é diferente, porra?

— Eu não estou me alimentando de drogas, — ele retruca, empurrando a mesa.

— Não. Em vez disso, você está muito ocupado matando pessoas e fodendo a mulher do seu melhor amigo. — Me viro em direção à porta.

— Grave? — Ele exige.

— Vai se foder, Dillan! — Jogo por cima do ombro enquanto saio pela porta de seu escritório, mas ele me puxa de volta pela minha camisa e me bate de costas na parede. Suas duas mãos agarram a gola da minha camisa, e seus olhos azuis estão olhando nos meus. Ele está chateado. Sempre soube quais botões apertar quando se trata do meu irmão. Eu gosto da luta, e por mais que ele odeie admitir, ele também gosta. Este é um de seus vícios. Somos iguais, ele e eu, só não escolho esconder isso.

— Diga isso na minha cara, — ele rosna enquanto suas narinas se dilatam.

Lambo meus lábios, levanto meu queixo e sorrio. — Vai se fode...

Ele me puxa da parede e empurra para longe. Meus pés ficam presos em seu tapete, e me encontro mais uma vez no chão. Rolo de costas e fecho meus olhos. *Porra, deveria ter ficado na cama com Lucy.*

— Levante-se! — Ele grita. — Vá para casa e durma um pouco. Vamos partir amanhã cedo.

Sento e esfrego a parte de trás do meu pescoço. Preciso de algo para a dor porque minha cabeça está latejando. — Onde estamos indo? — Não poderia me importar menos.

— Para o Rio, — ele rosna.

Começo a balançar a cabeça. — Eu não vou.

Ele caminha até mim, de pé aos meus pés, olhando para mim ainda no chão. — Sim você vai. Vamos identificar o corpo do nosso pai e depois vamos enterrá-lo. — Com isso, ele sai de seu escritório, batendo a porta.

Caio de volta em seu chão e solto um longo suspiro. *Que se foda minha vida.*

Levantando do chão, ando pelo corredor e vejo Titan parado em seu escritório de costas para o vidro em seu celular. Provavelmente falando com Emilee. Cross está na mesa da recepcionista, inclinando sobre ela e olhando para sua blusa de seda branca.

Quando ele me vê, ele se endireita e se afasta dela enquanto ela está no meio da frase. — Onde você está indo? — Ele me pergunta.

— Fora, — respondo e soco o botão do elevador. Se vou ficar preso com meu irmão por alguns dias enquanto fazemos uma viagem de dezoito horas ao Rio, vou me ferrar.

Ele abre imediatamente. Entro e ele me segue.

— Quer ir para o Glass? Eles estão servindo café da manhã, — ele oferece.

A melhor coisa sobre clubes de strip em uma cidade que nunca dorme significa que eles nunca fecham. Abro a boca para dizer *sim*, mas paro. — O que aconteceu com você na outra noite?

— Saí com Mandi. Então eu ia voltar, mas quando liguei, você já estava no carro com Bones. Ele veio e te pegou.

Inclino minha cabeça para trás contra a parede espelhada. — Você pegou meu frasco de comprimidos? — Pergunto.

Ele balança a cabeça, puxando seu Zippo e abrindo e fechando.

— Então tinha que ter sido Bones. — *Idiota!*

— Não estou surpreso. Eles estão preocupados com você.

Bufo. — Você também não?

Ele me dá um sorriso. — Eu disse ‘eles.’

Isso me faz rir. Cross e eu somos muito parecidos. Nós simplesmente não damos a mínima para muitas coisas. Titan e Bones são os mais sérios, sempre analisando números e querendo perseguir homens e exigir pagamento em sangue.

Kingdom não lida com merda menor. Do lado de fora, parecemos um legítimo hotel e cassino com centenas de atrações, mas por dentro somos tão sombrios quanto o mundo pode ser. Lidamos com traficantes, celebridades, herdeiros de bilionários. Meu irmão até lida com a máfia. Para ele, dinheiro é dinheiro. Não importa de quem seja a mão. Esse é o nosso pai nele. Titan é do mesmo jeito. Foi assim que ele conseguiu Emilee, e o bastardo acabou se apaixonando por ela.

O elevador apita e as portas se abrem. Empurro a parede espelhada e entro na garagem subterrânea. Este elevador é apenas para os quatro Kings.

Destranco meu carro, e as luzes piscam. —Glass? — Cross pergunta.

Quase esqueci que ele estava comigo. Olho para o meu relógio Patek Phillippe e aceno com a cabeça. —Certo. Eu poderia ter um pouco de comida. — Talvez isso acabe com essa porra de dor de cabeça. —Então podemos fazer outra parada depois.

Ele concorda.

—Entre. Vou dirigir. — Pego meu celular e envio uma mensagem rápida para Luca.

***Eu:** Mudança de planos, vou até você.*

Luca é dono da outra metade da Glass. Seu parceiro silencioso é meu irmão. Poderia muito bem pegar minha merda dele lá em vez de ele ter que fazer uma viagem para Kingdom onde Bones pode ver a troca.

***Lucas:** Parece bom. Estou aqui.*



April

—O que você está fazendo, princesa?

Me sento na banquetta e olho para minha melhor amiga trabalhando no bar. Ela tem seu cabelo loiro descolorido preso em seu rabo de cavalo alto e um sorriso no rosto, mas seus olhos verdes parecem cansados. Administrar dois negócios fará isso com você.

—Precisando de uma bebida, — respondo. Tem sido um longo dia.

Ela franze a testa. —Quer dizer que você não veio só para me ver?

Eu rio. —Temo que não.

—Mana, nós dois sabemos que ela só vem aqui para me ver. — Derek sai do freezer atrás do bar, fechando a porta atrás dele. —Como você está, sexy? — Ele pergunta, e não perco o jeito que seus olhos escuros caem no meu peito.

Derek e eu fomos a um encontro. Não deu certo. Mas nós dois somos adultos e conseguimos continuar amigos. Graças a Deus porque sua irmã mais nova é minha melhor amiga desde que estávamos na escola primária.

—Como sempre. — Ela sorri brilhantemente, me mostrando aqueles dentes que levaram três anos de aparelho para endireitar. Ela odiava cada segundo disso. Lembro de ela ter que cortar tudo o que comia. Demorava uma eternidade para ela comer.

—Sempre, — provoco.

Ela ri e se vira para pegar uma caneca fosca e me serve uma Corona. Sabendo o que gosto. Ela coloca no bar na minha frente e então se inclina sobre seus antebraços. — Está lento. Me conte do seu dia.

—Começou comigo brigando com Ethan esta manhã. Não ficou melhor depois disso, — declaro e tomo um gole.

—Garota, não sei por que você simplesmente não o derruba. Ambas sabemos que você pode levar ele.

Suspiro na minha cerveja. — É verdade, mas estou tentando ensinar ele que a violência não é a resposta.

Agora é ela quem bufa. —Desde quando? Você deu uma surra nele quando ele entrou no seu computador e roubou seu trabalho de pesquisa e o usou como se fosse dele.

—Isso é diferente, — argumento.

—Como?

Coloquei minha cerveja para baixo. —Porque o Sr. Walden pensou que eu tinha dado a ele livremente, pensando que ele não se lembraria. — Suspiro.

— Alguma coisa que você precisa que eu faça? — Derek pergunta. — Quer que eu fale com ele sobre alguma coisa? É meninas?

Balanço minha cabeça. — Encontrei um cartão-chave de algum tipo do Kingdom na loja hoje. Acho que caiu do bolso da jaqueta dele.

— O que? — Ela pergunta. — Como diabos ele iria entrar lá?

Dou de ombros. — Não tenho certeza do que diabos ele estaria fazendo com isso.

Os olhos escuros de Derek olham ao redor antes que ele se incline para frente e sussurre: — Kingdom é uma péssima notícia, April.

Aceno para ele. — É apenas um cassino.

— Não. Ouço merda aqui. Kingdom está em alguma merda ruim.

Morei em Vegas a maior parte da minha vida, mas não sei nada sobre cassinos ou vida noturna. Sempre vivi no meu próprio mundo. Desde o momento em que minha mãe abriu o Roses, trabalhei lá com ela. Antes da escola. Depois da escola. Mesmo depois de completar vinte e um anos, nunca me aventurei na Strip. Apenas não é a minha cena. — Como o que? —Franzo a testa.

— Sim? Como o que? — Ela pergunta a ele.

— Ouvi dizer que o cara, Bones, está envolvido com a máfia. O que eles querem, ele consegue. Vice-versa. E eles enterram corpos no deserto.

— Máfia? Mesmo? — Ri. — Desde quando você acredita nessa merda? — Sei que eles existem. Mas em Vegas? Eles estão em lugares como Nova York, Chicago e Itália. — E o que esse Bones poderia conseguir para eles?

Ele dá de ombros. — Não sei exatamente. Só sei que se quer qualquer coisa vai lá. Acho que há algum tipo de mercado negro que os caras administram.

— Ilegalmente?

Ele revira os olhos escuros. — É isso que o mercado negro representa.

Ainda não tenho certeza se acredito. Mas mesmo se fizesse, pergunto: — O que Ethan teria a ver com isso?

Ele balança a cabeça. — Você precisa descobrir. E é melhor esperar que não seja tarde demais para tirar ele disso.

Alexa franze a testa. — Ele é um adolescente. Talvez alguns amigos dele tenham feito uma festa lá ou algo assim. — Ela dá de ombros. — As crianças fazem isso o tempo todo.

— Ou é algo muito pior, — argumenta Derek.

Suspiro e tomo minha cerveja enquanto ele vai atender um homem que acabou de caminhar até o bar.

É melhor meu irmão não estar em alguma merda obscura, ou vou bater tanto nele que ele não poderá se sentar por uma semana. Ele esquece que posso nocautear sua bunda. Já fiz isso antes. Muitos, muitos anos atrás. Mas uma mulher não esquece como lutar. É como sexo. Outra coisa que

não faço há algum tempo. Quando seu corpo é colocado nessa situação, ele simplesmente sabe o que fazer. Os instintos assumem o controle. E os desejos precisam ser saciados.

—O que você vai fazer? — Alexa me pergunta.

Dou de ombros. —Não tenho certeza ainda.

—Bem... — Ela dá um tapa no topo do bar. —Que tal sairmos amanhã à noite?

—Como isso vai me ajudar? — Arqueio uma sobrancelha.

—Não vai, mas você precisa se divertir e se soltar. Quando foi a última vez que você saiu e se divertiu?

Suspiro. —Eu não sei.

—Exatamente. Tenho uma amiga que está dando uma festa. Na verdade, tenho uma noite de folga. Vai ser divertido.

—Amiga, hein? Tem algo para me dizer?

Ela ri. —Confie em mim, April, se estivesse negociando equipes, você seria a primeira a saber. — Ela pisca para mim, e joga minha cabeça para trás rindo.

CAPÍTULO SEIS

Grave

Olho pela janela oval do jato particular do meu irmão. Tudo o que vejo são nuvens, mas é melhor do que os olhares de julgamento que ele está me dando desde que me pegou e arrastou minha bunda em seu avião esta manhã.

— Aqui está Grave, — sua comissária de bordo, Nicki, anuncia quando ela vem para o meu lugar. — Tem certeza que você não quer nada, Bones? — Ela pergunta a ele.

Ele balança a cabeça uma vez sem sequer se preocupar em olhar para ela.

— Obrigado, — digo a Nicki e tomo. Colocando na mesa entre meu irmão e eu, noto seus olhos nos meus. Então eles caem no copo agora vazio. — Se você não quer que eu beba, então você não deve manter seu bar abastecido, — digo com naturalidade.

Ele passa a mão pelo cabelo e desvia o olhar de mim. Ele claramente ainda está muito chateado.

—Por que você está transando com a noiva do seu melhor amigo? —
Pergunto.

—O que eu e Emilee fazemos não diz respeito a você, — ele retruca.

—Minha outra pergunta é por que Titan permitiria isso? — Continuo quando ele não diz nada. —Quero dizer, se eu estivesse noivo, não deixaria você chegar perto da minha boceta...

—O suficiente! — Ele grita.

Cruzo os braços sobre o peito e sorrio para ele.

—Mais uma vez, o que fazemos não é da sua conta, — diz ele em tom irritado.

Meu telefone vibra, e olho para baixo para ver uma mensagem de Lucy.

Lucy: Estou sozinha. Venha e me foda.

Digito de volta uma resposta.

Eu: Não posso. Fora da cidade.

Vibra imediatamente com uma cara triste. Tranco a tela e a coloco de volta na mesa.

—Quero que você vá para a reabilitação, — Bones afirma.

Bufo. —Fique fora da minha vida, e ficarei fora da sua.

—Grave. — Ele suspira e olha para mim. Seus olhos azuis escuros parecem exaustos. Meu irmão trabalha muito e raramente dorme. —Eu fiz uma promessa para a mamãe.

Jogo minha cabeça para trás e rio, meu peito tremendo. —E você está decidindo agora que quer honrar isso? Ela está morta há oito anos, Dillan.

—Maldição, Grave, — ele rosna baixinho, balançando a cabeça. —Estou tentando aqui.

—Não, papai está morto, então agora você vai tentar assumir esse papel. — A verdade é que ele sempre foi mais pai para mim do que nosso pai jamais foi. E devo tudo a ele por isso, mas não posso mudar quem sou. E não quero mudar quem eu sou.

—Eu não posso fazer isso de novo, — ele sussurra.

—Fazer o que? — Procuro Nicki. Onde diabos ela foi? Disse a ela para mantê-los vindo quando embarquei no avião dele. — Agir como se você se importasse?

—Claro que me importo. — Ele bate o punho na mesa. —Nós enterramos nossa mãe, Kyle. Agora papai... — Ele suspira. —É tão horrível que não quero enterrar você também?

Engulo o nó na minha garganta e evito seus olhos.

—Sei o que você pensa. — Ele preenche o silêncio constrangedor. —A morte de nossa mãe não me afetou, mas afetou.

Levanto meus olhos para olhar para ele, e ele está olhando pela janela.

—Fiz o que tinha que fazer por você. Você precisava de mim mais do que nunca depois que ela faleceu. E me desculpe se fiz um trabalho de merda.

Nesse momento, Nicki vem até nossos lugares e me entrega outra bebida. Pego da mão dela e digo a única coisa que consigo pensar em dizer. — É tarde demais para recuperar o tempo perdido. — De pé do meu assento, vou para a parte de trás do avião. Abro a porta do banheiro e a fecho com força, trancando ele do lado de fora. Enfio a mão no bolso e tiro o frasco de comprimidos que ganhei de Luca ontem, quando Cross e eu fomos até o Glass. Abro a tampa e tomo duas pílulas com minha nova bebida.

Não posso lidar com meu irmão sóbrio neste voo. Especialmente se ele vai trazer à tona nosso passado.



April

Estou no meio de um grande hall de entrada em um vestido de coquetel preto com uma taça de champanhe em uma mão e minha bolsa na outra. — Quanto tempo vamos ficar aqui? — Pergunto a Alexa.

— Só queria fazer uma aparição. Eu prometi a ela que viríamos, — ela sussurra.

— Quem? — Pergunto antes de tomar outro gole da minha bebida.

—Alexa, — uma mulher chama, vindo em nossa direção. Ela usa um vestido branco de um ombro só que chega no meio da coxa. Tem que ser designer e custar uma pequena fortuna. Seu cabelo ruivo é cortado curto e repartido para o lado, enfiado atrás da orelha. Ela levanta os braços, abrindo para dar as boas-vindas a Alexa para um abraço. —Estou tão feliz que você conseguiu vir.

Alexa a abraça e depois se afasta. —Claro. — Ela dá um passo para o lado e gesticula para mim. —April, esta é Jasmine. Jasmine, esta é minha melhor amiga, April.

—Prazer em te conhecer. — Ela me surpreende me puxando para um abraço.

—Você também, — digo quando nos separamos. —Como vocês duas se conhecem? — Pergunto.

—Ah, Jasmine conhece todo mundo, — diz uma mulher, entrando na conversa. Ela usa um minivestido turquesa, mostrando um conjunto de pernas longas. Ele tem decote na frente, e ela usa uma gargantilha preta em volta do pescoço. Seu cabelo escuro está solto em grandes ondas. —Oi. — Ela estende a mão direita, e não perco a enorme pedra que cobre o dedo anelar da mão esquerda que segura sua taça de champanhe. —Sou Emilee.

—Prazer em te conhecer. Sou April.

—É verdade. — Jasmine acena com a cabeça uma vez. —Conheço todo mundo. É porque sou tão relacionável.

Emilee bufa, fazendo Alexa rir.

—Então, qual é a ocasião? — Pergunto.

—Acabei de comprar o lugar. — Jasmine sorri, estendendo as mãos. —
Pensei em fazer uma festa de arrombar.

Concordo. —Bem, é um lugar lindo. — É um eufemismo. A casa é uma maldita mansão com todas as comodidades que fazem lugares como este valerem milhões. Pisos de mármore, lustres de cristal e artefatos caros. Uma vez que você entra na propriedade fechada, eles tinham manobrista na frente para estacionar os carros. Homens de terno ficaram do lado de fora nas portas da frente, e dois ficaram do lado de dentro para cumprimentar os convidados. Mordomos andam com bandejas de champanhe e salgadinhos. A única coisa que falta na festa são os cachorrinhos como lembrancinhas.

—Obrigada. — Ela sorri para mim. —Mas vamos ser honestas, é chato, certo?

—Ah, não, — digo.

—Nem um pouco, — acrescenta Alexa.

—É uma merda, — Emilee diz a ela antes de tomar um gole de champanhe.

Jasmim suspira. —Eu sei certo? Vamos dizer que se foda e sair.

Emilee sorri brilhantemente. —Sim. Eu poderia ter uma noite de garotas. Tem sido muito tempo.

—E seus convidados? — Pergunto, dando uma rápida olhada ao redor. Não há realmente muitas pessoas presentes que eu vejo. Mas, novamente, esta casa é enorme, todos eles podem estar em um salão de baile em algum lugar. Nós só chegamos ao grande foyer.

Jasmine dá de ombros. —Não me importo se eles ficarem. Tenho segurança suficiente aqui para garantir que nada seja roubado. E Deus sabe que um tumulto não vai acontecer com essa multidão descontraída. A maioria deles são amigos do meu pai de qualquer maneira. Qualquer chance que ele tenha de se mostrar para eles, ele aproveita. — Ela estala os dedos. — Vou pegar minha bolsa e celular bem rápido.

Alexa se vira para mim depois que elas se afastam. —Não vamos ficar até tarde.

Dou de ombros. —Não é grande coisa. Não vou beber muito esta noite.

As meninas voltam, e saímos pelas portas duplas da frente, descemos os degraus e seguimos para a direita. Quase tropeço nos saltos quando vejo o Mercedes Maybach G650 preto. Sempre quis um. Quando Alexa abre a porta dos fundos para mim, entro e afundo no couro, mordendo o lábio para não gemer com a suavidade. Me pergunto o que essa garota faz para viver. O tamanho da casa dela... os carros... tem que ser o dinheiro do papai, certo? Tenho vinte e dois anos e ela não pode ser muito mais velha do que eu. Ela disse que ele gosta de se exhibir.

O remix de 'Roses' de SAINT JHN começa a tocar pelos alto-falantes enquanto ela sai da garagem.

—Onde estamos indo? — Emilee pergunta do banco do passageiro.

Jasmine dá de ombros. —Onde quer que paremos.

A música para quando ela recebe uma mensagem de texto. O Bluetooth dela começa a falar conosco. — *Você recebeu uma mensagem de **Big Daddy Dick**. Desembarque amanhã cedo. Você vai estar em casa?*

Emilee começa a rir. — Quem diabos é Big Daddy Dick?

Jasmine olha para ela e sorri. — Ninguém que você conheça. — Ela pega seu celular do porta-copos e entrega para Emilee. — Mande uma mensagem para ele de volta.

—O que você quer que eu diga? — Ela olha para o telefone.

—Diga: vou tomar duas fileiras de controle de natalidade só para você, papai.

Emilee franze a testa. — Mas você está no controle.

—Querido Senhor... — Jasmine puxa o telefone de suas mãos e o joga para trás, e ele cai no meu colo. — Mande uma mensagem para o homem, por favor? — Ela pergunta, olhando para mim em seu espelho retrovisor.

Assentindo, abro o texto e faço o que ela pede. — Feito, — digo a ela.

—Obrigada. — Ela diz.

—Esse é um cara que você fode de graça? — Emilee pergunta.

Meus olhos se arregalam com essa pergunta. Que diabos isso significa?

Jasmine bufa. — Querida, eu pagaria para foder esse aqui. Ele é tão bom.

Olho para Alexa e ela apenas dá de ombros. Nunca a ouvi falar dessas garotas antes, então sei que ela não é próxima delas.

Seu Bluetooth fala novamente. – *Você tem uma mensagem do **Big Daddy Dick**: é melhor você me encontrar na porta da frente de joelhos vestindo nada além de seus saltos vermelhos.*

CAPÍTULO SETE

Grave

— Acorde. — Ouço a voz do meu irmão ao longe.

Ignoro, mas então uma mão bate no meu rosto, e me sento. — Huh?

— Estamos aqui, — ele rosna, de pé sobre mim.

Depois de tomar as pílulas no banheiro, fui até o quarto dele nos fundos e desmaiei. Decidi dormir o máximo que pude durante o voo. Esfregando meus olhos pesados, rastejo para fora da cama. Depois de calçar meus sapatos, os amarro e depois o sigo para fora do jato particular. O calor é sufocante, o sol cega e o cheiro do oceano salgado é inebriante. Odeio a praia e a água. É por isso que moro no deserto.

Um carro preto nos espera com as portas traseiras já abertas, então entro e meu irmão também. Quando o motorista fala conosco, olho pela janela e permito que meu irmão se comunique com o homem. Minha língua está inchada e minha cabeça ainda está nebulosa. Preciso de um pouco de água para beber. O carro decola e, felizmente, meu irmão fica em silêncio enquanto somos entregues ao nosso destino. Saindo do carro, caminhamos até uma porta dos fundos. Bones entra, e o sigo. O cheiro da

morte instantaneamente atinge meu nariz, e sinto o vômito começar a subir. Começo a tossir.

—Segure isso, — meu irmão ordena, e puxo a gola da minha camiseta.

Somos conduzidos a uma sala dos fundos com uma mesa no meio. Um lençol branco o cobre, e um homem está à direita. —Bones. — Ele aperta a mão dele. —Grave. — Apenas aceno, cruzando os braços sobre o peito. — Sinto muito que você teve que percorrer um longo caminho...

—Está tudo bem. — Meu irmão o interrompe. —Se você não se importa, estamos com um cronograma apertado.

—Sim claro. — Ele acena com a cabeça uma vez e puxa o lençol. — Como eu lhe informei antes, ele foi encontrado em sua casa. Uma mulher chamou...

Ignoro ele enquanto olho para o corpo deitado na mesa de metal. Sua cor branca como o lençol que cobre sua metade inferior.

Sento na minha cama, a casa silenciosa. Quem sabe onde meu irmão está quando minha porta se abre. Rapidamente me levanto e limpo minhas bochechas molhadas quando meu pai entra no meu quarto. — Já ouviu falar em bater? — Consigo dizer sem parecer chateado.

— Eu pago por cada centímetro desta casa, incluindo este quarto. Não tenho que bater, porra, — meu pai solta.

Minhas mãos se fecham e me viro para encará-lo. — O que você quer?

— Onde está seu irmão? — Ele pergunta, olhando ao redor como se ele estivesse aqui.

— Como diabos eu deveria saber?

Ele solta um longo suspiro, mas me ignora. — Estou indo embora. Dillan está no comando enquanto eu estiver fora.

— Onde você está indo? — Pergunto. Nossa mãe acabou de morrer. Nós a enterramos ontem e acabamos de chegar em Vegas esta manhã. Onde diabos ele poderia estar indo tão cedo?

— Isso não é da sua conta, — ele retruca, então sai do meu quarto, batendo a porta.

Abro e o pego saindo pela porta da frente. Desço as escadas correndo e abro a porta da frente bem a tempo de ver ele ajudar uma mulher a entrar na porta do passageiro de sua Ferrari.

A raiva ferve dentro de mim. Ele nunca foi fiel. Minha mãe era um anjo. Ela deu tudo para meu irmão e eu. Mas meu pai? Sei que uma parte dela o amava no começo, mas com o passar dos anos, Dillan e eu vimos os dois mudarem. Ele vivia para o Kingdom, e ela o desprezava. Ela odiava como levava tanto tempo dele longe de nós. A família dele. Ele não se importou. A casa em que morávamos se tornou uma mansão fria. Minha mãe estava presa. Ela sabia que não podia deixar ele. Ele lutaria com ela por nós, apenas por despeito, e nossa mãe não veio do dinheiro. Talvez ela preferisse que ele tivesse mulheres que ele pudesse foder para que ela não precisasse mais fazer isso. Mas isso não significa que ele tenha que desrespeitar a memória dela. Não tão cedo.

—É ele. — Ouço Bones confirmar.

—Podemos cremar ele? — Pergunto.

O cara olha para mim. —Sim, mas...

—Bom. Queime o corpo dele, — ordeno, então me viro para sair.

—Mas e as cinzas? — Ele pergunta.

Me viro. —Jogue onde elas pertencem, no lixo fodido. — Então saio, voltando para o carro. Este foi um total desperdício de uma viagem.



April

Há uma razão por que não sou muito de beber. Não me dou bem na manhã seguinte. Abro os olhos e sou grata por estar na minha própria cama. A noite passada está um pouco nebulosa. As meninas e eu acabamos em um clube. Sala VIP. Sinto que essa é a única maneira de Emilee e Jasmine festejarem. Nós festejamos muito por cerca de três horas, então todas encerramos a noite. Jasmine tinha um visitante vindo cedo na manhã seguinte, então ela não ficaria fora a noite toda. Emilee disse que tinha que

voltar para casa com seu noivo, e Alexa passou a maior parte da noite em seu celular. Seu ex explodindo seu telefone. Bebemos tanto que tivemos que chamar um Uber para nos levar para casa.

Já estou acordada há quatro horas e estou começando a me sentir mais eu mesma. Só precisava de um banho e três xícaras de café. Fico atrás da mesa do Roses quando ouço a campainha tocar acima da porta. Um dos meus clientes mais fiéis entra.

—Olá, Lucas. — Sorrio para ele.

—Bom dia, April. — Ele caminha até a mesa vestido com um terno preto de três peças. Ele sempre parece que acabou de sair de um tribunal. Não sei nada pessoal sobre ele, exceto que ele é casado. E ele não deu essa informação de bom grado. Acabei de juntar dois e dois. A aliança no dedo junto com as flores e o vaso que ele compra pelo menos duas vezes por semana.

—O que posso fazer para você hoje? — Pergunto.

Seus olhos escuros encontram os meus, e ele me dá um sorriso gentil, colocando as mãos na bancada. —Que tal algumas violetas. Você tem um vaso preto sólido por acaso?

—Eu tenho o perfeito. — Concordo.

Ele tira a carteira do bolso de trás e começa a contar algum dinheiro que coloca no balcão. Me afasto e vou até o refrigerador e monto seu arranjo. Quando volto, ele está em seu celular.

—Sim, posso fazer isso. — Ele acena para si mesmo. — Eu te encontro no Kingdom em vinte. Vou correr em casa muito rápido.

Kingdom?

—Tudo bem. Parece bom. — Ele desliga.

—O que você sabe sobre Kingdom? — Pergunto.

Seus olhos castanhos olham para os meus, e ele inclina a cabeça para o lado.

Abaixo meus olhos, instantaneamente envergonhada pela minha pergunta. Não conheço este homem pessoalmente. Talvez ele goste de jogar. Afinal, é Las Vegas. —Quero dizer, uh... — tropeço, procurando a mentira certa para fazer as pazes. —Você gosta de jogar nas máquinas ou nas mesas? — Pergunto. Então acrescento: —Prefiro as máquinas. — Mentira. Nem gosto de jogar.

—Eu não jogo, — ele responde.

—Oh. — Então por que diabos ele estaria encontrando alguém no Kingdom? Talvez para um almoço mais cedo? Mordo minha língua para não perguntar.

—Obrigado pelas flores. — Ele acena com a cabeça, pegando do balcão.

—De nada, — falo quando ele sai da floricultura. Suspiro e pego meu telefone para ligar para meu irmão. Ele nunca voltou para casa ontem à noite e está três horas atrasado para o trabalho.

O telefone toca três vezes e depois vai para o correio de voz. Suspirando, desligo e imediatamente ligo para ele novamente. Direto para o correio de voz desta vez. O filho da puta desligou o celular.

Jogo meu telefone no balcão, soltei um rosnado. Que porra ele está tramando?

CAPÍTULO OITO

Grave

Me sento no meu vestiário privado no Kingdom, esperando para entrar no ringue. Não posso dizer que sempre fui um lutador, mas sempre precisei dessa adrenalina. A necessidade de ir mais rápido, mais duro. Me sinto vivo quando estou mais perto da morte. É outra coisa na minha longa lista de vícios. E pular em um ringue sendo atingido enquanto bato em outra pessoa é bom.

Cross está diante de mim, envolvendo minha mão direita em fita adesiva. Ele joga o rolo no chão, então ele suspira, me deixando saber que ele está prestes a trazer ele. — Como foi sua viagem para Rio?

Meu irmão e eu voltamos esta tarde. Era se foder esta noite ou dar alguns socos. — Bem. — Pulo da mesa e vou para a porta, saindo da sala e andando pelo longo corredor. Posso ouvir a multidão já agitada. Seus gritos e berros preenchem o grande espaço. ‘Bloody Nose’ de Hollywood Undead toca pelos alto-falantes, anunciando minha chegada. E pulo de pé em pé.

Uma mão me dá um tapa nos ombros e então começa a massageá-los. — Vá lá e chute alguns traseiros, — Cross me diz. —Então vamos sair e comemorar.

Aceno com a cabeça. —Soa como um plano. Quero esquecer essa porra de semana. — *É só quarta-feira.*

Salto pela passagem estreita. Kingdom está sempre hospedando lutas. Alguns são televisionados e um grande negócio, mas esta noite é a noite dos amadores. O que é péssimo para quem quer que seja meu oponente, porque faço isso o tempo todo.

Paro, tiro meu roupão de seda preto e o árbitro tateia ao meu redor para ter certeza de que não estou escondendo nada que possa machucar meu oponente. Assim que ele acena com a cabeça, dando a permissão, entro no ringue, levanto minhas mãos e dou um pulo em um círculo no centro do centro do evento. Vejo meu irmão no topo da escada. Ele fica lá com os olhos apertados e os braços cruzados sobre o peito. Ignoro ele. Não falamos uma palavra desde que identificamos o corpo de nosso pai no Rio. Ele nem brigou comigo sobre cremar seu corpo e jogar fora suas cinzas.

Meus olhos encontram Cross, e ele está balançando a cabeça para mim, tentando me irritar. Me deixando saber que tenho isso. Não é de surpreender que Titan não esteja em lugar algum. Emilee e sua melhor amiga Jasmine foram garotas do ringue no passado, mas ambas estão desaparecidas esta noite, enquanto outras mulheres as substituem.

—Neste canto, o único... GRAVE! — O locutor grita meu nome, e todos ficam de pé, gritando meu nome. Sorrio para eles, absorvendo isso. —E no

canto oposto, temos um recém-chegado que acha que pode enfrentar Grave. — As pessoas vão.

Sorrio. *Manda ver.* Amo os virgens. Bem, os que consigo bater de qualquer maneira.

— É a estreia dele, seja bem-vindo Marker.

Me viro para ver um garoto pulando pelo corredor. Ele tem um moletom branco com zíper que cobre metade do rosto. Eu bufo. Crianças.

Ele é verificado e, em seguida, conduzido ao ringue. Ele empurra seu capuz para trás, então ele se vira. Suas mãos caem para o seu lado, e seus olhos azuis se arregalam em mim.

Porra!



April

Sento na sala silenciosa com um prato de lasanha intocada na mesa de centro na minha frente. Não consegui comer. As palavras de Derek não me caem bem quanto mais penso nisso. Já passa das três da manhã e Ethan ainda não voltou para casa. As ligações para o celular dele não foram atendidas junto com minhas mensagens de texto que não foram vistas.

Enrolo o cobertor em volta de mim e inclino a cabeça para trás, bocejando. Estou tão cansada. Tenho que acordar às seis para estar na loja e abrir às sete. Ele age como se nós dois quiséssemos essa vida. Como se não desisti da faculdade ou de uma vida por ele. Não tive escolha. Fiz tudo o que pude para ter certeza de que ele tinha uma, e ele ainda se ressentido de mim. Acho que nada que pudesse ter feito estaria certo.

Ouçoo um carro estacionar do lado de fora e me levanto de um salto para olhar pela janela. Ethan sai pela porta do passageiro de um velho Saturno e começa a subir o caminho para as escadas. Minha raiva queima para ele quando vejo que ele está olhando para o telefone. Aquele ingrato filho da...

A porta da frente se abre, e ele deixa as luzes apagadas enquanto começa a subir as escadas. Ligo elas. — Onde diabos você estava? — Exijo.

Ele para no meio do passo, mas fica de costas para mim. — Fora.

— Nada dessa merda! — Explodo. — Onde diabos você estava, Ethan?

— Não é da sua conta, — ele retruca e começa a subir os degraus.

Me movo e o puxo para me encarar, quase o fazendo cair da escada. Seus olhos encontram os meus, e os meus se arregalam. — O que diabos aconteceu com você? — Seu olho direito está inchado e tem um hematoma azul e roxo. Seu lábio inferior está cortado e ele tem sangue seco no queixo e no pescoço. — Jesus. O que você fez? — Sua boca se fecha, e ele desvia o olhar de mim. Procuro no bolso do meu roupão. — Você conseguiu isso aqui? — Levanto o cartão-chave, não tenho certeza do que uma chave de quarto teria a ver com hematomas. Talvez ele tenha brigado com algumas

crianças. Isso acontece nas festas. E não ficaria tão surpresa porque ele é um filho da puta falador.

Seus olhos se arregalam e ele o alcança, mas afasto. — Ele te deu isso?

— O que? Quem? — *Do que ele está falando?* — Encontrei isso no escritório. Caiu do bolso da sua jaqueta.

Seus ombros caem, e ele passa as mãos pelo cabelo desganhado. — Fique com isso, — diz ele antes de me dar as costas e subir os degraus, fechando a porta no processo.

CAPÍTULO NOVE

Grave

Estou dentro do Roses na manhã seguinte. Ela está atrás do balcão em uma calça preta de ioga e uma camisa onde se lê: *Me pique com uma rosa que tem espinhos no caule*. É adorável. —Espero que você goste, — diz ela nervosamente.

—Eu não tenho dúvidas.

Ela se afasta e vai para a porta lateral atrás do balcão da frente. Enquanto espero ela voltar, viro para o escritório. Sorrio quando vejo o garoto sair do escritório. Ele me vê e imediatamente vira as costas para mim, pronto para fugir.

—Venha aqui, — ordeno a ele.

Ele para e se vira para mim com um olhar de aborrecimento no rosto.

—Ela sabe?

Ele balança a cabeça antes de baixar os olhos para os pés.

—Não quero ver você lá novamente.

Isso chama a atenção dele. —Mas eu...

— Eu não dou a mínima! Se te ver no Kingdom de novo, vou te derrubar em sua bunda. *Depois* que eu der uma surra nela. — O Kingdom não é lugar para um garoto como ele. Não é para ser um lugar onde as crianças ficam. Foi feito para adultos, para homens que tinham mais dinheiro do que Deus e estavam entediados, precisando de um lugar para gastar. Ele não se encaixa em nenhuma dessas qualificações.

Claro que temos nossos clientes que ganham um quarto para passar a noite, mas nosso hotel é apenas uma fachada. Nosso centro de eventos traz muito dinheiro junto com o serviço Rainhas que Titan fornece à cidade. Nada de bom virá dele ficar lá em cima.

Ele abre a boca para discutir novamente, mas April sai do refrigerador. Ele revira os olhos e então se vira para entrar no escritório antes que ela o veja. Nem tenho certeza de quem ele é para ela exatamente. Ele pode ser um irmão, ou pode ser algum trabalho de caridade que ela está fazendo, dando-lhe um emprego aqui. Não importa. Ele estava lá para lutar ontem à noite, mas não fará isso de novo tão cedo.

— Aqui está.

Estendo a mão e pego o arranjo. — Uau! — Digo, olhando para ele. Tem cinco tipos de flores com várias cores no lindo vaso de borboletas.

— Espero que ela goste, — ela diz para mim, e engulo nervosamente.

Que porra você está fazendo, Grave? — Ela vai adorar, — digo a ela, forçando um sorriso e esperando que ela não perceba.

Ela olha para mim com seus olhos azuis de gelo. Eles estão forrados de preto novamente hoje. Seu cabelo roxo tem uma trança no meio, e está tudo preso em um grande coque bagunçado no topo de sua cabeça. Ela usa duas gargantilhas, uma preta com um coração prateado no meio e uma roxa sólida. E seus lábios são delineados naquela cor que combina com seu cabelo. Ela parece um sonho molhado ambulante e falante no qual quero me afogar.

Ouçõ o toque da porta, anunciando que alguém entrou. — Grave! — A voz de Cross estala. — O que está demorando tanto? — Ele vem ao meu lado e olha para ela. — Oh, — diz ele enquanto um sorriso cresce em seu rosto. — Agora eu entendo.

Dou uma cotovelada nas suas costelas. Ele faz um barulho de *oof* e estende a mão direita para ela. — Cross. Prazer em te conhecer.

— April. — Ela lhe dá um sorriso e aperta sua mão.

Acabou de se tornar o meu mês favorito do ano.

Ele se vira para mim com um sorriso estúpido no rosto. — Precisamos ir, cara. Seu irmão está explodindo meu telefone. — Então seus olhos caem para as flores na minha mão. — Para quem são essas?

— Elas são para o aniversário da mãe dele. — Ela responde por mim.

Suas sobrancelhas se erguem até a linha do cabelo, e ele olha dela para mim com confusão.

— Já vou sair, — digo com firmeza, silenciosamente dizendo a ele para ir embora.

Ele me dá um olhar que não me importo de decifrar, então dá um tapinha na bancada. —Prazer em te conhecer. — Então ele sai.

Ela vira seus olhos azuis de gelo para mim. —Grave é seu nome verdadeiro? Percebi que é isso que você escreveu em suas informações.

—Não.

Ela inclina a cabeça para o lado, aqueles lindos olhos caindo no meu braço tatuado. —Apelido?

Concordo. — Algo parecido.

—Eu gosto disso. — Ela sorri para mim.

—Sim, bem, tenho que ir. — Pego as flores. —Obrigado novamente.

—Sem problemas. — Ela pega seu celular do balcão e começa a caminhar de volta para o escritório. Vejo sua bunda balançar para frente e para trás em sua calça preta de ioga como o pervertido que sou. Uma vez que a porta do escritório se fecha, respiro fundo e saio da floricultura.

—Cara, o que diabos foi isso? — Cross pergunta enquanto caio no banco do passageiro de seu carro.

—Honestamente? — Olho para as flores em minhas mãos. —Eu não sei, — respondo, notando um pedaço de papel branco dobrado. Arranco das flores e o abro. É um cartão.

Espero que você tenha um aniversário maravilhoso. Com amor, seu filho Grave.

Minha mandíbula aperta. Especificamente deixei a parte da mensagem em branco quando ela me fez preencher o formulário. Ver isso escrito só faz meu peito doer. — Vamos foder. — Amasso o bilhete e o jogo no chão.



April

Me sento no bar enquanto Alexa está atrás dele preparando bebidas. Ela trabalha esta noite, mas precisava sair. Meu irmão não está falando comigo. Ele deixou a floricultura hoje cedo sem dizer uma palavra, e minha preocupação aumentou dez vezes. O silêncio. As contusões. Todos eles têm que significar alguma coisa. Só espero que possa descobrir isso antes que seja tarde demais.

— Ei, garota.

Olho para ver Jasmine se sentar ao meu lado. — Ei. O que você está fazendo aqui?

Ela dá de ombros. — Estava saindo à noite e pensei em parar e ver Alexa. Tenho que apoiar meus amigos. — Ela deixa cair algumas centenas no pote de vidro que fica no bar. — O que você quer fazer hoje à noite?

— Nada. — Tomo um gole da minha Corona.

—Saia comigo. Eu vou a uma festa, — ela oferece, arrumando as alças finas em seu vestidinho preto.

—Não...

—Ei, você trabalha na Kingdom, — Alexa me interrompe, vindo até nós.
—Temos perguntas. — Ela olha para Jasmim.

—O que? Você trabalha no Kingdom? O que você faz lá? — Pergunto.
Por que Alexa não trouxe isso à tona na outra noite quando saímos? Bem, quero dizer, acabamos em um clube. A música estava alta e as bebidas não paravam de chegar. Não havia muita conversa acontecendo. Estávamos muito ocupadas dançando e bebendo.

Ela ri, balançando a cabeça. —Desculpe, senhoras. Não posso discutir isso.

Franzo a testa, e Derek se junta à conversa enquanto despeja uma cerveja Miller Lite em uma caneca fosca. —Veja, disse que alguma merda ruim vai lá embaixo.

Jasmine endireita os ombros. —Você não sabe nada sobre Kingdom. Confie em mim.

Ele enche a caneca e a coloca no bar antes de colocar os antebraços no bar e se inclinar em seu espaço pessoal. —Eu sei que Bones está com a máfia. Sei que muita merda ilegal acontece lá. — Ele se afasta e a olha de cima a baixo o melhor que pode desde que ela está sentada, e acrescenta: — E sei que você é uma rainha.

—O que é uma rainha? — Sussurro para Alexa.

Ela dá de ombros.

Jasmine coloca as mãos no bar e fica de pé, inclinando sobre ele. Eles estão nariz a nariz. — Você parece saber muito sobre nada.

Seus olhos caem para seus seios que estão saindo de seu vestido justo. Ele lambe os lábios antes de seus olhos encontrarem os dela novamente. — Eu sei o suficiente. — Estendendo a mão, ele pega uma mecha de seu cabelo ruivo, soltando-o atrás da orelha. — Quanto custa uma rainha hoje em dia? — Ele pergunta a ela.

Seus lábios pintados de vermelho se curvam nos cantos antes que ela passe a língua pelo lábio superior. — Mais do que você pode pagar.

Ele solta o cabelo dela, seu dedo descendo sobre seu pescoço. — Eu não sei. Ouvi dizer que boceta sai bem barato.

— Não as boas.

— Ei, Derek? Onde está minha cerveja? — Um cara grita do final do bar.

Ele o ignora enquanto olha para ela. É como se eles estivessem em uma competição de olhares. Quem desviar o olhar primeiro perderá. — Vamos apenas dizer que nossas opiniões divergem sobre o que é bom, — ele finalmente diz antes de se afastar dela e entregar a cerveja.

— O que foi isso? — Alexa pergunta a Jasmine com os olhos arregalados.

Também estou confusa depois dessa troca.

— Eu tenho que ir, — Jasmine afirma, pegando sua bolsa. — Vamos almoçar na próxima semana. — Então ela vai embora sem outra palavra.

—Derek? — Alexa grita para ele.

—Ocupado, — ele grita do outro lado.

Ela olha para mim e levanta uma sobrancelha. —Foi só eu, ou eles têm algo acontecendo?

Não tenho certeza do que era. E não acho que eles tenham alguma coisa, mas Derek não a recusaria se tivesse a chance. —Não me pergunte. Toda aquela conversa me confundiu.

CAPÍTULO DEZ

Grave

Estou sentado em minha mesa quando meu telefone do escritório toca. Atendo. — Alô?

— Senhor, — Nigel fala. — Tenho uma Natalie aqui querendo falar com você.

— Mande ela subir. — Ordeno e desligo o telefone. Fecho os e-mails no meu computador e me levanto da minha mesa. Vou até a minha porta e a abro assim que ela entra.

Ela está com a cabeça baixa e o cabelo cobrindo o rosto. Ela está vestida com um short e uma camiseta muito grande com tênis.

— Ei, — passo a mão pelo meu cabelo. — Não tenho muito tempo. — Tenho uma reunião com os Kings e Luca em vinte minutos. Não posso perder. Não posso me dar ao luxo de me atrasar um segundo.

— Entendo, — ela funga. — Eu posso ir...

Ela se vira para sair, e agarro seu braço, puxando ela para parar. — Tenho tempo. Só não muito. O que é? — Ela olha para mim, seu cabelo

caindo de seu rosto e vejo seu olho roxo. Suspiro, passando a mão pelo meu rosto. — Randy fez isso com você?

Ela envolve os braços em volta do peito e acena com a cabeça uma vez. — Ele veio ontem à noite para pegar Brent. Eu estava com um homem. As coisas esquentaram.

— E ele ainda conseguiu te tocar? Com um homem lá? O filho da puta não tentou impedir ele?

— Sim, ele disse à minha companhia para dar o fora e ele fugiu.

Minha mandíbula aperta. — Me dê o endereço de Randy?

Seus olhos se arregalam. — Não, Grave. Não é por isso que vim aqui.

— Então por que...?

— Queria saber se você poderia entrar em contato com aquele juiz? — Ela lambe o lábio partido. — Ver se ele poderia ajudar?

Coloco minhas mãos em cada lado de seu rosto. — Eu cuidarei disso.

Lágrimas enchem seus olhos e ela envolve seus braços em volta de mim, me abraçando. — Obrigada. — Ela funga.

Esfrego suas costas suavemente e solto um longo suspiro. Se ele não tiver nenhum mandado, vou me certificar de que ele consiga algum. Aqueles que vão prender ele para sempre. — Onde está Brent? — Pergunto. — Ele tocou nele também?

Ela se afasta e enxuga os olhos. — Não. Ele está na creche. Randy estava tão chateado ontem à noite que nem o levou.

Aceno. — Eu quero que você se esconda por um tempo.

— Grave, não posso me dar ao luxo de faltar ao trabalho.

Ando para trás da minha mesa, abro a gaveta e tiro algum dinheiro. Fechando, ando de volta para ela. — Isso é cinco mil.

Seus olhos se arregalam. — Não...

— Sim. — Retiro a bolsa de seu ombro e jogo o dinheiro nela. — Vou conseguir um quarto para você e Brent aqui. Desça as escadas e Nigel fará sua hospedagem.

— Ele vai me encontrar, — ela argumenta.

— Não, ele não vai. O quarto estará com um nome falso. Não haverá nenhuma razão para ele procurar por você aqui.

Seus ombros caem. Conheço o olhar em seu rosto e ela está prestes a discutir comigo.

— Isso não é sobre você. Isso é sobre Brent. — Lembro ela.

— Mas você vai cuidar de Randy?

— Eu vou. — Asseguro a ela. — Mas isso não significa que ele não estará procurando por você amanhã. Ou o próximo dia. Não posso prometer que vou cuidar disso imediatamente.

Ela assente e engasga. — Você tem razão. Obrigada, Grave.

— Me ligue se precisar de alguma coisa. Você me ouve? — Cinco mil não vão durar muito, mas é um começo.

Ela fica na ponta dos pés e pressiona seus lábios nos meus assim que minha porta se abre. — Reunião em cinco, — meu irmão chama.

Nat se afasta rapidamente e desvia os olhos para o chão antes mesmo que eu tenha a chance de beijar ela de volta. Mas não tinha planos para isso.

Olho para ele. — Eu posso ler um relógio, porra, — solto. Seus olhos azuis caem para as pernas dela e lentamente olham por trás dela enquanto ela pressiona sua frente na minha como um gato tímido.

— Não se atrase, — ele avisa e então bate a minha porta.



April

Estou cansada, e estou morrendo de fome. Não tenho comido muito. Realmente não tenho apetite depois de todas as ligações não atendidas e mensagens ignoradas que enviei para Ethan. Ele nem se deu ao trabalho de aparecer na loja hoje. Alexa me enviou uma mensagem ontem à noite me convidando para o bar hoje à noite, mas recusei. Não estou com vontade de estar perto de uma multidão.

Estou no refrigerador, procurando no meu telefone. Não consigo encontrar nada sobre o que diabos é uma rainha ou que conexão isso tem a

ver com o Kingdom. No entanto, descobri que quatro Kings o possuem. Titan, Bones, Cross e Grave.

Ele é dono de um quarto do hotel e cassino, e estou tendo dificuldade em processar essa informação. A resposta esteve na minha frente o tempo todo. É por isso que Ethan perguntou se *ele* tinha me dado aquele cartão. Ele estava falando sobre Grave. Ele sabe quem ele é. Grave tem todas as respostas que preciso. Só preciso pegar o número do celular dele nas informações que ele deixou quando pediu as flores para sua mãe.

Volto para o escritório e me sento à mesa. Ligando o computador, puxo suas informações e olho para o seu número. O que vou dizer a ele? Por que eu estaria ligando? Tomando uma decisão, deixo escapar um suspiro profundo antes de digitar seu número no meu celular.

Toca algumas vezes antes de ouvir sua voz. — Alô? — A única palavra sai áspera. Olho para o relógio e silenciosamente me amaldiçoo. É cedo ainda. Ainda nem abri a loja. — Alô? — Ele pergunta, parecendo irritado desta vez.

— Oi, — digo e recuo. *Muito tagarela.*

— Quem é? — Ele rosna, ficando mais irritado a cada segundo.

— É April. Do Roses, — esclareço.

— Oh. — Sua voz muda para surpresa.

— Me desculpe se acordei você, — digo.

— Não, não. Tudo bem. E aí? Tudo certo?

Franzo a testa. *Essa é uma pergunta estranha.* Mas acho que também é esse telefonema inesperado. — Sim claro. Só estava verificando o que sua mãe achou das flores.

Ele fica em silêncio por um longo segundo. Tanto tempo que afasto o celular do ouvido para ter certeza de que a conexão não foi perdida. Finalmente, ele fala com uma voz cortada. — Adorou elas.

— Excelente. — Suspiro de alívio. — Fico feliz em ouvir isso.

Ele limpa a garganta. — É realmente por isso que você ligou, April?

Ele me pegou. Sou como uma janela, as pessoas podem ver através da minha merda. Nunca fui boa em mentir. Olhando para minhas unhas pretas, tento uma abordagem diferente. — Na verdade, estava me perguntando se você gostaria de pegar uma xícara de café. Há uma lojinha apenas algumas portas abaixo. — Mordo meu lábio inferior para não divagar.

— Certo. — Ele suspira pesadamente. — Posso te encontrar lá em uma hora.

— Oh. — Não esperava essa resposta. — Eu posso fazer isso. — Vou ter que fechar a loja já que sei que Ethan não vai aparecer para ajudar. — Te encontro lá.



Entro no pequeno café e pego a primeira mesa redonda à minha direita. Há apenas uma outra pessoa aqui no momento na cabine do canto, mas ele está com os fones de ouvido enquanto trabalha em um laptop.

Meus joelhos saltam para cima e para baixo enquanto tento pensar em uma desculpa para falar sobre Kingdom e perguntar como meu irmão se encaixa na situação. Não acho que dizendo: *ei, eu pesquisei você ontem à noite e vi que você é proprietário de parte dele. Você sabe por que meu irmão tem um cartão-chave de lá? Ah, e ei, seu irmão está ligado à máfia?* Isso seria um bom começo de conversa. Não.

Olho para cima no momento em que uma moto esportiva estaciona no estacionamento da primeira fila. É uma Yamaha R1 e Grave está dirigindo. Ele desliga, chuta o suporte para baixo e sai. Observo ele caminhar até a porta vestido com um jeans escuros, botas de combate pretas e uma camiseta preta que mostra sua manga de tatuagens e braços musculosos. Ele usa um boné branco para trás que ele tira e gira. Tem o mesmo círculo preto e K que fica no meio. Agora sei que representa o Kingdom.

Ele entra na cafeteria, e me levanto da mesa. — Ei, — digo sem jeito, de repente me sentindo desconfortável. Não tenho certeza do que diabos estou fazendo ou por que estou fazendo isso.

Ele se vira para olhar para mim e remove um par de óculos aviadores pretos do rosto. Seus olhos azuis encontram os meus, e ele sorri. — Ei.

O cara é lindo. Não há dúvida sobre isso. Há apenas algo sobre ele que gosto. Ou talvez seja o fato de não conhecer alguém novo há algum tempo. O último cara com quem rastejei na cama foi Derek, e isso foi há mais de um ano. Foi uma conexão aleatória porque estávamos fora e tomamos algumas bebidas. Nós tínhamos feito sexo antes, então era familiar.

— Você já pediu? — Ele pergunta.

Certo! Estamos aqui para um café, não para foder. — Eu não pedi, — respondo.

Ele dá alguns passos até o balcão e pergunta: — O que você gostaria?

— Café pequeno. Preto, por favor.

Ele faz nosso pedido e espera que eles façam enquanto me sento.

— Vem aqui com frequência? — Ele pergunta, sentando na minha frente com nossos cafés.

— Sim, — minto. Quase nunca venho aqui. Não sou muito de beber café.

— E você? — Pergunto e então interiormente me amaldiçoo.

— Primeira vez. — Ele ri.

Isso é tão estranho. Preferiria ter um daqueles sonhos em que você está nua na frente de uma multidão em vez disso. Pelo menos sei que não seria tão embaraçoso.

CAPÍTULO ONZE

Grave

Acho muito estranho que April tenha me chamado para encontrar ela para um café, mas não questionei. No momento em que atendi o telefone e ela disse seu nome, sabia que era sobre Ethan. Mas não vou de bom grado dar a ela qualquer informação sobre ele. Se ela quiser saber, ela terá que sair e perguntar.

Ela desvia os olhos e sopra o café. Eu a olho. Seu cabelo está preso novamente hoje naquele coque bagunçado que ela parece amar. Seu rosto está livre de maquiagem. Ela está linda, mas seus olhos azuis de gelo parecem cansados, e aposto que tem a ver com Ethan.

— Eu gosto da sua moto, — diz ela, olhando pela janela.

— Obrigado, — digo, tomando um gole da minha bebida. Saí com Cross ontem à noite e me fodi. Deixei meu carro no Kingdom e acordei em minha casa esta manhã, então decidi dirigir minha moto.

— Então, o que você faz para viver, Grave? — Ela pergunta, incapaz de me olhar nos olhos.

Aí está. A pergunta de um milhão de dólares. — Trabalho no Kingdom, — digo vagamente.

Suas sobrancelhas escuras levantam. — Oh sério? Você trabalha lá por quanto tempo?

— Vai fazer quatro anos agora, — respondo.

Ela acena com a cabeça.

— Há quanto tempo você trabalha na Roses? — Retorno.

Ela coloca sua xícara de café para baixo. — Comecei a trabalhar lá com doze anos.

— Isso é muito tempo.

— Minha mãe abriu e ajudei. Assumi quando ela faleceu.

Meu peito aperta com suas palavras. A mãe dela está morta. Igual a minha. — Foi legal da sua parte ajudar ela, — digo antes de tomar outro gole.

— Sim, bem... — Ela dá de ombros. — Era tudo o que ela tinha, mas ela adorava.

Um silêncio cai sobre nós, e meu celular vibra no meu bolso. Pego para ver que é Lucy.

Lucy: Onde você está? Achei que você viria hoje de manhã.

Ignorando a mensagem, bloqueio meu telefone.

— E quanto ao seu pai? — Pergunto. — Ele te ajuda com a loja?

Ela balança a cabeça. — Saiu quando Ethan e eu éramos jovens.

Bem, que se foda! Isso está indo pior do que pensei que seria, mas pelo menos sei quem Ethan é para ela, seu irmão. Isso é bom saber.

Meu celular vibra novamente, mas desta vez é meu irmão ligando. — Um segundo, — digo a ela, então respondo. — Alô?

— Eu preciso que você esteja no meu escritório em uma hora, — ele late.

— Estarei lá quando chegar lá, — digo e desligo na cara dele.

Seus olhos azuis gelo vão de mim para o celular. — Você pode ir se precisar, — diz ela suavemente. Obviamente, ela mudou de ideia sobre o que ela queria me perguntar.

Quero dizer a ela que está tudo bem, mas preciso chegar ao Kingdom. Não estou com vontade de aturar meu irmão gritando comigo o dia todo, então fico de pé. — Vou te levar de volta para Roses, — digo, jogando o que sobrou do meu café na lata de lixo perto da porta.

Ela fica em silêncio enquanto caminhamos pela calçada e entramos no Roses. Ela se vira para mim assim que entramos. Seus olhos percorrem minha tatuagem no pescoço e depois minha manga. Ela nunca me tratou de maneira diferente ou me olhou de forma diferente dos outros clientes, mas quero saber o que ela está pensando. Elas a afastam? Dão nojo dela?

Posso ver a pergunta escrita em todo o rosto dela. Aquela que todo mundo pergunta, por que você fez essas tatuagens? Elas significam alguma coisa? Você acha que vai se arrepender quando for mais velho? É sempre o mesmo.

— Eu gosto de arte, — digo. Seus olhos encontram os meus, mas ela não diz nada. — Isso é o que você estava pensando, certo? Por que tenho tantas?

Ela desvia os olhos para seus tênis pretos, e um rubor cobre suas bochechas. Deus, ela é linda. Em uma espécie de sonho. Como nada que já tenha visto pessoalmente.

— Posso te mostrar uma coisa? — Ela pergunta timidamente.

— Sim, — respondo, me afastando dela para permitir seu espaço. Ela caminha em direção aos fundos. Sigo sem que me digam. Ela empurra uma porta dos fundos que diz apenas saída, e entramos em um beco estreito. Ela dá alguns passos para longe da porta e então se vira para mim. Paro e apenas olho para ela. É um dia ensolarado aqui em Vegas, e o sol bate em seus olhos na medida certa. Eles parecem quase transparentes. Hipnóticos.

— O que você queria que eu visse? — Pergunto, limpando minha garganta.

Colocando as mãos em ambos os meus ombros, ela me gira para encarar a parte de trás do prédio com ela.

— O que...? — Paro enquanto meus olhos olham para o prédio. É coberto em vários tons de azul, vermelho, verde, amarelo e roxo.

Me aproximo dele e corro meus dedos sobre o tijolo. O azul faz sua parte como água de um rio. Pontas de branco fazem parecer que tem ondas rolantes. À direita estão montanhas com picos cobertos de nuvens escuras. À esquerda estão os edifícios altos à noite. A prata compõe as janelas à medida que brilham com o luar. — Alguém vandalizou seu prédio, — digo.

— É lindo.

— Você acha? — Ela pergunta baixinho, ainda de pé atrás de mim.

Concordo. — Absolutamente. — Dou um passo para trás, chegando ao lado dela e coloco minhas mãos nos bolsos da frente, apenas observando. — Porra, eles devem ter levado uma eternidade para fazer isso. — Ela abrange toda a parte de trás do edifício. Não há nenhuma maneira que isso foi feito em uma noite. Bem, isso não é verdade. Acho que depende de quantas pessoas eles tinham trabalhando nisso ao mesmo tempo. Mas não parece que várias pessoas fizeram isso. Parece um. A arte é como qualquer outra coisa. Os traços de cada um são diferentes. Não há nada nesta foto que não corresponda. Não. Uma pessoa fez isso. E ele levou mais de uma noite. Usava pincéis. Não como se ele tivesse jogado tinta spray nele e fugido. Talvez ela não tenha notado no começo. Ela não vem aqui com muita frequência, e ele voltava várias vezes para fazer isso. — Posso pegar um pouco de tinta e cobrir isso, — digo a ela.

— O que? — Ela pergunta, virando para mim.

Faço o mesmo e olho para ela. — Eu posso encobrir. — Suspiro. — Não vou mentir, eu odiaria fazer isso, mas ele não deveria ter feito isso no seu prédio.

Ela inclina a cabeça para o lado, olhando para mim. — Se você pudesse apagar qualquer uma de suas tatuagens, você faria?

Franzo a testa, mas respondo sem hesitação. — Não.

Ela olha para a parte de trás do prédio e sorri. — Eu também não. — Ela se aproxima e coloca as mãos no tijolo. — Eu fiz isso.

Meus olhos se arregalam. — O que?

Ela se vira para olhar para mim. — Eu pintei isso.

Minha mente está um pouco lenta no momento, então aponto para ela. — Você fez isso? — Pergunto estupidamente.

Ela olha para seu Converse preto e morde o lábio inferior. De repente, ela está nervosa.

Avanço nela e coloco minha mão sob seu queixo, levantando para que ela olhe para mim. Seus penetrantes olhos azuis brilham com o sol batendo neles. Então ela levanta as mãos e passa os dedos suavemente sobre minha tatuagem no pescoço. E não posso evitar o arrepio que me percorre com sua suavidade.

— Eu também gosto de arte, Grave. — Ela fala baixinho como se o mundo não pudesse saber nosso segredo.

Minha mão cai de seu queixo para envolver sua cintura, e puxo seu corpo nivelado com o meu. Ela não luta comigo ou me afasta. — Você é incrível, — digo honestamente. Nunca conheci ninguém como ela antes. Ela é exatamente o oposto de mim. Cheia de vida. Respiração de ar fresco. Talentosa.

Ela me dá um sorriso suave. Seus olhos caem para meus lábios, e tento pensar em qualquer outra coisa além de suas mãos em mim, porque não quero ficar duro e estragar o momento.

Mas quando suas mãos seguram meu rosto, perco a batalha. Seus olhos encontram os meus novamente, e ela sussurra: — Me beije.

Começo a andar para frente, forçando ela a andar para trás. Suas costas batem suavemente no prédio, e levanto minha mão esquerda e seguro o lado de seu rosto. Ela inclina a cabeça para trás, olhando para mim com olhos pesados.

— Porra, você é linda, — sussurro.

— Grave... — Meu apelido treme em seus lábios. Suas mãos vêm até o meu peito e agarram minha camiseta.

— April, — sussurro, e ela choraminga.

Abaixando meus lábios, gentilmente toco os meus nos dela. Ela abre os lábios para mim, e minha língua entra em sua boca. Ela tem gosto de açúcar. Viciante. Ela geme em minha boca, e minha outra mão vem para segurar o outro lado de seu rosto. Inclino a cabeça e aprofundo o beijo, memorizando cada golpe de sua língua na minha. A maneira como ela empurra seus quadris no meu pau duro e agarra minha camisa, gananciosa e querendo.

Me afasto e descanso minha testa na dela. Nós dois estamos ofegantes. Abro meus olhos para olhar para os dela, e eles ainda estão fechados. — Jante comigo esta noite, — digo antes que ela volte à realidade. Antes que ela se lembre de quem realmente sou e por que ela queria se encontrar comigo esta manhã, estourando essa bolha que ela construiu ao meu redor.

Seus olhos se abrem, e ela olha para mim. — Tudo bem.



April

Depois de assistir Grave sair da loja, pego meu celular para ligar para Alexa, mas depois paro, com medo do que ela vai dizer sobre meu encontro com ele hoje à noite depois do que o irmão dela nos contou sobre os Kings. Então, em vez disso, ligo para Jasmine. Trocamos números naquela primeira noite quando saímos depois de sair da própria festa dela.

— Ei, boneca. — Ela atende no primeiro toque.

— Eu preciso falar com você, — digo com pressa. Meu coração ainda está batendo forte do nosso beijo. Isso foi um erro. Sei que foi. Foi tão inesperado, mas novamente, era o que eu queria. Quando ele me convidou para sair hoje à noite, não pensei duas vezes sobre isso.

— Tudo certo? — Ela pergunta.

— Não tenho certeza. — Mordo meu lábio inferior.

— Me conte tudo e vamos descobrir juntas, — ela me garante.

Gosto de Jasmine. Não a conheço muito bem, mas ela parece ser um bom tipo de amiga para se ter.

— Você conhece os Kings, certo? — Pergunto.

—Sim... — ela para. —Por que?

—Tenho um encontro com Grave hoje à noite. — Fecho os olhos e inclino a cabeça com vergonha. Por que disse sim? Por que ele tinha que me beijar assim? Meu coração ainda bate forte. Ele olhou para mim como se estivesse vendo algo pela primeira vez. Minha pele ainda formiga de onde ele me tocou.

Ela assobia. —Oh garota. O que você está fazendo por volta do meio-dia hoje?

Franzo a testa, mas respondo: —Estarei na loja.

—Tudo bem, vou te buscar então, — afirma ela.

—Por que? — Pergunto.

—Vamos almoçar com as meninas.



Jasmine e eu paramos no Kingdom. —O que você está fazendo aqui? — Pergunto, saindo enquanto o manobrista senta no banco do motorista de seu carro. Nunca estive aqui. Mas o hotel e o cassino dominam a Las Vegas Strip. Tem quatro torres, uma para cada King e é sua própria cidade.

—As meninas e eu temos uma tradição de nos encontrarmos para almoçar no Empire.

Entramos no Kingdom, e é exatamente como esperava. Piso de mármore branco com o mesmo círculo preto com um K dourado no meio. Entramos pelo lado do hotel. Posso ver à direita onde se abre para o cassino. Ela pega minha mão e me puxa para um banco de elevadores. Subimos até o vigésimo andar, passamos por máquinas caça-níqueis e entramos no restaurante. Vejo a garota da outra noite, Emilee acho que era o nome dela. E outra mulher que não conheço.

— Ei, senhoras, esta é April. — Ela me apresenta antes de sentar na cabine. Sento ao lado dela, já que as duas mulheres estão do outro lado, de frente para nós.

— É bom ver você novamente. — Emilee assente.

— Eu sou Haven. — A morena estende a mão para apertar a minha.

— Prazer em te conhecer.

Todas nós abrimos nossos menus. — O que é bom aqui? — Pergunto.

— Tudo, — Jasmine responde, lambendo os lábios. Então ela levanta os olhos para olhar para a entrada. — Haven, quanto tempo Nite vai ficar de babá?

Sigo seus olhos até um homem que não vi quando entramos no local. Ele está de pé com os braços sobre o peito e as pernas bem abertas. Seus olhos estão em nossa mesa, e ele está vestido com um terno preto de três peças com um fone de ouvido na orelha. Parece que pertence ao Serviço Secreto. *Quem é essa Haven?*

Haven suspira. — Não quero falar sobre isso.

Emilee revira os olhos, e Jasmine apenas ri. Então um silêncio cai sobre elas.

—Então, uh, Jasmine mencionou que vocês meninas almoçam aqui com frequência, — acrescento, quebrando o silêncio. Gosto de Jasmine, mas estou confusa sobre por que ela me trouxe aqui.

—Sim. — Emilee acena com a cabeça e então fica quieta novamente.

Olho o menu tentando descobrir o que quero quando ouço Haven falar.
— Ei querido. Isso foi rápido.

Olho para cima e encontro um par de olhos escuros que conheço bem.

—April, — Luca diz meu nome com surpresa.

—Você conhece ela? — Jasmine é quem pergunta.

—Sim. — Ele coloca as mãos nos ombros de Haven —April é minha florista favorita.

—Oh. — Os olhos de Haven se iluminam. —Eu amo todas as flores que ele traz para casa. E seus vasos, são lindos.

—Obrigada. — Coro com seu elogio. Mas não é difícil descobrir quem ela é, sua esposa.

—Você é dona de uma floricultura? — Emilee sorri para sua própria pergunta.

Concordo.

Um homem que me lembro de ter visto no meu computador chega ao lado de Luca atrás de Emilee. Seu nome é Weston Mathews, também conhecido como Titan, um dos proprietários do Kingdom. Agora a merda está começando a fazer sentido. Os pontos se conectando. —Você faz casamentos? — Ele me pergunta.

—Eu faço.

—Oh meu Deus. Você vai fazer o nosso casamento? — Emilee pergunta.
—Procuro uma florista.

—Eu adoraria, mas...

—Sim. — Ela bate palmas animadamente. —Passarei depois do almoço e podemos rever o que tenho em mente.

—Tudo bem, — digo sorrindo, feliz em ajudá-los. —Em quantas pessoas você está pensando? — Pergunto. Não sou confeitadeira, mas o número de convidados vai me dar uma ideia do tamanho que vai ficar.

Ela olha por cima do ombro para Titan. —Quantos estavam na nossa lista final, querido? Acho que dizia duzentos e vinte.

Se estivesse comendo, engasgaria. —Isso é muito. — Quase suspiro.

—Sim. — Ele concorda. — Algo em torno disso.

—Havia mais, mas ela começou a riscar nomes. — Acrescenta Titan.

—Quando é o casamento? — Pergunto.

—Estamos pensando em novembro.

— Isso é em dois meses. — Meus olhos saltam.

— Qual é a pressa? — Jasmine pergunta.

— Só não queremos esperar. — Emilee dá de ombros. — E eu coloquei você na lista com mais um. — Ela pisca para Jasmine. — Quem você está trazendo?

Ela acena para ela. — Estou pedalando sozinha.

— Você estará montando alguma coisa. — Emilee ri.

— Contanto que não seja Trenton. — Haven puxa o lábio para trás com desgosto com o nome.

— Tudo bem senhoras, temos que ir. Viemos apenas para dizer olá. — Titan se inclina e beija Emilee na testa. — Temos uma reunião com o resto dos Kings em dez.

Os casais se despedem e, assim que estamos sozinhas, Jasmine fala. — Precisamos ir às compras depois disso.

— Estou dentro, — diz Emilee. — Então posso ir até sua loja? — Ela me pergunta.

— Claro, — respondo.

— Certo. — Haven acena com a cabeça. — Qual é a ocasião?

Jasmine me dá uma cotovelada. — April tem um encontro com Grave hoje à noite.

— De jeito nenhum! — Emilee suspira.

—Fantástico. —Haven inclina a cabeça para o lado, sorrindo. —Isso deve significar que ele terminou com Lucy. — Ela balança a cabeça. —Ela é tão ruim quanto você com Trenton. — Ela aponta para Jasmine.

—Quem é Lucy? — Pergunto. Não sei nada sobre Grave, exceto o que li na internet. E tudo o que me disse foi que ele é o herdeiro mais jovem do Kingdom e o mais provável de acabar na prisão. Ele tinha algumas fotos. Principalmente por dirigir sobre influência e comportamento imprudente. Não é nenhum segredo porque Kyle Reed é conhecido como Grave. O cara tem um desejo de morte. Ele é um viciado em adrenalina.

—Lucy é um desastre, — responde Haven.

—Eles têm um passado ruim, — acrescenta Emilee.

Haven bufa. —Nunca fui amiga dela. Inferno, nem sabia quem ela era até recentemente. Mas ela é ruim para Grave. Alimenta seu vício.

Vou perguntar o que ela quer dizer com isso quando a garçonete se aproxima da nossa mesa e anota nossos pedidos.

CAPÍTULO DOZE

Grave

Estou sentado em minha mesa quando meu telefone do escritório toca.
— Alô? — Respondo.

— Ei querido, — Lucy fala.

Suspiro. Tenho ignorado as ligações dela a semana toda. — Ei.

— Eu tenho ligado para você, — diz ela, e posso praticamente ouvir ela fazendo beicinho.

— Estive ocupado trabalhando, — digo com sinceridade. Tivemos reuniões o dia todo. Meu irmão está na minha bunda, e Titan ainda me olha como se quisesse esmagar minha cara pelo meu comentário sobre sua noiva chupando meu pau. — O que você precisa?

— Estarei no Airport esta noite. Quer ir?

— Não. Não esta noite, — respondo quando minha porta se abre. — Ei, tenho que ir.

— Espere...

Desligo. —O que você quer, Bones? — Pergunto, observando meu irmão entrar no meu escritório.

Ele vem para ficar na frente da minha mesa com os braços tatuados cruzados sobre o peito. —Estou partindo hoje à noite para Nova York, — afirma.

—E? — Pergunto.

—Estarei fora no fim de semana.

—Eu pensei que você terminou com Lola? — Ela era uma supermodelo que ele estava fodendo há alguns meses. Ela queria apresentá-lo a seus pais, e ele largou sua bunda.

—Eu fiz. Vou por outros motivos.

Ah, aposto que tem a ver com *Kink*. Um clube de sexo de sociedade secreta que ele se juntou. Ouvi ele conversando com Titan sobre isso outro dia na sala de conferências.

—Tudo bem, — digo, dispensando ele olhando para o meu computador.

Ele não aceita a dica. Em vez disso, ele se senta. —Você pode se comportar enquanto eu estiver fora? — Ele pergunta.

—Sim, — digo com os dentes cerrados.

Ele suspira. —Kyle...

—Saia do meu escritório, Dillan, — rosno, olhando para ele. —Tenho trabalho a fazer.

Ele bate as mãos nas coxas e se levanta antes de sair do meu escritório. Porra, ele tem estado na minha bunda mais do que o habitual ultimamente.



Paro em uma casa de dois andares fora de Las Vegas. Ela fica no final de uma rua por si só. April tinha me mandado uma mensagem mais cedo com seu endereço. Coloco meu carro no estacionamento e saio. Caminhando até a porta dela, passo a mão pelo meu cabelo. Assim que chego à varanda, toco a campainha e balanço para frente e para trás nos sapatos, esperando que ela responda.

Ela abre a porta vestida com um vestidinho preto. Possui decote em V com mangas longas. Ele para em suas coxas, mostrando suas pernas longas e finas. Ela usa uma gargantilha roxa profunda que combina com seu cabelo que está solto e em grandes cachos. Ela tem sua maquiagem feita como eu gosto. Seus olhos azuis de gelo delineados em preto com aquele batom roxo profundo. Seus saltos pretos de quinze centímetros dão a ela uma altura extra, mas ela ainda é mais baixa que eu. Ela desvia os olhos, passando as mãos pelo vestido, e morde o lábio nervosamente.

— Você está linda, — digo, me aproximando dela.

Sua cabeça se levanta, e seus olhos encontram os meus. Ela lambe os lábios, e seguro seu rosto, sentindo ela. Esta manhã não foi um erro. Não

foi como ela queria, mas não posso negar que estou atraído por ela. E o fato de estar aqui na varanda dela para sair com ela significa que ela também está atraída por mim.

— Você também, — ela sussurra.

Os cantos dos meus lábios se curvam em um sorriso antes de pressioná-los nos dela. Beijo suavemente, apenas nossos lábios quando realmente quero empurrar ela de volta para dentro de casa, arrancar seu vestido e levar ela para seu quarto.

— Vamos, — digo, puxando sua mão sem sequer permitir que ela me dê essa opção.



April

Me sento no banco do passageiro, tentando acalmar meu coração acelerado. Não sei por que ele me deixa tão nervosa. Talvez seja porque ele tem tanto poder sobre esta cidade. Ele tentou minimizar o que ele faz no Kingdom esta manhã durante o café, mas ele sabe que sei a verdade. Há muito dele na internet para não saber.

— Eu amo o seu vestido, — ele comenta enquanto dirige pela estrada em direção à Strip.

—Obrigada. Fui às compras com as meninas hoje. Jasmine disse que eu tinha que pegar esse.

—As meninas? Jasmine? Como você conhece ela? — Ele pergunta curioso.

—A conheci através de uma amiga em comum, — digo.

Ele assente e muda de marcha.

—Ela é muito legal, — acrescento, tentando esfregar as palmas das mãos suadas no vestido sem parecer óbvia. Faz muito tempo desde que estive em um encontro real. Os homens hoje em dia preferem foder com você e depois se separar do que perder tempo para te conhecer.

Ele concorda. —Ela pode ser. Ela também pode ser louca.

—Você a conhece bem? — Pergunto, me perguntando se eles têm um passado. Haven é casada com Luca, que parece ser um bom amigo de Titan, que está noivo de Emilee, uma melhor amiga de Jasmine. Portanto, não seria exagero pensar que ele e Jasmine estiveram próximos em algum momento. Todos eles fazem parte de um círculo muito apertado.

—Sim. Fiz o ensino médio e a faculdade com ela, — ele responde.

Isso é algo que não vou encontrar na internet. —O que a torna tão louca?

—Ela costumava sair com um cara chamado Trenton. — *Foi quem Haven mencionou quando Emilee estava falando sobre o acompanhante de Jasmine.* —Ela cortava os pneus dele. Fez com que ele fosse expulso do time de futebol por

causa de drogas. — Meus olhos se arregalam. — Tenho certeza de que ela teria ateado fogo nele se isso não o matasse. — Ele ri. — Ele era um idiota, no entanto. Ele teria merecido.

Sorrio. — Agora sei por que ela e Alexa são amigas. Ela pode ser louca também.

Ele ri, e seu celular começa a tocar pelo Bluetooth em seu carro. Ele o pega do suporte em seu painel e pressiona ignorar, mas não antes de ver o nome Lucy acender na tela.

Interessante. — Você pode responder isso, — digo a ele, e ele me dá um olhar de lado. — Sabe, caso seja importante. Entendo, — acrescento.

Ele balança a cabeça. — Isto pode esperar.

Um silêncio cai sobre seu carro, e um pensamento me atinge. Lucy Mason. Depois da conversa que tive com as meninas hoje, fiz uma pequena pesquisa antes do nosso encontro hoje à noite. Não foi difícil encontrar. As garotas não mencionaram o sobrenome dela no almoço de hoje, mas tudo que tinha que fazer era procurar Grave e notei que a mesma mulher apareceu em fotos com ele. Uma era até uma foto dela. Ela havia sido presa por dirigir embriagada. Dizia que ela estava dirigindo um carro quando parou devido ao excesso de velocidade. Isso foi há apenas alguns meses. Tinha lido comentários que diziam que ela estava com Grave, e ele é amigo de um juiz e foi liberada por um detalhe técnico. Algo sobre os policiais que não haviam lido seus direitos. Não tenho certeza de quão verdade isso é, e você não pode acreditar em tudo que lê na internet, mas acredito que Grave tem conexões em todo este estado, se não mais.



Paramos no manobrista do cassino Mandalay Bay e um homem abre a porta para mim. Agradeço a ele quando Grave vem pela frente do carro e pega minha mão. Não nos falamos desde que Lucy ligou, e não perdi que ele desligou o celular completamente depois disso.

Primeira bandeira vermelha.

Fico em silêncio enquanto caminhamos pelo cassino, sem saber para onde estamos indo, mas nunca saio muito.

Chegamos a um restaurante que tem *Fleur* em letras brancas na parte superior. Um homem nos cumprimenta vestido com um terno preto de três peças. —Olá, Grave. — Ele assente e olha para mim. —Senhora.

—Olá. — Sorrio para ele.

Ele volta sua atenção para Grave. —Sua mesa está pronta, senhor. Por favor me siga.

Ele nos acomoda na parte de trás em uma mesa redonda. Grave puxa meu assento, e me sento, agradecendo a ele. Ele se senta na minha frente, e coloco meu guardanapo no meu colo. Meus joelhos começam a saltar mais uma vez. —Você conhece todo mundo em Vegas?

—Bastante, — ele responde. —Vivi aqui toda a minha vida.

— Ter um quarto do maior hotel e cassino não faz mal, — acrescento.

Ele sorri. — Estava me perguntando se você fez sua pesquisa.

Dou de ombros. — Um pouco.

Ele arqueia uma sobrancelha, seus olhos nos meus me desafiando a dizer mais. E quero, mas não sobre o negócio dele. Quero perguntar sobre Lucy. Haven não fez parecer sério, mas aposto que ela não conhece toda a situação entre eles. Olho para a mesa, incapaz de ir até lá ainda. Veremos como fica o encontro. Talvez amanhã.

CAPÍTULO TREZE

Grave

O jantar passou rápido. Antes que percebesse, ela tinha tomado algumas taças de vinho. Tomei água. Não queria estar bêbado quando a levasse para casa. E também não usei nada ainda hoje. E nem estou desejando. Não conversamos muito. Ela estava mais focada em comer do que em procurar informações, e gosto disso. O que quer que ela queira saber sobre mim, ela pode ler online, o que ela obviamente fez. Existem algumas histórias que a mídia inventou, mas na maioria das vezes, sou culpado pelo que eles me acusaram.

— Oh meu Deus, essa comida era incrível. — Ela suspira, recostando no banco do passageiro.

— Estou feliz que você gostou, — digo, dando uma olhada rápida para ela. Seus olhos estão fechados, e um sorriso puxa seus lábios pintados. — Quão bêbada você está? — Pergunto com uma risada.

Ela abre os olhos e inclina a cabeça para olhar para mim. — Estou cheia. Sóbria. É preciso muito para me embriagar.

— Não é um peso leve, hein?

Ela ri. — Não. Festejava muito no ensino médio para isso.

— Não está na faculdade?

— Abandonei no primeiro ano da faculdade. — Ela suspira. — Tive que ajudar minha mãe com o Roses.

— Sinto muito.

— Tudo bem. — Ela acena para mim, sentando mais reta. — Eu não tinha ideia do que ia fazer da minha vida de qualquer maneira. Estava apenas desperdiçando dinheiro.

Saio da estrada e desço a rua dela. Paro em sua garagem e saio, abrindo a porta para ela e levando ela para sua casa. Ela destranca a porta e a abre.

— Me diverti muito esta noite, — digo a ela quando ela se vira para mim.

Ela sorri e passa a mão pela minha camisa. — Não precisa acabar.

Meu pau endurece instantaneamente, e engulo um rosnado. — April...

Ela encosta em mim. — Sou uma adulta, Kyle. — Ela usa meu nome verdadeiro, me lembrando que ela me procurou. Ninguém nunca me chama assim, exceto Bones quando ele está chateado comigo. — Uma mulher. Sei o que quero. Você?

Estendo a mão e seguro seu rosto, puxando ela para mim. — Eu sei, — digo antes de pressionar meus lábios nos dela. Ela geme na minha boca, e empurro seu vestido pelas pernas antes de levantá-la do chão.

Ela envolve as pernas em volta da minha cintura enquanto entro com ela e bato a porta da frente com o meu sapato.

— Para onde? — Pergunto, soltando sua boca.

— Subindo as escadas. Última porta à direita, — ela responde.

Subo as escadas e entro no quarto dela. As luzes estão apagadas, e ela estende a mão, acendendo e lambo meus lábios. Gosto de uma mulher que não é tímida. Estou morrendo de vontade de olhar para o corpo dela. Para tocar sua pele. Ela se solta do meu aperto e fica diante de mim. Pego e puxo minha camisa pela minha cabeça e a jogo no chão. Suas mãos vão para o meu peito nu, e ela corre os dedos pelo meu corpo até chegarem ao meu jeans. Ela está desabotoando meu cinto enquanto tiro meus sapatos.

Agarro seu vestido e o arranco dela. Ela está diante de mim em um sutiã de renda preta e tanga combinando com seus saltos. — Você é perfeita, — digo, olhando para ela. Ela não tem nenhuma tatuagem, mas seu umbigo é perfurado com uma barra preta e uma bola roxa na ponta.

Ela empurra minha cueca boxer preta pelas minhas coxas e lambe os lábios enquanto olha para o meu pau duro. Uma barra é perfurada até o final. Ela envolve a mão ao redor da base, e assobio quando ela puxa, me forçando a ficar mais perto dela. Minhas mãos vão para seu cabelo, segurando entre meus dedos para puxar sua cabeça para trás. Ela choraminga, e enterro meu rosto em seu pescoço, sugando sua pele.

—Deus. — Ela geme quando sua mão começa a deslizar para cima e para baixo no meu pau. Afastando de repente, ela bate as mãos no meu peito e me empurra para sua cama.

Não esperava que ela fosse agressiva assim. Mas eu gosto. Amo uma mulher que sabe o que quer e vai atrás. Ela rasteja entre minhas pernas e se inclina para frente, envolvendo os lábios em volta do meu pau enquanto ela olha para mim.

—Porra, April. — Passo minha mão em seu cabelo novamente. Meus olhos encaram os dela enquanto ela engole meu pau como se ela tivesse feito isso um milhão de vezes.

Meus quadris empurram para cima enquanto ela abre a garganta para mim e me deixa foder. Fico mais áspero. Lágrimas começam a encher seus lindos olhos azuis de gelo e escorrem por seu lindo rosto, manchando seu delineador preto que tanto amo.

Sento, colocando meu braço esquerdo atrás de mim na cama para ajudar a me sustentar enquanto o direito fica em seu cabelo. Uso para controlar a cabeça dela. O som do meu pau deslizando para dentro e para fora de sua boca enche o quarto enquanto ela geme em torno dele. —Porra, — gemo quando minhas bolas começam a apertar.

Arranco sua cabeça de mim e a viro de costas. Não quero gozar na boca dela. Ainda não.

Ela abre as pernas para mim, e sinto sua boceta raspada com dois dedos, confirmando o que já sabia, ela está encharcada. Empurro meus braços sob

seus joelhos, abrindo suas pernas e deslizo meu pau dentro dela. Ela geme e dá um tapa no meu peito. Agarro a parte interna de seus cotovelos e prendo seus braços para os lados quando começo a me mover. Ela olha para mim com olhos pesados, rosto manchado de maquiagem e lábios entreabertos. Ela ainda está ofegante do meu pau em sua boca.

Nossos corpos estão batendo enquanto sua cama bate na parede, e nossos corpos já estão cobertos de suor. Ela joga a cabeça para trás, choramingando enquanto sua boceta aperta ao meu redor, e percebo que esta é a primeira vez que faço sexo em muito tempo quando não estava chapado ou bêbado. Quase esqueci como era não estar em uma névoa induzida por drogas. Para realmente sentir uma mulher se desfazendo. Ela fecha os olhos, e seu corpo treme sob o meu. Empurro seus braços acima de sua cabeça. Inclinando, capturo seus lábios com os meus e a beijo profundamente, engolindo seus gemidos e gritos de prazer.

Puxo para trás e a viro de bruços. Agarrando seus quadris, puxo sua bunda no ar. Olho para baixo e vejo seu gozo cobrindo meu pau. Isso me empurrou. Me inclino e a beijo nas costas, sentindo o gosto salgado em sua pele. Abro suas pernas com meus joelhos e deslizo de volta para ela. Me inclino para frente, chego ao redor de sua cintura e brinco com seu clitóris enquanto beijo seu pescoço.

—Oh, Deus... Grave... — Suas mãos batem na cabeceira enquanto ela pressiona seus quadris contra mim. —Vou gozar de novo. — Ela está ofegante.

—Bom, — rosno, agarrando seu cabelo e puxando para fora de seu pescoço para me dar um melhor acesso. Mordo, e ela estremece.

Acelero o passo, e sua voz fica mais alta, enchendo o quarto. Suas mãos agarram os lençóis e seu corpo aperta, então ela faz exatamente o que disse que ia fazer e goza mais uma vez.



April

Deito de costas. Meu corpo inteiro tremendo e coberto de suor. Grave cai de costas ao meu lado com a mão no peito nu. Olho para ele. Seus olhos estão fechados, e seus lábios estão separados enquanto ele tenta recuperar o fôlego. Passo minha mão sobre seu peito e corro as pontas dos meus dedos sobre seu piercing no mamilo.

Seus olhos se abrem e sua cabeça cai para o lado para que ele possa olhar para mim. — Eu não usei proteção, — diz ele como se tivesse acabado de perceber isso.

Sorrio para ele. — Estou tomando pílula.

Ele solta um longo suspiro.

Rio e brinco. — Apanhado no momento?

—Sim. — Ele acena uma vez antes de lambe os lábios.

Me levanto e sento no colo dele. Corro minhas mãos sobre seu pacote de seios em seu peito, explorando. Sentei em frente a ele no jantar por algumas horas, e tudo que conseguia pensar era isso, nós voltando para minha casa. Quanto mais tempo passava com ele, menos pensava em Lucy e mais pensava nele e em mim. Queria um gosto. Estava desejando ele. Ele abre os olhos e agarra meus quadris. Seus polegares esfregam círculos em meus ossos do quadril. Seus olhos no meu peito.

—Fique a noite, — digo, não querendo que ele vá embora ainda.

Seus olhos encontram os meus, e tenho um instante de pânico.

—Quer dizer... se você não tiver outro lugar para estar esta noite. — É cedo ainda. Nem dez ainda.

Ele se senta, colocando as duas mãos no meu rosto, e coloca seus lábios nos meus. Abro para ele quando sua língua entra na minha boca. Meus olhos se fecham, e seus braços envolvem minha cintura, me segurando no lugar, e ele se afasta.

—Eu não ia sair, — afirma ele, antes de me empurrar de volta para baixo.

CAPÍTULO QUATORZE

Grave

Segunda-feira de manhã, desço do elevador da Kingdom para o décimo terceiro andar. Viro imediatamente à direita e entro na sala de conferências. Os caras já estão sentados ao redor.

Me sento no meu lugar, e meu irmão olha para o relógio, depois para mim. — Você está adiantado.

Não digo nada.

— Você já foi para a cama? — Ele pergunta, olhando para mim.

— Tenho cinco horas de sono, não que seja da sua conta, — digo com um sorriso. Passei o fim de semana inteiro com April. E não diria que dormi muito porque nenhum de nós dormiu, mas estava sóbrio o tempo todo. — Como foi Nova York? — Pergunto para puxar conversa.

Ele me olha com ceticismo e responde lentamente. — Bem.

— Tenho certeza que foi, — digo, e seus olhos se estreitam em mim. — Então, sobre o que é essa reunião? — Questiono, indo direto ao assunto.

Bones vai falar, mas as portas se abrem atrás de mim e ouço Nigel. — Grave, você tem um telefonema na linha um.

Me levanto do meu lugar e vou até o outro lado da sala e pego o telefone, pressionando um. — Alô?

— Ei cara, é o Mac.

— Eu te ligo de volta, — digo, nem mesmo dando a ele um segundo para discutir antes de desligar na cara dele. Saio da sala de conferências e caminho até meu escritório. Fechando minha porta, sento atrás da minha mesa e puxo meu celular do bolso e ligo de volta. Temos um bloqueador na sala de conferências. Dessa forma, nenhum telefone celular de qualquer tipo pode estar gravando. Trabalhamos muito lá com alguns Elites muito conhecidos. Nunca se sabe quem quer obter informações de chantagem para te foder. E não confio no meu irmão para não atender o telefone do escritório para ouvir minha conversa.

— Alô? — Mac responde.

— Sou eu. O que você tem?

Ele suspira e sei que não vai ser bom. — Bem, fiz uma busca no banco de dados pelo nome que você me deu... Randy Smith.

— Sim.

— E ele está limpo.

Passo a mão pelo meu rosto. — De jeito nenhum. — Isso não pode ser verdade. — O filho da puta acabou de ser preso na semana passada no Glass.

— Ele não foi.

Sei que estava muito fodido, mas a polícia foi chamada. Ele jogou meu copo de licor na porra do palco pelo amor de Deus. — Que porra...?

— Ele foi escoltado para fora do local e instruído a não retornar. — Ele me interrompe.

Eles o baniram? Preciso falar com Luca sobre essa merda. — Porra! — Bem... isso não está indo como planejei. — E se eu convencer ela a prestar queixa? — Ele bateu nela. Duvido que as contusões tenham desaparecido completamente.

— Você pode, mas vai deixá-lo preso por talvez vinte e quatro horas na melhor das hipóteses. Ele pagará a fiança e isso só tornará as coisas mais difíceis para ela. Você sabe como essa merda vai. Não há muito que eu possa fazer. Se ele está infernizando ela por tanto tempo, ele não vai desistir agora. Da próxima vez, ela pode não ter a chance de pedir ajuda.

Jogo minha cabeça para trás e fecho meus olhos. Natalie e seu filho não merecem isso. Nenhuma mulher merece ser tratada assim. Eles precisam se sentir seguros. Protegidos, e sou tudo o que eles têm. — E se eu o entregar a você? — Ofereço, tendo uma ideia.

Ele fica em silêncio por um longo segundo antes de finalmente suspirar. — Não quero saber nenhuma parte do seu plano.

—Que plano?

—Foda-se, — ele sibila. — Vou fazer isso por você. Mas só porque se alguém tivesse ajudado minha mãe como você está tentando ajudar Natalie, talvez ela ainda estivesse viva. Me mande uma mensagem quando estiver pronto. — Ele desliga e coloco meu celular na mesa.

Inclinando minha cabeça, coloco minhas mãos sobre meu rosto e fecho meus olhos. Tenho de fazer alguma coisa. Nada de bom pode vir de Randy ser capaz de tocá-los. E Natalie não tem para onde correr. Ele a encontraria, não importa o quê. Homens assim não largam seus brinquedos. E isso é tudo que ela é para ele.

Poderia matar ele. Mas prefiro que o cara apodreça em uma cela de prisão, sabendo que ela está lá fora vivendo sua melhor vida com o filho dele. Alguém lá fora criando seu filho. Pego meu celular, me decido e envio uma mensagem rápida para Luca.

***Eu:** Eu preciso de alguns suprimentos.*

***Lucas:** O que você precisar. Posso te encontrar mais tarde hoje.*



April

Estive sorrindo como uma tola o dia todo. Passei o fim de semana inteiro trancada no meu quarto com Grave. Não esperava que ele ficasse tanto tempo, mas não ia expulsá-lo. Ele me deu um beijo de despedida esta manhã e prometeu que voltaria hoje à noite com o jantar. Espero que seja algo que possamos comer um no outro.

Abro meu celular para ver que tenho uma mensagem dele.

Grave: Ainda no Kingdom. Será por mais algumas horas.

Saio do refrigerador e caminho até a mesa assim que a porta da frente se abre. Achei que tinha trancado. — Desculpe, estamos fechados, — digo ao homem que entra.

Ele olha para mim com olhos escuros, e meu estômago cai quando vejo que ele tem um pé de cabra na mão. Mais três caras entram atrás dele.

— Posso te ajudar? — Pergunto, e minha voz treme. O último cara a entrar vira e tranca a porta. Que diabos? — Ei...

— Estamos aqui para ver Ethan, — o cara na frente me diz.

Franzo a testa. — Ele não está aqui. — A verdade é que não o vi nos últimos três dias, mas isso não é incomum, já que ele tem me evitado ultimamente. Ele me enviou uma mensagem na sexta-feira que ele estava hospedado na casa de um amigo no fim de semana. Caso contrário, não teria permitido que Grave ficasse.

— Ethan? — Ele chama e vai passar pela mesa.

Passo na frente dele. — Ele não está aqui... — Ele me empurra para fora do caminho. — Ei!

— Ethan? — Ele volta para o escritório e chuta a porta aberta.

— Estou chamando a polícia, — anuncio e vou para meu celular na bancada, mas outro cara o pega antes que possa pegar.

— Não precisa, — diz ele simplesmente e joga no chão, esmagando minha tela. — Não vamos ficar aqui por muito tempo.

Então o outro cara volta e pega o pé-de-cabra, acertando no vidro.

— Pare! — Grito e corro até ele.

Alguém agarra meu cabelo e me puxa de volta. Grito quando meu couro cabeludo queima. O primeiro cara que entrou vem para ficar na minha frente. Ele agarra meu rosto, apertando minhas bochechas em meus dentes. Minhas mãos batem em seu peito, tentando empurrar ele para longe. — Onde ele está? — Ele exige. Seus olhos quase negros me encaram. Seus lábios finos em uma linha plana e suas sobrancelhas escuras juntas.

— Eu não sei, — rosno. *O que meu irmão fez?*

Ele me solta, e o cara solta meu cabelo. Dou um passo trêmulo para trás deles. Eles se viram e arrebatam outra porta de vidro.

— Pare! — Grito. Localizo meu telefone no chão e corro até ele. Um cara me agarra e me joga em uma porta de vidro. Quico nela e caio de cara no chão. Seguro meu lado enquanto gemo com o impacto. — Quanto? —

Pergunto, tentando não chorar. Meus piores medos ganharam vida. Meu irmão está em apuros.

Aquele com o pé-de-cabra se agacha ao meu lado. Ele pega a ponta em forma de garra e a passa pela minha bochecha, empurrando meu cabelo para longe do meu rosto. Prendo a respiração, esperando que ele não me corte com isso. O metal frio contra minha pele. —Você não pode pagar, querida. — Então ele se levanta e me chuta na lateral.

Imediatamente vou para a posição fetal para proteger meu corpo de outro golpe. Minha respiração fica presa em meus pulmões devido à dor, e meus dentes rangem.

—Diga a ele que voltaremos. — Então ouço mais vidro se estilhaçando antes da porta bater, notificando-me de sua saída. Me levanto sobre minhas mãos e joelhos, respirando pesadamente, e olho ao redor. Lágrimas ardem em meus olhos quando olho para o que resta da floricultura da minha mãe. Até meus vasos que estavam na prateleira agora estão quebrados no chão ao meu lado. Minhas mãos tremem quando os alcanço, o vidro me cortando no processo.

Me levanto, pego meu telefone quebrado e corro para o meu carro. Corro para nossa casa e vou direto para o quarto dele. Não sou uma idiota. Sei que meu irmão não é um santo. Ele já foi pego roubando antes. E no mês passado, encontrei uma arma debaixo da cama dele. Quando o questionei, ele disse que estava guardando para um amigo. E não acreditei nisso por um segundo. Abro suas gavetas e começo a jogar coisas, sem

saber o que estou procurando, mas precisando encontrar algo, qualquer coisa para me dizer o quanto ele deve a esses caras e por quê.

Abrindo seu armário, puxo coisas de seus cabides e prateleiras. Um chapéu cai e outro daqueles cartões-chave cai dele. Me abaixo e o pego. Virando, vejo uma caveira no meio com uma coroa inclinada no topo. O sangue escorre sobre ele. *Kingdom* está escrito na parte inferior em letras pretas. Seguro na minha mão e saio pela porta.



Paro no hotel e no cassino e pulo para fora antes que o homem possa abrir minha porta.

— Você vai passar a noite no hotel, senhora? — Ele pergunta.

— Não, — rosno, subindo as escadas para a entrada.

Abro caminho pelas portas de vidro e paro. O chão é de mármore xadrez preto e branco com manchas de ouro jogadas como confete. As paredes são de um cinza escuro e o teto é preto. O interior é tão escuro quanto o exterior.

— Bem-vinda ao Kingdom. Como posso ajudá-la? — Uma das senhoras atrás da recepção pergunta.

Ando até ela, então abro minha boca, mas paro, sem saber o que dizer. Em vez disso, pego o cartão-chave do hotel no meu bolso e mostro a ela.

Ela olha por cima do meu cabelo selvagem e sangue seco na minha mão, mas sorri. — Farei com que Antonio lhe mostre seu quarto.

Graças a Deus algo está acontecendo no meu caminho esta noite.

—Olá, senhorita. Por favor, siga-me, — diz um homem, chegando ao meu lado, vestido de terno e gravata.

Sigo ele em silêncio. Meu primeiro pensamento foi ligar para Grave, mas meu celular está quebrado, então não consigo ver meus números e não tenho o dele memorizado. Duvido que se eu perguntar por ele, eles vão ligar para ele. Aposto que muita gente faz isso e não chega a lugar nenhum. Então, vou focar no meu irmão. Grave não pode me ajudar. Ele nem conhece Ethan.

O homem nos leva até uma fileira de elevadores, e respiro fundo. Meu irmão às vezes esquece quem eu sou. Ele não se lembra de quando bati nele cinco anos atrás, depois que ele destruiu o carro da mamãe. Levei a culpa por ele e disse que era eu, mas me certifiquei de chutar sua bunda primeiro. Entrando, ele aperta um botão, e meus dedos do pé batem no chão enquanto nos leva para cima. Minha pele está pegando fogo, meu sangue fervendo. Se esses caras não matarem meu irmão, eu vou.

As portas se abrem e há um longo corredor. O homem nos leva à direita, caminhando pelo corredor estreito até uma porta. Ele a mantém aberta e entra em uma estrutura semelhante a uma arena cheia de pessoas.

É uma porra de um centro de eventos. Eles estão gritando e batendo palmas. Olho à minha frente para ver um ringue no centro. Dois homens estão dentro dela. Suas mãos estão para cima, e eles saltam de um pé para outro. Meus olhos se arregalam quando vejo que um deles é meu irmão.

—Filho da puta!

Ele está lutando novamente.

—Você vai precisar do seu cartão para entrar na sala, — o homem me diz.

—Obrigada, — rosno, sabendo que posso continuar a partir daqui. Corro para a frente, empurrando as pessoas para fora do meu caminho. Fico ali com os braços cruzados sobre o peito enquanto ele bate em um cara com tanta força que ele cai para o lado. As pessoas aplaudem, e o árbitro levanta o braço direito do meu irmão. Ele tem um sorriso enorme no rosto e sangue escorrendo pelo queixo.

Ele sai do ringue e caminha pela multidão. Os caras batem nas costas dele e as mulheres passam as mãos pelo corpo dele. O garoto tem apenas dezenove anos. Ele não pode nem beber álcool legalmente, muito menos brigar. Corro atrás dele. Chamo seu nome, mas ele não me ouve.

—Com licença senhorita. Você precisa de um passe para acessar aqui atrás, — diz um homem, vestindo uma camiseta preta com segurança escrita em amarelo.

Solto um grunhido enquanto tiro o cartão do bolso de trás. — Isso é bom o suficiente? — Empurro na cara dele. Ele dá um passo para o lado, me

permitindo passar. Vejo as costas do meu irmão antes que ele entre em uma sala à esquerda. Começo a correr e empurro a porta aberta para segui-lo. — O que diabos você pensa que está fazendo?

Ele se vira, e seus olhos se arregalam quando me vê. — April, o que você está...?

Dou um tapa no rosto dele, cortando-o. — O que diabos você fez? — Grito. Seus olhos arregalados me encaram, e novas lágrimas começam a arder nos meus. Seus olhos vagam pelo meu rosto, e ele franze a testa. Sei que pareço uma merda. Não limpei a maquiagem que já estava borrada antes de sair de casa. — Porra, Ethan! O que você fez? Por favor? O que é que você fez?

CAPÍTULO QUINZE

Grave

Entro na sala com Titan, prestes a dar uma surra no garoto. — Eu te avisei, — rosno. Ele me ignora enquanto olha para uma mulher diante dele. Meus olhos começam em suas botas pretas de salto alto, que amarram seu tornozelo. Então eles viajam sobre seu jeans skinny escuro que se encaixa perfeitamente em sua bunda. O cabelo roxo escuro cai sobre suas costas. Só pode ser uma mulher. — April? — Pergunto.

Ela se vira, e seus olhos encontram os meus. Lágrimas escorrem pelo seu rosto perfeito, e seus olhos azuis se arregalam quando me veem. — O que você está fazendo aqui? — Por que ela está nesta sala? Como diabos ela veio aqui? Ele a trouxe com ele esta noite? Pensando que eu não iria bater na bunda dele se ela estivesse com ele? A criança não me conhece.

— Porra! — Ethan sibila, virando as costas para nós.

Ela não me responde. Em vez disso, ela se vira para ele. — Pegue sua merda, estamos saindo! — Ela ordena.

—O que está acontecendo? — Pergunto, chegando atrás dela. Eles me ignoram. Agarro seu ombro e a giro para me encarar. Ela me afasta. —O que está acontecendo? — Exijo desta vez.

Ela bufa, cruzando os braços sobre o peito. —Você os enviou? — Ela exige.

Olho para Titan. Ele dá de ombros, tão sem noção quanto eu, e se inclina contra a parede. Seus olhos a olhando de cima a baixo, imaginando quem diabos ela é. —Enviar quem? Onde? — Sobre o que ela está falando?

Ela se vira para o irmão novamente. —Quanto você deve a ele, Ethan?
— Ela estala.

Sua mandíbula aperta, e franzo a testa.

—Porra, me responda! — Ela grita, fechando as mãos ao seu lado. Quando ele olha para longe dela, ela se vira para mim. —Como você pôde fazer isso? — Lágrimas frescas enchem seus olhos. —Você deveria ter vindo até mim.

—Eu não sei do que você está falando, — digo honestamente.

Ela começa a mexer em sua bolsa. Ela tira um talão de cheques antes de deixar a bolsa cair aos pés. —Eu te pagarei. Agora mesmo. Se você prometer deixar ele ir. — Ela lambe os lábios molhados.

—April, não sei...

—Cinquenta mil, — Ethan murmura, me interrompendo.

Nós dois olhamos para ele. Seu talão de cheques cai a seus pés, onde sua bolsa já está, e ela engasga. — Você deve cinquenta mil a ele? — Ela pergunta, piscando em descrença. Então suas mãos se fecham em punhos. — Eles destruíram a loja. Eles quebraram tudo, Ethan. O que vou fazer agora?

— Espere. O que? — Pergunto, olhando para ela.

Ela morde o lábio inferior e abaixa a cabeça, chorando baixinho. Suas mãos cobrem seu rosto e seus ombros começam a tremer.

Seguro seu rosto e a forço a olhar para mim. — Eles tocaram em você? — Exijo.

Ela se afasta e olha para longe de mim. — Eles fizeram o que você mandou.

Por que ela acha que fiz isso?

— Sinto muito, — ele diz a ela suavemente. — Eu não sabia...

Ela corre para ele. Seu corpo joga os dois na parede antes que ela o leve ao chão. Ele levanta as mãos para proteger o rosto enquanto ela fecha os punhos e começa a socá-lo. — Eles destruíram tudo! Eles vão te matar! — Ela grita, balançando os punhos para ele. Ela está chutando a bunda dele mais do que seu oponente estava no ringue.

Envolvo um braço em volta da cintura dela e a puxo de cima dele. Ela chuta e grita enquanto a jogo nos braços de Titan. — Leve ela ao escritório. Já estarei lá.

Ele a arrasta para fora, chutando e gritando. Olho para Ethan. Ele se levanta do chão e limpa o sangue de seus lábios. — Porra! Ela é louca...

Soco ele. Ele tropeça de volta para a mesa. — A quem diabos você deve cinquenta mil dólares?

Ele range os dentes e respira fundo. — Tive alguns problemas... tive que pedir dinheiro emprestado.

— Para que?

Ele estende a mão e esfrega o sangue do queixo. — Perdi em um jogo de pôquer. E eu precisava de um empréstimo. Disseram que eu tinha um mês para pagar. Foram apenas duas semanas.

Passo a mão pelo meu cabelo. Ele não tem idade suficiente para jogar, então tem que ser em algum lugar que esteja sob o radar. Estou rezando para que não seja onde acho que é. — Quem são eles?

Ele abaixa a cabeça. — Os irmãos Mason.

Inclino minha cabeça para trás e respiro fundo. Filho da puta! — Como eles sabem sobre a floricultura?

Ele engole. — Eu pedi para Turner Mason me encontrar lá outro dia quando ele me emprestou o dinheiro. No beco.

Fecho minhas mãos, lembrando a mim mesmo que não posso matar esse garoto. *Porra!* — April estava lá? — Ele assente e depois desvia o olhar. — Cai fora daqui! — Ordeno, apontando para a porta.

— Eu nunca quis que ela se machucasse. Ou a loja...

Agarro ele pela nuca já que ele ainda está sem camisa e o puxo para mim. — Vou pagar sua dívida. — Seus olhos se arregalam com isso. — Mas sua bunda vai me pagar cada centavo. Você entende isso? — Ele acena rapidamente. Empurro ele para a porta. — Cai fora!

Cross suspira, de pé junto à porta. Nunca o vi entrar. — Grave, cara, não tenho certeza se isso é uma boa ideia.

— Não perguntei a você! — Rosno. Então passo a mão pelo meu rosto. Porra. Preciso de uma bebida. Ou algo para ficar alto. Pegando meu celular, faço uma ligação enquanto saio da sala e sigo em direção ao décimo terceiro andar da torre um, onde estão nossos escritórios.



Saindo do nosso elevador privado, passo pela mesa de recepção vazia e desço o corredor, sabendo que ela está no escritório do meu irmão. Titan a levaria até lá.

Empurro a porta para encontrar ela sentada em uma cadeira de costas para mim. Meu irmão está sentado atrás da mesa, como sempre, com os olhos nela. Titan se inclina contra a parede, com os braços cruzados sobre o peito.

Ela se vira e pula da cadeira quando seus olhos lacrimejantes encontram os meus. Ando até ela e coloco minhas duas mãos em seu rosto manchado de lágrimas. — Eu cuidei disso.

— Você fez isso? — Ela pergunta, seus olhos azuis de gelo procurando os meus.

— Não. — Suspiro. — Não tive nada a ver com isso. Mas eu vou lidar com isso.

Ela funga.

— Quão ruim está a loja? — Pergunto.

— Destruída.

Meu peito aperta. — Eles te machucaram?

Ela morde o lábio inferior, mas fica quieta. Há um pequeno hematoma em sua bochecha. Removo minhas mãos de seu rosto e começo a passar sobre seus braços trêmulos, procurando por qualquer sinal de dano. Suas mãos têm pequenos cortes por toda parte, o sangue agora secou. Então passo através de seu cabelo roxo selvagem, e ela assobia em uma respiração. Sinto um corte e meus dentes cerram. — Quantos eram?

— Quatro, — ela sussurra.

— Quando isso aconteceu? — Titan pergunta, me surpreendendo.

Ela fica olhando para mim, mas responde a ele. — Esta noite. Talvez uma hora atrás.

Meu irmão se recosta em seu assento, soltando um suspiro. —Sabemos quem fez isso?

—Eu não sei quem eles eram, — ela responde a ele, mas aceno.

Conheço eles. Muito bem. — Vou te levar para casa, — digo a ela, e ela não discute.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Grave

Sáimos pela frente do hotel, e meu carro já está esperando por nós. —
Aqui está, Grave.

Ajudo ela a sentar no banco do passageiro e então sento atrás do volante. Colocando o carro em marcha, decolamos.

Ela olha pela janela, com a cabeça apoiada nela. — Eu não quero ir para casa, — ela afirma suavemente.

— Roses? — Pergunto.

Ela apenas acena.

— Certo. — Puxo o freio eletrônico e giro o volante, fazendo uma volta.

Meu telefone começa a tocar no carro silencioso, e pressiono ignorar quando vejo Lucy ligando. Vinte minutos depois, paramos na loja e ela não espera que eu abra a porta. Ela entra e a sigo. Tem vidro por toda parte. As três portas de vidro à esquerda estão todas quebradas. Flores e pétalas cobrem o chão junto com água. As prateleiras à direita que mantinham seus vasos foram arrancadas e pedaços delas também estão no chão.

—Tenho alguém vindo, — digo a ela.

Seus olhos encontram os meus. —O que?

—Fiz uma ligação. Um amigo meu está vindo para ficar de guarda na porta durante a noite. Então amanhã de manhã, tenho outro amigo vindo para limpar para você.

Ela olha para longe de mim, lágrimas se acumulando em seus olhos. — Você não precisa fazer isso.

—Eu sei.

Ela funga, e ando até ela. Colocando meus dedos em seu queixo, o levanto para que ela olhe para mim. A primeira lágrima escorre pelo seu rosto. —Eu... me desculpe pelo que disse antes...

—Não se preocupe com isso. — A verdade é que ela não estava longe. Isto é o que eu faço. O que os Kings fazem. Não posso culpar os irmãos Mason pelo que fizeram. Ou como eles fizeram isso. Mas posso cuidar desse problema. Vou pagar a dívida de Ethan, e tudo vai embora. E vou garantir que a loja dela esteja melhor do que nunca.

Ouçõ a campainha tocar, sinalizando que alguém está entrando, e a solto para me virar e encarar meu amigo Lance. —E aí cara. — Puxo ele para um meio abraço de homem.

Ele assobia olhando ao redor. —Adivinhando que você não fez isso? — Ele pergunta.

—Não. — Vem minha resposta cortada.

Ele assente, entendendo o ponto. — Vou ficar o tempo que você precisar.

Me viro, mas não a vejo. — April? — Chamo, caminhando em direção à parte de trás. Entro no escritório e vejo uma porta à esquerda aberta. Ouço água correndo. Entrando nele, vejo que é um banheiro pequeno, e ela está com as mãos debaixo da torneira, lavando. Me aproximo dela e as vejo a tremer. — Me deixe te ajudar. — Ela funga enquanto coloco um pouco de sabão em minhas mãos e cubro as dela com as minhas. Elas começam a tremer incontrolavelmente. — Ei. — As agarro com força. — Você está bem, — asseguro a ela. — Vou cuidar disso.

Ela abaixa a cabeça e tiro suas mãos da água.

— Olhe para mim, — ordeno. Ela levanta a cabeça, e meu peito aperta com o olhar de derrota em seus olhos. Tudo o que essa mulher passou, a morte da mãe, ter que largar a faculdade para assumir a loja da mãe, lidar com Ethan, é muito. — Eu prometo. Vou cuidar disso.

Ela puxa suas mãos molhadas e ensaboadas das minhas e as envolve em volta do meu pescoço, enterrando a cabeça no meu peito. — Obrigada, — ela soluça.

Deixo escapar um longo suspiro, apenas agradecido por ela ser capaz de ficar aqui na minha frente. Poderia ter sido muito pior. — Vamos. Vamos te limpar e vou te levar para casa.

— Não quero ir para casa.



April

Entramos no bar de Alexa e me sento em uma mesa no canto. Está mais escuro aqui, e a música não é tão alta, pois não há alto-falantes nesta área. Não estou aqui para festejar ou fazer amigos. Só quero uma bebida em silêncio.

Grave se senta ao meu lado. Ele permanece em silêncio. Odeio que ele esteja me ajudando depois que o acusei de mandá-los para a loja. Devo muito a ele por isso. Mas o que devo fazer? A dívida é grande demais para pagar. E não tenho esse tipo de dinheiro ou recursos, e estou no limite. A casa em que Ethan e eu moramos não está paga. O negócio andou devagar e não queria fechar, então, egoisticamente, peguei um empréstimo para mantê-lo aberto. Achei que estava fazendo a coisa certa. Agora percebo que estava errado. É por isso que Ethan não veio até mim? Porque ele sabia que eu não podia me dar ao luxo de ajudá-lo? Ele tem que saber que teria feito qualquer coisa para salvá-lo, mesmo que isso significasse vender a loja. Ele é a pessoa mais importante da minha vida. Ele é tudo que me resta.

—April? — Derek vem até a nossa mesa com um grande sorriso no rosto, mas cai no momento em que ele me vê. —O que diabos aconteceu com você?

—Estou bem. — Aceno para ele, não com vontade de falar sobre isso. Lavei o sangue seco e a pouca maquiagem que me restava, mas estou com o rosto machucado e cortes nas mãos.

—April...

—Bourbon, — o interrompo, sabendo que uma Corona não vai funcionar esta noite.

—Eu vou ter o que ela está tendo, — Grave fala, e Derek olha para ele. Seus olhos escuros se estreitam nele como se ele tivesse acabado de perceber que não estou sozinha.

Os olhos de Derek percorrem o braço e o pescoço tatuados de Grave. Em seguida, os piercings em seu rosto. Ele não está impressionado. — Achei que conhecia todos os amigos de April. — Ele arqueia uma sobrancelha escura.

—Você conhece, — anuncio. Minhas palavras não ofendem Grave nem um pouco. Ele se recosta na cabine, abre os braços sobre o couro e sorri para Derek.

—April, esse é Grave, — ele rosna, seus olhos crescendo quando ele percebe quem é o cara ao meu lado. —Ele é dono de um quarto do Kingdom...

—Eu sei, — corto ele. Derek abre a boca, mas falo primeiro. — Vim para uma bebida. Não uma palestra.

Ele se vira sem dizer outra palavra.

—Ex? — Grave pergunta.

—Algo parecido. — Coloco os cotovelos sobre a mesa e abaixo a cabeça, tentando não pensar no que aconteceu esta noite, mas não consigo. Lágrimas de raiva ameaçam meus olhos. Fungo.

—Ei. — Sinto sua mão nas minhas costas e me afasto dele.

—Não, — aviso. —Não aja como se você se importasse.

Ele suspira. — Claro que sim, ou não teria cuidado disso.

—Eu não precisava de você para fazer isso, — estalo, olhando para ele.

Seus olhos azuis percorrem meu rosto antes de pousar no meu. Planejo ficar fodida, e sei que não vai demorar muito para convencê-lo a chegar lá.

—Como você iria pagar?

—Eu teria pensado em alguma coisa, — assobio, irritada com ele. Mas não tenho certeza por quê. Não é culpa dele. Odeio pedir ajuda. E odeio ainda mais que foi ele quem ofereceu. Ele sabe que não posso me dar ao luxo de recusar.

Ele se inclina para frente, colocando os antebraços sobre a mesa, aproximando seu rosto do meu. Me abstenho de me afastar. —O que você teria feito se eles tivessem exigido o pagamento de você? — Ele arqueia uma sobrancelha perfurada.

Meu estômago dá um nó com suas palavras. —O que exatamente você está insinuando?

Ele estende a mão, pegando algumas mechas do meu cabelo roxo entre os dedos. Seus olhos observam o movimento antes de correr pelo meu pescoço e meu rosto. —Você é muito bonita, April. — Seus olhos encontram os meus, e minha respiração acelera, lembrando do fim de semana que acabamos de passar juntos e como parece que foi há uma vida inteira. —Homens como os irmãos Mason pegam o que querem. Então, minha pergunta é, o que você teria feito se eles quisessem você?

CAPÍTULO DEZESSETE

Grave

Os irmãos Mason não estupram mulheres, mas isso não significa que seus bandidos não o fariam. Não tenho dúvidas de que se um deles a quisesse, eles teriam feito isso. A única coisa que a impedia de ser agredida sexualmente era que eles queriam dinheiro dela. Se eles tivessem se forçado sobre ela, eles a teriam matado depois. Então os irmãos Mason os teriam matado.

Ela desvia o olhar de mim, descartando a direção que essa conversa estava tomando assim que o punk retorna com nossas bebidas. — Aqui está. — Ele entrega a dela e bate a minha na mesa. Então ele se vira e caminha de volta para o bar.

Pego a minha e brinco, tentando aliviar o clima. — Eles não guardam veneno de rato nos fundos, guardam?

Ela bufa e toma a dela em um gole e puxa a minha das minhas mãos. Ela toma, assobiando em uma respiração.



Duas horas se passaram e estou desejando uma dose. April está bêbada. Ela mal consegue manter os olhos abertos. Ela não falou muito. Mas Derek não tirou os olhos de nós de seu posto atrás do bar.

Eles têm um passado. Só não tenho certeza de quanto longe isso vai. O cara obviamente tem uma queda por ela, e não é difícil dizer que eles transaram. Ele me vê como seu concorrente, mas tenho novidades para ele, não há nada que ele possa fazer para me vencer. Se eu quiser, eu ganho.

April chama minha atenção quando bate o copo vazio na mesa. — Estou pronta... para ir. — Ela soluça.

— Tudo bem. — Tiro algumas centenas de dólares da minha carteira e os jogo no centro da mesa. Então saio da cabine e estendo minha mão para ela. Ela vai precisar de ajuda para sair deste lugar.

— April? — O idiota vem até a mesa. — Você precisa ficar. Tome um pouco de água...

— Ela vai ficar bem, — digo a ele, empurrando ele para fora do caminho.

Ela pega minha mão e desliza pelo couro. Uma vez que ela atinge seus pés, ela tropeça em mim. Envolver um braço em volta de sua cintura pequena e jogo o dela por cima do meu ombro.

— April. — Ele avança mim. Seu peito pressionado contra o meu. Tenho quinze centímetros sobre ele, mas também estou segurando uma mulher muito bêbada. Ambas as minhas mãos estão cheias.

— Se afaste, — aviso.

— Ou o que? — Ele sorri. — Vai me bater?

O filho da puta sabe que não posso bater nele. Se sim, ela cairá. Então uso a outra opção que tenho. Minha perna. Dou uma joelhada nas bolas do filho da puta. Ele cai de joelhos, forçando-o para o chão desagradável do bar quando ele se dobra. Reajusto April, e vamos para o meu carro.



April

Sei que ficar bêbada era irresponsável. Estou afogando meus problemas por enquanto, o que nunca realmente faço. Eles ainda vão estar aqui amanhã, mas vou lidar com eles então. Caio em seu banco do passageiro, e ele fecha minha porta. Meu rosto cai em minhas mãos, e tento o meu melhor para não chorar. Gritar. Se meu irmão estivesse aqui, daria um soco nele de novo só para mostrar meu ponto de vista.

— Ei. — Ele acaricia minhas costas enquanto nos sentamos no estacionamento. Me viro para ele, deixando-o me abraçar.

—Isso era tudo o que ela tinha. — Fungo, inalando sua colônia enquanto enterro meu rosto em sua camisa.

—Olhe para mim. — Ele coloca os dedos sob meu queixo e o levanta, então tenho que olhar para ele. — Vou cuidar disso. Eu prometo. É apenas uma lombada.

—Não vou poder retribuir. — Essa é a pílula mais difícil de engolir. Nossa mãe nos criou para viver dentro de nossas possibilidades, mas isso está indo longe demais. Talvez devesse vender o prédio como está e ir embora.

—Você não vai me dever nada. — Ele se inclina para frente e beija minha testa, e sento no banco do passageiro enquanto ele aperta meu cinto de segurança, então liga o carro antes de sair do estacionamento para me levar para casa.

Coloco minha testa contra sua janela fria e minhas pálpebras se fecham sozinhas.

—April? — Ouço a voz dele.

—Hmm? — Abro meus olhos pesados.

—Estamos aqui. — Ele desliga o carro.

Abro a porta e consigo sair do banco do passageiro. Ele está lá no momento seguinte para me ajudar a subir as escadas e entrar na casa. — Ethan? — Chamo assim que entramos. —Ethan? — Não recebo resposta. — É melhor ele estar aqui. — Bocejo.

— Vou verificar, — ele me garante.

Ele me ajuda a subir as escadas e entrar no meu quarto. Nem me importo em tomar banho agora. Pego minha camisa e a levanto sobre minha cabeça antes de jogá-la no chão. Então tiro meus sapatos e abro meu jeans. Viro para ver que estou sozinho no meu quarto. — Grave? — Empurro meu jeans pelas minhas pernas e caio na minha cama. Meus lençóis parecem bons e frios. Fecho meus olhos pesados, mas os abro um segundo depois.

— Aqui. Pegue isso. — Ele está ao lado da minha cama com um copo de água e duas aspirinas.

Pego e, em seguida, tomo um gole da água antes de devolver a ele. Ele o coloca na minha mesa de cabeceira e puxa as cobertas até o meu pescoço. Então ele passa a mão quente na minha testa.

— Obrigada, — sussurro. Meus olhos ficam pesados novamente. Pode ser a perda de adrenalina ou as bebidas que tomei. Possivelmente uma combinação dos dois.

Ele sorri para mim, seus dentes perfeitamente retos brilhando na luz suave da minha janela. — Estou sempre aqui para você, April.

— Eu gosto de você, — admito sem vergonha. O eu sóbrio ficaria com o rosto vermelho, mas April bêbada não dá a mínima. É por isso que não bebo com muita frequência, a verdade sempre vai te morder na bunda no dia seguinte. Foi assim que terminei as coisas com Derek. Estava bêbada e

disse a ele que, embora o sexo fosse bom, não nos via com um futuro. Felizmente, ele ainda podia ser meu amigo.

Ele ri. — Fico feliz em ouvir isso porque gosto de você também. — Sento, colocando meu rosto contra o dele. Seu sorriso de cair a calcinha desaparece instantaneamente. Estendo a mão e corro minha mão por sua camisa. Posso sentir seus músculos tensos embaixo dela. — April...

— Shh, — digo contra seus lábios. — Quero você. — E inclino para ele. Meus lábios pressionando contra os dele enquanto meus olhos pesados se fecham.

Sua mão cobre meu rosto, e ele me beija suavemente, delicadamente. Abro minha boca para ele aprofundar o beijo, mas ele se afasta. Respiro fundo. — Não devemos. Não essa noite. — Ele respira fundo, colocando sua testa na minha.

— Grave...

Meu celular tocando na minha bolsa no chão me interrompe. Ele se levanta da cama, andando até ela, e me deito. Meu coração bate forte, minha mente enevoada e minha boceta molhada. Não era assim que imaginava minha noite.

— Alô? — Ouço ele responder. Nem me dou ao trabalho de perguntar quem é. — Sim. — Ele abaixa a voz e vira as costas para mim, mas ainda posso ouvir. — Você pode vir para a casa de April e ficar com ela esta noite? — Ele faz uma pausa. — Nós saímos, e ela tomou algumas bebidas... — Bufo com essa mentira. — Obrigado. — Ele desliga e caminha para o lado

da cama novamente, colocando meu celular na mesa de cabeceira. A tela está quebrada, mas ainda funciona. Vou ter que ir comprar um novo pela manhã. — Era Jasmine. Ela está a caminho de ficar com você.

— Por que você não pode ficar comigo? — Pergunto através de um bocejo.

— Tenho um lugar para estar.

CAPÍTULO DEZOITO

Grave

O Airport é para os irmãos Mason como o Kingdom é para nós, Kings. Eles governam seu domínio. Mas os Kings fazem merda em um cassino legítimo, enquanto os garotos Mason administram a maioria deles ilegalmente. Entro no estacionamento que antigamente estava cheio de carros alugados. Os irmãos Mason vivem como os Kings. Nada está fora de alcance. Eles vivem como os bilionários que são. Administrar um negócio multibilionário tem suas vantagens. Saindo, ando pelo estacionamento e até as portas duplas na parte de trás como se fosse o dono do lugar.

—Grave, não sabia que você estava lutando esta noite, — um homem chamado Miles diz quando passo.

—Eu não estou, — falo, andando até o elevador. Me leva até o quinto nível e, quando saio, dois homens me encontram com metralhadoras apontadas para mim.

—Ah, — diz Harry. —Desculpe, Grave.

—Não se preocupe, — digo enquanto eles abaixam suas armas. Os irmãos mantêm este lugar altamente guardado por muitas razões. Uma é

que há sempre alguns milhões de dólares no local. Dinheiro que eles mantêm em uma sala segura, mas ainda assim. Ao longo dos anos, os homens tentaram obter acesso a ela. O local chegou a ser incendiado uma vez, mas nenhum centavo foi roubado. Todos os quatro homens foram enforcados na noite seguinte.

Os irmãos Mason os usaram como exemplo.

Aceno para os dois caras e passo por eles. Chegando à porta no final do corredor, abro e entro. Quatro caras sentados em uma mesa redonda. Trey Mason olha para mim. Seus olhos escuros enrugam nas bordas de seu sorriso largo. Ele usa seu coldre de ombro com uma Desert Eagle em cada um. Elas parecem grandes demais para sua construção menor. Inclinando para trás em seu assento, ele dá uma tragada no cigarro antes de apagá-lo. — Grave.

O homem que está na mesa à direita, enfiando armas em estojos, se vira e olha para mim. É Tanner Mason. Ele é o irmão mais velho, e pensei que ele estava na prisão. Sem outra palavra, ele volta a embalar as armas.

Trey se levanta e caminha até mim, me puxando para um aperto de mão/abraço viril. Ele dá um tapa nas minhas costas. —O que está acontecendo?

—Não muito, — digo, olhando ao redor da sala. —Onde está Turner? — Ele geralmente lida com esses tipos de situações. Ele é o irmão do meio. Trey, aqui, é o bebê. Eles não o deixam cuidar muito quando se trata de negócios. E realmente não quero ter que falar com Tanner. Ele me odeia, mas tem uma razão legítima para isso.

—Ele está carregando o caminhão, se preparando para uma corrida para Phoenix amanhã, — ele responde, verificando o relógio.

Aceno. Entre outras coisas, os irmãos Mason vendem armas e munições para o Cartel Mexicano. Eles estão tão profundos quanto você pode chegar com eles.

—Grave? — Um cara que se senta à mesa redonda olha para mim. Posso dizer pelo olhar em seus olhos que ele está chapado. Sem mencionar as linhas de coca que estão diante dele em um pequeno espelho. —Eu conheço você.

—Eu não te conheço, — respondo.

Ele sorri. — Você me ganhou vinte mil no fim de semana passado.

Ahh, entendi. *Minha luta*. — De nada.

—Eu disse a você, — acrescenta Trey. — O cara nunca perde uma luta.

—Por que você está aqui, Grave? — Tanner me reconhece. Sua voz mostra sua irritação.

Endireito meus ombros. —Posso falar com vocês dois? — Poderia também incluir ele. Se ele estiver presente, ele é o chefe. — Em particular?

Os olhos de Tanner caem para a mochila que estou carregando e assente. —No escritório. — Ele gesticula com o queixo para a porta no fundo da sala.

Trey e eu o seguimos e entramos na sala. Na parede atrás da mesa há uma enorme foto de uma mulher emoldurada em madeira preta. A câmera

está acima, olhando para ela. Ela está deitada de costas no meio de uma cama king-size com os braços e as pernas bem abertos. Cada membro é amarrado a cada poste de canto de madeira com corda. Há uma venda preta cobrindo seus olhos. Seus seios falsos ficam eretos, embora ela esteja deitada de costas. Ambos os mamilos perfurados com piercings. Sua boca é mantida aberta com uma mordaca para manter a boca aberta, como um anel conectado a um cinto de couro. Na barriga dela está escrito 'me use' com tinta negra.

Há rumores de que o pai deles deu a eles quando eles assumiram o negócio. É um lembrete de que os homens fazem o que querem. Eles vêm como quiserem. As mulheres são apenas brinquedos para serem usados.

—O que é que você quer, Grave? — Tanner pergunta, sentado na mesa, chamando minha atenção. —Precisa de algum poder de fogo?

—Hoje não. — Jogo a bolsa na superfície e abro. —São cinquenta mil.

Tanner arqueia uma sobrancelha, olhando para ela, então de volta para mim. —Se você quer alguém morto, terá que pagar mais do que isso.

Trey bufa.

Não preciso de um assassino. —Eu posso fazer isso sozinho. — Nós nunca usamos os Mason para ajudar. Meu irmão realmente os odeia. Titan não tem nada a ver com eles. E não me importo com eles e nem Cross. Costumava passar muito tempo com Trey no passado até que fodemos juntos, e ele fez um trabalho que levou Tanner para a cadeia. — Isso é sobre April.

Suas sobrancelhas se juntam. — Isso deveria significar alguma coisa?

— Roses, — afirmo.

— Ah, a pequena loja de flores. — Ele concorda. — O que tem isso?

— O irmão dela deve dinheiro a você. E isso... — Aponto para o dinheiro. — É o pagamento.

Trey sorri. — Então meus goonies foram capazes de fazer ele pagar. Ele estava com muito medo de vir me pagar?

— Não.

— Então o que...?

— Estou fazendo isso pela irmã dele. — As sobrancelhas de Trey sobem com a declaração. — Quando seus goonies apareceram, ela era a única lá.

Ele não diz nada sobre isso porque ele já sabia. Seus caras teriam relatado isso de volta para ele. Então ele também está ciente de que eles colocaram as mãos sobre ela.

— Então... você está pagando a dívida do garoto. — Tanner fala. — Que generoso de sua parte.

Meus dentes rangem. Mostrar preocupação com uma mulher mostra fraqueza. E tenho fodido sua irmãzinha por anos sem nenhuma preocupação no mundo. — Eu disse a ele que ele vai me pagar de volta.

— Estou ouvindo. — Tanner se inclina para frente na mesa.

—Sua bunda estará em seu ringue. Brigando. Até eu ser pago integralmente com juros.

Ele concorda. — Vou colocar ele no elenco.

Sabia que ele não se importaria. — Mais uma coisa.

—O que é isso? — Ele suspira, olhando para o relógio como se o estivesse impedindo de algo importante.

—Me prometa que você não vai voltar para Roses.

—Grave...

Eu não terminei. — E você não vai tocar em April.

Ele se levanta, seus ombros retos. Os irmãos Mason não gostam que lhes digam o que fazer. Os Kings não necessariamente trabalham com eles. Cada um de nós fica em seus próprios cantos, por si só. Mas preciso da palavra dele porque vou mantê-lo fiel a ela.

Ele começa a andar ao redor da mesa, inclinando contra ela, e coloca as mãos nos bolsos da frente de seu jeans preto. — E você?

—E quanto a mim? — Pergunto, já sabendo exatamente para onde isso está indo. Eu esperava.

—Eu quero você nessa lista. Você luta. Aqui.

Não luto aqui há anos. Crescendo, foi aqui que eu vim. Naquela época, você estava limitado em onde você poderia bater em alguém. Agora que possuo Kingdom, posso entrar naquele ringue quando diabos quiser. Não sou um lutador de MMA ou um boxeador. Não faço isso por dinheiro. Faço

isso porque eu literalmente quero bater em alguém. Mas sabia que o dinheiro não seria suficiente. Não quando eles são apresentados a uma oportunidade de fazer mais, eu faria a mesma coisa. — Vou lutar.

Finalmente, ele assente. — Então você tem minha palavra. Não tocaremos no Roses ou April. Mas não posso prometer nada ao garoto. Ele está muito aqui. Esta não é a primeira vez que ele nos deve dinheiro.

— Eu vou lidar com ele, — declaro. Vou enrolar uma porra de uma coleira de choque em volta do pescoço dele, se for necessário.

— Então está resolvido. — Ele pega a bolsa e sai. Provavelmente para colocá-la na sala segura.

Trey vem até mim e me dá um tapa no ombro. — Vamos nos divertir.

Quero dizer não, mas em vez disso, o encontro me levando para fora do escritório e de volta para a mesa que fica no centro da sala. Me sento em um assento assim que a porta se abre. Vejo Lucy entrar e suspiro interiormente. Tenho ignorado ela.

Ela usa uma minissaia de couro preto com saltos que amarram suas panturrilhas e uma camisa branca transparente com um sutiã preto. Seu cabelo loiro descolorido está preso em um rabo de cavalo alto e parece que a maquiagem que sobrou ainda está de ontem.

— Ei, querido. — Ela caminha até mim. — Não sabia que você estaria aqui. — Ela empurra minha cadeira para trás e monta minhas pernas antes que eu tenha a chance de evitar a situação. Sua saia subindo no processo.

Meus olhos caem para sua boceta coberta de renda preta e depois de volta para ela. Imediatamente penso em April, e meus lábios nos dela em seu quarto uma hora atrás. Ela me queria. Eu a queria. Porra, como a queria. Mas ela estava bêbada e foi atacada. Ela precisava descansar e se curar. Eu precisava dar o fora de lá e cuidar dos negócios antes que os Mason enviassem suas cadelas de volta para causar mais danos. Só estou grato por Jasmine ter ligado para ela. Ethan não estava na casa, então não há como dizer onde está aquele moleque punk. Precisava de alguém lá olhando para ela. Para sua segurança e minha sanidade.

—Ei. — Lucy chama minha atenção, envolvendo os braços em volta do meu pescoço e sussurrando no meu ouvido. —Eu tenho saudade de você.
— Ela começa a esfregar seus quadris nos meus.

Vejo Trey me observando com o canto do olho. Ele está absorvendo. Vendo como eu reajo a ela. Acabei de pagar cinquenta mil e os fiz jurar que não tocariam em April. Eles sabem que há algo acontecendo lá. Preciso desempenhar meu papel com Lucy por enquanto. Já que ela está seminua no meu colo e nunca a rejeitei antes.

Minhas mãos agarram suas coxas e lambo meus lábios. —Tentei ligar para você mais cedo. — Mentira. —Foi direto para o correio de voz.

A porta se abre e Tanner entra novamente, seguido por Turner. —Jesus Cristo, Lucy. Tenha um pouco de respeito por si mesma! — Ele sibila.

Turner Mason é o filho do meio. Ele corre para o Cartel e elimina a concorrência. Ele é seu próprio assassino pessoal. Ele e Tanner são todos profissionais, mas Tanner não se importa de molhar o pau, não importa a

situação. O pau de Turner é um pouco mais complicado do que isso. Ele costumava ser obcecado por uma garota. Não conheço toda a situação, mas não me surpreenderia se ele a sequestrasse e a mantivesse amarrada a uma cama, imitando a garota da foto que está pendurada em seu escritório.

Sua cabeça se vira para encará-lo. — Vai se foder, Turner!

Tanner joga minha mochila agora vazia na minha cadeira. Turner apenas balança a cabeça em decepção com sua irmã. Lucy cresceu sem mãe. Ela tinha seus irmãos e um pai, então tudo que ela conhece são homens. Não estou dizendo que é uma desculpa. Só estou dizendo que entendo onde ela pensa que tem que estar seminua e chapada para chamar atenção. Seu pai a criou para ser como a mulher na foto pendurada na parede do escritório. E se eu dissesse a ela que queria fazer a mesma coisa com ela agora mesmo nesta mesa enquanto todos assistiam, ela diria sim em um piscar de olhos.

Eu não gosto disso, bondage, BDSM, *rastejar para mim de quatro e lamber meus sapatos enquanto me chama de papai*. Bones está, no entanto. Bones tem que estar no controle em todos os aspectos de sua vida. É por isso que ele fica sóbrio, e estou sempre chapado. Gosto da experiência fora de controle.

Posso ser agressivo na cama? Absolutamente. Mas não gosto de degradar mulheres.

—Ele é um idiota, — ela rosna, observando Turner por cima do meu ombro enquanto ela ainda monta em meus quadris.

—Quando Tanner saiu? — Sussurro em seu ouvido para que ninguém possa nos ouvir.

—Semana passada. Queria que ele voltasse pra lá.

Minhas sobrancelhas arqueiam. Eles costumavam ser próximos desde que foi ele quem acabou criando ela. O pai deles faleceu quando ela tinha treze anos, e Tanner assumiu o papel de pai, mas era tarde demais. Ela já tinha sido preparada para ser uma prostituta e precisava da aceitação de qualquer homem que ela pudesse colocar suas mãos. Mas não penso menos nela. Nunca fui de julgar alguém, e não vou começar agora.

—Vamos voltar para a minha casa, — ela oferece, beijando meu pescoço.

Porra! Não vou dormir com ela agora. Não depois que dormi com April. É quem eu quero. É por isso que tenho evitado Lucy.

—Não, ele está aqui para sair com a gente. — Trey me salva. —Então saia do pau dele e vá trabalhar um pouco. — Ele desliza o espelho coberto de cocaína, lâmina de barbear e nota de cem dólares para mim.

—Trey... — Ela começa a choramingar.

—Você o ouviu, — Tanner late para ela. — Vá trabalhar, Lucy.

Ela olha para ele por cima do meu ombro, e é por isso que ela quer que ele volte para a prisão, ele está fazendo ela trabalhar. Provavelmente servindo bebidas ou fazendo apostas no pit para as lutas.

—Fodido filho da puta, — ela sibila, saindo do meu colo e empurrando a saia pelas coxas. Trey ri dela enquanto ela sai furiosa.



April

Acordo com uma dor de cabeça latejante. Rolando de lado, enterro meu rosto no travesseiro e gemo.

—Tão duro, hein?

Sento com um grito ao som da outra voz.

—Uau. — Jasmine ergue as mãos com as costas apoiadas na minha cabeceira.

—O que você está fazendo aqui? — Pergunto, colocando minha mão no meu peito latejante.

Ela inclina a cabeça para o lado e franze a testa. —Droga. Você estava muito bêbada ontem à noite.

Caio de volta na cama.

—Eu liguei para você, e Grave respondeu, me pedindo para ficar com você. Algo sobre você estar bêbada. Ele tinha algo para fazer e não queria te deixar sozinha.

—Grave pediu que você viesse? — Olho para ela.

Ela acena com a cabeça, empurrando um doce em sua boca. —Ele esperou que eu chegasse aqui antes de sair.

Sorrio e puxo as cobertas até o meu pescoço antes de rolar para o meu lado para encarar ela.

—Oh Deus. — Ela ri.

—O que? — Pergunto.

—Conheço esse olhar. Você gosta dele, — ela afirma com naturalidade.

—Eu...

—Gosta muito, muito mesmo dele. — Ela mexe as sobrancelhas escuras.

Puxo as cobertas sobre minha cabeça para que ela não possa ver minhas bochechas ficarem da cor de seus doces.

Ela as arranca e sorri para mim. — Ele precisa de alguém como você.

—O que isso significa? — Pergunto, sentando e puxando as cobertas comigo. Enfio minha mão em seu saco e pego um doce.

—Grave pode ser um cara legal. Ele só precisa de alguém que esteja disposto a endireitar ele.

Isso não me ajudou a entender nem um pouco. —Ou ainda estou dormindo ou estou bêbada demais para entender suas palavras.

Ela suspira. — Grave não é um daqueles caras que esconde seus sentimentos. Ele sente mais do que qualquer um que eu conheço, e quando cheguei aqui ontem à noite, percebi que ele se importa com você.

Meu coração começa a acelerar com suas palavras. — Por que? O que ele fez?

— O fato de ele não ter ido embora até eu chegar me diz tudo o que preciso saber.

— Quão bem você o conhece? — Não consigo passar tempo sozinha com Jasmine, mas lembro de Grave falando sobre conhecer ela muito bem.

— Conheço ele toda a minha vida. — Ela come outro doce. — Depois que sua mãe faleceu, ele...

— Espere. — Coloco minha mão para cima. — A mãe dele morreu? Quando? — Foi assim que o conheci. Ele encomendou flores para o aniversário de sua mãe.

— Ah, me deixe pensar. — Ela levanta a mão direita. — Acho que ele tinha dezoito anos quando ela morreu. Pode ter sido dezessete. Estávamos no ensino médio.

Ignoro ela enquanto olho para minha parede, tentando descobrir por que ele pediu flores para ela se ela está morta. Quer dizer, sei que as pessoas colocam flores nos túmulos de entes queridos que perderam, mas ele nunca mencionou isso. Ele fez parecer que ela estava viva. Ele até me disse que ela as amaria. Por que ele...?

Fecho meus olhos. Eu tinha escrito um cartão. Ele deixou em branco, e pensei que tinha sido um erro. Eu estava errada. *Merda!* — Porra! — Rosno.

— O que? — Ela pergunta.

Abro os olhos e franzi o rosto. — Acho que fiz algo ruim.

— Oh. — Seus olhos verdes ficam grandes de excitação. — Me conte. Me conte. Sou incrível em guardar segredos.

CAPÍTULO DEZENOVE

Grave

Bato na porta da suíte do hotel no Kingdom.

—Estou indo. — Ouço a voz da mulher. Segundos depois, abre. —
Grave, oi.

—Posso entrar? — Pergunto a ela.

—Claro. — Ela dá um passo para o lado e entro na suíte, olhando ao
redor.

—Tudo certo? — Ela pergunta atrás de mim.

Me viro para encarar ela. —Sim, só queria vir e te dar isso. — Enfio a
mão no bolso de trás e tiro o envelope cheio de dinheiro.

—Grave. — Natalie levanta as mãos, balançando a cabeça. —Não posso
aceitar isso...

—Preciso que você se esconda aqui por mais algumas semanas.

Seus olhos se arregalam. —Grave...

—Já cuido disso. — Prometo a ela. —Só preciso que você me prometa.

Ela assente, mordendo o lábio inferior.

—Ele tentou entrar em contato com você?

—Sim. — Ela suspira. — Liguei para meu provedor e o bloqueei.

—Bom. Isso é bom. — Começo a andar de volta para a porta. — Tenho que ir, só queria passar por aqui e dizer que tudo vai ficar bem. — Entrego o envelope novamente e desta vez ela o pega.

Saindo de sua suíte, desço até a garagem para pegar meu carro. A caminho do Roses.



—Obrigado, cara, — digo a Lance.

—Sem problemas. Me deixe saber se você precisar de mim novamente, — diz ele, saindo pela porta da frente do Roses.

Me dirijo a um bom amigo meu que é dono da Landing Construction. Enviei-lhe uma mensagem ontem à noite para me encontrar aqui logo de manhã. — Quanto tempo você acha que vai levar? — Pergunto.

Ele está andando, o celular na mão, tomando notas. —Honestamente?
— Ele suspira. — Talvez uma semana. — Ele dá de ombros. — Mas isso é quando as peças chegam. — Ele vai até onde antes estavam as três portas

de vidro. — Peguei as medidas do vidro e das prateleiras. — Ele olha para o outro lado da sala onde os vasos estavam. — Instalar não levará muito tempo, no entanto. Minha equipe poderia fazer isso em alguns dias.

Aceno. — Apenas me deixe saber o que devo a você.

Ele bloqueia o telefone e o coloca no bolso de trás. — Vou fazer até o almoço e te aviso.

Olho para cima quando o sino toca e vejo April entrar. Ela tem um boné de beisebol branco com o cabelo preso em um rabo de cavalo que está saindo pelas costas. Ela veste uma camiseta preta com shorts jeans cortados e um par de Superstars pretos. Um café na mão direita e óculos escuros protegendo os olhos.

Dou um tapa nas costas dele, dispensando-o. — Parece bom.

— Senhorita. — Ele acena para ela enquanto sai do Roses.

— Quem era aquele? — Ela pergunta, vindo até mim.

— Esse era o homem que vai fazer este lugar parecer novo, — respondo, deixando meus olhos correrem sobre suas pernas nuas. Meu pau me lembra que a rejeitei ontem à noite. Minha mente me lembra que era a coisa certa a fazer. — Como você está se sentindo? — Limpo minha garganta e tento pensar em qualquer coisa além de mim e ela nus em sua cama.

— Como merda atropelada de cachorro.

Franzo a testa. — Por que você não está em casa na cama?

Ela tira os óculos e os joga no balcão da frente e começa a andar em direção aos fundos. — Porque meu irmão nunca voltou para casa ontem à noite, então imaginei que ele estaria aqui.

Sigo ela até o escritório dos fundos. Ela empurra a porta aberta, e está vazio. — Estou aqui há uma hora e não o vi.

Ela suspira, passando a mão pelo rosto antes de olhar para mim. Ela lavou o rosto da maquiagem da noite passada. Caindo na cadeira atrás da mesa, ela arranca o boné da cabeça. — Quem fez isto? — Ela pergunta.

— Os irmãos Mason, — respondo. Ela abaixa a cabeça, mas não diz nada sobre isso. Duvido muito que ela saiba quem eles são. — Você precisa ir para casa, — digo a ela.

Seus olhos se estreitam para mim. — Preciso estar aqui.

— Não há nada que você possa fazer agora. Mande limpar o local e o empreiteiro estava aqui. Pode levar algumas semanas até que esteja pronto para reabrir.

Ela bate os punhos na mesa. — Eu vou matá-lo, porra.

— Eu cuidei disso.

— Não precisaria da sua ajuda se ele não tivesse fodido alguém! — Ela grita.

Mudo de assunto. — Como você chegou aqui? — O carro dela estava no Kingdom ontem à noite quando saímos no meu.

— Jasmine me levou para comprar um novo telefone desde que minha tela estava quebrada. Então para o Kingdom para pegar meu carro, — ela rosna. — E por que você a fez ficar comigo? — Ela arqueia uma sobrancelha escura. — Eu não precisava de uma babá, Grave.

Ela precisava. Mas não estou dizendo isso a ela. Vi ela bater no irmão como se ele não fosse nada, então não quero que ela salte sobre a mesa e venha até mim. Um, ela se machucou, e dois, fui criado para não bater em mulheres, mesmo que elas soquem você. Felizmente, o som do sino tocando me tira de ter que mentir para ela. Ela se levanta da mesa e sai correndo do escritório.

— Onde diabos você esteve? — Ouço sua demanda antes mesmo de voltar para a frente da loja.

Ethan está lá com um olho roxo e lábio arrebitado. Ele olha em volta e suspira. — Eu te disse que estava arrependido?

— Suas palavras não significam nada! — Ela gruda nele. Ando atrás dela e coloco minhas mãos em seus ombros. Ela me dá de ombros e entra nele. — Você pagará a Grave de volta por cada centavo.

— Sim, senhora. — Ele concorda.

Cruzo os braços sobre o peito, esperando que ele diga a ela que já lhe disse isso, mas ele não diz.

— E você estará aqui no Roses trabalhando todos os dias no momento em que reabrirmos, — acrescenta ela.

Ele concorda. — Sim, senhora.

—Sua bunda estará em casa às nove horas todas as noites, e você sempre me informará onde está! — Ele abre a boca, mas ela continua. —E você não tem mais permissão para ir no Kingdom. Você é muito jovem para estar lá de qualquer maneira!

Ele acena com a cabeça mais uma vez. — Sim, senhora.

Com isso, ela se vira e volta para o escritório, batendo a porta.



April

Faz uma semana desde que descobri que meu irmão devia aos irmãos Mason. Me sinto mal por ter gritado com Ethan na manhã seguinte. Me tornei uma mãe para ele, não mais uma irmã, mas sinto que ele está fazendo escolhas ruins de vida que vão matá-lo. Se isso significa ser seu inimigo, posso viver comigo mesma. Até agora, ele manteve sua palavra. Ele está na loja me ajudando a colocá-la de volta em funcionamento. E em casa todas as noites. Ele não fala muito comigo, mas pode me odiar o quanto quiser, desde que siga as regras.

Saio do meu chuveiro e enrolo uma toalha em volta do meu peito, prendo e vejo Grave na minha pia escovando os dentes. Não consigo ver ele muito. Kingdom ocupa a maior parte de seu tempo. Pelo menos, espero

que seja onde ele esteja e não com Lucy. A pergunta está sempre na ponta da minha língua, mas sou muito covarde para perguntar. Me inclino contra o balcão e olho para ele. — Isso é minha culpa, — admito. A vergonha toma conta de mim. Isso me lembra que falhei com Ethan. Poderia ter sido melhor. É minha culpa que estamos na bagunça em que estamos de qualquer maneira.

Ele enxagua a boca e larga a escova de dentes. — Bem, se você não fosse tão tentadora, eu poderia chegar ao trabalho a tempo. — Ele puxa a toalha do meu corpo. Seus olhos azuis caíram instantaneamente para minhas pernas.

— Não. — Bato em seu peito. — O fato de que Ethan está em apuros.

Ele suspira, passando a mão pelo cabelo escuro. Ele não gosta de falar sobre isso. Toda vez que toco no assunto, ele muda de assunto. Como se ele tivesse cuidado disso, e acabou. Mas isso não acabou.

— Ele queria voltar para casa quando nossa mãe faleceu, mas eu queria ficar. Não deveria ter sido tão egoísta. — Não havia nada lá para nós. Seattle era deprimente. Achei que uma vida em Vegas seria melhor, mas me enganei. — Muitas coisas estão prontamente disponíveis, tornando mais fácil para ele se meter em problemas. Eles não chamam isso de Cidade do Pecado à toa. — E ainda faltam dois anos para completar vinte e um. O que acontecerá nos próximos anos quando ele perceber que não precisa de mim e das minhas regras rígidas?

— Ouça. — Ele agarra meus quadris, então nos gira para onde ele está encostado na bancada, e estou de pé entre suas pernas. — Tenho tudo sob

controle. Ele não vai se meter em mais problemas. Não enquanto eu estiver por perto, — ele acrescenta com um sorriso.

Percebi que Grave não leva nada muito a sério. Quando a situação começa a tomar esse rumo, ele faz piadas. —E por quanto tempo? — Pergunto, mordendo meu lábio nervosamente. Já devo muito a ele. Como posso pedir mais a ele? Ele está rapidamente se tornando alguém que gosto de ter por perto.

Seus olhos examinam meu rosto enquanto ele estende a mão e coloca alguns fios de cabelo molhado atrás da minha orelha. —Por quanto tempo você quiser que eu fique.

Envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e me inclino na ponta dos pés para pressionar meus lábios nos dele. Ele está certo sobre uma coisa: estou sempre fazendo com que ele se atrase. Faz tanto tempo desde que tive qualquer liberação sexual que anseio por ele. Preciso disso. Ele é tão bom nisso.

— Você vai voltar hoje à noite? — Pergunto quando me afasto.

—Não. Estarei no Airport esta noite. — Ele franze a testa com esse pensamento, passando o dedo pelo meu peito.

Por que ele estaria lá? —Fazendo o que?

Seu celular começa a vibrar ao lado dele, onde fica na bancada. Bones pisca em sua tela, e dou um passo para trás para que ele possa sair do banheiro para atender. Não mencionei a mãe dele ou o fato de ele ter encomendado flores para ela. Suas razões não são da minha conta. Só

espero que o que ele precisava daquelas flores, ele conseguisse. Todo mundo sofre de forma diferente. E não há prazo para quanto tempo você pode lamentar um ente querido. Começo meu ritual matinal após o banho quando ele volta ao banheiro.

— Sobre o que estamos falando? — Ele pergunta, andando atrás de mim.

— Você está me dispensando esta noite.

Ele puxa meu cabelo molhado do meu ombro, e seus olhos encontram os meus no espelho. — Vai demorar.

— Você pode me acordar. — Ofereço.

Ele me gira, agarra meus quadris e coloca minha bunda no balcão frio.
— Como você gostaria que eu fizesse isso? — Ele pergunta.

— Me surpreenda.

Ele fica entre as minhas pernas, separando as minhas, e agarra meu cabelo molhado, puxando minha cabeça para trás. Então seus lábios estão nos meus, me deixando saber que nós dois vamos nos atrasar hoje. A única diferença é que ele tem um trabalho para fazer e tudo o que tenho é uma loja vazia.

CAPÍTULO VINTE

Grave

—O que posso pegar para você? — Pergunto ao cara que fica no bar dentro do Crown. Eu cuido disso na maioria das vezes. Bones não queria. Titan estava muito ocupado administrando o Queens e Cross queria abrir seu próprio estúdio de tatuagem, então peguei nossa boate exclusiva no Kingdom.

—Duas doses de Patron e duas Miller Lites, — ele responde, tirando o cartão da carteira.

Viro as costas para ele e começo a pegar as cervejas quando sinto meu celular vibrar no bolso de trás.

—Ei, pegue duas doses de Patron para ele, — grito para um dos meus bartenders enquanto me afasto para atender meu telefone no escritório. — E aí?

—E aí cara. Só queria que você soubesse que Randy foi preso.

Porra finalmente. — Quais são as acusações?

—Bem, seu plano funcionou. Não só o bastardo decidiu foder tudo, ele fez um trabalho real nisso. — Sorrio. — Ele bateu seu carro direto em uma

árvore. Ele estava bêbado e tinha pílulas nele. Quando fomos prender, ele deu um soco no rosto do meu parceiro.

—Sim. — Sorrio.

—Sim, definitivamente funcionou a nosso favor, — acrescenta. —Mas fica melhor.

—Continue.

—Descobri que ele tinha um mandado. Mas é fora da Flórida. E querem extraditá-lo. Ele está respondendo de quinze a vinte anos lá.

—Isso é bom o suficiente para mim. Obrigado, cara. — Desligo o telefone e volto para o clube. A primeira coisa pela manhã vou contar a Natalie as boas notícias.



April

Entro no Roses, e as pessoas já estão aqui trabalhando na loja. Esta semana foi intensa, para dizer o mínimo. Aceitei o dinheiro de Grave para consertar a loja, não como se ele fosse me dar uma opção. E odeio admitir isso, mas parece melhor do que antes.

Trabalhadores entraram e saíram todos os dias fazendo os retoques finais para que possa abrir na segunda-feira. Acabei de colocar minha bolsa no balcão quando vejo a porta da frente aberta. — Ei.

—E aí? — Jasmine pergunta, tirando os óculos escuros e olhando para a bunda do cara inclinada para limpar a bagunça do chão. Ela pisca e me dá um sorriso.

—O que vocês meninas estão fazendo aqui? — Pergunto.

Haven coloca sua Louis Vuitton no balcão ao lado da minha bolsa de quinze dólares. Tenho a sensação de que essas mulheres cresceram com dinheiro. — Queríamos parar e ver a loja.

Não contei a elas sobre o que aconteceu. Estou muito envergonhada e com medo de que julguem Ethan. Ele é realmente um bom garoto que acabou de fazer algumas escolhas ruins. Todos nós já não fizemos isso em algum momento? — Obrigada. Deve estar pronto para os negócios na segunda-feira. — Até onde elas sabem, estou reformando e elas não têm ideia de que Grave está pagando a conta.

—Vi que a boutique ao lado de você está à venda, — acrescenta Jasmine. — Já pensou em comprar? Expandir?

—Não. Mas seria uma boa ideia. — Se isso fosse uma opção. Não tenho negócios suficientes para justificar esse tipo de expansão, mas uma garota pode sonhar.

A porta se abre e Emilee entra seguida por Titan. Engulo nervosamente. Ele sabe o que aconteceu aqui e que os irmãos Mason são responsáveis pela destruição. Estou torcendo para que ele não diga nada.

— Você parece que acabou de sair da cama, — Jasmine diz para Emilee.

Seu cabelo escuro está preso em um coque bagunçado, e ela está vestindo uma das camisetas de Titan que está pendurada em um ombro com uma calça de ioga cinza e tênis.

Emilee acena para ela. — Acabamos de fazer uma massagem para casais. Querido Senhor, foi incrível! — Ela suspira, esfregando o pescoço.

Titan caminha até o balcão e tira um envelope do bolso de trás, empurrando para mim.

— O que é isso? — Pergunto, pegando.

— Esse é o seu depósito para o nosso casamento, — ele responde.

Abro. — Depósito....? — Paro quando puxo o cheque. Está no meu nome e é de vinte e cinco mil dólares. — O que?

— Achei que seria o suficiente para começar. — Ele bate os dedos no balcão, depois se vira, dando um beijo em Emilee. — Vocês senhoras, se divirtam hoje, — ele fala antes de sair.

— Emilee? — Cuspo o nome dela. — Isto é...

— Insuficiente? — Ela pergunta, inclinando a cabeça. — Posso te dar outro pela diferença.

Ela está brincando? — ...insano.

Ela acena para mim como se tivesse acabado de me comprar um almoço de cinco dólares.

—Não. Sério. — Coloco para baixo e vou até ela. —Nem tenho capacidade de produzir tanto. Sou só eu...

—Você nos tem. — Jasmine joga seu braço sobre meus ombros, me puxando para seu lado. —Vamos ajudar a fazer acontecer.

—O que? — Olho para ela em transe. A loja está parada há uma semana, então já estou atrasada. Adoraria fazer isso por Emilee e Titan, mas não é possível.

—Nós somos o tipo de garotas que te apoiam. Não importa o quê, — Jasmine acrescenta com uma piscadela.

Haven acena com a cabeça. —Nós conseguimos.

Emile sorri. —Apenas me deixe saber quando e onde você precisa de mim.

Jasmine se afasta de mim e coloca os olhos de volta no cara que agora está de joelhos, de volta para colocar o azulejo. —Sei onde quero estar. — Ela assobia.



Sento à mesa almoçando com as meninas. Elas me convenceram a descer a rua até um restaurante. Minha mente ainda está se recuperando do cheque que Titan escreveu para mim e tentando descobrir como posso dar a Emilee o que ela quer. Meu maior medo sempre foi o fracasso. Ter que fechar a loja que minha mãe tanto amava. E se não fosse por Grave, teria que fazer isso uma semana atrás, quando foi destruída. Jasmine começa a vasculhar sua bolsa Saint Laurent ao meu lado. Emilee e Haven sentam-se à nossa frente em nossa mesa ao lado da janela.

—O que vocês meninas vão fazer esta noite? — Pergunto, tentando tirar minha mente disso.

—Titan está saindo cedo hoje e estamos saindo da cidade. Voando para Nova York no fim de semana. — Emilee responde primeiro.

—O que você está fazendo lá? — Haven pergunta, tomando um gole de sua água.

—Você vai para aquele clube de sexo? — Jasmine pergunta animadamente. —Se sim, eu quero vir.

—Não. — Emilee ri. —Um dos amigos de Titan está abrindo seu restaurante hoje à noite e ele nos convidou.

—Clube de sexo? — Pergunto a Jasmine.

Ela balança a cabeça rapidamente, puxando um recipiente de protetor labial de sua bolsa. —É legal pra caralho. Só adesão. Como uma sociedade secreta, estilo BDSM.

Haven revira os olhos e Emilee ri.

— Interessante, — murmuro, tomando um gole da minha Coca diet.

— Eu quero muito abrir um aqui, — Jasmine continua.

— Grave disse que estava indo para o Airport hoje à noite. Eu queria ir, — digo. Obviamente, não é McCarran ou ele teria dito isso. Não consigo ver o cara tendo um segundo emprego. Kingdom já toma muito do seu tempo. Mas o que mais ele estaria fazendo lá? Ele não disse ‘ei, vou sair da cidade à noite, volto amanhã.’ Então ele não pode estar voando para algum lugar.

— Ah, de jeito nenhum Luca me deixaria ir lá. — Haven balança a cabeça. — Não vou nem perguntar.

— Eu iria se estivéssemos na cidade. — Emilee franze a testa. — Posso ir com vocês no próximo fim de semana com certeza, no entanto.

— Vou com você, — Jasmine diz, desenroscando a tampa. — E quanto a Alexa?

— Ela não pode. Ela tem que trabalhar no bar à noite até poder contratar mais ajuda. Não consigo vê-la muito a menos que vá lá para sair. A mulher é uma lutadora. Possuir dois negócios não permite muito tempo para brincar.

Jasmine passa os dedos pelo protetor labial e vai colocar a tampa de volta. — Alguém quer um pouco?

— Quero. — Estendo a mão e enfio meu dedo nele antes de espalhar em meus lábios. Então os esfrego juntos. — Mmm, tem gosto de melancia.

—Tão bom. — Ela concorda.

Meus lábios começam a formigar imediatamente. —O que é isso? — Lambo. O formigamento se intensifica para uma sensação de queimação. — Meus lábios estão ardendo.

Ela olha para o recipiente. —Na verdade, é um intensificador de mamilos.

—O que? — Guincho, mergulhando meu guardanapo na água de Emilee e colocando em meus lábios.

—Isso os faz formigar, — ela explica como se eu não entendesse. — Aprimora-os para brincar com os mamilos.

—Merda. Eles estão pegando fogo, Jasmine. — Assobio em uma respiração. Posso sentir se expandindo como um balão.

—Eu sei. — Ela sorri. — Eu gosto disso.

—Quero tentar. — Emilee estende a mão sobre a mesa e coloca um pouco nos lábios.

—Por que você está usando isso? — Haven pergunta.

—Deixa seus lábios carnudos, — Jasmine responde com uma voz *duh*.

—Por que você não faz seus lábios? — Haven pergunta.

—Não estou pronta para esse compromisso, — ela responde.

—Hum. — Emilee assente. —Gosto disso também.

—O que te fez pensar em colocar em seus lábios? — Pergunto, segurando o guardanapo encharcado na minha boca.

—Experimentei em meus mamilos uma noite. Um cara estava chupando eles, então me beijou. Boom! É o meu mais novo protetor labial.

Nota para si mesma: nunca use nada que Jasmine tem com ela. É como dizer não quando um estranho lhe oferece doces. —A que horas vamos para o Airport hoje à noite? — Consigo murmurar, passando um cubo de gelo sobre meus lábios inchados. Isso me lembra de ir ao dentista e sua boca ficar dormente das injeções.

—Vou te buscar por volta das dez, e vamos nos arrumar na minha casa,
— Jasmine responde.

—Não é tarde? — Pergunto, o gelo derretendo e escorrendo pelo meu queixo.

—Se Grave está no Airport, então ele está lá para lutar. E ele será o evento principal. Isso não acontece antes das duas ou três da manhã.

—Lutar? — Minhas sobrancelhas sobem.

Emilee assente. —Oh sim. Grave arrasa na luta. O cara não pode perder.

—Ele nunca mencionou isso, — murmuro, me perguntando o quanto não sei sobre ele. Não temos conversas de coração para coração. E nunca fui o tipo de mulher que empurra um cara para me dar detalhes sobre sua vida. Talvez porque também não seja de compartilhar. Mas minha vida é muito chata.

CAPÍTULO VINTE E UM

April

Estou no banheiro de Jasmine, enrolando meu cabelo. O banheiro é maior que o meu quarto principal. Tem piso aquecido e balcão de mármore. As pias dele e dela. Ela fica na frente de um enquanto estou na frente da outra. A banheira de hidromassagem fica à direita de nós com o grande chuveiro atrás dele que você pode entrar de ambos os lados. Olhei para dentro e havia cinco chuveiros. Há uma lareira no canto que é transparente em sua suíte máster. Eu nunca sairia desse banheiro.

—Posso te perguntar uma coisa pessoal? — Me viro para encarar ela.

—Claro. Sou um livro aberto. — Ela abre a tampa do batom.

—O que Haven quis dizer com Luca nunca permitiria que ela fosse ao Airport? Ele é realmente controlador? Lembro de que havia um cara que você mencionou ser sua *babá* quando estávamos almoçando na primeira vez que a conheci. Acho que disseram que o nome dele era Nite.

—Luca comanda a máfia americano-italiana de Las Vegas.

Suspiro. Puta merda! Derek estava certo! —Você está falando sério? — Ele havia dito que Bones tinha uma ligação com a máfia. E Luca estava no

telefone falando sobre ir para Kingdom. Seria essa a conexão? Se sim, isso significa que ele também deve estar perto de Grave.

—Sim. — Ela acena. —Você nunca assiste ao noticiário? O noivado deles foi um grande negócio.

—Não, — digo honestamente, voltando para o meu cabelo um pouco atordoadada.

—Bem, muitas pessoas adorariam colocar as mãos em Haven para chegar a Luca. Então, embora para alguns ele possa parecer controlador ou possessivo, ele está apenas mantendo ela segura.

—Posso ver isso. — Não consigo imaginar o tipo de vida em que você sempre tem que olhar por cima do ombro ou nunca saber quem está atrás do seu marido. Ou você mesma. Querendo uma família, mas com medo de trazer uma criança para aquele mundo.

—Você está pronta para esse tipo de vida?

Coloco o ferro de frisar para baixo e olho para ela. —O que você quer dizer com isso?

—Quero dizer... — Ela estala seus lábios de cor nude. —Estar com um King poderia ter as mesmas ramificações. Eles são poderosos, mas também odiados por muitos. Estar com um pode tornar as coisas difíceis. Para você. Para ele.

—Você está me perguntando se estou apaixonada por Grave e disposta a arriscar minha vida por isso? — Isso é o que tiro de suas palavras enigmáticas.

Ela me dá um rápido olhar de lado. — Você está?

— Não, — respondo, balançando a cabeça.

Ela larga o batom e se vira para mim, com um sorriso malicioso no rosto, como se ela conhecesse algum segredo. — Então você está disposta a se afastar dele?

Vou dizer sim, mas calo minha boca. — Quer dizer... eu gosto dele.

Ela coloca a mão no meu ombro. — Você gosta dele o suficiente para lutar por ele?

Minha mãe criou meu irmão e eu para lutar pelo que você quer, mas você também não pode fazer alguém te amar. Eles querem você em sua vida ou não. Você não pode manter o que não lhe pertence. — Com o que exatamente estou lutando? — Pergunto confusa.

— Lucy. Sei que ela faria qualquer coisa para ter ele, no entanto, ela poderia tê-lo. Mesmo que isso significasse ser uma peça lateral.

— Você está dizendo que ele não é o tipo de ser fiel? — É qualquer uma? Não vou colocar Grave em uma categoria só com homens. As mulheres também traem. Nunca fiz isso porque aconteceu comigo, e doeu. Não entendo por que um homem ou uma mulher não pode simplesmente ser honesto com a pessoa com quem está e dizer que não quer mais ficar com você.

— Não, você está colocando palavras na minha boca. — Ela suspira. — Só estou dizendo que você precisa decidir o que quer. Ou pega ou deixa ela

ficar com ele. — Ela dá de ombros. — Porque querida, essa escolha é cem por cento sua.

Ela sai para entrar em seu armário. Grave não me faz sentir que tenho que competir ou há uma corrida que estou desesperadamente tentando vencer. Mas isso não significa que não exista. Sei que Lucy ainda liga para ele. A questão é, ele liga para ela depois que ele me deixa? E se ele fizer isso, como isso me faria sentir? Muito puta pra caralho se estou sendo honesta comigo mesma!

Ele deveria ser meu, certo? Nós só tivemos um encontro oficial, mas quem diabos tem tempo para namorar mais? Não preciso me arrumar e ir a um jantar caro para alguém provar que gosta de mim. Só preciso de tempo de qualidade com ele, e nós fizemos isso. Todas as chances que tivemos. Me sinto confortável perto dele e posso ser eu mesma. Ele me salvou. Ele salvou meu sonho. Isso significa mais do que lagosta e bife. A maneira como seus lábios beijam os meus me faz derreter. A maneira como ele me toca me deixa em chamas. E sei que faço o mesmo com ele. Ele não pode parar porque ele continua voltando para mais.

É apenas sexo para ele? Não posso responder isso. Só ele pode. Mas ele disse que ficaria por aqui o tempo que eu quisesse. Me olho no espelho e respiro fundo. Não quero compartilhá-lo. Quero ser egoísta. Tomando uma decisão, puxo meu delineador da minha bolsa de maquiagem e coloco mais algumas camadas em cima e embaixo antes de pegar meu cabelo e brincar em cima para dar um pouco mais de volume.

— Como é esse visual?

Me viro para ver Jasmine vestindo uma blusa preto, pendurada em um ombro, revelando uma alça de sutiã de renda preta em um short jeans e meia arrastão. — Carambaaaaaaaaa. — Aprovo. A mulher é sexy.

— Você acha?

Meus olhos caem para suas pernas. — O que aconteceu com seus joelhos? — Pergunto.

Ela rosna. — Dei um boquete ontem à noite. Fodi meus joelhos todos.

— Em que? Cascalho?

Ela solta um suspiro. — É por isso que coloquei as meias arrastão. Para tentar esconder isso melhor. Eles estão tão ruins assim?

Balanço minha cabeça. — Não. Acabei de notar o direito... — O esquerdo não é tão ruim. Mas você pode ver que eles estão machucados, e um tem um corte muito bom. — Espero que você tenha recebido também, — acrescento.

Ela me dá um sorriso. — Ah, ele entregou. — O sorriso cai de seu rosto. — Então ele foi e fodeu tudo.



Ela nos leva cerca de trinta minutos para fora de Vegas. Tudo o que vejo é deserto na maior parte, mas com certeza, há um aeroporto no meio do

nada. Parece McCarran no feriado de Ação de Graças. Carros e caminhonetes lotam um grande estacionamento ao lado. Ela entra em uma garagem e nos leva até o sexto andar. As pessoas andam por aí, entrando e saindo dos elevadores.

Ela encontra uma vaga e entra nela, desligando o carro. — Fique perto de mim, — diz ela.

— Este lugar é perigoso? — Acho que essa é uma pergunta que deveria ter feito antes de virmos. Teria colocado spray na minha bolsa.

— Pode ficar barulhento. — Ela acena com a cabeça, chegando na minha frente e abre o porta-luvas. Ela pega uma faca, antes de fechar. Em seguida, enfia a mão no banco de trás e pega sua bolsa, enfiando a faca dentro dela.

— Ei, senhoras. — Um cara assobia para nós enquanto passamos por sua caminhonete. Ele está com a porta traseira abaixada e se senta nela com dois de seus amigos. Você pode sentir o cheiro da maconha que eles estão fumando. — Quer montar? — Ele agarra sua virilha.

— Desculpe meninos. — Ela estende a mão, jogando o braço sobre meus ombros, me puxando para seu lado. — A única coisa que ela vai montar é meu rosto mais tarde.

Seus olhos se arregalam e um de seus amigos cospe sua bebida. — Podemos assistir? — Ele pergunta, esperançoso.

Rio do fato de que ele pensou que ela estava falando sério.

— Eles são todos iguais, — ela sussurra, balançando a cabeça.

Atravessamos uma ponte suspensa e entramos no prédio. Parece exatamente como um aeroporto seria. Há esteiras rolantes por onde as bagagens passavam, esperando que os passageiros as pegassem, mas parecem que não são usadas há anos.

Entramos em uma calçada rolante e chegamos aos terminais. Paro e vou até uma das janelas, olhando pela janela do chão ao teto para a pista. As pessoas se aglomeram ao redor enquanto os carros estão alinhados no final. Uma mulher está diante deles com uma bandeira verde nas mãos. — O que eles estão fazendo? — Pergunto quando Jasmine vem ficar ao meu lado.

— Corrida. Eles fazem isso todas as noites. — Ela se vira e vai embora, e a sigo.

Descemos uma escada rolante e atravessamos o prédio, passando por mais portões até chegarmos ao que parece ter sido uma praça de alimentação. Olhando para baixo por cima de uma grade, vejo uma estrutura semelhante a uma arena. Um bar improvisado fica à direita, e as pessoas estão amontoadas ao redor dele. Dois homens estão no meio da arena, lutando. Não é como uma luta do UFC. Este é mais um tipo de luta de quintal. Um cara usa um moletom com capuz e jeans, enquanto o outro está de shorts e uma regata. Sem luvas ou protetores bucais. Descemos as escadas e fomos para o bar, pedindo algumas bebidas.

— Jasmine?

Ela endurece ao meu lado quando alguém atrás de nós chama seu nome. Virando, ela se inclina contra o bar. — O que você está fazendo aqui? — Ela pergunta.

Olho por cima do ombro para ver um cara andando até ela com um sorriso cobrindo seu rosto bonito. Olhos castanhos a olham de cima a baixo enquanto ele lambe os lábios, como se estivesse pensando no passado. — Oh meu Deus, querida. — Ele estende a mão para abraçar ela.

Ela coloca as mãos para cima, parando ele. — Vá embora, Trenton. — Ela o dispensa e se volta para o bar no momento em que o barman coloca duas bebidas na nossa frente.

Alcanço minha bolsa para pegar uma nota de vinte, mas ela coloca um cartão na frente. — Quero abrir uma conta, — ela diz ao cara.

Ele assente e pega.

— Querida? — O cara atrás de nós continua. — Tenho ligado para você.

— Sim? Como sua esposa se sente sobre isso? — Ela pergunta, sem olhar para ele.

Minhas sobrancelhas sobem.

Ele faz o seu caminho ao lado dela, colocando o antebraço no bar. — Eu disse que estamos nos divorciando.

Ela ri. — Você sempre foi um mentiroso.

Ele olha para mim. Acenando com a cabeça, ele pisca. Que porra, cara? — Olá baby...

— Ela está namorando Grave, — ela o informa.

Seus olhos se arregalam por uma fração de segundo e depois voltam para ela. — Jas, vamos...

—Vá embora, Trenton! — Ela rosna para nele. —Ou enviarei capturas de tela dessas fotos do seu pau que você continua me enviando para sua esposa com o carimbo de data e hora.

Sua mandíbula aperta, mas isso é o suficiente para fazer ele voltar para a multidão. —Se divorciar de sua esposa, minha bunda, — ela sibila, em seguida, levanta a mão para o barman.

—Estou supondo que não era o cara de ontem à noite? — Pergunto.

Ela bufa. —Não. O cara da noite passada não é casado, mas não tenho certeza se ele está melhor. — Ela bate no bar. —Que se foda esta bebida. Precisamos de doses.



Uma hora e inúmeras doses depois, continuamos perto do bar quando olho para a direita e vejo Grave parado a cerca de seis metros de distância conversando com um homem que está com uma mulher. Ele está sem camisa, vestindo nada além de um short de basquete preto e tênis, e seu cabelo está molhado como se tivesse acabado de tomar banho. Meus olhos percorrem seu corpo tatuado e musculoso. Minhas coxas apertam. Grave é de longe o homem mais sexy que já vi. Ele tem aquele ar inalcançável sobre

ele. Como se ele fosse o tipo de cara que você quer, mas sabe que não pode manter. Aquele que te daria uma noite de orgasmos sem fim e nunca te ligaria de volta. Um fodido absoluto. Mesmo assim, ele continua voltando. E continuo deixando ele entrar. Vou andar naquele trem até que ele saia dos trilhos.

— Com quem Grave está falando? — Pergunto, colocando minha atenção em outra pessoa. Estou bêbada e com tesão. — Essa mulher parece familiar. — Ela tem cabelos castanhos escuros presos em um rabo de cavalo alto. Ela usa um vestido de verão branco simples com Superstars pretos. Ela parece fofa, mas confortável, mas totalmente deslocada aqui com essa multidão.

Jasmine segue minha linha de visão. — Essa é Lovely Mathers.

— Conheço esse nome...

— Filha do juiz Mathers. — Ela preenche o vazio.

— Certo. — Aceno. — Ela não tinha problemas com drogas e foi para a reabilitação? — Lembro de ter lido algo assim sobre ela.

— Há rumores de que seu pai a colocou em uma ala psiquiátrica, mas disse a todos que ela foi para a reabilitação.

— Ela é louca? — Pergunto.

Jasmine joga a cabeça para trás, rindo. — Garota, o homem certo pode enlouquecer qualquer mulher sã.

— Verdade.

—Mas não, ela não era. Ela foi para a escola com a gente. Ela tirou A direto e nunca teve problemas. Seu irmão mais novo desapareceu, e o juiz Mathers anunciou sua permanência na reabilitação. Disse que após o desaparecimento ela se voltou para o abuso de drogas e álcool.

—Mas você não acredita nisso?

—Não. — Ela balança a cabeça. —Meu ex Trenton... — Ela rosna as palavras. —Na época disse que sua mãe a viu sendo trazida para a ala psiquiátrica do hospital pelo pai. Que ela estava gritando e chorando. Ele a levou para um quarto, depois saiu sozinho.

—Ele acabou deixando ela lá? — Pergunto em choque.

—Ouvi dizer que ela foi colocada em uma camisa de força e permaneceu nela por duas semanas enquanto estava trancada em um quarto acolchoado.

—Jesus. — Assobio.

—Também me disseram que ela foi presa a uma cama de hospital por duas semanas com um cateter e alimentada por um tubo de alimentação pelo nariz. Qualquer um pode ser verdade. Ou poderia ser pior. Quem sabe?

—Por que seu pai faria isso com ela? — O que aconteceu com aquela pobre garota?

—Olhe em volta. — Ela levanta as mãos para gesticular para a multidão. —Como você acha que os Kings e os irmãos Mason administram esta cidade? É porque eles pagam a alguém mais alto uma taxa.

Engulo em seco com a menção dos irmãos Mason. — Então ele é apenas um fodido distorcido.

— Sim, e ele não vai deixar ninguém ficar em seu caminho. Nem mesmo sua filha.

— Pobrezinha. — Ela apenas fica ali, com os olhos em frente. Como uma boneca. Ou alguém que foi treinada para ser ignorada. Mas eu a vejo. Ela se destaca e não é por causa de como ela escolheu se vestir. — Por que Grave está ignorando ela? Ele só está falando com o cara. Age como se ela nem estivesse lá.

— Talvez ela prefira assim, — ela adivinha. — Algumas pessoas optam por usar armaduras, para não terem que enfrentar o que está bem na frente delas. Turner Mason, ele é o filho do meio, costumava ser obcecado por ela.

Tem esse nome de novo. — Eles namoraram?

— Não. — Ela ri. — Ela era boa demais para ele. Ele sabia disso. A cidade inteira sabia disso. Exceto ela. Ela não tinha ideia de que ele estava afim dela. — Ela olha para os tetos altos. Faço o mesmo e vejo as pequenas cúpulas pretas por todo o lado. Sei o que eles são. Câmeras. — Se ele descobrir que ela está aqui, ele vai se masturbar mais tarde esta noite enquanto assiste ao vídeo de vigilância.

— Nojento, — digo. — Espera? — Minha mente um pouco lenta por causa do álcool. — O que? — Pergunto. — Por que ele estaria assistindo as fitas de vigilância?

— Os irmãos Mason são donos deste lugar, — afirma.

Minhas palmas começam a suar. Meus olhos começam a olhar ao redor freneticamente. E não sei como eles se parecem. Eles me reconheceriam? Meus olhos pousam de volta em Grave, e vejo uma loira caminhar até ele. – Essa é...

– Lucy Mason, – Jasmine termina para mim.

Ela é uma porra de Mason também? Minhas mãos apertam enquanto ela corre as suas pelo braço nu dele.

– Geralmente sou a primeira a pular e cortar uma cadela, mas se você quiser ficar e ver ele lutar, sugiro que façamos isso outra hora, – diz Jasmine, tomando um gole de sua bebida.

Olho para ela.

– Seus irmãos são os donos do lugar, – ela me lembra. – Seremos expulsas em dois vírgula cinco segundos se pularmos em cima dela. Embora, devo admitir, posso causar muitos danos em tão pouco tempo. Então, se esse é o compromisso que você quer fazer, estou dentro.

Olho de volta para eles. Ele ainda está falando com o cara e não reconhece Lucy, mas isso não a ofende nem um pouco. Ela ainda o está tocando. Seu corpo agora pressionado contra o dele. Um cara novo caminha até eles e agarra seu braço, empurrando Lucy para longe deles.

– Quem é aquele? – Pergunto como se ela soubesse. Jasmine parece conhecer todo mundo.

– Esse é Trey Mason. O bebê.

Dou um passo para trás, meu coração disparado com suas palavras. — Não deveria ter vindo aqui.

—O que? Você queria ver Grave...

—Sim, mas não sabia que os irmãos Mason eram donos do lugar, — falo, e ela franze a testa. —Eles mandaram alguém invadir minha loja, — deixo escapar. O álcool faz minha boca se soltar. —Quem sabe o que eles fariam se soubessem que eu estava aqui.

—Eles o quê? — Ela suspira.

—Vamos lá. — Me viro e começo a andar, não querendo explicar agora. Mas uma mão segura meu braço e me viro de volta. Meu coração bate forte no meu peito quando olho para um par de olhos azuis.

—Ei, — diz Grave. —Sabia que era você. O que você está fazendo aqui?
— Ele pergunta, olhando de mim para Jasmine.

Lambo meus lábios dormentes. —Eu queria vir te ver. Mas...

—Mas o que? — Ele franze a testa.

Passo para ele e fico na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido. — Eu não sabia que este lugar pertencia aos irmãos Mason.

Ele segura meu rosto quando me afasto. —Eles não vão tocar em você. Eu prometo. Mas... — Me deixando ir, ele tira o celular do bolso e começa a digitar. — Não significa que quero você aqui sem proteção.

—Você tem medo que eu engravide? — Jasmine brinca.

Grave bufa. —Sua chance de reprodução não me preocupa, — ele responde, digitando em seu telefone. Então ele olha para mim. —Nite vai ficar com vocês meninas.

Jasmine joga a cabeça para trás com um suspiro. — Você está nos dando a babá? Eu venho aqui o tempo todo.

—Sim, e eu também. E sei o que acontece com as mulheres aqui quando ninguém está olhando.

Os pelos da minha nuca se arrepiam, mas ele se inclina para mim, segura meu rosto e me beija. Envolver meus braços ao redor de seu pescoço e abro para ele, beijando-o de volta. Suas mãos passam pelas minhas costas e agarram minha bunda. Ele me levanta sem esforço, e envolvo minhas pernas em torno de seus quadris estreitos.

Me afasto, ofegante e sussurro contra seus lábios. — Tome cuidado.

—Não se preocupe comigo, querida. — Ele dá um tapa na minha bunda, e pulo para baixo, rindo assim que Nite aparece.

—Cuidado com elas, — Grave ordena a ele, e Nite acena com a cabeça uma vez.

Grave me dá mais um beijo e depois vai embora.

—Oi, não nos conhecemos oficialmente. Eu sou April. — Estendo minha mão direita, e ele a aperta com firmeza. Ele então começa a olhar ao redor do lugar lotado. Espero que ele diga olá ou se apresente. Mas ele me ignora completamente.

— Ele não fala, — Jasmine oferece, olhando para ele.

Oh. — Em absoluto?

Ela balança a cabeça. — Ele fez um voto de silêncio na faculdade. Ele é mudo, — ela retruca, — e não vamos ficar aqui com ele. — Ela vai embora, mas ele estende a mão, agarra o cabelo dela e a gira para encarar ele.

Suas mãos vão para seu peito largo enquanto ela olha para ele. E antes que ela possa discutir com ele, ele bate os lábios nos dela. Vejo seu corpo derreter para ele enquanto ele a beija abertamente. Envolvendo meus lábios em torno do meu canudo, bebo enquanto ela abre a boca para ele, e ele aprofunda o beijo, puxando seu pescoço ainda mais para trás e devorando-a. Juro que a ouço gemer.

Então, como se não tivesse acontecido, ele se afasta. — Vai se foder, Nite! — Ela grita e então lhe dá um tapa no rosto. Ela se solta de seu aperto e sai correndo.

— Tenho a sensação de que você é o cara da noite passada. — Rio, tomando outro gole da minha bebida. Então ela tem algo acontecendo com Nite. Nunca vi isso chegando.

Ele solta um bufo, pega minha mão e me arrasta pela multidão para alcançar ela.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Lucy

Estou atrás do bar com meus dedos firmemente presos ao redor da bandeja. Observo a garota de cabelo roxo caminhar no meio da multidão, com um sorriso no rosto e uma bebida na mão.

Ela estava beijando Grave. Eu vi. Duas vezes. Ela é a razão pela qual ele está me ignorando? Por ela?

—Ei! — Grito para Trey, que está ao meu lado mexendo em seu telefone. —Quem diabos é essa mulher? — Exijo.

—Você vai ter que ser mais específica, — ele fala, nem mesmo se incomodando em olhar para mim. Tiro o telefone de sua mão, e ele cai a seus pés. —Que porra é essa, Lucy? — Ele grita.

—Ela. — Aponto para ela antes que ela desapareça na multidão com Nite.

—April. — Ele olha para mim e começa a rir. — Ah, você não sabe sobre ela?

—O que tem ela? — Rosno.

—Ela é a nova amiga de foda de Grave.

—Não...

—Sim. O irmão dela nos devia dinheiro. Ele nos pagou cinquenta mil por ele e fez Tanner concordar que não a tocaríamos. Ou sua loja.

—Que loja? — Exijo.

—Ela é florista. Tem um lugar chamado Roses.

Uma maldita florista? Para quem diabos ele estava comprando flores em primeiro lugar? Elas com certeza não eram para mim. Vi ela com Jasmine. Acho que ele poderia ter conhecido April através dela. Mas ela deve estar usando Grave, certo? Cinquenta mil é muito dinheiro. Não consigo nem fazer com que ele se comprometa com um jantar. Mas ele vai pagar cinquenta mil e fazer meu irmão prometer ficar longe? Por quê? O que ela tem que eu não tenho?

—Deixe pra lá, Lucy, — ele avisa, lendo meu rosto.

Vou sair correndo, mas ele agarra meu braço, me mantendo no lugar. — Não. Tanner fez um acordo com ele. Está fechado. Encontre um novo amigo de foda. — Ele me olha de cima a baixo. — A maneira como você joga sua boceta, não será difícil de fazer. — Ele me solta, pega o telefone e vai embora.

Bato minha bandeja para baixo.

—Dia ruim?

Olho para ver Jimmy Trust. Ele sempre corre com Grave na pista e perde. O cara gasta o dinheiro do papai o tempo todo. —O que você quer? — Rosno.

Ele sorri para mim. —Você está chateada porque Grave pegou um brinquedo novo?

Filho da puta! Todo mundo vai saber sobre ele e essa garota April pela manhã depois daquela exibição que eles acabaram de colocar. Por que ele a trouxe aqui de todos os lugares? Todo mundo sabe que nós fodemos. Estamos nos ligando há anos. —Grave pode foder quem ele quiser. — A mentira queima minha boca. Quer dizer, não somos exclusivos, mas ele nunca empurrou outra mulher na minha cara antes como ele acabou de fazer.

—Certo. É por isso que você a estava observando como um falcão. — Ele olha do outro lado do bar, e ela fica ali ao lado do ringue improvisado, esperando que Grave entre. Jasmine de um lado e Nite do outro.

—Ela é gostosa. — Ele acena para ela. —E gosto de todo o cabelo roxo e piercing.

—Que porra você quer, Jimmy? — Explodo. —Uma bebida?

Ele se vira para mim, colocando o antebraço no bar. —Que tal igualarmos o placar?

—De que porra você está falando?

—Você quer que Grave se lembre de você, certo? — Ele encosta em mim. —Então você deixa ele com ciúmes.

Puxo meu lábio para trás com nojo. — Você está sugerindo que eu te foda?

Ele lambe os lábios, colocando a mão no meu quadril. — Ou eu fodo você. — Ele dá de ombros. — Como preferir.



Grave

Estou ao lado do ringue com meus olhos em April. Ela está sorrindo. Sua cabeça jogada para trás enquanto Jasmine se inclina, segurando ela. Ambas estão bêbadas. Ainda posso sentir o gosto do licor na minha língua do nosso beijo. E falei sério quando disse a ela que os irmãos Mason não iriam tocá-la. Aqui não. Nunca. Tanner não voltará atrás em sua palavra, e é por isso que o fiz prometer. É também por isso que estou aqui sem camisa prestes a dar uma surra em algum garoto azarado. Ele a deixa em paz e eu luto. Trago dinheiro para eles.

Ela vale isso.

Nite está ao lado delas, seus olhos sempre examinando a multidão. Nenhum homem permite que sua namorada venha aqui sozinha. Muitos quartos vazios e cantos escuros para serem estuprados ou espancados. O Airport não tem horário. Eles estão abertos vinte e quatro horas, trezentos e

sessenta e cinco dias por ano. Às vezes, até mesmo os sem-teto encontram um canto para dormir apenas para sair das ruas por uma noite. Os irmãos Mason não dão a mínima. Eles estão protegidos e o dinheiro deles também. Isso é tudo que importa.

— Pronto? — Uma mão bate no meu ombro nu.

Colt Tinsley está ao meu lado. Ele ajuda a administrar este lugar. Ou ele está tirando dinheiro na pista antes das corridas ou está gerenciando as lutas, ele é o homem certo. — Sim, — respondo, puxando meu celular do bolso e entregando a ele.

Ele sorri. — Está bem então. Vá nocautear alguém.

Entro no ringue e a multidão começa a gritar meu nome. Sorrio, levantando minhas mãos para proteger meu rosto. A coisa sobre lutar no fosso do Airport é que não há regras. É um vale-tudo. Você luta até que alguém esteja no chão inconsciente, e como você consegue isso é com você. O homem que está na minha frente tem quase quinze centímetros de altura a mais que eu e provavelmente cinco de alcance. Já o vi lutar antes. Há uma razão pela qual eles o chamam de trovão e não de relâmpago. Ele é um cara grande, o que limita seus movimentos. Ele bate forte, mas se move devagar.

Avanço nele e ataco. Meu punho direito faz contato com o lado de sua cabeça. Ele imediatamente balança para trás, e me abaixo, jogando outro soco em suas costelas. Ele se inclina para frente, me dando a oportunidade de agarrar sua cabeça e levantar meu joelho. Ele dá um passo para trás, atordoados.

—Vamos, filho da puta, — provoco. *Minha garota está aqui.* Tenho que me mostrar para ela, mostrar a ela do que sou feito, para que ela saiba que posso protegê-la se ela precisar de mim.

Ele me ataca, envolvendo seus braços em volta de mim e levantando meus pés do chão. Caio de costas, o concreto momentaneamente tirando meu fôlego. Bato meu cotovelo em sua mandíbula, derrubando ele de cima de mim. Rolo para o meu lado quando ele começa a se levantar em suas mãos e joelhos. Jogo minhas pernas ao redor de seu pescoço e aperto, arrastando sua bunda de volta para o chão. E o seguro lá. Ele luta comigo, suas pernas chutam o chão e suas unhas cravam em minhas coxas, mas eu aguento. Ele começa a bater na minha perna como se esperasse que o soltasse. Acho que ele não recebeu o memorando sobre como essas lutas funcionam. A multidão está cantando meu nome e batendo na grade. Sinto ele começar a afrouxar o aperto em minhas coxas. Seu corpo relaxando. Segundos depois, ele fica completamente mole, e solto, pulando para os meus pés.

Todo mundo está pulando para cima e para baixo e gritando quando saio do poço. Colt me entrega meu telefone e um maço de dinheiro. — Aqui está.

—Obrigado. — Respiro fundo e vou até o bar, morrendo de vontade de beber.

Tanner Mason espera lá por mim com uma garrafa de água nas mãos. O cara parece ser dono de uma empresa da Fortune 500 com seu terno preto de três peças. Ele sempre usa o cabelo com luzes penteado para trás. Se

você não o conhecesse, pensaria que ele era um garoto rico e arrogante. Mas o conheço e ele não chega nem perto disso. Ele é um assassino em um terno de cinco mil dólares que você não quer como inimigo. Pena que ele me odeia por colocar sua bunda na cadeia. — Bom trabalho, Grave.

Concordo com a cabeça e desenroscro a tampa, tomando o líquido. Um pouco escorre pelo meu queixo e cai no meu peito nu. Ele coloca outra no bar. Sugo o ar, jogando a agora vazia, fora.

— Meu Deus. Isso foi incrível! — April vem ao meu lado, gritando.

Vejo Tanner olhar para ela. Seu jeans skinny preto e blusa branca transparente que mostra seu sutiã preto não deixa nada para a imaginação. Seus olhos demorando em seus seios e bunda por mais tempo do que eu gostaria. Ele finalmente puxa os olhos de seu corpo para mim. — Agora vejo por que você fez o acordo.

Minha mão aperta, apertando a garrafa de água cheia.

— Vejo você no próximo fim de semana. — Então ele se vira e caminha até o outro lado do bar.

Termino a água e me viro para encarar ela. Ela tem um grande sorriso no rosto. Seus olhos estão iluminados pelas luzes brilhantes, e ela está linda como sempre. Mas o jeito que ela está olhando para mim é com orgulho. Nunca vi alguém sentir isso por mim. Parece melhor do que qualquer luta que já ganhei e qualquer alta que já tive. Se ela não estivesse aqui, iria para uma sala ao lado e cheiraria um pouco de cocaína com Trey. Mas ela está, e não quero fazer nada além de levar ela para casa e me enterrar nela. Ela se

tornou meu novo vício. E nunca me restringi quando se tratava de drogas e álcool, então por que faria isso com ela?

Me abaixo, envolvo meu braço em volta de sua cintura e a pego, plantando sua bunda no bar. Enterrando minhas mãos em seu cabelo grosso e roxo, a beijo.

Ela crava as unhas nas minhas costelas, me puxando para mais perto. Esfrego meu pau duro em seu estômago, e ela geme na minha boca. Afastando ela ofega. — Me leve para casa.



April

Estou no bar entre Nite e Jasmine. Eles não estão falando um com o outro. Obviamente, Nite não fala nada, mas ela não disse uma palavra para ele desde que ele a beijou, e ela lhe deu um tapa.

— Tem certeza de que pode dirigir para casa? — Pergunto a ela.

Ela abre a bolsa e tira as chaves. — Positivo.

Nite chega ao meu redor e as arranca de sua mão.

— Ei...

—Nite vai levá-la para casa, — afirma Grave, caminhando de volta para nós.

Pedi que me levasse para casa e ele disse para lhe dar quinze minutos. Ele agora está vestido com um jeans escuros e uma camiseta branca com a inscrição Kingdom nas costas. Ele tem um boné preto para trás, e isso faz meus joelhos já trêmulos tremerem e minha boca salivar. Tomo outro gole da minha bebida.

—Grave...

—Ele está levando você para casa Jasmine, — afirma, e ela solta um bufo. —Tenha cuidado, — ele diz a Nite e então estende o punho. Nite bate nele e acena com a cabeça. —Vamos lá. — Grave agarra minha mão livre na dele e começa a me puxar para a multidão.

—Nós viemos pelo outro lado, — digo, olhando por cima do meu ombro, observando Nite agarrar Jasmine pelo braço e arrastar ela para longe.

—Não estou estacionado na garagem. — Ele vira, olhando para mim. — Você precisa terminar isso antes de sairmos ou se livrar dele. — Ele para em uma lata de lixo.

Sugo o que sobrou e depois jogo no lixo, fazendo-o rir. Ele nos leva por um túnel escuro e por um conjunto de portas duplas, onde dois homens estão com metralhadoras, em um estacionamento. Ele está estacionado bem na frente. Jogando uma mochila no porta-malas, ele abre a porta para mim e entro.

Ele entra e liga antes de sair. Nunca fui de violência, mas assistir a luta dele me excitou. Minha calcinha já está encharcada e minhas coxas apertam, sabendo o que está por vir quando voltarmos para minha casa. Mas não posso esperar tanto. Me abaixo, vasculhando minha bolsa e encontro um prendedor de cabelo. Rapidamente coloco meu cabelo em um coque bagunçado enquanto ele entra na estrada. Tenho cerca de vinte minutos antes de chegarmos à minha saída.

Giro e vou para o cinto dele. Ele olha para baixo e pega minha mão. — April...

Me inclino e beijo seu pescoço, e ele solta um rosnado. Meus lábios se movem para sua orelha, e mordisco. Sua mão solta a minha, e ele me ajuda desabotoando seu jeans para mim. Sorrio, abaixando meus lábios de volta ao seu pescoço e o beijo. Tomou banho no aeroporto, é por isso que ele precisava de quinze minutos. Ele cheira a sua colônia picante. Afastando, olho para baixo e vejo que ele puxou seu pau para mim também. Ele está duro. Sua mão livre o envolve e o acaricia lentamente. Seu polegar correndo sobre o piercing no final.

Empurro sua mão para longe e me inclino, abrindo minha boca para sugar ele.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Grave

Seus lábios envolvem meu pau enquanto encho sua boca. — Porra, — assobio.

Ela empurra para baixo, a ponta tocando a parte de trás de sua garganta, e bombeio meus quadris, empurrando mais longe e precisando de mais. Ela suga meu pau, e envolvo minha mão livre em seu coque bagunçado e empurro seu rosto para baixo.

Ela geme em torno do meu pau e reajusta os joelhos no banco do passageiro. Sua bunda está no ar. Graças a Deus minhas janelas estão escurecidas ou estaríamos dando um show a todos que passar. Uma mão em volta do meu pau enquanto a outra está na minha coxa, segurando. Pressiono o acelerador, precisando chegar à casa dela mais cedo do que havia planejado. Acelero o meu ritmo. Minha mão em seu cabelo controlando seus movimentos. Sua saliva escorre pelo meu pau e cobre minhas bolas, e gostaria de poder remover meu jeans completamente. Mas isso terá que esperar.

Meu celular começa a tocar nos alto-falantes, e o nome de Lucy pisca na tela do meu painel. Soltei o cabelo de April o suficiente para desligar.

Ela levanta a cabeça. — Quem...?

Agarro seu cabelo e empurro seu rosto de volta para baixo. — Não se preocupe com isso, — rosno, não querendo que ela pare. Lucy não é uma ameaça para April. Minhas ações provam isso. Mesmo que April não tivesse aparecido esta noite, não iria para casa com Lucy.

April me leva de volta e, desta vez, ela não para até que termine de gozar em sua boca.



April

Entramos na minha garagem e saímos do carro dele. Estou tentando colocar minha chave na porta da frente quando ele vem por trás de mim, envolve o braço em volta da minha barriga e me puxa de costas para a sua frente. Agarrando meu cabelo, ele puxa minha cabeça para trás e abaixa seus lábios no meu pescoço. Ele suga a pele sensível, fazendo meu corpo ficar arrepiado.

— Grave, — choramingo. — Tenho que destrancar a porta. — Minha outra mão está segurando sua mochila.

Soltando meu cabelo, sua mão agora livre sobe e passa sob minha blusa e sobre meu estômago até meu peito. Ele aperta meu seio sobre meu sutiã.

— Acha que alguém vai ver se eu transar com você aqui mesmo na sua varanda? — Ele rosna.

Respiro fundo e agito minhas chaves, tentando destrancar a porta mais uma vez. — Provavelmente.

— Então deixe-os assistir. — Sua mão se move para baixo desta vez e empurra o seu caminho para dentro do meu jeans.

Consigo colocar minha chave na porta e empurro para abrir, me afastando dele. Me viro, estendo a mão e agarro sua camisa, puxando para dentro da casa e deixando sua bolsa aos nossos pés. Ele empurra minhas costas contra a parede, agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, abaixando seus lábios nos meus. Ele os devora, nem mesmo me dando a chance de respirar.

— Grave... — Ofego, me afastando. — Temos que subir...

Ele puxa minha blusa por cima da minha cabeça, me pega e me leva para o meu quarto com meus lábios nos dele. Ele bate a porta com o sapato e me joga na cama. Ele nem me dá a chance de recuperar o fôlego antes de ficar nu e puxar meu jeans pelas minhas pernas. Suas mãos agarram minhas coxas e as abrem para ele. Ele diminui a velocidade, deitado entre elas. Seus lábios suavemente beijando minha coxa. Arqueio minhas costas, ofegante. Gemo quando seus dentes mordem minha carne sensível. Ele beija seu caminho para minha boceta antes de empurrar um dedo. Já estou molhada. Estou molhada para ele. Minhas mãos fazem o seu caminho para sua cabeça. Derrubo seu boné no chão e agarro seu cabelo.

Ele insere um segundo dedo, e bombeio meus quadris. —Oh Deus. —
Puxo sua cabeça.

Removendo seus dedos, ele estende a mão e agarra meus pulsos, prendendo-os ao meu lado enquanto sua língua entra em mim.

CAPÍTULO VINTE E QUARTO

Grave

Deito na cama de April. Ela está desmaiada de frente para mim. Um braço em meu peito e uma perna em ambos as minhas. Beijo sua testa e fecho meus olhos assim que ouço meu celular vibrar. Saindo debaixo dela, rastejo para fora da cama. Pego meu jeans do chão e tiro meu celular do bolso. Vejo que é um vídeo de Lucy.

Decidindo assistir, entro em seu banheiro e acendo a luz, mas abaixo o volume. Não quero que acorde April. Mostra Lucy ainda no Airport. Ela está na sala privada sentada à mesa redonda. Um espelho no meio com uma lâmina de barbear e um saco de cocaína. Ela então vira a câmera para si mesma e me manda um beijo. Sua boca está se movendo, mas não consigo ouvir o que ela está dizendo ou entender as palavras. Parando antes de terminar, apago e coloco meu celular no balcão. Abro a torneira e jogo um pouco de água no rosto. A necessidade que normalmente teria das drogas não estava realmente lá. Desligo a água, pego meu celular e apago a luz. Caminhando de volta para o quarto dela, coloco meu jeans e desço as escadas para pegar um copo de leite. Parece bom agora, mas paro quando

chego ao último passo. Vejo uma figura na entrada, então estendo a mão e acendo a luz.

— Merda! — Ethan quase grita, pulando para trás da porta da frente.

— Controle-se. Sua irmã está dormindo, — digo a ele.

Ele passa a mão pelo seu cabelo. Juro que o garoto nunca escova.

— Já era hora de vocês dois pararem de foder, — diz ele com desgosto.

Dou um passo em direção a ele e ele levanta as mãos como se estivesse prestes a socar suas bolas. Ele não está longe.

— Estou saindo, — ele sai correndo. — Estava de saída.

— Onde diabos você vai tão tarde? — Pergunto.

Ele endireita os ombros, enfiando as mãos no bolso da frente de seu moletom. Por que diabos ele está vestindo isso? Nem está frio lá fora. — Só porque você está fodendo minha irmã, não significa que eu tenho que te dizer merda. — Ele se vira, abre a porta da frente e a fecha com força.



— Querida? — Digo, correndo meus dedos pelo lado de seu rosto.

— Hum? — Ela murmura, seus olhos abrindo e fechando novamente.

—Estou saindo, — digo, me endireitando e colocando meu relógio no meu pulso. Já estou atrasado para o trabalho. Como estou todos os malditos dias. Não ativei meu despertador ontem à noite.

—E sábado. — Ela se estica sob as cobertas.

—Eu sei. — Kingdom nunca dorme. É por isso que escolhemos viver lá em vez de nossas casas que construímos.

—Fique comigo. — Seus olhos se abrem completamente, e ela estende a mão para mim.

—Não posso. — Mesmo que não queira nada mais neste mundo do que rastejar de volta na cama com ela.

Ela se senta, as cobertas caindo até a cintura, expondo seu peito nu para mim. Ela arqueia uma sobrancelha e lambe os lábios. —Tem certeza? — Suas mãos se estendem e agarram meu pau através do meu jeans.

Rosno e pulo na cama, prendendo ela nela enquanto paio acima. — Tenho que ir, mas estou livre esta noite.

—Cedo o suficiente para jantar?

Abaixo minha cabeça e beijo seu pescoço. — Contanto que você prometa ser minha sobremesa.

—Promessa? — Ela ofega, arqueando os quadris para encontrar os meus.

Gemo e empurro o meu no dela para que ela possa sentir o quão duro estou. Nunca soube o que era lutar até conhecê-la. —Promessa. — Me

afasto e rastejo para longe dela. — Agora volte a dormir. — Beijo sua testa, e ela rola, me devolvendo com um suspiro.

Pego meu celular na mesa de cabeceira e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim. Desço os degraus e vou até a porta da frente. Vejo minha bolsa ainda na entrada onde April a deixou ontem à noite. Pego e vou até o meu carro. Jogando no banco do passageiro, paro antes de ligar o carro e olho para ela. Esta é a primeira vez em muito tempo que não acordo me sentindo uma merda. Ressaca ou ainda alto. Abro o bolso lateral da bolsa e busco dentro para remover o frasco de comprimidos.

—O que...? — Coloco no meu colo e olho dentro dele. Está vazio. Eu tinha um frasco de comprimidos lá ontem à noite, e estava cheio. Onde diabos foi parar?

Coloquei lá dentro no Airport, e então, quando tomei banho... alguém esteve mexendo na minha bolsa. A questão é, quem diabos foi? Estava lá quando saí. Eu tinha verificado. Então vim para casa de April. Ela nunca abriu ela. Fizemos sexo, e sua bunda bêbada desmaiou. Então Lucy me mandou uma mensagem. Desci as escadas... Ethan. Tem que ter sido ele. Ele estava parado na entrada e ficou assustado quando acendi as luzes. Suas mãos nos bolsos de seu agasalho de capuz. Ele estava escondendo minhas pílulas de mim para que não o pegasse. Ele estava saindo para que pudesse ir usá-las.

Filho da puta!



April

Fico atrás do balcão, passando por e-mails no meu telefone. Roses abre em dois dias, mas depois que Grave saiu de minha casa esta manhã, decidi me levantar e fazer algumas coisas de última hora aqui. A campainha toca, sinalizando que um cliente entrou, e olho para cima em pânico que esqueci de trancar a porta atrás de mim.

—Estamos fechados. — Saio do meu e-mail e abro meu histórico de chamadas, meu dedo pairando sobre o nome de Grave.

—Oi. — O homem acena enquanto entra, deixando a porta se fechar atrás dele.

—Desculpe, mas estamos fechados, — repito, meu polegar pronto para ligar para ele. O cara está vestido com um jeans escuros e uma camiseta branca que tem um Corvette vermelho na frente. Seus olhos escuros olham ao redor, e ele balança a cabeça em aprovação quando chega aos vasos nas prateleiras.

—Eu vi você no Airport ontem à noite. — Seus olhos escuros encontram os meus.

Meu corpo fica tenso. Sabia que deveria ter saído depois do que Jasmine me disse. —Quem é você? — Pergunto.

Ele me dá um sorriso caloroso. — Eu sou Jimmy. Jimmy Trust. Sou um bom amigo de Grave.

— Oh. — Meus ombros relaxam um pouco. — Você está procurando por ele? Porque ele não está aqui.

Ele balança a cabeça. — Não. Só queria passar por aqui e fazer um pedido para alguém. — Abaixando a cabeça, ele olha para mim timidamente através de seus cílios. — Para alguém especial.

Coloquei meu celular para baixo. — Bem, contanto que você não precise disso hoje ou amanhã, posso te ajudar com isso.

— Não vou precisar dele até a próxima semana.

Abrindo a gaveta de cima, pego meu bloco e uma caneta e empurro sobre o balcão. — Apenas preencha isso para mim.

Ele vem até o balcão, diminuindo a distância entre nós, e começa a anotar todas as informações. Quando ele termina, ele coloca a caneta para baixo. — Muito obrigado. Eu quero que minha garota saiba o quão especial ela é. — Então ele sai sem outra palavra.

Olho para o papel e franzo a testa quando vejo Lucy Mason escrito. Pegando meu celular, ligo para Grave.

— Ei querida, — ele responde imediatamente.

Mordo meu lábio para esconder meu sorriso como se ele pudesse me ver. — Ei.

— Tudo certo? — Ele pergunta.

Amo que ele me pergunte isso. —Sim. — Meus olhos caem para o pedaço de papel no balcão e me acovardo. —Sei que você disse que poderíamos jantar hoje à noite, mas só queria saber se você gostaria que eu levasse seu almoço hoje. — Vou perguntar a ele esta noite sobre Lucy. Obviamente, eles não são exclusivos. Ou se eram, não são agora. Vi como ele a evitou ontem à noite e ele nem sabia que o estava observando naquele momento.

—Por que você não vem aqui para almoçar e vamos comer aqui juntos,
— ele oferece.

—Parece bom.

—Dê a volta na parte de trás do Kingdom e entre na entrada privada. Um homem chamado Nigel estará na mesa e a acompanhará até meu escritório.

Me lembro daquele cara. O vi quando Titan me levou chutando e gritando para o escritório de Bones depois que minha loja foi destruída por causa do dinheiro que meu irmão devia. — Alguma hora específica?

— Vou limpar minha agenda assim que você chegar.

Sorrio com isso. — Vejo você em breve.



—Por aqui. — Nigel diz, abrindo a porta de vidro para eu entrar no escritório dos Kings.

—Obrigada.

—Claro, senhora. — Ele concorda. —O escritório dele é o último à esquerda.

Ando pelo corredor cinza escuro e passo pela primeira porta à esquerda, Cross está escrito em letras douradas. Dou uma olhada para ver que ele não está lá. A próxima porta à esquerda escrito Titan. Ele também não está lá. Mas não esperava que ele estivesse. Emilee nos disse que eles estariam em Nova York no fim de semana. Chego ao final do corredor. A porta à esquerda tem Grave escrito nela. E sei que a da direita é de Bones.

Bato suavemente na porta de Grave. —Entre, — ele chama.

Entro e paro quando o vejo sentado em sua mesa com um telefone no ouvido. Cross se senta na cadeira em frente a ele. Ele se vira para me olhar por cima do ombro, lançando um Zippo na mão direita. —Oi, — digo sem jeito.

—Tenho que ir... — Grave diz ao telefone. —Sim. Sim. Vou fazer isso. — Então ele desliga. —Mesmo quando ele está em Nova York, ele está na minha bunda. — Ele rosna, se levantando e andando ao redor de sua mesa até mim.

Meu coração para. Não sei por que estou tão nervosa por estar aqui. Talvez porque este seja o seu elemento. Este é o domínio dele. Estou acostumada a estar na minha cama com ele nu.

Ele envolve seus braços em volta de mim e me puxa para um abraço. Quando ele se afasta, ele me dá um beijo suave na testa que causa borboletas no meu estômago. — Como está o seu dia?

— Bom. — Me movo e sento ao lado de Cross e coloco meu cabelo atrás da orelha. — Seu?

Ele suspira e se senta em sua mesa. — O habitual.

Não tenho certeza do que isso significa, porque nunca falamos sobre o Kingdom. E não o pressiono a compartilhar informações sobre ele e os Kings. O que eles fazem aqui não é da minha conta. E depois do que Derek me contou, acho que prefiro não saber. Não espero que Grave seja um santo. Tudo o que espero de um cara é que ele me trate bem e me respeite. O resto sempre pode ser trabalhado.

Um telefone celular toca e Grave o pega de sua mesa. Ele solta um grunhido e olha para mim. — Me dê um segundo.

— Sim claro. — Digo estupidamente como se ele pediu permissão. Sento ereta na confortável cadeira de couro preto. Minha bunda afunda nela. É exatamente o que eu esperaria de um rei.

Grave sai da sala e um silêncio cai sobre ela. Não conheço Cross muito bem. Na verdade, não conheço nenhum dos Kings. Só os encontrei uma vez e estava tendo um dia ruim. Vi Cross uma vez antes no Roses, mas houve uma interação mínima entre nós dois.

Seus olhos verdes encontram os meus. Ele abre o Zippo. A chama queima antes que ele a feche. — É um lembrete. — Ele diz quando me pega olhando.

Poderia mentir. Fingir que não estava me perguntando o que diabos ele está fazendo. Mas, em vez disso, pergunto: — De quê?

Ele o abre novamente, inclina a cabeça para o lado e observa a chama dançar na ponta de seus dedos tatuados. Então seus olhos voltam para os meus, o verde escurecendo para preto e enviando um calafrio na minha espinha. — Que se eu quisesse, poderia queimar a porra do mundo.

Ele pega um cigarro atrás da orelha e o coloca entre os lábios, então levanta o isqueiro. Mas falo, fazendo ele parar. — Você sabe que fumar vai te matar. — Meu avô morreu de câncer de pulmão. Fumou a vida inteira. Minha mãe implorou a mim e ao Ethan para nunca fumar. Que não vale a pena no final.

Ele remove o cigarro apagado de seus lábios e sorri para mim. — Assim como se apaixonar por um homem que deseja a morte. — Meus olhos se arregalam. — E não vejo você colocando um fim nisso. — Ele o recoloca entre os lábios e acende o cigarro, em seguida, fecha o Zippo. — Acho que nós dois vamos morrer devido à nossa própria estupidez. — Ele sopra a fumaça.

A porta se abre e Grave entra novamente. Cross se levanta e sai sem dizer mais nada. — Desculpe, estou pronto para o almoço agora. — Ele se joga na cadeira da escrivaninha.

Cross acha que eu o amo. Jasmine acha que eu o amo. Eu? Estou fazendo algo que todo mundo vê, menos eu? Estou sendo muito pegajosa? Muito óbvia? Preciso dar um passo para trás e olhar de um ângulo diferente? E se Grave pensar isso também? Será que vai afastar ele?

— April?

— Hum? — Meus olhos saltam para Graves. Ele me dá aquele sorriso que faz meu coração acelerar. — Você está bem? — Ele pergunta.

— Sim, foi apenas uma longa semana, — minto, não querendo fazer ele questionar nada. Vim aqui para vê-lo e não vou deixar as palavras de Cross estragarem tudo. Me levanto e dou a volta. Empurrando sua cadeira para trás, subo em seu colo, montando nele.

Ele se inclina para trás, colocando as mãos atrás da cabeça, mostrando seus braços musculosos com um sorriso arrogante.

— Um amigo seu passou no Roses hoje. — Tenho sentimentos por Grave, mas preciso saber onde estou antes de me permitir sentir mais.

O sorriso cai de seu rosto, e ele inclina a cabeça para o lado. — Quem?

— Ele disse que seu nome era Jimmy. Acha que o sobrenome era Trust?

Ele bufa. — Ele não é um amigo. — Ele solta os braços e agarra meus quadris.

Franzo a testa. — Disse a ele que estávamos fechados duas vezes, mas ele insistiu em encomendar flores.

Sua mandíbula se aguça. — Estou instalando um sistema de câmeras de segurança na loja esta semana.

— Você não precisa...

— Já encomendei o equipamento. Estará aqui amanhã.

Arqueio uma sobrancelha. — Quer ficar de olho em mim?

— Sempre. — Ele pisca.

Merda, esse cara deixa minha calcinha encharcada da pior maneira. Mas tenho que saber. — Bem, Jimmy estava lá para enviar flores para Lucy. Lucy Mason. — Observo sua expressão facial para ver se ele fica com ciúmes, mas nada muda. — Você não acha isso estranho? — Instigui.

— Por que acharia isso estranho? Eu disse que ele não é meu amigo.

Respiro fundo e solto o ar lentamente, baixando meus olhos para sua camiseta preta do Kingdom para olhar para seu peito e tentar manter minha voz calma. — Ela é sua ex.

Ele levanta as mãos e as emaranha no meu cabelo, levantando meu rosto para que tenha que olhar para ele. — Lucy Mason não é minha ex.

— Amiga de foda. — Corrijo minha afirmação anterior.

— Jimmy te disse isso? — Ele pergunta.

— Ele não precisava. — Me afasto dele e me levanto de seu colo. Não vou dedurar as meninas.

— Nós estávamos, sim. Mas eu não...

—A vi ligar para você várias vezes quando estamos juntos, — o interrompo.

Ele bufa. —Não posso escolher quando ela me liga, mas prometo a você que as ignoro todas as vezes.

—Talvez seja esse o problema, você não disse a ela que está comigo. — Ele pode ignorar ela enquanto está comigo, mas o que acontece depois que ele sai?

—É complicado.

Dou uma risada áspera. —Como a sua ex, amiga foda, o que quer que seja é complicado? Ou você ainda quer transar com ela ou não.

Sua mandíbula fica afiada e ele passa a mão pelo cabelo.

Continuo: —Além disso, a vi ontem à noite no Airport. Ela estava em cima de você. — Tudo bem, talvez seja um exagero, mas a cadela estava com sede. E ela teria pulado em seus ossos se ele a deixasse. Até Jasmine disse que Lucy o levaria de qualquer maneira que pudesse ter ele.

Ele se levanta de sua cadeira. —Você me viu afastar ela também? — Ele pergunta, caminhando até mim e empurrando minha bunda contra o lado de sua mesa. Ele estende a mão e gentilmente empurra meu cabelo dos meus ombros e corre os nós dos dedos pelo meu pescoço, empurrando minha cabeça para trás no processo.

—Ela quer você. — Preencho o silêncio, minha respiração acelerando. Não querendo deixar ele me distrair da conversa. —E se é isso que você quer, me diga agora. Não me enrole.

Agarrando meu cabelo, grito quando ele empurra minha cabeça para onde sou forçada a olhar para ele. — Vamos esclarecer alguma coisa então.
— Ele lambe os lábios. — Você é minha, April. E não quero Lucy. Não mais.
— Seus olhos azuis percorrem meu rosto. — E não toquei nela nem em mais ninguém desde que estive com você.

Engulo em sua confissão.

— Só penso em você. — Ele abaixa os lábios no meu pescoço e beija seu caminho até minha orelha. — Só quero te foder. — Minha respiração falha quando ele começa a morder minha orelha. — A única mulher com quem quero estar é você.

Meus braços envolvem seu pescoço. — Estar como? — Como namorada? Ainda não dissemos isso em voz alta.

— A questão é, sou o único que você quer? — Ele pressiona seus quadris nos meus, me prendendo na mesa e posso sentir o quão duro ele está.

— Sim, — respondo.

Ele se afasta e meus olhos pesados olham para ele. — Prometo que sou todo seu, April. Você é toda minha?

Aceno com a cabeça, lambendo meus lábios. — Claro...

Seus lábios pousam nos meus e ele me levanta do chão, batendo minha bunda na mesa antes de puxar minha blusa e sobre minha cabeça.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Grave

— Você os perdeu de novo? — Cross me pergunta enquanto ele está no meu quarto na Suíte Real em Kingdom.

— Estavam na minha bolsa, — rosno, vasculhando meu armário. Não pretendo voltar aqui esta noite antes de eu e April irmos jantar, então precisava pegar algumas roupas.

Ele se senta na beirada da minha cama. — E você não tomou?

Bufo. — Eu saberia se tivesse tomado um frasco inteiro de comprimidos ontem à noite.

Ele dá de ombros, abrindo e fechando seu Zippo. — Talvez April tenha tirado.

Balanço minha cabeça. — Um, ela não sabia que eles estavam lá, e dois, ela não teria a chance. Ela chupou meu pau a caminho de sua casa, e no momento em que chegamos, subimos direto para o quarto dela. Depois que terminamos, ela desmaiou e nunca mais saiu. Deve ter sido seu irmão.

—Mas por que ele roubaria de você? — Ele pergunta. —Ele tem que saber que você os procuraria, somaria dois e dois e depois bateria na bunda dele.

—Sim, bem, acho que estabelecemos que ele não pensa a maior parte do tempo.

—Verdade.

—Vou até o Airport para falar com ele antes de ir para April.

—Quer que eu vá com você? — Ele pergunta, de pé.

—Não. Não estarei lá por muito tempo.



Sento à mesa redonda dentro do Airport, conversando com Trey quando meu celular vibra. Removo do meu bolso e coloco meu código. É um texto de April.

April: Vermelho ou preto?

Eu: Recebo fotos para escolher?

April: Não. Escolha. Vermelho ou preto.

Eu: Preto.

Ela lê, mas não responde, então tranco minha tela e coloco de volta no bolso quando a porta se abre e Lucy entra. Nunca respondi ao vídeo que ela me enviou. Deletei e pronto. Ela tentou me confrontar antes de eu lutar na noite passada, mas a ignorei também. Lucy é uma mulher inteligente, e pensei que ela iria entender, mas obviamente, estava errado. O celular de Trey toca, e ele se afasta da mesa para atender no escritório, nos deixando sozinhos.

Lucy está lá com as mãos nos quadris e um sorriso no rosto. Ela lambe os lábios enquanto eles viajam para o meu jeans. — Bem, olá sexy.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto a ela. — Trabalhando hoje à noite?

— Não. Vim para pegar meu cheque.

Mentira. Ela é paga em dinheiro. Todas as noites. Mas de qualquer forma. Não vou chamá-la por isso.

— Saindo hoje à noite? — Ela pergunta, se sentando ao meu lado, olhando para cima da minha camisa de botão e jeans.

— Sim. — Não há razão para mentir para ela. *Prometi o jantar de April.*

Vejo ela esticar o lábio inferior. — Esperava que pudéssemos sair.

— Eu tenho planos, — declaro, estendendo a mão e tomando um gole da minha água. É incrível que não tenha bebido uma bebida alcoólica em mais de uma semana.

— Com quem?

—Desde quando você se importa com quem passo meu tempo? — Pergunto. April mencionou Jimmy indo ao Roses hoje e encomendando flores para ela. Estava esperançoso que isso significava que eles estavam fodendo, e ela sairia das minhas costas, mas esse não parece ser o caso.

Ela desvia os olhos para a mesa. — Bem, estava conversando com Trey, e ele disse que você pagou uma dívida de um cara. E que pediu ao Tanner para deixar a irmã em paz.

Reviro os olhos. Maldito Trey. Ele não pode guardar um segredo para salvar sua vida. Essa é outra razão pela qual parei de sair com ele. — Isso não diz respeito a você, — declaro.

Em vez de ficar brava, ela estende a mão e toca meu braço.

Me afasto. — Preciso ir.

Ela enfia a mão no bolso do short e tira um frasco de comprimidos que sei que contém ecstasy. O mesmo da noite em sua cobertura depois que jogamos aqui. — Queria festejar com você esta noite.

Balanço minha cabeça. — Não posso. — Pego meu celular quando o sinto vibrar novamente.

É uma foto de April. Abrindo, a vejo parada na frente de um espelho de corpo inteiro em um pequeno vestido preto com saltos pretos. Ela tem a frente de seu cabelo em um rabo de cavalo alto o resto está para baixo e enrolado. Sua maquiagem é pesada com o delineador preto como amo e seus lábios pintados de escuro.

— Você ama ela? — Lucy pergunta.

Removo meus olhos da foto para encontrar os dela. Lucy parece que ainda não foi para a cama. Ela provavelmente não fez. Seus olhos escuros estão nublados, sua maquiagem bagunçada, e sei que ela está chapada. Lucy nunca passa um dia sem uma alta. Às vezes, é apenas maconha, e outras, é algo mais.

—Eu não a conheço. — Minto. Nunca escondi coisas de Lucy porque nós dois entendemos o que somos, amigos de foda, e é isso. Então, para ela estar tão preocupada sobre onde estou indo hoje à noite e com quem é uma grande bandeira vermelha. Não vou dar a ela nenhuma razão para confrontar April. Porque isso é exatamente o que ela faria. E April já questionou meu envolvimento com Lucy mais cedo em meu escritório hoje. Não quero Lucy indo até ela e dizendo qualquer coisa que possa me deixar em apuros com April.

—Você transou com ela?

—Jesus, Lucy. — Empurro minha cadeira para trás da mesa. — Isso não é da sua conta.

Ela não parece nem um pouco brava. As drogas vão fazer isso com você. Entorpece você a tudo. Eu sei. Por isso uso. Me levanto e alcanço o copo de água na mesa e tomo o que resta dele, precisando dar o fora daqui.

—E aí cara. — Trey volta a entrar na sala, embolsando seu celular. — O garoto está lutando aqui esta noite.

Ranjo os dentes e olho para o meu relógio. —Que horas? — Tenho uma hora antes de pegar April.

—Sete.

Aceno e sento de volta no banco. —Quero a bunda dele aqui no momento em que ele chegar, — peço. Vou bater na bunda dele antes mesmo dele entrar no ringue. Ele não vai tomar drogas de mim. Ele não vai usar drogas em tudo. E não vou permitir que ele faça isso com April. Ela já tem o suficiente acontecendo.

—Então... você vai ficar? — Lucy pergunta, sua voz cheia de emoção.

—Não para você, — rosno, meu bom humor foi para a merda.



April

Ando pela minha sala de estar, meus olhos no relógio pendurado na parede. Ele está duas horas atrasado. Não liguei para o celular dele uma vez. Ele nunca respondeu a minha foto. Ele estava falando comigo e depois simplesmente desapareceu. Nunca fui deixada antes, mas tenho certeza que é assim que é. Estou furiosa. Tão chateada pra caralho que ele me deu um bolo.

E que me apaixonei por isso em primeiro lugar. As coisas estavam indo bem, certo? Disse ou fiz algo que me fez parecer desesperada? Ou apaixonada? O que poderia ter assustado ele? Ele tem sido tão pegajoso

quanto eu e parecia geralmente interessado. Já fui dispensada antes, e ele nunca me fez sentir indesejada ou que ele precisava de espaço. Teria recuado e dado a ele.

Disse algo ontem à noite enquanto estava bêbada? Honestamente, a noite está meio embaçada. Lembro de sua luta. Estando excitada. As bebidas. Depois fui para casa com ele. Dei-lhe um boquete. Depois disso, a merda fica nebulosa. Então poderia ter dito algo para ele, mas ele não teria mencionado isso para mim esta manhã quando ele me acordou e me deu um beijo de despedida? Por que fazer planos se ele não ia aparecer?

Não pode ser isso. Ele parecia bem no almoço de hoje. Eu trouxe Lucy, no entanto. Tão estúpido da minha parte! Deveria ter apenas deixado para lá. Mas, novamente, ele parecia bem. Ele me fodeu ali mesmo em sua mesa, almoçamos e então ele me acompanhou até o meu carro. Me deu um beijo de despedida com a promessa de me ver hoje à noite para o jantar.

Meu celular toca, e corro para ele. Vejo que é Jasmine. — Alô?

— Ei, onde você está? — Ela exige. Posso ouvir o som do carro dela ao fundo, me deixando saber que ela está dirigindo.

— Em casa.

— Estou indo te pegar. Se vista.

Olho por cima do meu vestido preto e suspiro. — Infelizmente, estou. Onde estamos indo?

—Bem, acabei de receber uma mensagem do meu ex. Lembra dele? Trenton? Ele disse que achava que Grave estava namorando minha amiga, você, e eu disse que sim. Ele passou a me dizer que Grave está no Airport...

Fecho minhas mãos. — Lutando?

Ela ignora minha pergunta. — Vocês não tinham um encontro hoje à noite?

—Sim. — Alexa tinha folga hoje à noite, e nós íamos ter uma noite de garotas, mas Grave queria me levar para jantar, então as deixei por ele. Grande erro de merda da minha parte. — Esperei duas horas por ele. Ele me dispensou pela porra do Airport? — Meu próximo pensamento é que ele fez isso para passar um tempo com Lucy. Ela trabalha lá.

—Sim, Trenton disse que ele está fodido. Ruim. Tentei ligar para Cross, mas ele não atendeu. O telefone de Bones foi direto para o correio de voz, e não quero incomodar Titan. Falei com Emilee mais cedo e eles estavam voltando mais cedo.

Abaixo minha cabeça, passando minha mão livre pelo meu cabelo. —O que você está dizendo?

Ela solta um longo suspiro. — Estou dizendo que esta é a hora de você escolher, April.

—Escolher o quê? — Pergunto, mas já estou jogando minha bolsa por cima do ombro.

—Se você vai lutar por ele ou não. — Ela faz uma pausa. — Me disseram que ele foi visto com Lucy.

Engulo o nó que se forma na minha garganta. Meu coração batendo mais rápido com sua declaração. Eu tinha razão. Ele está com ela. Mas... havíamos concordado que éramos exclusivos, certo? Isso foi o que ele estabeleceu no almoço de hoje. Isto é minha culpa. Esperei demais dele. Um cara como Grave não sossega. Ele está fodendo Lucy há anos. Não foi isso que as meninas disseram? Se ele não se comprometeu com ela, então ele não se comprometerá comigo.

Ele me largou para ficar com ela. Por que não me disse que não conseguiria vir? Ou ser honesto e dizer 'ei, eu não quero sair com você esta noite, alguém melhor apareceu?'

Tomando uma decisão, decido que vou dizer a ele pessoalmente para ir para o inferno. — Estarei esperando por você lá fora.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Grave

Acordo com uma dor de cabeça latejante. Um zumbido em meus ouvidos e olhos sensíveis. Percebo que estou em uma cama. *Não é minha.* Mas já estive aqui antes. Me lembro dos lençóis roxos.

Rolo para ver April deitada ao meu lado. Em sono profundo. —O que...? — Paro, levantando as cobertas para ver que ela está do lado esquerdo, de frente para mim. E ela usa uma camiseta do Kingdom. É uma camiseta masculina, engolindo ela. E é isso.

Então olho para mim. Estou completamente nu. *Porra!*

Me deito e passo a mão pelo meu rosto. Como acabei com ela ontem à noite? Olho para ela, e ela ainda usa sua maquiagem. Listras pretas que sei que devem ser de lágrimas agora estão secas em suas bochechas. *O que eu fiz com ela?*

Porra, nós deveríamos ter um encontro. Certo? Por que não consigo me lembrar? Eu a machuquei fisicamente? Levanto os lençóis mais uma vez e corro meus olhos sobre sua pele exposta, mas não vejo nenhum sinal físico. Rastejo para fora da cama e tropeço para o banheiro privativo. Lavo o rosto

com água fria e escovo os dentes com uma escova de dentes aleatória. Vou usar qualquer coisa para tirar esse gosto horrível da minha boca. Então uso o enxaguante bucal. O gosto não perdura mais, mas minha boca parece a porra de uma lixa.

O que diabos eu fiz ontem à noite? E como April veio parar aqui? Transei com ela? Não me lembro de nada!

Corro a mão pelo meu cabelo. Está de pé em todos os sentidos. Há círculos escuros sob meus olhos injetados de sangue. E um corte no canto do meu lábio superior. Não é a primeira vez que acordo nessa situação, apenas me perguntando como ela se envolveu nisso. A porta do banheiro se abre e Titan entra. Ele dá uma olhada para mim nu e balança a cabeça, desviando o olhar. Ele me joga uma calça de moletom cinza que está em sua mão, e sento minha bunda ao lado da banheira para colocar, não confiando no meu equilíbrio para ficar de pé.

Uma vez vestido fico sentado e coloco meus cotovelos nos joelhos e me inclino para frente. Meu rosto cai em minhas mãos. —O que aconteceu? — Limpo minha garganta com minha voz áspera e esfrego minhas têmporas latejantes.

—Você se fodeu, — ele responde simplesmente.

—Não. — Balanço minha cabeça. — Tínhamos planos...

—Ela encontrou você no Airport. Nas drogas e com Lucy.

—Porra! — *Como acabei com Lucy?* Não consigo me lembrar. E o que diabos estava fazendo? —O que eu fiz? — Pergunto baixo. — Com... Lucy?

— Odeio ter que fazer essa pergunta, mas é uma possibilidade. As drogas e as mulheres andam de mãos dadas. Fico chapado, e tenho meu pau chupado. Então desmaio e acordo sozinho. E sempre estive bem com isso.

— Isso é algo que você precisa discutir com April, — ele responde.

Isso não me faz sentir melhor. Deixo cair minhas mãos e levanto minha cabeça para olhar para ele.

Ele se inclina contra a porta fechada do banheiro com os braços cruzados sobre o peito com uma carranca no rosto. — Ela e Jasmine encontraram você desmaiado em um quarto no chão. — Engulo. — Jasmine me ligou. April estava chorando. — Fecho meus olhos. — Disseram que não conseguiram fazer você acordar, mas você vomitou nela.

— Porra! Porra!

Ele suspira. — Emilee e eu voltamos cedo de Nova York e fomos buscar vocês. Trouxe vocês dois de volta para o nosso lugar. Tinha algumas camisetas do Kingdom no meu carro, então Emilee a ajudou a limpar e trocar de roupa. Coloquei você no chuveiro e limpei você.

Me levanto, e o banheiro balança, então coloco minha mão na parede para me estabilizar. E Titan avança em mim. — Ela não queria ficar com você.

Então por que acordei com ela? — Mas ela...

— Ela ficou porque ela não queria que você morresse em seu próprio vômito enquanto você dormia de qualquer merda que você tivesse usado.

— Sua voz se eleva. — Ela não queria isso em sua consciência. O que quer que você esteja fazendo, você precisa parar.

Meus olhos se estreitam nele. — O que isso significa? — Minhas drogas e bebida não são novidade para eles.

— Qualquer fascínio que você tenha por April. Corte isso agora.

— Vai de foder, Titan! — Empurro a parede.

Ele me empurra de volta. Ele vem para ficar contra mim, prendendo minhas costas na parede ao lado da banheira. — Eu nunca te disse o que fazer, Grave. Não é meu lugar. Mas o que quer que você esteja fazendo com ela. Corte isso! Agora!

— Porra de movimento... — Vou empurrar ele para longe, mas ele não se mexe. Ele é muito forte, e estou muito fraco no momento. Uma noite de drogas sem fim fará isso com você.

Ele se inclina para baixo, seus lábios na minha orelha. — Ela é melhor que você. Merece melhor do que você. — Endureço com suas palavras. — Ela se importa muito com alguém que deseja a morte. Fique com a porra da Lucy. Ela é mais a sua velocidade. — Então ele dá um passo para trás, enfia a mão no bolso e tira um frasco de comprimidos. — April encontrou isso em seu jeans. — Ele os joga no meu peito antes de sair.

Me viro e soco a porra da parede, fazendo um buraco no gesso. Inclinando minha cabeça contra ela, fecho meus olhos enquanto tento acalmar minha respiração.

Ele tem razão!

April não pertence ao meu mundo. Minha bagunça. Lucy se divertiu com isso. Implorou por outro golpe. Implorou para que eu trouxesse outra garota para nossa cama. Ela gosta de sua vida suja. Apenas como eu. Mas tenho estado limpo. Para April. Então por que fodi tudo?

Empurro a parede e abro a porta do banheiro e saio do quarto, mas paro quando vejo April parada ao lado da cama. Seus olhos azuis de gelo vermelhos e inchados.



April

Ele fica lá olhando para mim com olhos duros como se ontem à noite fosse minha culpa. Eles caem nas minhas pernas, e empurro a camiseta enorme para baixo, tentando me cobrir. Ele percebe e desvia o olhar de mim, sua mandíbula afiando no processo.

Observo seu corpo. Ele só usa uma calça de moletom. Ela está baixa em seus quadris estreitos. Seu V definido totalmente em exibição. Posso ver a suavidade de seu pau atrás dele. Normalmente, coraria com o que fizemos na cama, mas tudo o que consigo pensar é no que ele fez com Lucy na noite passada.

— Grave! — Caio ao seu lado no centro da sala. Seus olhos estão fechados e seus lábios entreabertos. — Grave, acorde! — Grito, lágrimas queimando meus olhos.

Jasmine cai ao meu lado e puxa o celular do bolso.

Choro quando toco seu pescoço com as mãos trêmulas. Sua pele está úmida e pálida. Por favor, não esteja morto. — O que você fez, querido? O que você tomou?

Queria acordar ele. Gritar com ele. Bater no peito dele e perguntar: o que diabos você pensa que está fazendo? Por que você desperdiça sua vida? Mas eu não fiz. Aprendi uma lição muito importante na noite passada.

Eles não o chamam de Grave por nada.

— Você está mesmo arrependido? — Pergunto, quebrando o silêncio constrangedor.

Seus olhos voltam para os meus, mas ele não responde. Aceno, recebendo minha resposta. Me abaixo e pego meu telefone do chão e me viro para caminhar em direção à porta. Sou puxada para parar com uma mão no meu braço. Quase choro apenas com seu toque. Abaixei minha cabeça, olhando para o chão enquanto as lágrimas começaram a queimar meus olhos. Ele gentilmente me vira e levanta meu queixo para olhar para ele. Meus olhos disparam para a esquerda, olhando para um ponto na parede, sem querer fazer contato visual.

— Eu machuquei você? — Ele questiona grosseiramente.

Apenas meu orgulho. — Não, — rosno, com raiva de mim mesma. Essa primeira lágrima escorre pelo meu rosto, e mordo meu lábio inferior com

vergonha de deixar ele me afetar tanto. Que realmente me importo que ele me largou para ficar chapado e foder sua amiga de foda. Aquela que ele mentiu descaradamente sobre não foder mais.

Ele solta meu braço, segura meu rosto com uma mão e o limpa com o polegar. Meus olhos finalmente encontram os dele, e ele olha para mim, não revelando nada. Ele está escondido atrás de uma parede de um quilômetro de altura. Olho para baixo e vejo um frasco de comprimidos na outra mão. Os mesmos que encontrei nele ontem à noite quando tentei acordá-lo. Quando gritei o nome dele no meio da sala, e ninguém me ajudou. Ninguém parecia se importar que ele não estivesse respondendo, exceto Jasmine. Ela estava tão frenética quanto eu.

— Por que você faz isso? — Pergunto, minha voz, tremendo. Sinto que estava cega para quem ele realmente é. Para o que ele quer. Era tudo mentira, e acreditei. A noite passada abriu meus olhos. Não é difícil descobrir que este é o seu estilo de vida. A noite passada não foi apenas uma noite com amigos. Quantas vezes estive com ele, e ele estava chapado que eu não sabia? Ele é tão bom em esconder isso? Ou sou tão cega assim?

Ele quebra meu coração com três palavras. — Para se sentir vivo.

Não houve confusão. Ele sabia exatamente o que eu queria dizer. E isso me assusta mais do que sua resposta. A raiva toma conta da minha mágoa. O que ele fez. Para mim. Para ele mesmo. Dou um tapa na cara dele. O som ricocheteando nas paredes do quarto silencioso.

Sua cabeça se move para o lado. — April ...

Bato nele novamente. Mais duro. Seus olhos se fecham com força. — Você sentiu isso?

Ele se endireita, passando a mão pelo rosto enquanto sua respiração acelera. Seu peito nu subindo e descendo rapidamente. Minha mão arde, e seu rosto agora mostra duas marcas minhas. Bato nele novamente.

— Pare! — Ele grita, agarrando meus pulsos e batendo minhas costas na porta, fazendo-a chacoalhar. Seus olhos embaçados pelas drogas me encaram. — Eu não espero que você entenda.

— Eu não entendo. — As palavras ficam presas na minha garganta, e meu lábio inferior começa a tremer, tentando manter a calma. — Me ajoelhei no chão ontem à noite, Grave. E implorei para você abrir os olhos. Chorei para que você não estivesse morto. — Sufoco. — Você sabe como é isso? — Puxo meus pulsos livres de seu aperto. Ele está fraco. Seu corpo cansado. As drogas vão fazer isso com você. Drenar você de tudo que você tem. Empurro em seu peito.

Ele dá um passo para trás de mim. — Não me lembro de nada da noite passada.

Isso me deixa ainda mais chateada. — Você esqueceu que tínhamos um encontro? Que você me deixou esperando?

— Não, — ele late. — Me lembro do encontro. Só não me lembro como acabei com Lucy.

Lá está ela novamente. Ela apenas ficou lá como um cervo pego nos faróis.

— Lucy, o que ele tomou? — Jasmine exige, ainda ajoelhada ao meu lado. Sentei de bunda no meu vestido e puxei seu corpo para o meu colo. Sua cabeça em minhas mãos.

Choro, sacudindo ele. — Por favor, acorde...

— Lucy! — Jasmine grita, pulando de pé. Ela segura o telefone em uma mão com Titan no viva-voz. — O que diabos ele tomou?

— Ele... ele... um frasco de comprimidos... — Ela soluça. Como se ela se importasse que ele estivesse morrendo diante de nossos olhos. Ela estava literalmente cheirando uma linha de coca em um espelho compacto quando entramos no quarto.

— Porra! — Titan assobia pelo telefone. — Estamos quase aí.

Começo a vasculhar o bolso de sua calça jeans. É quando seu corpo estremece e ele começa a vomitar.

— Você transou com ela? — Pergunto. Jasmine disse que Trenton havia subido ao escritório para falar com Trey e foi quando viu Lucy e Grave sentados à mesa, mas ninguém mencionou sexo.

Sua mandíbula se aguça. — Eu não sei.

Meu peito aperta com sua resposta, e aquelas lágrimas voltam aos meus olhos.

Ele suspira e dá um passo em minha direção. — April...

—Não. — Jogo minhas mãos para cima. Estou com nojo dele e de mim. Acho que vou ficar doente só de pensar nele com ela. Quando ele deveria estar comigo.

—Eu estava fodido, — ele rosna.

Suspiro. — Isso não torna tudo bem, Grave.

—Sinto muito...

—Não minta para mim, porra! — Grito. Jasmine estava certa. Queria que ele me quisesse. Queria que ele me amasse como o amo, mas não posso competir com alguém como Lucy. Ela dá a ele algo que nunca vou dar. Aceitação. — Não posso estar com alguém que escolhe usar drogas e foder comigo. Me recuso a me rebaixar a esse nível. Me respeito demais por isso.

Com isso, me viro, abro a porta e a fecho com força. Olho por cima do ombro para ver que ele não me seguiu. Não esperava que ele seguisse.

Ando pelo corredor e entro na lavanderia que Emilee me mostrou ontem à noite. Abro a secadora para ver se meu vestido está limpo. Emilee teve a gentileza de nos trazer de volta ontem à noite e me ajudar a tirar minhas roupas sujas. Fecho quando vejo que está vazio. —Merda. — Espero que ainda não esteja na máquina de lavar. Abro, e isso também está vazio. Vou sair, mas vejo meu vestido dobrado em cima da secadora.

Obrigada, Emilee.

Rapidamente me visto e coloco a camiseta no pequeno cesto de roupas sujas. Ouço vozes lá embaixo na cozinha, e desço até elas, carregando meus saltos na mão da noite passada. Titan está na ilha da cozinha com as costas

apoiadas nela e os braços cruzados sobre o peito. Memórias da noite passada voltam para mim.

A porta se abre e Titan entra com Emilee.

— Eu não sei o que aconteceu, — choro. Minhas mãos cobertas de vômito. — Ele começou a ficar doente.

— Grave? — Titan dá um tapa em seu rosto. Ele não se move. — Grave, acorde, cara! — Ele grita, estalando os dedos na frente de seu rosto.

Nada ainda.

— Abra a porta, — ele ordena a Emilee antes de pegar Grave.

Emilee está no forno, tirando muffins dele.

— Obrigada por tudo, — digo, chamando a atenção deles.

Ambos olham para mim. Ela me dá um sorriso triste. — Claro. Fico feliz que possamos ajudar.

Titan não diz nada.

— Eu vou indo, — digo sem jeito, puxando meu vestido para baixo. Não é curto de forma alguma, mas me sinto vulnerável.

— Titan pode te dar uma carona para casa, — Emilee oferece.

— Não. — Balanço minha cabeça. — Vou chamar um Uber.

— Absurdo. — Ela acena para mim.

Sem outra palavra, ele se afasta da ilha da cozinha, dá um longo beijo nela e depois caminha em minha direção. Sigo ele silenciosamente até a

garagem. Entramos em um Maserati vermelho-maçã doce e ele sai da garagem. Dou a ele meu endereço e depois fico em silêncio novamente.

Vinte minutos depois, ele estaciona na minha casa, e agradeço. Quando vou sair do carro, ele finalmente fala. — Grave não é como o resto de nós.

Isso me faz parar. Me viro para olhar para ele, esperando que ele elabore.

Ele passa a mão pelo rosto antes de soltar um suspiro. — Eu disse a ele para se afastar de você. — Seus olhos queimam nos meus com suas palavras. — Que o que quer que esteja acontecendo entre vocês dois, para terminar. E mantenho essa decisão. — Meu coração bate forte com sua confissão. — Ele não é alguém que você pode mudar, April. E você não é o tipo de mulher que aceita o que ele tem a oferecer. — Então ele se vira para olhar para frente, me dispensando.

Entorpecida, abro a porta e saio. Ainda estou lá em choque completo com suas palavras quando ele sai de vista. Ele apenas disse o que já disse a Grave, mas isso não faz a dor no meu peito doer menos.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Grave

Subo no elevador até o décimo quinto andar da torre Mason Sul. Ainda me sinto uma merda. Minha boca seca e minha cabeça lateja. Peito tão apertado que é difícil respirar. Sinto como se alguém estivesse sentado nele. Deveria estar na cama, desmaiado, mas isso não podia esperar. Tenho algo a dizer.

Ela não está me esperando. Não queria tirar a surpresa. O elevador para, e a porta se abre. Ando pelo corredor e bato na única porta à direita. E espero. Ficando impaciente, vou fazer de novo, mas abre.

— Você me drogou, porra! — Grito na cara de Lucy.

Seus olhos escuros estão vermelhos e pesados. Seu cabelo loiro descolorido uma bagunça emaranhada e tudo o que ela usa é uma regata apertada com uma tanga enquanto está na porta da frente.

Ela pisca, seus olhos tentando se concentrar. — Grave...

Envolvo minha mão ao redor de sua garganta e a empurro em sua cobertura. Empurro para trás contra a parede do vestíbulo e corto seu ar.

Olho para ela. — Demorou horas para que as memórias voltassem. E você sabe o que me lembrei quando elas voltaram? — Rosno em seu rosto. Lágrimas enchem seus olhos e seus lábios se separam. Sacudo violentamente. — A água que eu tinha na mesa. Você fez algo enquanto estava olhando para a foto que April me enviou. — Solto, e ela cai de joelhos tossindo.

É a única explicação lógica. Não tinha essas pílulas comigo quando cheguei ao Airport para falar com Trey enquanto esperava por Ethan. Não as tinha quando estava enviando mensagens de texto para April. Mas me lembro que Lucy fez.

— O que você me deu? — Grito. Não sei o que é pior. O fato de que ela me deu sem o meu conhecimento ou que ela queria sabotar meu encontro com April. — Quantos, Lucy? — Exijo, batendo meu punho na parede.

— Eu não sei. — Ela choraminga. — Acabei jogando um pouco nele.

— Jesus! — Ela pensou que tinha que me dar uma dosagem alta devido à minha tolerância. Obviamente não era minha primeira vez, então ela queria ter certeza de que me daria o suficiente para não questionar o que estava acontecendo.

— Desculpe, Grave. Eu...

Me abaixo, agarro seu cabelo e a puxo para ficar de pé. Ela grita quando a empurro na mesa de vidro, derrubando uma tigela que cai no chão e se estilhaça. — Que porra você estava pensando?

— Eu sinto muito. — Ela soluça. — Eu sinto muito.

Sento à mesa de repente cansado. Meus olhos pesados. Lambo meus lábios.

– Como você está se sentindo? – Lucy pergunta, levantando de seu assento.

– Muito... muito bem, – respondo. Inclinando para trás na cadeira, sinto minhas pernas se abrindo.

A porta lateral do escritório se abre e Trey sai. Ele não disse que Ethan estaria aqui em breve? Há quanto tempo foi isso? Ele olha para mim e depois para Lucy.

– Vocês, crianças, se divirtam. – Em seguida, sai da sala, nos deixando sozinhos.

Ela caminha até mim. Tento me sentar reto, mas meu corpo não funciona.

– Eu posso fazer você se sentir melhor. – Ela empurra minha cadeira para trás da mesa e cai de joelhos.

Fecho meus olhos pesados e passo minha mão pelo meu rosto. – Porra, – solto. Trey me deu alguma coisa? Por que estou aqui para começar? Sinto que tinha algo para fazer, mas... April. É isso. Temos planos para o jantar. Ela tinha me mandado uma foto... vestido preto com salto preto. Meu pau começa a ficar duro. Sim, isso é o que eu queria fazer, foder com ela.

Ela abre o zíper do meu jeans e puxa para baixo o suficiente para pegar meu pau em sua mão. – É isso, April. – Gemo o nome dela.

– Você apenas sente, baby. Vou fazer você se sentir tão bem. – Ela lambe meu pau. – Eu sempre faço você se sentir bem, certo?

– Porra, sim! – Concordo, mantendo meus olhos fechados.

Solto, e ela cai no chão mais uma vez. — Eu te chamei de April, caralho!
— Grito. Realmente pensei que era ela. — Você está tão fodida que não se importou?

Ela olha para mim de joelhos. Sua maquiagem manchada de lágrimas e ranho. — Eu te amo, Grave...

Soltei uma risada áspera.

— Serei quem você quiser que eu seja. — Ela funga. — Você pensou que era ela, mas era eu. Eu fiz isso... eu sou quem você quer!

Porra, ela está claramente alucinando. — Bem, me deixe deixar isso bem claro para você. — Me ajoelho ao nível dela. — Fique longe de mim, Lucy! Você está certa, foi sua boca que fodi ontem à noite, mas você não era quem eu queria. — Então saio correndo, batendo a porta atrás de mim.



Lucy

Vejo ele olhar para seu celular, e rapidamente abro a tampa do frasco de comprimidos e despejo sobre sua água. Dissolvem rapidamente. Eles não chamam isso de droga de estupro por nada. Mas não é estupro quando eles querem. Ele me quer. Sempre quis. Sempre vai. Fazemos isso o tempo todo, tomar algumas pílulas e foder.

Eu sou sua correr ou morrer. Sou dele para ser. Grave me ama. Ele simplesmente não sabe como mostrar isso.

– Você ama ela? – Pergunto.

Seus olhos azuis encontram o caminho para os meus, e ele mente na minha cara. – Eu não a conheço.

Quase me arrependi do que estava prestes a fazer. Agora sinto que deveria ter acrescentado mais.

Ele pega sua água e bebe. – Preciso ir.

Ele se levanta, e meu coração dispara para que ele vá embora. Não. Ainda não tive minha chance. Ela pode mostrar a ele como ela se importa com ele, então eu deveria pegar o meu. É justo.

Nesse momento, a porta do escritório se abre e Trey entra na sala mais uma vez. – Ei, cara, o garoto está lutando aqui esta noite.

Grave olha para o relógio. Provavelmente se perguntando se a cadela vai esperar por ele. – Que horas?

– Sete.

Ele se joga de volta em seu assento, retrucando: – Eu quero a bunda dele aqui no momento em que ele chegar.

– Então... você vai ficar? – Pergunto, tentando esconder meu sorriso. Não vai demorar muito para que essas pílulas façam efeito. Já estou sentindo a minha.

– Não para você, – ele rosna.

Ah, mas você vai ficar para mim.

Soluço no chão da minha entrada enquanto Grave sai da minha cobertura. Eu fodi tudo! Pensei que se pudesse mostrar a ele o quanto o amo, ele faria o mesmo. *Ele ama ela.* Sei disso, e ele sabe disso. Ele estava mentindo para mim no Airport ontem à noite quando perguntei a ele. Fingi que não me incomodava, mas partiu meu coração. Por seis anos, estive lá para ele. Rastejei em minhas mãos e joelhos para fazer ele feliz.

Eu lhe daria qualquer coisa que ele pedisse. Passo as costas da minha mão sob meu nariz escorrendo e rastejo até a sala de estar aberta. Meu peito está apertado e não consigo engolir o nó na garganta. Chego ao meu celular e, com os olhos embaçados, disco o único número que consigo pensar.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Grave

Segunda de manhã, estou no escritório do meu irmão no Kingdom com as costas apoiadas na parede enquanto ele se senta atrás da mesa. Ele silenciosamente olha para mim. Seus olhos queimando buracos em mim.

—Guarde isso, — o advirto. Não estou com vontade de ser fodido.

Sua mandíbula apertada, mas ele não diz nada.

A porta se abre, e olho para ver Cross entrar e se sentar em uma das cadeiras em frente à mesa. Ele se inclina para trás e apoia os pés na mesa. Meu irmão coloca os olhos nele. —Posso te ajudar? — Ele exige.

Cross apenas abre e fecha seu Zippo. Meu irmão suspira, passando a mão pelo cabelo. Sua irritação aparecendo. Ele quer bater a merda fora de mim. Manda ver. Estou em clima de luta.

—Titan me disse que levou sua garota para casa. Ela estava muito chateada com você, — Cross finalmente fala.

—Que garota? — Meu irmão pergunta.

—Ninguém, — respondo, e meu peito aperta. Preciso ir vê-la. Pedir desculpas. *Mas para que?* Não vou contar a ela o que aconteceu. Não vou contar a ninguém o que aconteceu. Isso é o que eles esperam de mim. Drogas, mulheres e decepções. Ninguém acreditaria que Lucy me drogou, e tenho certeza de que não vou admitir que de bom grado a deixei chupar meu pau. O fato de pensar que era April não importa.

A porta se abre novamente. Desta vez, é Titan. —Nós vamos ter outra porra de reunião? — Rosno.

Titan fecha a porta atrás dele e se senta ao lado de Cross na outra cadeira.

—Então, Grave está negando April, — Cross diz para Titan.

Titan nem sequer olha para mim. — Bom.

Cross arqueia uma sobrancelha com suas palavras. —O que...?

—Ele precisa ficar bem longe dela. — Seus olhos finalmente vêm para os meus. — Ela é boa demais para ele.

—É isso então? — Exijo. — Vai me avisar para ficar longe dela? Bem, não se preocupe com isso. Terminei. Acabou. — Me sinto doente por admitir isso. Sabendo que estraguei a melhor coisa que eu já tive.

—Não. — Meu irmão suspira. —Queremos que você se interne na reabilitação.

Bufo. *Que se foda isso!* —Não. — Me viro e caminho em direção à porta.

— Grave, se você não se registrar hoje, então não volte para Kingdom amanhã.

Me viro e olho para ele. — Você não pode me demitir. Possuo uma parte deste negócio.

Ele balança a cabeça. — Não é sobre o negócio. Você não entende? Você irá morrer!

— Não tenho medo da morte, — digo apenas para irritar ele ainda mais.

— Maldição, Kyle! — Ele grita.

Sua voz está fazendo minha cabeça latejar, intensificando minha já insuportável dor de cabeça. Alcanço a maçaneta da porta.

— Não se atreva a sair do meu escritório! — Um peso de papel de vidro voa ao meu lado, batendo na parede com tanta força que faz um amassado nela. — Estou falando com você!

Abro a porta e saio, entrando no elevador e dando o fora deste lugar sem intenção de voltar para o dia.



April

Sento no bar, uma tigela de amendoins na minha frente, suas cascas cobrindo o chão.

Alexa está na minha frente, silenciosamente me julgando. — Você gostaria de outra? — Ela pergunta.

Empurro meu copo vazio pelo bar, e ela enche minha água. Não estou com vontade de beber. Só quero encher meu rosto de amendoim e chafurdar na minha própria pena.

—O que há de errado com ela? — Derek pergunta, chegando ao lado dela.

—Grave a traiu. — Ela suspira.

—O que? Você estava namorando aquele idiota? — Ele bufa. —O que você esperava?

—Derek! — Ela o empurra para longe. — Isso é uma merda de dizer.

—Eu disse a ela que os Kings não eram pessoas para foder.

—Vá trabalhar, porra, — ela estala para ele.

—Ele está certo, — murmuro. — Nunca deveria ter fodido com ele.

—Jesus, — ele sibila.

Uma figura cai ao meu lado. —Se sexo é tudo que você precisa, posso te arrumar. — Jasmine bate seu ombro no meu de brincadeira, tentando aliviar o clima.

Não sorri.

—Falando em sexo... — Derek continua. —Você está livre amanhã à noite? — Ele pergunta a ela.

Jasmine bufa. —Nunca estou livre. Sempre o melhor dólar.

Ele sorri, seus olhos correndo sobre o peito dela. —Quanto cem vai me dar?

—Meu pé na sua bunda.

Ele mexe as sobrancelhas. —Eu poderia entrar nisso.

—Ah, você vai adorar, — ela responde.

—Vocês dois são nojentos. — Alexa balança a cabeça.

Pego outro amendoim e quebro antes de jogar o amendoim na boca.

—Eu tenho uma solução, — Jasmine oferece.

—O que é isso? — Pergunto, não realmente me importando.

Sinto falta dele. Essa é a pior parte. Me apaixonei por um traidor, e minha bunda idiota sente falta dele. Dizer a si mesmo que você é bom demais para ele é mais fácil falar do que fazer.

—Isto. — Ela começa a juntar o cabelo ruivo nas mãos.

—O que você está fazendo? — Alexa pergunta.

—Estou arrumando meu cabelo. Nós vamos colocar algum rap de gângster, e vamos cortar uma cadela. — Ela tira uma faca de sua bolsa Louis Vuitton.

—Você não pode ter isso aqui. — Alexa suspira.

Jasmine a ignora e olha para mim. Seus olhos verdes arregalados de excitação. —Descobri que se você lambe o sangue dele, é bastante eficaz. Mostra a eles que você não dá a mínima. A maioria das pessoas desaprova o canibalismo.

—Me dê isso. — Alexa alcança sobre o bar e puxa de sua mão.

Jasmine dá de ombros. —Eu tentei. Eu não sou tequila. Não posso fazer todo mundo feliz.

—Tequila me faz querer lutar, — digo.

—Então é tequila. — Jasmine bate palmas.

—Não! — Alexa balança a cabeça. —Somente água e amendoim.

Jasmine faz bico. —Você não é engraçada. — Então ela fica séria e coloca a mão no meu ombro. —Você sabe que isso não é culpa sua, certo?

—Isto é. — É tudo culpa minha. Meu irmão se metendo em apuros. Caindo pelo Grave. Poderia ter evitado tudo. —Sou mais esperta que isso.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Grave

Sento no quarto escuro do hotel com as cortinas pretas fechadas. Me tornei meu irmão. É por isso que ele é sempre tão idiota? Porque ele amou alguém e a perdeu?

‘Numb’ de 8 Graves toca nos alto-falantes do meu telefone. Cross está ao lado do sofá, preparando sua merda. Ele é o único com quem estou falando no momento. Ameacei ele com a vida para não contar aos outros onde estou. Estou com meu celular desligado por alguns dias e cortei todas as comunicações externas até hoje, quando mandei uma mensagem para ele vir me ver.

Ele tira as luvas da bolsa e faz uma pausa, olhando para mim. — Tem certeza que você quer fazer isso?

— Sim. — Sempre fui impulsivo. April me faz pensar, e odeio isso. Eu estava me afogando, e ela foi minha última tentativa de viver. Ela viu minha luta e me puxou para fora da água. Ela me deu a vida, e eu não lhe dei nada. — Faça.

—Eu não posso trabalhar no escuro... — Ele para, caminhando até a parede e acendendo as luzes brilhantes.

Me deito no sofá com um rosnado e arranco o cobertor das costas dele, jogando-o sobre o meu rosto. Talvez eu tenha sorte e sufoque.



April monta em meus quadris, seu cabelo roxo caindo sobre seus ombros. Ela estende a mão, passando as mãos por ele e empurrando-o para fora de seu rosto, virando-o para o lado. Estivemos na cama dela durante todo o fim de semana. Ignorei todas as ligações e mensagens do meu irmão e dos outros Kings. Quero passar cada segundo que tenho com essa mulher. Nem pensei em um barato ou uma bebida.

Corro minha palma pelo osso do peito ainda sentindo seu coração bater, sua pele escorregadia de suor. Ela viaja mais baixo até agarrar seu osso do quadril. Ela morde o lábio inferior enquanto seus olhos percorrem a tinta no meu peito. Eles seguem as linhas do meu crânio com a coroa inclinada no meu peitoral esquerdo. Em seguida, os ossos cruzados por baixo. Todos os Kings os têm. — Quantos anos você tinha quando fez sua primeira tatuagem?

— Dezoito.

— Sempre quis fazer uma tatuagem.

— Mesmo? O que você quer? — Meus olhos percorrem seus seios perfeitos e as curvas de seus quadris, imaginando-os cobertos de tinta.

— Quase passei por isso uma vez. — Ela ri. — Minha melhor amiga, Alexa, e eu saímos e ficamos bêbadas. Ela estava namorando um músico na época, e nós fomos ao show deles. De qualquer forma, depois todos os membros de sua banda fizeram tatuagens iguais. Eu queria colocar uma pétala no meu braço.

— Então por que você não fez?

— Porque sei que não pararia.

Alcanço ela e passo minhas mãos por seu cabelo emaranhado. — E por que isto?

— Porque elas são viciantes.

— Elas são, — concordo.

Ela passa a mão pelo meu braço direito, seus dedos seguindo a tinta. — Sempre quis uma manga. Eu amo arte. Eu apenas...

— Vá em frente, — a encorajo.

— Não confio em ninguém para desenhar em mim. Eu gostaria de fazer isso, e bem, não sou uma tatuadora.

— Você poderia ser.

Ela ri.

— Cross é um tatuador.

— Ele é? — Seus olhos azuis de gelo se arregalam.

Concordo. – Sim. Ele tem uma loja dentro do Kingdom. Se você desenhar para ele o que quiser, ele fará isso por você.

– Grave? – Sinto uma mão no meu peito.

– Hum? – Sento e olho para Cross ao meu lado.

A mesa de centro de vidro está cheia de latas de Red Bull e serviço de quarto que ainda não terminamos. – Nós terminamos, – ele me diz.

– Quanto tempo dormi? – Pergunto, sentindo meu braço formigar. Ele está bebendo açúcar e eu tomei alguns analgésicos para ajudar com a dor e descansar um pouco.

– Um pouco mais de duas horas desta vez.

Coloco meu rosto em minhas mãos. Toda vez que durmo, a vejo. Ela é como um pesadelo recorrente do qual não consigo escapar, não importa o quanto tente.

– Terminei, – afirma.

– Completamente? – Pergunto, olhando para ele.

Ele tira o Zippo do bolso e acende um cigarro. – Sim. Dê uma olhada.
– Ele estende a mão para me ajudar a levantar do sofá na minha suíte de hotel. Ele pega o pedaço de papel no chão e o coloca na mesa de centro, para que não pise nele.

Um total de uma semana, trinta e cinco horas e minha outra manga está completa.



April

Estou no meio de Roses com Alexa, Haven e Emilee. Jasmine está no refrigerador em seu telefone. Voltei lá um minuto atrás e ela estava xingando alguém sobre o pagamento de uma rainha. Fiquei confusa e saí correndo de lá o mais rápido que pude para dar privacidade a ela.

Emilee continua me encarando. Toda vez que olho para ela, ela desvia os olhos. Está começando a me deixar paranoica. Esta é a primeira chance que tive de sair com elas desde que tudo aconteceu com Grave na semana passada. A loja reabriu no início desta semana e fui atingida apenas tentando voltar para onde estava com os pedidos. — Eu tenho algo no meu rosto? — Pergunto a ela, acariciando minhas bochechas.

— Não. — Ela suspira. — Eu só... não importa. — Ela acena para mim.

Alexa coloca um pedaço de pipoca na boca enquanto se inclina sobre o balcão da frente. Como um vizinho louco escutando. Ela está com o cabelo loiro descolorido preso em um coque bagunçado e sem maquiagem no rosto. Ela fechou seu bar ontem à noite e me ligou logo de manhã. Disse que tinha o dia de folga no estúdio e não queria desperdiçar dormindo. Então, ela apareceu com uma bebida energética em cada mão. Ela invadiu a

pequena cozinha que tenho nos fundos e encontrou pipoca vencida, mas isso não parece incomodá-la.

—O que é isso? — Pergunto.

—É só que... você tentou ligar para ele? — Emilee fala.

—Isso de novo não. — Haven balança a cabeça. —Ele a traiu. Com Lucy!

—Mas você tem certeza que ele fez isso? Ele admitiu ter dormido com ela? — Emilee olha de Haven para mim para verificação.

—Ele não conseguia se lembrar, — Haven retruca. —Isso é o suficiente para chutar a bunda dele para o meio-fio.

—Bem, eu e Titan...

—Todos nós sabemos que você e Titan permitem outros paus em sua cama, Emilee. — Ela acena para ela. —Não é nem perto do mesmo.

Alexa começa a engasgar e pedaços de pipoca voam.

—O que? — Pergunto chocada. — Vocês têm um relacionamento aberto?
— Nunca teria imaginado isso sobre Titan. Ele apenas parece todo possessivo. E Emilee parece tão apaixonada por ele. Por que eles iriam querer trazer alguém em seu relacionamento? Cada um na sua, eu acho. Como nunca fiz isso, tenho dificuldade em entender.

—Não é assim, — Emilee me responde, estreitando os olhos em Haven por uma fração de segundo. —Temos um entendimento. Eu amo Titan. Eu

amo. Com tudo que tenho. Ele vai ser meu marido. Não permitimos todos os paus em nossa cama. Mas às vezes, Bones se junta a nós.

Putá merda! Acho que minha boca cai aberta. — Como o Bones? O irmão de Grave? De jeito nenhum. — Olho para Alexa, e agora ela está enfiando punhados na boca. A maioria está caindo sobre o balcão.

— Nós namoramos no ensino médio e durante toda a faculdade. — Ela dá de ombros. — Não é grande coisa.

— Não é a mesma coisa, — repete Haven. — Ele fodeu Lucy sem a permissão de April.

Penduro minha cabeça. Essa é a parte mais difícil de tudo isso. Não falo com ele há cinco dias. Não esperava que ele me perseguisse e, honestamente, não teria dado a ele a hora do dia, mesmo que ele tivesse. Mas odeio a solidão de sua ausência. Odeio não poder ligar para ele e ouvir sua voz. E, claro, sinto falta dele quando é tarde da noite e gostaria que ele estivesse deitado ao meu lado na minha cama.

Nesse momento, Jasmine se junta à nossa conversa, saindo do refrigerador. — Oh, pare de insistir nisso, Haven. Você só está brava porque odeia Lucy.

— Claro que odeio. — Ela levanta o nariz no ar.

Franzo a testa. — Ela e Luca namoraram? — Talvez eles já tenham sido amigos de foda também.

— Claro que não, — Haven solta. — Eu pensei... houve uma armação. O que pensei que aconteceu, não aconteceu. Mas era para parecer assim.

Estou confusa.

—Exatamente. — Emilee caminha até mim e coloca a mão em meus ombros. — Tome o que aconteceu com Haven como exemplo.

—Mas eu não entendo o que aconteceu... — tento argumentar.

—Não há nada de errado em falar sobre isso. — Emilee continua, me interrompendo. — Aprendi que você precisa se comunicar. E se você sente falta dele tão ruim quanto age, então não custa tentar.

—Como eu disse... — Jasmine vem para ficar na minha frente enquanto Haven e Emilee caminham até as flores nas prateleiras. Alexa volta sua atenção para mim e Jasmine. —Você tem que decidir. Lutar por isso, ou deixar ir. — Ela sorri. —E tudo que vejo é você segurando.



Três horas depois, todas elas ainda estão aqui. Estamos colocando as coisas em ordem para o casamento de Titan e Emilee. Era algo que não achava que seria capaz de fazer, mas assim como Jasmine disse, essas garotas são vadias de correr ou morrer. Isso me lembra de como sou grata por ter Alexa ao meu lado por todos esses anos e eu por ela. Já passamos por muita merda juntas. E embora não esteja mais com Grave, espero que essas mulheres continuem sendo minhas amigas também.

Olho para cima quando a campainha toca na porta. —Olá. Estou procurando uma senhorita April Davis.

—Esta sou eu. — Levanto minha mão. Ela me entrega uma caixa retangular, que é maior em altura do que em largura. Mas não muito grossa. —Uau. É pesada.

—Você tenha um ótimo dia, senhorita, — ela fala, saindo.

—De quem é? — Alexa pergunta, já pegando a tesoura no balcão.

—Não diz, — respondo, colocando no balcão e pegando dela. Corto os lugares que estão presos e abro a tampa. Alcançando dentro pego o conteúdo e puxo para fora.

Alexa suspira.

—Uau! — Jasmine solta.

—Isso é lindo, — acrescenta Haven.

—Quem desenhou isso para você? — Emilee pergunta, pegando a foto tamanho vinte por trinta emoldurada das minhas mãos.

Olho para a porta da frente por onde a senhora saiu. Meu coração batendo descontroladamente no meu peito. —Eu fiz.

—Cross é um tatuador, — Grave me diz.

—Ele é? — Meus olhos se arregalam enquanto monto nele nua. Nós não saímos da minha casa durante todo o fim de semana. Depois do nosso jantar, voltamos aqui. Sabe quando você dorme com um cara pela primeira vez e pode ser estranho depois? Como: ele vai sair por conta própria? Ou vou ter que enlouquecer

na bunda dele, para não ter que aturar ele de novo? Não é assim com Grave. O cara não é apenas gostoso e ótimo na cama, ele tem essa vibe relaxada sobre ele. Basta ir com o tipo de fluxo de personalidade. E eu gosto. Ele é fácil de conversar e parece realmente interessado no que tenho a dizer.

Ele concorda. – Sim. Ele tem uma loja dentro do Kingdom. Se você desenhar para ele o que quiser, ele fará isso para você.

– Isso seria tão legal.

Sua mão vai para trás do meu pescoço e puxa meu peito para o dele. – Seria, – ele sussurra contra meus lábios.

– Você vai me ajudar? – Pergunto, levantando meus quadris para alcançar entre nossos corpos.

Ele geme quando minha mão envolve a base de seu pau. – Tudo o que você precisa, – ele promete. Sua mão direita encontra seu caminho no meu cabelo já emaranhado.

– Me ajude a decidir qual tatuagem colocar onde? – Arqueio uma sobrancelha. Não estava mentindo para ele. Sempre quis uma tatuagem. Mas você ouviu como elas são viciantes, e estava com medo de que, uma vez que começasse, nunca mais parasse. Amo todas as dele. Como ele deve se sentir livre para se expressar com uma arte tão bonita.

É por isso que pinto em vasos, para expressar sentimentos. Querer. Precisar. Meus pensamentos. É como limpar a alma. Quero conhecer esse sentimento.

– Absolutamente. – Ele lambe os lábios.

Sento e libero seu pau. Seus braços caem para os lados, e ele solta um grunhido de frustração.

— Vamos fazer isso. Agora mesmo. — Vou pular da cama, mas ele agarra meu braço e me puxa para baixo de costas. Suas mãos empurram as minhas acima da minha cabeça enquanto ele me monta.

— Primeiro, vou te foder. — Ele me dá um sorriso, e seus olhos caem para o meu peito. — Eu preciso conhecer seu corpo antes de desenhar nele.

— Você já deveria saber disso. — Sorri.

Pisco. É o meu desenho. Peguei uma tela branca que tinha no meu quarto de arte vago em minha casa e me pintei nele. Tem meu cabelo roxo, com um rosto cheio de maquiagem. É como sempre uso, delineador preto, meus lábios combinam com meu cabelo e tenho meu piercing no septo. Tinta cobre meu pescoço, várias cores de rosa, azul e pétalas roxas. Me desenhei de topless, mas tenho meus braços cruzados sobre o peito para cobrir meus seios, empurrando para cima no processo. Videiras da cor da noite envolvem meus braços até meus ombros. Rosas vermelhas cobrem minha parte superior do peito que parecem flutuar em cima de um lago azul cristalino.

— Eu amo isso, — diz Grave em pé atrás de mim, envolvendo os braços em volta do meu peito.

Inclino minha cabeça, olhando para a tela. Comecei a desenhar coisas aleatórias na minha pele desde que pintei meu retrato. — Acho que é demais. A água parece fora do lugar.

— Não, — *ele discorda.* — *Ela combina perfeitamente com seus olhos.*

A água desaparece no final da tela. Escolhi pintar apenas com os braços cruzados sobre o peito e para cima. Mas cada centímetro da pele que mostro está coberto por alguma coisa. — Ele guardou, — sussurro, minha garganta fechando. Não tinha olhado para ele desde que o desenhei há mais de um mês. — Como ele...?

— Quem? — Jasmine pergunta.

Nunca teria tido a coragem de passar com elas. É por isso que fizemos isso.

— *Então você sabe como ficaria se algum dia decidisse usar sua própria arte.* — *Ele havia dito.*

Lágrimas ardem em meus olhos. — Grave. — Engulo. — Eu desenhei isso com Grave. Ele deve ter levado com ele e emoldurado.

— É lindo, — Alexa me diz. — Isso foi muito legal da parte dele.

Era. — Não sei se devo estilhaçá-lo ou pendurá-lo. — Fungo.

— Definitivamente pendure. — Emilee grita quando ela o arranca das minhas mãos.

CAPÍTULO TRINTA

Grave

Outra noite no meu quarto de hotel. Cross se senta no sofá à minha frente. — Vamos sair hoje à noite, — ele oferece.

— Não estou com vontade. — Balanço minha cabeça.

— Estou entediado. — Ele solta

— Então saia. — Aceno um adeus.

— Não concordo com Titan e Bones, mas isso também não é bom para você, Grave. Já faz mais de uma semana. Você precisa sair.

Não, não preciso. Muita tentação. Drogas, mulheres. Não quero nenhum dos dois no momento.

— E se eu ligasse para algumas garotas e as mandasse vir aqui? — Ele tira o celular do bolso.

— Então é melhor você conseguir seu próprio quarto de hotel.

Ele suspira e cai de volta em sua bunda. Um celular começa a vibrar, e olho para a mesa de centro. É meu. Olho para Cross. Ele olha para mim, e depois de um segundo, ele rosna, estendendo a mão e pegando.

—É uma mensagem, — afirma.

—Sim? Diga para eles se foderem.

Seus olhos encontram os meus. —Essa não é a resposta que você vai querer dar.

—Por que isso? — Só posso imaginar meu irmão me mandando mensagens de texto para levar minha bunda para Kingdom. Novamente. Ele só me envia cerca de cinco por dia. Para alguém que me deu um ultimato, ele com certeza quer muito que volte para o Kingdom.

—Porque é April. E ela recebeu seu desenho.

—O que? — Pulo do sofá e arranco meu celular de sua mão.

April: Recebi o desenho. Obrigada. Foi muito gentil da sua parte emoldurar isso. Eu tenho planos hoje à noite, mas queria saber se podemos jantar neste fim de semana? Se você não estiver ocupado, eu gostaria de conversar.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Grave

Quando eu estava no ensino médio, roubei uma motocicleta do saguão do showroom e a levei para um passeio. Perdi o controle entrando em uma curva fechada e acabei saindo direto de uma ponte para o lago. Consegui rastejar para fora e chegar em casa. Acontece que meu pai estava em casa naquele momento. Ele me deu uma surra. Fiquei em coma por uma semana devido às mãos dele. Não tenho certeza se o fêmur fraturado e o braço quebrado foram devidos a ele ou ao meu acidente.

Mas quando tive alta do hospital, meu pai havia mexido alguns pauzinhos e me liberado. Nenhuma prisão. Eu deveria ter cumprido algum tempo. Ele nunca me deixou esquecer o que ele fez por mim. Então ele me bateu um pouco mais. Disse que eu merecia saber como era o inferno. O que ele não sabia era que eu já estava vivendo no inferno. E foi por isso que fiz o que fiz, para me sentir vivo.

Isso é o que April é para mim. Meu inferno. Sabia o tempo todo que terminaria exatamente como naquele dia em que roubei a motocicleta. Ia me arruinar quando ela percebesse quem eu era e que estaria melhor sem mim. Paro meu carro na garagem dela e solto um longo suspiro. Aceitei

sua oferta para jantar. Não ia perder nenhuma chance de ver ela, mesmo que isso tornasse mais difícil ficar sem ela amanhã.

Saio do meu carro e vou até a porta dela. Batendo duas vezes, espero que ela responda. Estou nervoso. Pela primeira vez na minha vida tenho vergonha de quem sou. Mas sei que posso ser melhor. Para ela. Para nós. Só preciso da chance de provar isso para ela. A porta se abre, e ela está diante de mim, seu cabelo roxo solto e liso. Sua maquiagem feita como gosto com preto delineando seus olhos e lábios escuros. Ela usa um short jeans e uma camiseta preta que diz 'Sempre e Para Sempre' no peito.

Parece que faz anos desde que a vi. Não foram nem duas semanas completas.

— Ei. — Ela me dá um sorriso suave, e meus joelhos quase se dobram ao som de sua voz. Ela é a melhor droga que já provei. A melhor altura que já alcancei.

— Pronta? — Pergunto, incapaz de dizer uma frase completa.

— Sim. — Ela dá um passo à frente, e igalo dando um passo para trás para permitir seu espaço. Ela se vira e tranca a porta da frente. O movimento simples tem o cheiro de seu xampu de baunilha enchendo meu nariz.

Tenho que fechar meus olhos e pensar em qualquer coisa, menos nela, para tentar não ficar duro. Levando ela para o lado do passageiro, abro a porta para ela, e ela senta. Vou até a porta do lado do motorista e me lembro. Isso é como aquela moto que bati. Quando eu cair, vai doer pra

caralho e deixar cicatrizes como lembretes, mas faria isso de novo em um piscar de olhos.



April

Ele está agindo diferente, e odeio isso. Gostaria que pudéssemos voltar àquele primeiro dia quando não sabia quem ele era, e ele não se importava com quem eu era. É por isso que não namoro. Por que não permito que ninguém me ajude ou se aproxime. Minha mãe sempre me disse: *você vai ter seu coração partido, querida. É inevitável. Faz parte da vida.* É como você lida com isso que faz de você uma mulher ou uma criança. Eu não queria ser a pessoa maior. Não queria me expor novamente para ele. Mas ele fez algo que ninguém nunca fez antes, me escutou. E foi bom. Então aqui estamos nós.

Olho pela janela do lado do passageiro, evitando contato visual com ele. Isso dói. Há tanta coisa que quero dizer, mas não consigo colocar as palavras para fora. Emilee pendurou aquela foto que desenhei na loja, e me pego apenas olhando para ela. Querendo saber se eu fosse aquela April, eu seria mais forte? Ele me amaria coberta de tinta como ele? Ele me veria diferente.

— Eu tenho que correr até minha casa, — ele fala, e pulo de surpresa.

— Oh, tudo bem.

— Preciso pegar uma coisa, — ele continua.

Aceno, olhando para ele. Ele está com a mão esquerda no volante de seu Zenvo STI. O carro vale um pouco mais de um milhão. Pesquisei no Google depois que o vi pela primeira vez. Nunca tinha ouvido falar desse tipo de carro antes. Seu couro preto com costuras douradas no interior me diz que ele o fez sob medida apenas para ele combinar com Kingdom. Sua mão direita no volante. Ele veste uma camisa branca de manga comprida com jeans furados e sapatos pretos Chuck Taylor. Seu rosto está recém-barbeado. Seu cabelo comprido está penteado para trás longe de seu rosto. À primeira vista, ele parece relaxado, mas vejo o tique em sua mandíbula. Seus ombros tensos e a falta de sua risada despreocupada provam ainda mais minha suspeita.

Odeio que ele esteja sofrendo. E odeio que me importo. Tudo o que fico pensando é quando ele estava chapado pela última vez? Ou ele está com Lucy desde que me afastei dele? Claro que ele está. Que homem deixaria uma coisa certa?

Me viro, olhando para fora pela janela, e solto um longo suspiro. Isso foi um erro. Porque vai doer ainda mais quando a noite acabar e tiver que me afastar dele novamente.



Atravessamos o portão do complexo dos Kings. É ferro preto com um K dourado no meio. O lugar é tão extravagante quanto seu hotel e cassino. Quatro casas ficam em uma estrutura semelhante a um beco sem saída. Mas elas não estão perto o suficiente para que você possa jogar uma pedra em cada um. Um enorme clube fica no centro com uma cozinha externa de última geração, bar, lareira com móveis ao ar livre e banheira de hidromassagem. Tenho a sensação de que ninguém nunca usa.

Ele para em sua garagem e estaciona na frente de sua garagem para quatro carros. Levantando a mão direita, ele aperta o botão e abre uma das portas da garagem. — Vou demorar apenas um minuto. — Ele não espera por uma resposta e sai do carro.

Inclino minha cabeça contra o encosto de cabeça e fecho meus olhos. Eles ardem. — Não faça isso, — rosno, tentando evitar que as lágrimas caiam.

Abro e solto um pequeno grito de frustração. Isso é loucura. Deveria apenas sair e começar a caminhar de volta para casa. Olho para a casa de Titan e Emilee. Posso ver as luzes acesas pela frente de suas janelas do chão ao teto. Talvez ele me leve para casa. Ele já fez isso antes. Pode ser...

Um telefone vibra no porta-copos. Meus olhos caem para olhar para ele. É do Grave. Vibra novamente. Dando uma rápida olhada na casa, vejo que ele ainda está dentro. Pego e vou abrir a tela, mas está bloqueado.

Eu sei o código. Vi ele abrir uma centena de vezes sempre que ele recebe uma mensagem. Vibra na minha mão novamente, e me decido. Digito o código de quatro dígitos, e a tela aparece. Sua foto de fundo é de seu Charger parado na pista do aeroporto.

Clico no ícone de mensagem de texto e abro.

Lucy: Sinto saudade querido. Me arrependo do que fiz.

Meus olhos disparam para a casa novamente para checar ele. Ainda nenhum sinal. O que ela fez? É por isso que ele está bravo? Por causa dela?

Minha mão aperta o telefone. É por isso que ele concordou com este encontro? Porque ela o deixou esperando desta vez? Sou apenas um plano de reserva? É por isso que ele demorou tanto para dizer sim para mim.

— Aquele filho da puta...

Vibra na minha mão novamente, e desta vez é um vídeo. Apertei o play.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Grave

—Onde diabos está? — Rosno, enquanto estou em minhas mãos e joelhos checando debaixo da minha cama procurando meu carregador de telefone extra. O que tenho no hotel não está funcionando corretamente e meu telefone continua morrendo. E não tenho vontade de comprar um novo. Minha casa estava a caminho do jantar, e pensei em parar e pegar.

Levantando, abro minha mesa de cabeceira novamente. Jogando merda ao redor, procuro por isso, mas sem sorte. Onde o tinha colocado...?

—Grave? — Ouço April gritar como assassinato sangrento.

Corro para fora do meu quarto e vou para o corrimão bem a tempo de ver ela subindo as escadas. —Que porra é essa, April? — Rosno, tentando acalmar meu coração acelerado. Pensei que ela estava morrendo, pelo amor de Deus.

—Grave. — Ela vem até mim chorando.

—Que porra aconteceu? — Exijo, olhando para ela. Estamos em um condomínio fechado. Ninguém pode entrar e sair, exceto nós, Kings. Ela só ficou sozinha por cerca de cinco minutos.

—Temos que ajudar ela, — diz ela, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

—Quem? — Pergunto, olhando ao redor do segundo andar da minha casa. —Somos os únicos aqui.

—Ela mandou uma mensagem para você. — Ela empurra meu celular no meu peito. —Um texto e... um vídeo. — Ela funga.

Pego meu celular da mão dela e olho para ele. O que quer que ela estivesse assistindo foi pausado. Aperto o play. É Lucy. Minha mandíbula aperta. Ela está em seu apartamento de cobertura no meio do banheiro. Nua da cintura para cima. Alguém está filmando ela. Ela está chorando. A maquiagem de dias atrás escorre pelo rosto. Seu cabelo uma bagunça descolorida e emaranhada. —*Desculpe, Grave. Por favor me perdoe. Eu te amo. Eu sinto sua falta...* —Ela soluça. —*Quero você. Venha e me salve.* — Ela estende a mão, pega um frasco de comprimidos e abre a tampa. Abre a boca e inclina para trás, engolindo um número incontável de comprimidos.

—Porra! — Assobio.

—Temos de ir. — April agarra meu braço. —Grave, nós temos que fazer isso.

Olho para ela, e ela funga. Seus olhos azuis de gelo estão vermelhos, e seus lábios molhados. —April, isso é um truque, — digo a ela. Isso é o que Lucy faz. Ela precisa de atenção. Ela precisa ser vista e ouvida. Lucy sabe que estou chateado com ela e não quero nada com ela agora. Possivelmente nunca. Este é o seu lobo chorando.

Suas sobrancelhas franzem como se eu fosse um bastardo sem coração.
—O que? Não... o vídeo...

—Você sabe quantas vezes ela me enviou vídeos como esse? —
Pergunto, sacudindo meu telefone. — Isso é o que ela faz.

—Grave. — Ela avança em mim. —Temos que ajudar ela. Ela está
obviamente clamando por ajuda. Por favor, — ela implora.

—Não, — digo e coloco meu telefone no bolso e começo a descer a
escada.

—Eu pensei que você estava morto, — diz ela, parando meus pés. —
Pensei que você tivesse morrido, Grave. E sabe de uma coisa? — Me viro
para encarar ela. —Eu não seria capaz de viver comigo mesma se não
tivesse feito tudo ao meu alcance para te salvar. Você seria capaz de viver
consigo mesmo se ela morresse quando você teve a chance de ajudar ela?

—Tudo bem. — Rosno. — Nós vamos parar lá e ver como ela está se isso
vai fazer você feliz. — Então me viro e termino de descer as escadas.



Agora April voltou a não falar comigo, mas desta vez, pelo menos sei
por quê. Lucy! Porque April acha que sou um idiota que não se importa
com os outros. E normalmente, esse sou eu. Simplesmente me recuso a

dizer isso a ela. Lucy está tentando foder tudo entre mim e April. Inferno, ela já fez. Mas não posso dizer isso a ela. Então vou manter minha boca fechada e deixar ela ver por si mesma. A última vez que Lucy fez isso comigo foi há dois anos. Em vez de ir vê-la, fiz uma viagem para Los Angeles com Cross. Ela me ligou e disse que tomou um frasco de comprimidos e estava deitada em sua cozinha nua com uma faca de carne. Ela queria acabar com sua vida. Larguei tudo, e Cross e eu voltamos correndo para encontrar ela em uma festa bêbada. As pílulas que ela supostamente tomou estavam em sua bolsa. Fiquei um mês sem falar com ela. Ignorei todas as suas ligações e mensagens de texto até que estivesse pronto para falar com ela. Então, como sempre, voltei para a cama com ela porque ela fingiu me entender e se importar comigo. Ela provou o contrário quando drogou minha bunda. Entramos na garagem Sul das torres Mason. Entramos no elevador e o levamos até a cobertura.

Bato na porta dela. — Lucy, abra! — Chamo.

Nenhuma coisa.

— Lucy? — Grito, batendo nela. — Abra, porra. — Me viro para encarar April. — Ela não vai responder. Vamos lá.

— Não. — Ela agarra meu braço antes que possa voltar para o elevador. — Viemos aqui para ver como ela estava, Grave. Não vou embora até ter certeza de que ela está bem. — Ela cruza os braços sobre o peito. — Bata de novo.

Suspirando, pego minhas chaves da casa dela. Não perco o bufo que April me dá. É isso que ela quer e estou cansado de esperar. Quero passar minha noite com April, então vou seguir em frente.

— Lucy! — Grito, entrando com April logo atrás de mim.

O lugar parece um lixo. Vidro caído no chão. Quadros pendurados tortos nas paredes. Ela obviamente teve uma de suas festas, e as empregadas ainda não limparam. Vou para o quarto e vou abrir, mas está trancado. — Abra esta porta, Lucy! — Grito.

Ela não diz nada. Dou um passo para trás, então bato meu ombro nela, abrindo.

— Meu Deus. — April suspira.

Lucy está deitada em sua cama com nada além de uma calcinha. Ela está de bruços, os braços e a cabeça pendurados na borda. — Lucy. — Corro até ela e a viro, sentindo seu pescoço.

— Meu Deus. Meu Deus. — A voz de April fica frenética.

— Ela tem pulso, — digo, tirando meu celular do bolso e jogando para April. Ele cai aos pés dela. — Vá aos meus contatos e ligue para o Doutor. — Ela é um médico que Titan usa no Kingdom para suas rainhas, o serviço secreto de garotas de programa que administramos. Ela vai chegar aqui o mais rápido. — Agora! — Grito quando ela apenas fica lá.

Ela pula e pega o telefone enquanto levanto Lucy para fora da cama e a coloco em meus braços, levando ela para o banheiro principal.

—Vamos, Lucy. — Trago ela para o banheiro e enfio meu dedo em sua garganta, tentando tirar o que ela engoliu de seu sistema.

Posso ouvir April chorando atrás de mim enquanto ela divaga com o doutor sobre nossa localização.

—Lucy? — Grito o nome dela. Sua cabeça cai para trás, e empurro seu cabelo emaranhado de seu rosto liso para ver que ela está realmente pálida. Posso ouvir o chocalho da morte vindo de seu peito. —Você não está fazendo isso! — Rosno. —Não está fodendo assim!



April

Fico com as costas coladas na parede do quarto de Lucy com uma visão clara do banheiro. Ambas as portas francesas estão escancaradas. Grave está sentado no chão do banheiro com ela no colo. Assim como naquela noite que o encontrei, ela vomitou nele. Ele empurrou os dedos em sua garganta para fazer isso acontecer. Nunca pensei que ficaria tão feliz em ver alguém vomitar. Mas ela está acordada. Posso ouvir ela chorando baixinho. Ela treme em seus braços.

—Grave? — Ouço chamar da porta da frente.

—Aqui. — Minha voz treme.

Um homem mais velho entra no quarto vestido com uma camisa de botão e calça preta. Ele carrega uma mala na mão direita, mas não está sozinho. Um homem vestindo uma camiseta do Kingdom e jeans está logo atrás dele. Me lembro dele da noite em que os irmãos Mason enviaram homens para o Roses procurando por Ethan. É o irmão de Grave, Bones. Seus olhos azuis irritados me olham de cima a baixo antes de me dispensar e fazer o seu caminho para o banheiro.

—Ela está coerente. —Grave começa a falar com o médico. —Mas ela ingeriu demais.

—O que foi isso? — Ele pergunta a Grave.

—Eu não sei, — ele rosna.

Meus olhos começam a percorrer o quarto, e vejo o vidro em sua mesa de cabeceira. Pego e corro para o banheiro. —O que quer que estava aqui, — falo, entregando para quem quiser pegar. Reconheço pelo vídeo que ela enviou para Grave.

Bones o arranca das minhas mãos e lê o vidro. Nunca ouvi falar disso antes.

—Certo Lucy, — o médico começa, abrindo a caixa que ele trouxe com ele. —Nós vamos bombear seu estômago, querida.

—Não, — ela fala baixinho e meu peito aperta. —Não por favor...

—Grave, quero que você se sente com ela de costas para o seu peito. — Bones ajuda Grave a posicionar a pobre garota em seu colo. — Bom, — diz

o médico uma vez que eles estão situados. — Agora estenda a mão e segure os braços dela contra o peito. Com força, — ele ordena.

Minhas mãos chegam ao meu rosto para que eles não possam me ouvir chorar. Eles vão segurá-la e enfiar um tubo em seu nariz.

— Grave... — Sua voz falha. — Por favor, não...

Ele não fala com ela, e odeio que ele esteja bravo com ela. Essa mulher está precisando de ajuda. Ela sempre foi suicida? Quantas vezes eles tiveram que fazer isso com ela? Quantas...?

— Bones? — Ouço alguém gritar seu nome.

— No banheiro, — Bones responde.

Momentos depois, Titan entra no quarto e vejo Emilee. Seus olhos estão vermelhos e inchados. Ela também tem chorado. Ela corre para mim e envolve seus braços em volta dos meus ombros. — Você está bem? — Ela pergunta baixinho.

Aceno e fungo.

— Tudo bem, Lucy. Você vai sentir um pouco de pressão... — Ele olha para Bones. — Preciso que você segure a cabeça dela para mim.

Bones segura o queixo dela e inclina a cabeça para trás onde ela descansa no peito de Grave.

— Nããão, — ela grita, lutando contra eles enquanto o médico começa a colocar o tubo em seu nariz. Ela começa a engasgar, e seu corpo estremece.

Titan olha para nós, caminha até a porta do banheiro e fecha as portas na nossa cara, mas isso não bloqueia seus gritos.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Grave

Sento na sala de espera do hospital com April à minha direita e Emilee à minha esquerda. Quando o médico terminou de bombear seu estômago, a ambulância chegou. Lucy vai ser internada e mantida por setenta e duas horas.

Ninguém falou. Fiquei surpreso ao ver meu irmão aparecer na cobertura de Lucy. Fiz April ligar para o médico. Ele provavelmente ligou imediatamente para Titan, que então ligou para Bones. Sei o que eles pensaram. April ligando para ele chorando por causa de uma garota chamada Lucy... eles pensaram que eu estava ferrado com ela.

Já aconteceu antes, exceto quando April me encontrou desmaiado no chão do Airport. Nunca usei drogas querendo cometer suicídio, no entanto. April estava certa, Lucy estava clamando por ajuda. E sou grato por ela querer ir e ver como ela estava. Caso contrário, ela teria morrido ali em sua cama sozinha. April deita a cabeça no meu ombro e me afasto dela. Ela olha para mim, aqueles olhos azuis de gelo não estão mais vermelhos de lágrimas, mas eles parecem cansados. Envolver meu braço sobre seus ombros e a puxo para mim.

—Ela vai ficar bem? — Ela pergunta baixinho.

—Sim, — digo, mas honestamente, não sei. Lucy tem um longo caminho com a recuperação. Mas minha principal preocupação é que ela vai querer a ajuda de que precisa?

As portas de emergência se abrem me afasto de April para ficar de pé quando vejo Trey e Tanner entrarem. —Onde ela está? — Tanner pergunta no momento em que me vê.

—Ela foi admitida...

—Que porra aconteceu? — Trey exige.

Passo a mão pelo meu cabelo. —Ela teve uma overdose.

—Que porra você estava fazendo com ela? — Ele bate seu peito no meu.

Dou um passo para trás, levantando minhas mãos. Foi um dia infernal, e não estou com vontade de lutar. Assim não. Aqui não.

—Ele não estava com ela. — Ouço April estalar atrás de mim. —Ela enviou um vídeo a ele...

—April. — Balanço minha cabeça, meu jeito de dizer a ela para se sentar e calar a boca

—Ele salvou a vida dela! — Ela grita, não ouvindo.

—April! — Grito.

—Sente sua bunda, vadia! — Trey grita com ela.

Me viro para encará-lo, aperto minha mão e dou um soco na porra do seu rosto. Tão forte que o empurra de volta pelas portas de vidro deslizantes. Ando para fora, mas sou empurrado para o lado. Bones vem para ficar ao meu lado e puxa sua arma da parte de trás de seu jeans

Trey se aproxima do cano. —Você vai começar uma guerra por uma prostituta? — Ele pergunta.

Meu irmão engatilha a arma. —E você?

Trey puxa os ombros para trás e olha para mim. Depois para April. Seus olhos escuros percorrem seu corpo de cima a baixo, se demorando em seu peito. Faz meu sangue ferver saber que ele está pensando nela do jeito que foi ensinado. Como a mulher da foto pendurada em seu escritório. Ele levanta a mão direita e esfrega o queixo, os lábios se curvando no canto. — Grave te disse que minha irmã chupou o pau dele naquela noite? Logo antes de encontrá-lo inconsciente no chão.

Meu corpo fica tenso. Eles sabem exatamente o que fizemos porque há câmeras lá. Tenho certeza que o filho da puta assistiu. April não diz nada, mas posso sentir sua raiva instantaneamente. Como um fogo nas minhas costas, aquecendo minha pele. Fico de frente para Trey. Enquanto ela estiver atrás de mim, eles terão que passar por mim primeiro.

Ele dá um passo em minha direção. Bones mantém a arma apontada para ele, pronto para atirar se necessário. —E ele te contou que ela drogou a bebida dele?

—Trey! — Estalo.

— Isso é verdade?

Esperava essa pergunta de April, mas veio do meu irmão. O ignoro.

Trey ri quando seus olhos pousam de volta nos meus. — Eles esperavam que você estivesse fodido, então eles nunca questionaram isso. — Ele olha para April. — Mas você? Você de todas as pessoas, pensei que daria a ele o benefício da dúvida. — Ele a olha de cima a baixo novamente, desta vez lambendo os lábios. — Você foi o nome que ele chamou enquanto ela estava de joelhos. E gostaria de saber por quê.

Me atiro nele. Meu corpo bate no dele com tanta força que me tira o fôlego. Nós batemos na calçada de concreto, e nem penso. Apenas começo a bater em seu rosto. De jeito nenhum vou deixar ele tocar ela. Ele já enviou seus homens atrás dela uma vez. Não vai acontecer novamente.

Meu punho atinge o lado de seu rosto, e o sangue respinga na calçada. — Porra, toque nela e eu vou arrancar suas mãos! — Aviso.

Vou bater nele de novo, mas sou puxado de volta por Titan. Ele me empurra para o lado. Limpo o suor da minha testa com as costas da minha mão ensanguentada.

Tanner se inclina e pega seu irmão atordoadado. — Saia daqui, — ele rosna.

— Nós temos um acordo! — Grito com ele e quero saber se ele vai honrar.

Ele concorda. — Nós temos um acordo. — Então ele arrasta seu irmão de volta pelas portas duplas de vidro para o hospital.

Estou ofegante. Minha mão dói, e estou cansado pra caralho. — Porra!
— Grito, virando para procurar April. — April? — Chamo quando não a vejo.

— Ela foi para o carro com Emilee, — Titan me tranquiliza.

Saio da calçada para a garagem quando Bones bate a mão no meu peito.
— Isso era verdade?

Respiro longamente. — Por que diabos você se importa?

Ele suspira pesadamente, guardando sua arma. — Grave...

— Sou apenas um drogado com um desejo de morte.



April

— Vamos, — digo, ajudando Grave entrar em sua casa. Tive que levar ele para casa do hospital. Sua mão está inchada, e ele não disse isso, mas sei que ele está sofrendo. Ele bateu no concreto com força.

Fiquei tão chateada com ele quando o cara anunciou o que Grave e Lucy fizeram. E então ele continuou, e fiquei com raiva por um motivo diferente. É por isso que Grave não queria ir ver como ela estava. Porque ela o havia drogado. É por isso que ele não foi legal quando ela chorou em seu colo no

chão do banheiro. É por isso que ela disse que estava arrependida. Ele sabia o que ela fez.

Por que ele não me contou? Ele estava envergonhado? Ele me deixou ficar lá e esbofetear ele repetidamente enquanto o culpava por ser um viciado. Sei que Grave tem um passado com drogas, mas nunca o vi chapado. Achei tão estranho que ele estava sempre saindo comigo e depois me largou por ela e pelas drogas naquela noite. E em vez de questionar ele sobre isso, me virei contra ele.

Entramos no complexo dos Kings e estaciono o carro em sua porta. Não me incomodando com a garagem. Ele sai do carro antes que possa ajudá-lo. Ando atrás dele pelos degraus de pedra com as mãos para cima esperando que ele não caia. Ele destranca a porta da frente e a fecha atrás de nós.

—Aqui. — Agarro seu braço esquerdo e o jogo sobre meus ombros antes que ele possa protestar e começo a subir as escadas para o segundo andar.

Chuto a porta do quarto dele e o acompanho até o banheiro principal adjacente. Ele se inclina contra a bancada de mármore branco. — Você pode levar o meu carro, — afirma.

Olho para ele no espelho. — O que?

Seus olhos azuis encontram os meus. — Você pode dirigir meu carro para casa. Vou mandar alguém ir buscar amanhã.

—Grave...

— Você não precisa ficar aqui comigo. Estou bem. — Ele vira as costas para mim e começa a caminhar até seu chuveiro de vidro que fica no canto de seu banheiro excessivamente grande. Tem três lados feitos de nada além de vidro para que você possa ver dentro dele.

Inclino a cabeça e solto um longo suspiro. — Entendo que você está com raiva de mim. Me desculpe por virar as costas para você.

— Eu não estou bravo, — ele diz suavemente.

Olho para ele através dos meus cílios. — Você deveria estar.

Ele passa a mão esquerda pelo cabelo, mantendo as costas para mim. — Eu magoei você. Menti para você. Fiz tudo o que não queria fazer... com você.

Ando até ele e coloco minhas mãos em suas costas. Ele endurece com o toque. Imediatamente me afasto. — Não deveria ter assumido o pior.

Ele se vira. Seus olhos examinam os meus por um segundo antes de desviar o olhar. — Sou um viciado, April. — Meu peito aperta com sua confissão. Ouvir os outros dizer isso não é o mesmo que ele admitir isso. — Você estava certa. — Seus olhos voltam para os meus. — Eles estão todos certos. Você merece melhor do que eu.

— Eu estava errada, — argumento.

— Não, você não estava, — diz ele, e fecho minhas mãos.

Ele vai me afastar. Foi o que fiz com ele. — Não faça isso. — Balanço minha cabeça.

—Fazer o que?

—Pare! — Ordeno, ficando com raiva dele. De mim. —Pare de fingir que não sabe o que está acontecendo aqui.

Seus olhos azuis me encaram. —Você pode ir, — ele afirma, me dispensando como se não fosse nada para ele. Como se o último mês não tivesse acontecido.

Bufo com suas palavras. —Eu não vou embora.

—April... — ele rosna. —Se vire e vá embora. Você fez isso antes sem nem pensar nisso.

—Eu pensei que você me traiu, — estalo defensivamente.

—Eu fodidamente fiz isso, — ele grita.

—Você pensou que ela era eu, — argumento.

—E isso faz você me perdoar? — Ele bufa. — Pensava que você merecia algo melhor do que isso?

Dou um tapa no rosto dele e instantaneamente me arrependo quando vejo a marca da minha mão queimando em sua bochecha. —Sinto muito, — sussurro, minhas mãos segurando meu rosto enquanto lágrimas ardem em meus olhos.

—Você não está cansada de mentir para si mesma? — Ele pergunta. — Porque estou cansado de fazer isso. — Ele abaixa a cabeça, balançando.

—Grave... — Engasgo com o nome dele.

—Vá embora, April. — Com isso, ele vira as costas para mim e abre a porta do chuveiro para ligar a água.

Abaixo minha cabeça; a primeira lágrima escorre pelo meu rosto quando me viro e saio do banheiro. Fecho a porta atrás de mim e me encosto nela. Minhas pernas incapazes de se mover. Minha mente gritando para não cometer o mesmo erro duas vezes. Emilee me disse para me comunicar, e Jasmine me disse para lutar se eu quisesse. E sei agora mais do que nunca que o quero. Cometemos erros. Posso admitir isso. Isso não significa que queira desistir.

Respiro fundo, endireito os ombros e abro a porta do banheiro. Vapor enche o grande espaço enquanto vou até o chuveiro e o abro. —Eu não vou embora!

Saindo de debaixo do pulverizador, ele se vira para mim. Seus olhos azuis estão cansados, possivelmente tristes. Não tenho certeza de qual neste momento. —April...

—Não, Grave! Eu não vou deixar você... — Minhas palavras desaparecem quando vejo seu braço. Tinta roxa, azul e preta cobrem seu braço direito em uma manga. —O que...? — Meu coração começa a bater forte no meu peito. —Por que? — É a única palavra que consigo pensar. — Por que você faria isso? — Meus olhos conseguem encontrar os dele.

Seus olhos olham para os meus atentamente. —Uma mulher desenhou isso, e achei tão bonito que quis mostrar para o mundo.

—Sou eu. — Engasgo com aquelas malditas lágrimas ardendo em meus olhos mais uma vez. Ele me deixa tão emocionada. — Meu desenho...

—Isto é. — Ele acena com a cabeça uma vez. — Eu tinha que ter.

—Por que? — A primeira lágrima cai no meu rosto.

—Porque. — Ele estende a mão, agarrando minha mão e me puxando para o chuveiro. Roupas e tudo. — Você é linda, April. A obra de arte mais linda que já vi.

Outra lágrima cai. — Mas nós... nós terminamos, — digo.

—Então? — Ele franze a testa. — Você acha que isso me fez te amar menos?

Minha respiração fica presa em meus pulmões. — Você me ama? — Sussurro.

—Mais do que qualquer coisa.

Fungo, meu peito apertando com remorso. Eu tinha tanto que queria dizer a ele. Como não iria deixar ele. Como não permitiria que ele fizesse isso com ele ou comigo. Mas agora as palavras não significam nada. — Eu amo você. E deveria ter dito a você...

Seus lábios colidem com os meus, cortando minha divagação. Abro para ele, provando minhas próprias lágrimas. Suas mãos vão para minha camiseta, e levanto meus braços acima da minha cabeça e me afasto apenas o suficiente para ele remover o tecido.

—Eu te amo, — murmuro contra seus lábios.

Ele rosna, suas mãos puxam meu short e o empurram pelas minhas pernas. Os chuto. Nos girando, ele bate minhas costas na parede, protegendo a água com seu corpo. Então seus lábios estão de volta nos meus enquanto ele empurra para dentro de mim.

Jogo minha cabeça para trás, puxando meus lábios dos dele para gritar. Esqueci como ele me fazia sentir. Como ele era grande. Ele começa a se mover, depois de pegar melhor meu corpo. Minhas mãos vão ao redor de seu pescoço, e agarro seu cabelo entre meus dedos. Ele envolve sua mão livre em volta do meu pescoço, e minha boceta apertada. Meus lábios se separam, e chupo uma respiração irregular.

Olho para ele com os olhos pesados, e ele já está me observando. O som de nossos corpos batendo e o chuveiro correndo enche o banheiro junto com nossa respiração pesada. Meus dedos dos pés começam a enrolar, e fecho meus olhos quando a sensação toma conta. — Oh Deus. — Suspiro.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Grave

Sua boceta aperta em torno do meu pau, e seu corpo aperta contra o meu quando ela goza. Me inclino, atacando seus lábios com os meus enquanto continuo a foder ela, me preparando para minha própria liberação. Adoraria ter meu tempo com ela agora, mas não posso. Meu corpo dói pra caralho. Estou exausto, mas não pude deixar de mostrar a ela que a amo. Que me arrependo do que fiz. Como reagi e que deixei ela pensar que eu realmente não dava a mínima para ela.

Empurrei uma última vez antes de gozar. A abaixo em seus pés trêmulos, mas a mantenho presa à parede do chuveiro. —Sinto muito, — digo. Ela nunca saberá o quanto sinto muito por machucar ela. Daria qualquer coisa para pegar isso de volta.

—Não sinta, — ela sussurra, correndo os dedos ao longo da minha manga. —Você não fez nada errado.

Coloco minha testa na dela, ainda tentando recuperar o fôlego. —Eu fiz. — De tantas maneiras.

Ela estende a mão e segura meu rosto e me inclino para ele. Meus olhos ficam mais pesados a cada segundo. Posso sentir a adrenalina da luta morrendo. Pisco e seu rosto cresce com preocupação.

— Você está bem?

— Sim, — respondo, dando um passo para trás. — Eu só... — Tropeço em suas roupas e caio na parede.

— Grave. — Ela agarra meus braços. — Vamos. Vamos te limpar e ir para a cama.

Não discuto com ela porque, honestamente, não tenho certeza de quanto tempo me resta antes de desmaiar. Ela pega meu sabonete e me lava, tomando cuidado com minha mão machucada. Está inchada, mas parou de sangrar. Não posso nem fazer um punho com isso agora. Ela termina rapidamente e desliga a água antes de sair e pega duas toalhas para nós. Ela começa a me secar e a pego. Então ela caminha até as pias dele e dela e começa a procurar embaixo delas nos armários. Batendo portas abertas e fechadas.

— O que você está procurando? — Pergunto.

— Remédio. Você precisa...

— Não. — Interrompo, sabendo para onde ela está indo.

Ela para e se levanta, virando para mim. Ela ainda nem teve tempo de se secar. Sua toalha ainda está dobrada no balcão. Seu cabelo molhado gruda em seu peito nu e ela ainda tem um pouco de maquiagem borrada em seu rosto. — Grave, você precisa tomar alguma coisa.

Balanço minha cabeça. — Eu ficarei bem.

Ela morde o lábio inferior como se quisesse discutir, mas acabei de dizer a ela que sou um viciado. Tenho algumas pílulas na minha mochila no meu armário, mas não vou dizer isso a ela porque não vou tomar. Posso viver com a dor. — Só preciso descansar. — Asseguro e vou até o balcão. — Você vai passar a noite comigo? — Pergunto.

Sempre ficamos na casa dela. Um, porque gostava de estar na casa dela. Parecia um lar para mim. E dois, porque nunca quis ela no Kingdom perto dos caras.

— Claro. — Ela suspira, deixando de lado o fato de que não vou tomar nada para a dor.



April

Estou no refrigerador no Roses quando ouço a campainha tocar. — Como posso ajudar? — Pergunto, andando atrás da mesa. O sorriso desaparece do meu rosto quando vejo quem é.

Lucy está lá em um jeans e uma camisa branca de manga comprida. Seu cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo alto, e seu rosto sem

maquiagem. Seus olhos castanhos parecem tristes, mas ela consegue me dar um sorriso. — Ei, — ela diz timidamente.

— Ei. — Cruzo os braços sobre o peito.

Ela abaixa a cabeça, olhando para seus tênis. — Meu irmão me disse que lhe devo um pedido de desculpas e um agradecimento.

Apenas a encaro.

Ela olha para mim. — Eu sinto muito...

— Não sou aquela a quem você deve pedir desculpas, — interrompo.

Ela solta um longo suspiro. — Eu disse a ele que sinto muito.

Faz cinco dias desde que a encontramos morrendo em seu quarto. Grave não a mencionou uma vez. Mas penso nela o tempo todo. Querendo saber se ela está bem.

— Eu estava apenas com ciúmes. — Ela suspira. — Sabia desde o momento em que vi vocês dois juntos no Airport na noite de sua luta que ele te amava. — Sinto a pouca raiva que tenho por essa mulher desaparecer. Ando ao redor do balcão e vou até ela. Abro meus braços, e ela quase cai em mim. — Eu realmente sinto muito. — Ela começa a chorar baixinho. — Só queria que ele me amasse assim. Como eu o amava.

Esfrego suas costas, sem saber o que dizer. Você não pode fazer alguém te amar.

— Obrigada. — Ela se afasta de mim, esfregando as lágrimas. — Estou sóbria. E entendo que o que fiz é errado. — Seus olhos encontram os meus.

— Vou para a reabilitação. Mas não teria essa oportunidade se não fosse por você.

Coloco minhas mãos em seus ombros. — Não deixe um homem fazer você pensar que sua vida não vale a pena ser vivida, Lucy. — Ela funga. — Você é linda e precisa se colocar em primeiro lugar. Sempre. — Ela realmente é bonita. Seu cabelo loiro realça seus grandes olhos castanhos. Odeio que ela colocou tanto de sua vida em Grave. Mas só porque ele não retribui os sentimentos não significa que não vale nada. — Te desejo o melhor e espero que encontre o que está procurando.

— Obrigada, — ela diz novamente, me puxando para outro abraço. Quando ela se afasta, ela funga novamente. — Você é o que ele precisa. Você vai ser a única a salvar ele de si mesmo. — E com isso, ela se vira e sai da loja.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Grave

Sento à minha mesa no Kingdom. Consegui entrar sem ser visto. Fiquei fora por quase duas semanas quando eu e April terminamos. Então tirei um tempo depois da tentativa de suicídio de Lucy. Precisava de tempo para juntar minhas coisas. Para decidir o tipo de vida que queria ter e como iria realizar isso. Além disso, só queria passar um tempo com April. Ajudei ela na loja. Ela tem estado extremamente ocupada trabalhando e se preparando para o casamento de Emilee e Titan. Foi uma bela mudança de cenário. Não é como se alguém sentisse minha falta aqui. Minha porta se abre, e prendo a respiração quando vejo meu irmão entrar. Tanto para voar sob o radar. Me sento reto no meu lugar, olhando para ele.

Ele vem para ficar na minha mesa. — Posso falar com você?

— Se for sobre reabilitação, não, — digo simplesmente.

Ele suspira e se senta, arregaçando as mangas de sua camisa. —
Desculpe, Grave.

—Não se preocupe com isso. — Sei que meu irmão não se sai bem quando se trata de falar sobre sentimentos. Não quero que ele se sinta desconfortável. Ele não precisa se desculpar. E não preciso ouvir.

Seus olhos vão para a minha manga, e ele franze a testa enquanto a examina. Reconhecimento pisca em seu rosto quando ele percebe que o rosto parece familiar. —Então... — Ele olha para mim. —Ela é a única?

Concordo. —Ela é a única. — April é tudo para mim. Ela é minha responsabilidade. Meu amor e meu inferno. Ela vai me ajudar a lutar contra meus demônios todos os dias, me dando tudo dela.

Meu telefone do escritório toca, e atendo. —Grave.

—Senhor, você tem uma visita, — diz Nigel ao telefone.

—Quem é?

—Tanner Mason.

Desço as escadas, e não fiquei surpresa quando Bones insistiu em vir comigo. Saímos do elevador para o nosso lobby privado. —Por que você está aqui, Tanner? — É a mesma coisa que ele me perguntou naquela primeira noite no Airport.

Ele olha de Bones para mim. —Eu, uh... — Ele endireita os ombros. — Eu queria te contar pessoalmente. — Ele faz uma pausa.

—Tudo bem. — Dou um passo em direção a ele. — Me diga o quê?

—Trey encontrou Lucy em sua cobertura esta manhã. Ela havia falecido.

—Sinto muito por ouvir isso. — Bones é o primeiro a falar. Suas palavras são tão sinceras quanto você jamais conseguirá dele.

Meu peito aperta, e passo minha mão pelo meu cabelo. —Causa da morte? — Pergunto.

Seus olhos seguram os meus. Você pode dizer que ele quer chorar, mas ele está se segurando o melhor que pode. —Foi... — Ele limpa a garganta. —Suicídio.



April

Estou ao lado de Grave no serviço de cemitério para Lucy. ‘Fire Away’ de Chris Stapleton toca suavemente ao fundo. Os irmãos Mason queriam ter um culto privado. Sua morte nem foi anunciada publicamente desde que ela faleceu há dois dias. Ainda não acredito. Acabei de ver ela. Ela veio até a loja. Ela parecia melhor, disse que queria ser melhor. Menos de três horas depois, ela foi encontrada morta em seu apartamento de cobertura. Não soma. Ou talvez eu simplesmente não queira acreditar. Nunca conheci depressão ou vício antes. Não pretendo nem começar a entender o que Lucy sentiu ou passou.

Alcanço a mão de Grave, mas ele se afasta de mim. Fecho os olhos e deixo as lágrimas rolares livremente pelo meu rosto. Ele está assim desde que descobriu sobre a morte dela. Distante. Completamente fechado. Sem piadas. Nada.

Ele se culpa. Todos nós fazemos. Até eu sinto que poderia ter feito mais para ajudar ela. Para salvá-la. Ela não merecia morrer. Não tão jovem e não desta forma. Ela tinha muito para dar a este mundo. Ela estava indo para a reabilitação. Ela tinha planos para mudar sua vida ao redor. Ela queria fazer melhor para si mesma.

Abrindo os olhos, vejo os três irmãos Mason ao lado de seu caixão. Trey, o bebê, soluça abertamente com a mão na madeira clara. Tanner está ao lado dele com a cabeça baixa com a mão em seu irmãozinho. Posso ver seus ombros tremendo.

O único que nunca vi é Turner, mas sabia quem ele era no momento em que o vi. Todos eles têm uma aparência semelhante sobre eles. Ele fica ali, de cabeça erguida, e sem uma lágrima nos olhos. Suas mãos enfiadas nos bolsos da frente de seu terno. Óculos de sol em cima de sua cabeça. Ele olha para o nada. E meu coração se parte por ele. Na batalha interna ele está lutando. Não há nada de errado em sentir algo, especialmente quando a perda é um irmão.

A música chega ao fim e um pastor se aproxima para fazer uma oração de encerramento. Todos nós inclinamos nossas cabeças, e fecho meus olhos, fungando. Sinto alguém estender a mão para mim à minha

esquerda, e puxa minha mão na sua. É Jasmine. Ela foi a última que vi de pé daquele lado.

— Amém. — Dizemos em uníssono.

Levanto minha cabeça para ver Grave, mas ele não está lá. Olho ao redor do cemitério e o localizo perto dos veículos estacionados no cascalho. Ele está na frente de seu Zenro STI preto, e Turner está bem ao lado dele. Eles estão conversando. Turner pega seu celular e eles começam a assistir algo. Grave acena com a cabeça algumas vezes, e então Turner estende a mão direita e aperta a de Grave.

Imediatamente me viro, procurando por Bones. Eu o vejo conversando com Titan à minha esquerda. — Bones? — Chamo, correndo até ele. — O que está acontecendo entre Grave e Turner?

Ele olha de mim para onde seu irmão está. — April... — ele começa.

— Estou pedindo para você verificar, — digo. — Preciso que alguém acredite em mim.

Ele franze a testa. — Acreditar no que?

Que seu irmão não é a mesma pessoa de três dias atrás? Que o vejo de pé na cozinha enquanto ele olha para a garrafa de vodca como se quisesse engolir tudo de uma vez. Isso eu sei, se ele quisesse, poderia ter um frasco de comprimidos nas mãos em questão de segundos. Que temo que ele esteja no ponto sem retorno. E só posso fazer um pouco. E se ele recair, não tenho certeza se posso trazer ele de volta.

— April, você está pronta?

Me viro para ver Grave agora de pé atrás de mim. Seus óculos de sol cobrindo seus olhos. Concorde com a cabeça e caminho em direção a ele, sabendo que estou sozinha. Eles não podiam ajudar ele antes, então eles não vão ajudar em nada agora. Vou fazer sozinha.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Grave

Estou no meu armário na minha casa, vestindo um jeans.

—O que você está fazendo? — April pergunta, entrando no grande espaço.

—Eu tenho que ir trabalhar, — digo categoricamente.

—Grave, são três da manhã. — Ela boceja.

—Eu sei. — Pegó uma camisa de um cabide e a coloco. Em seguida, passei por ela, saindo.

—Grave...

—Eu não tenho tempo, April, — retruco com ela, sem vontade de discutir. Tenho um lugar para estar.

—Quando você estará de volta? — Ela pergunta baixinho.

—Não espere acordada, —digo antes de descer os degraus e entrar na minha garagem.

Ligo meu carro, abro a porta e saio de ré, cantando meus pneus enquanto dirijo para fora do portão. Seguindo em direção ao Airport. Paro

na parte de trás e estaciono. Pego a bolsa do banco de trás e entro no prédio. Subo a escada rolante quebrada de dois em dois degraus e entro na sala. Turner está sentado à mesa, esperando por mim.

—Ele está aqui? — Pergunto.

Ele concorda. Seus olhos caindo para a bolsa. —Preparado?

Descemos para os túneis subterrâneos. Este aeroporto existente e funcional tinha um abrigo antiaéreo nos anos setenta.

Eles têm salas seguras que os maçons usam como celas de prisão. Eles têm sua própria aplicação da lei no Airport. Descemos pelos túneis e viramos à direita no final. Turner destranca a fechadura principal e abre a porta.

Um homem está sentado no meio dela, com os braços amarrados à cadeira. Ele levanta o rosto ensanguentado e olha para nós. —Grave? — Ele luta contra as restrições. —Que porra você está fazendo?

—Jimmy Trust, — digo com um sorriso.

Seus olhos se estreitam. —Eu sabia que você estava em alguma merda doente.

Turner ri. —Acho que você está se referindo a mim.

—O que é isso? — Ele exige.

—Vou tentar fingir que você não sabe por que está aqui? — Pergunto.

—Isso é porque fui visitar sua garota? — Inclino minha cabeça para o lado. —Você não pode me culpar, certo? Esse cabelo roxo...

Dou um soco na cara dele, cortando-o. Sua cabeça pende para a frente e ele cospe sangue no chão.

—E minha irmã? — Turner pergunta.

—O que tem aquela puta? — Ele rosna.

Turner sorri. — Por que você a matou?

—Do que você está falando? Ela cometeu suicídio.

—Ela fez? — Ele pergunta, puxando o celular do bolso. — Porque depois que Grave aqui salvou sua vida, instalei câmeras em sua cobertura.

Seus olhos se arregalam, mas ele se recupera rapidamente. — Gosta de ver sua irmã foder, Turner? Vocês irmãos Mason são realmente fodidos doentes.

Turner coloca o telefone na frente de Jimmy e aperta o play. A pequena sala se enche com a risada de Lucy.

— *Vamos nos foder.* — Você ouve a voz de Jimmy dizer.

— *Isso são preliminares,* — ela diz a ele.

Vi o vídeo. Turner me mostrou em seu funeral hoje cedo. Os outros irmãos não sabem. No que diz respeito a eles, Lucy Mason cometeu suicídio, e Turner quer que continue assim. Não vou perguntar o raciocínio dele. Irmã dele. A família dele. E sua vingança.

Turner permite que ele passe. Você os ouve rindo e falando sobre nada em particular enquanto engolem alguns comprimidos e bebem um pouco de álcool. Então você o ouve dizer: — *Vamos foder.*

— *Eu não estou no clima.* — Sua voz sai suave. Como se tivesse feito muito esforço para dizer.

— *Vamos lá querida. Vai se sentir tão bem com a alta.* — Ele a agarra pela cintura e empurra a parte de trás de suas pernas para a beira da cama.

— *Não.* — Ela coloca as mãos no peito dele.

— *E as preliminares de que você estava falando?* — Ele se abaixa e abre o short dela.

— *Jimmy...*

Ele a joga na cama, e ela começa a lutar com ele. Mas ela tomou muitos comprimidos, bebeu demais. Ele é muito mais coerente do que ela. Ela não tem chance contra ele.

— *Vai ser rápido,* — ele diz a ela, empurrando seu short pelas pernas.

— *Não agora,* — ela pede, fechando os olhos.

Você pode ouvir ele dar um tapa nela, e então há muito pouca luta quando ele abre a calça jeans, agarra seu pau duro e começa a foder ela. Suas mãos se estendem e ela tenta empurrar ele, mas ele pega um travesseiro e o coloca sobre o rosto dela, sufocando-a até a morte. Jimmy faz questão de terminar, no entanto. Então, quando ele sai de cima dela, ele pega o que sobrou das pílulas e dá descarga, então coloca o frasco de pílulas ao lado dela para parecer um suicídio, esperando que eles não solicitem uma autópsia. Uma garota como Lucy, uma viciada em drogas com antecedentes suicidas que acabou de ser liberada de uma prisão de setenta e duas horas? Eles não pensariam duas vezes sobre isso.

—O que você vai fazer? — Ele rosna quando Turner termina o vídeo.

Me inclino em minha bolsa e puxo um rolo de fita adesiva. Rasgo dois pedaços.

—Que porra...?

Coloco um sobre seus lábios na diagonal enquanto ele tenta balançar a cabeça para me impedir de fazer isso. Depois o outro ao contrário. Volto para minha bolsa e pego o tubo.

—Segure a cabeça dele, — digo a Turner.

Ele caminha para trás da cadeira em que está preso e envolve o braço em volta do pescoço de Jimmy, em uma chave de braço, inclinando ele para trás. Jimmy tenta lutar por sua liberdade, mas não consegue.

Ando de volta para ele. —Você vai sentir alguma pressão... — Paro e começo a empurrar o tubo em seu nariz. Seu corpo estremece e ele tosse atrás da fita. Suas bochechas se enchendo de ar e seus olhos lacrimejando. Suas mãos se fecham e se abrem. Uma vez que o tubo está em seu nariz, prendo a garrafa no final e aperto, o carvão enchendo o tubo. —Estou bombeando seu estômago, Jimmy. Assim como fizeram com ela. A única diferença é que você vai engasgar com seu próprio vômito e morrer.

—Como o pedaço de merda que você é, — Turner acrescenta com um sorriso sinistro.

Seu corpo começa a convulsionar, e nós dois o soltamos, dando um passo para trás. Nós assistimos seu corpo se virar enquanto ele engasga

com seu próprio vômito. Ele sai de suas narinas, e seus olhos ficam frios antes de sua cabeça cair para frente, ficando mole.

Turner olha para mim. —Obrigado pela ajuda. — Ele dá um tapa nas minhas costas.

Apenas aceno. Se dependesse de mim, eu o teria enterrado vivo, mas essa foi a vingança de Turner. Estou feliz por ele me deixar fazer parte disso.

Ele tira um baseado do bolso e o acende. Tomando um trago, ele então o entrega para mim. Encaro ele por um longo tempo, pensando em Lucy e em como a decepcionei. Como, mais uma vez, não estava lá para ela. Eu deveria ter salvado ela. Eu não a amo do jeito que ela precisava de mim também, mas me importava com ela.



April

Sento na cama de Grave no momento em que ouço a porta da frente abrir e fechar. Ele se foi há horas. O sol nasceu há três horas, mas fiquei aqui, esperando por ele. Não conseguia dormir e estava com dor de estômago. Preocupada até a morte sobre onde ele foi e o que ele estava

fazendo. Por que ele desligou o celular. A porta de seu quarto se abre e ele entra.

—Onde você esteve? — Exijo, me sentindo chateada e aliviada por ele estar bem.

Ele para e olha para cima, seus olhos encontram os meus. Meu coração para no olhar neles. Eles estão vermelhos e noto que ele tropeça. Ele está bêbado ou drogado. Talvez ambos.

—Não tenho certeza de como isso é da sua conta, — diz ele.

—Você me deixou aqui sozinha para que você pudesse ir se foder? — Pergunto, tentando entender, mas não começar uma briga. Não sei o quão frágil ele está agora. Lucy está morta, e sei que ele está sofrendo.

Ele não responde. Em vez disso, ele se senta na ponta da cama e tira os sapatos. Então ele se levanta e abre o cinto.

—Grave, precisamos...

—Não, nós não temos, April. O que fiz e para onde fui não é da sua conta, — ele retruca.

—Você está fazendo isso de novo. Você está tentando me afastar.

—Então pegue a dica e vá embora, — ele rosna.

Aceno com a cabeça e lambo meus lábios secos. —Sei que você é mais forte que seus demônios, Grave. Só queria que você percebesse isso também.

Ele dá uma risada áspera. — Não comece essa merda comigo. A próxima coisa que você vai me dizer é para ir a reabilitação como meu irmão.

Me levanto da cama. — Grave...

—Saia da minha casa, April! — Ele grita, apontando para a porta do quarto.

Meu lábio inferior começa a tremer, e tento engolir o nó que se forma na minha garganta. Não quero deixar ele, mas não posso fazer ele me deixar ficar. Esta é a casa dele e ele obviamente não me quer mais. Em vez de esperar que faça o que me mandam, ele entra no banheiro e bate a porta. Então ouço o som da fechadura da porta.

Corro e começo a bater na porta. — Abra essa porra, Grave! Nós vamos falar sobre isso.

O chuveiro é ligado, mas ele não diz nada.

Envolvo minha mão ao redor da maçaneta e começo a empurrar a porta enquanto minha mão livre bate nela. — Grave! Abre a porra...

Ela se abre, me empurrando para o banheiro no processo, me fazendo bater direto nele. Ele está diante de mim sem camisa e as calças desabotoadas, mas ainda puxadas em torno de seus quadris. Seus olhos azuis me encaram. Respiro trêmula, sem saber o que fazer exatamente. Não quero pressionar, mas, novamente, talvez seja disso que ele precisa. — Estou tentando te ajudar. — Suavizo minha voz e coloco minhas mãos em seu peito. Seu coração bate forte contra minhas palmas.

— April... — ele rosna meu nome.

—Por favor, Grave. — Imploro a ele. —Eu te amo. — Preciso dele. O que aconteceu com Lucy foi de partir o coração e odiaria vê-lo seguir o mesmo caminho. Talvez se seus irmãos a tivessem ajudado, ela não estaria morta. — Você me disse que me amava. — Ele desvia o olhar de mim e vejo o tique em sua mandíbula afiada. Não estou atingindo ele. — Você me ouviu? — Começo a bater em seu peito, ficando desesperada. — Me responda!

Envolvendo as mãos em volta dos meus pulsos, ele os aperta, me forçando a parar. —Eu não preciso da sua ajuda! — Ele fala. —E com certeza não preciso de você. — Então ele me empurra para fora do banheiro e bate a porta na minha cara.

Começo a chorar, sabendo que ele está longe demais. Não sou o suficiente para fazer ele parar. A morte de Lucy foi difícil para ele e nem mesmo eu posso anestesiar a dor. Passo a mão pelo meu cabelo e me visto antes de sair com a cabeça baixa. Fazendo o que me mandam, sabendo que não posso convencer ele a me deixar ficar.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Grave

Me acomodo no sofá, meus braços abanando as costas dele, e olho para o teto. A sala gira, e minha visão entra e sai enquanto 'Sail' de AWOLNATION toca nos alto-falantes. As palavras martelam na minha cabeça como um tambor. Duas semanas sem April, e tem sido um inferno. Mas é o que mereço. Fui horrível com ela. Só porque tive um momento de fraqueza. Disse a ela que não precisava dela e fui embora. Ela fodidamente saiu. O que esperava que ela fizesse?

—Cara, vai ficar tudo bem, — ouço Trey dizer enquanto ele cheira uma linha de coca na mesa de café. — Você estava bem sem ela antes, e você vai ficar bem agora.

Bloqueio ele, fecho meus olhos e ouço o trovão sacudir as paredes. Respiro fundo e encho meus pulmões com as drogas contaminadas. Não é o mesmo.

A música muda para 'Bury Me Low' de 8 Graves. Sempre foi minha música tema.

—Grave? Cara, alguém está gritando por você, — ele diz, empurrando meu braço.

—Que se foda ele. — Tomo outro golpe, precisando daquela altura que consegui alcançar antes de April entrar na minha vida. Preciso afogá-la. Porra, enterrar ela tão fundo que sufocará todos os pensamentos que já tive sobre ela.

—Grave? — Trey suspira. —É Titan.

—Que ele se foda, — repito e cheiro outro golpe.

Vamos. Vamos.

Preciso preencher esse buraco. A dor de ir embora. Apenas minha bunda fodida.

—Grave, seu filho da puta arrependido, — Titan grita. —Abra a porra da porta ou vou derrubar.

Talvez ele me acerte na cabeça com isso. A perda de memória seria melhor do que isso. *Quanto tempo vai demorar...?*

Ouçó a porta se estilhaçar e o que resta dela bate contra a parede interna.

—Merda! — Trey sibila ao meu lado.

Titan invade a sala, e estou surpreso que ele esteja sozinho. —Onde estão o resto das cadelas...? — Ele me dá um soco no rosto com tanta força que minha cabeça cai para trás.

Sangue instantaneamente enche minha boca, e meu rosto começa a latejar.

— Porra. — Trey salta de seu lugar no sofá ao meu lado.

Titan agarra minha camisa e me puxa para fora da minha bunda, então me empurra para o chão.

— Pare, cara! — Trey grita.

Olho para meu amigo, já sentindo meu olho começar a inchar. — Porra, faça isso, — digo a ele, tossindo sangue que encheu minha boca.

— Porra, você é um pedaço de merda, — Titan rosna para mim.

Sei quem sou. April sabe que sou. Por isso ela me deixou. — Apenas me tire da minha miséria.

— Supere qualquer problema que você tenha agora e siga em frente.

— Fácil para você dizer. — Sua mulher não o deixou. Me pergunto se ele não a compartilhar com meu irmão, se ela ficaria com ele? — Me pergunto quem Emilee ama mais? — Pergunto, pensando em voz alta.

— Grave, — ele rosna. — Levante sua bunda. Temos de ir.

Fecho os olhos e dou boas-vindas à escuridão. — Vai se foder, Titan.

Ele me puxa pela minha camisa e me puxa para fora da casa. Então ele está me jogando no banco do passageiro. Guinchando os pneus, ele sai para a rua e segura o telefone no ouvido. — No nosso caminho. — Pausa. — Nada bem. — Ele vira seus olhos para os meus. — Como merda. Te vejo em um minuto.

—Onde estamos indo? — Pergunto. Talvez seja uma intervenção. Não ficaria surpreso se eles me jogassem em um hospital psiquiátrico e jogassem a chave fora. Todo mundo está cansado de me aturar. Eu incluído.

Pisco, e meus olhos ficam pesados.

—Quanto você tinha? — Ele exige.

—Não o suficiente, — solto.

—Porra! — Ele bate a palma da mão no volante. —Eu deveria te deixar bem aqui no lado da estrada filho da puta.

—Faça isso, — o desafio.

—Não, isso seria muito fácil para você. Você merece tudo o que está prestes a bater na sua cara.

—Seu punho? Bata em mim até eu não sentir nada.

Ele apenas balança a cabeça, ignorando minha pergunta. Entramos no portão da propriedade que os Kings e eu compartilhamos, e ele para na garagem de Bones. Gemo. Parando, ele me arrasta para fora do carro e tem que me ajudar a subir as escadas. No momento em que entramos, Bones e Cross vêm até nós.

—Esta é uma má ideia. — Cross suspira me olhando de cima a baixo.

—Nos deixe, — meu irmão ordena.

Titan me solta e caio na parede. Pisco, e então meu irmão está parado na minha frente com a mão em volta da minha garganta. — Você sempre foi fraco pra caralho, — ele rosna na minha cara.

— Vai se foder, Bones.

— Você não a merece.

Estremeço com suas palavras. Sempre soube disso, mas isso não me impediu de desejá-la. De querer ser melhor. Ela não acreditou em mim. Assim como o resto deles.

Ele avança em mim. — Você merece ficar sozinho pelo resto de sua vida miserável, o que pode ser mais cedo ou mais tarde. — Sei que ele está tentando me machucar de propósito, e odeio que isso esteja funcionando. Vou golpear ele, mas erro completamente. Ele dá um passo para trás, me soltando, e caio de joelhos em seu vestibulo. Ele se ajoelha diante de mim. — Você não pode ficar chapado para sempre, Grave.

— Me veja.

Ele bufa.

— Por que estou aqui? — Estava perfeitamente contente onde estava. Me perder em uma névoa induzida por drogas que não incluía uma linda mulher com cabelos roxos e os olhos mais incríveis que destruíram meu coração.

Em vez de responder, ele se vira e se afasta de mim, me deixando deitado na entrada de sua casa. Aprecio o chão frio de mármore preto

contra minha pele ardente. Fechando os olhos, caio na escuridão pela qual tenho orado enquanto as drogas fazem seu trabalho.



Acordo em uma cama que conheço bem. É um dos quartos vagos do meu irmão. Minha cabeça lateja, meu maxilar dói e estou coberto de suor. Quase caio da cama e tropeço para o banheiro adjacente. Jogo água no meu rosto dolorido. Não consigo abrir o olho direito e meus lábios estão rachados. Parece que fui atropelado por um caminhão. Abrindo a porta de vidro do chuveiro, ligo e tiro minhas roupas antes de entrar. Minhas pernas estão fracas demais para me segurar, então me sento e inclino minha cabeça contra o azulejo frio.

— Você não deveria ter trazido ele aqui. — Ouço a voz de Emilee.

— Querida, ele precisa...

— A bunda dele precisa estar na porra da reabilitação, — ela retruca, interrompendo Titan.

A porta do quarto se abre, e eles devem me ouvir no chuveiro porque a porta do banheiro se abre em seguida. Ela corre em direção ao chuveiro como se tivesse me visto nu uma centena de vezes. E não faço nenhum movimento para me cobrir. Todos nós sabemos o quanto ela gosta de pau.

—Seu filho da...

—Em, — Titan rosna e a puxa de volta para ele.

—Ela é...

—Não é o seu lugar, — ele diz a ela.

Ela desaba na minha frente como um castelo de cartas caindo no chão. Seu corpo cede contra seus braços, e as lágrimas escorrem pelo seu rosto. Ela soluça e cobre o rosto com as mãos. Ele a gira, e ela enterra o rosto em sua camisa.

Continuo sentado no chão do chuveiro vendo ela ter uma porra de um colapso. — E eles dizem que eu preciso de ajuda.

Ela funga, gira e estreita os olhos em mim. — Ela nunca vai te perdoar por isso, — ela sussurra, balançando a cabeça. — Ela nunca vai olhar para você e não te odiar pelo que você fez com ela! — Ela grita.

Isso chama minha atenção. Me sento, e ela se vira, correndo para fora do banheiro.

—Do que ela está falando? — Exijo a Titan.

—Termine o banho e desça.

—Titan...

—April está aqui, — ele me interrompe.

A esperança floresce em meu peito. — Ela quer me ver?

Ele balança a cabeça. — Ela não sabe que você está aqui.

Franzo a testa. — Por que estou aqui?

Ele passa a mão pelo cabelo. — Porque eu acredito em segundas chances. E... eu conheço o cara que você pode ser, Grave. — Meu coração começa a bater de novo. Ele suspira. Ele abre a boca como se tivesse mais a dizer, mas no último minuto decide que não. Então ele se vira e sai.

Termino o banho e encontro uma camiseta Kingdom e jeans limpo na cama. Coloco e desço as escadas. — Onde ela está? — Pergunto no momento em que entro na cozinha. Todos estão contabilizados, exceto ela.

Ninguém olha para mim além de Titan. Ele passa por mim e segue pelo corredor. Sigo. Ele para em uma porta e a abre silenciosamente. Meu coração para quando vejo April. Ela está deitada de lado, em posição fetal de frente para mim. Seus olhos estão bem fechados, e seu corpo treme com soluços suaves.

Corro até ela. — April? — Chamo com a voz rouca.

Ela não abre os olhos. Em vez disso, ela começa a soluçar mais alto. Mais intensamente.

— O que está errado? — Pergunto, estendendo a mão e correndo meus dedos rachados pelo rosto manchado de lágrimas. Ela enterra a cabeça no edredom enquanto suas mãos o agarram. Me afasto dela e vou para a cama, onde posso puxar ela para o meu colo. — April... — Ela soluça. Balanço ela silenciosamente para frente e para trás enquanto ela se quebra em meus braços. — Se é por minha causa, fale comigo, por favor, baby. — Ela está ferida?

Ela começa a bater com os punhos no meu peito, e deixo.

—Me diga que você está bem. — Talvez seja apenas um colapso emocional.

—Eu nunca vou ficar bem, — ela chora.

—April...

Ela pula dos meus braços e sai da cama. Me levanto para seguir ela, mas fico onde estou quando vejo que ela está indo até a bolsa. Ela se abaixa, cavando através dela. E tira algo. Voltando para mim, ela o empurra no meu peito. Pego e olho para baixo. É um teste de gravidez. Engulo enquanto olho para ele.

Ela está grávida.

Eu a engravidei. Então falhei com ela. Mostrei a ela que não sou nada. Assim como o pai dela. E não posso estar lá para ela. Não do jeito que ela precisa. Agora vou ser pai. —Eu... eu sinto muito. — Engulo o nó na minha garganta. Olhando de volta para ela, pego sua mão na minha.

Acredito em segundas chances, disse Titan. Ele sabia. *Ela nunca vai te perdoar...* o mesmo acontece com Emilee. Todos eles sabem. Sou o último a saber.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto, e lambo meus lábios. —Eu posso fazer melhor. Serei melhor. Para você... para o bebê...

Seu lábio inferior começa a tremer.

—Eu sei que posso. Eu te amo, April. — Ela fecha os olhos. —Eu...

— Não posso confiar em você, — ela sussurra suavemente.

Meu coração se parte com suas palavras. — April... — Tento dizer a ela que ela pode, mas minha garganta fecha. Meu peito aperta. Ela está certa. Ela não pode.

— Vou ter esse bebê, Grave. Mas não vou criar ele em um mundo onde seu pai está sempre chapado.

Ela se afasta de mim, e permito. Estou no meio do quarto de hóspedes do meu irmão enquanto ela rasteja de volta para a cama e chora. Permaneço em silêncio, incapaz de me mover. Mal capaz de respirar com o aperto no meu peito. *Ela está certa.*

E dói como o inferno. Minutos, talvez horas se passam antes que seus gemidos parem e sua respiração se normalize. Ela adormeceu, e fiquei aqui parado. Entorpecido. Sem me virar para olhar para ela, finalmente consigo mover meus pés pesados. Saio pela porta da frente da casa do meu irmão sem me preocupar em dizer uma palavra a ninguém.

E as palavras de Emilee finalmente fazem sentido. *Ela nunca vai olhar para você e não te odiar pelo que você fez com ela!* Ela também estava certa. April nunca vai me perdoar, e eu nunca vou me perdoar.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Grave

Estou ao lado da cama mais uma vez. Meu rosto está inchado e ainda pesa. Preciso de uma porra de um golpe, mas me tornei um homem diferente na noite passada. Não quero enterrar o que sinto.

Inclinando, beijo sua testa. Ela nem se mexe. —Eu te amo, April. — Então me viro e pego a bolsa que fiz quando fui para casa ontem à noite.

Ando pela casa do meu irmão novamente e saio pela porta da frente. Vou até o meu carro e abro a porta do lado do motorista.

—Fugindo?

Olho para cima para ver Titan do lado de fora em sua varanda. Uma caneca de café em uma mão e seu celular na outra. —Você dormiu?

—Não. — Ele se levanta e seus olhos caem para minha bolsa, mas ele não diz nada.

Passo a mão pelo meu cabelo. E meus olhos encontram os dele. Vou encarar isso de frente. Tomando uma respiração profunda digo. —Preciso de um favor.

Ele se move da varanda e começa a caminhar até sua garagem para três carros. — Vamos lá.

Faço o meu caminho até ele e entro em seu carro. Saímos de sua garagem e passamos pelo portão. Removo meu piercing na sobrancelha, piercing no lábio e, em seguida, meu relógio. Coloco todos eles em seu console central.

Ele permanece em silêncio enquanto entra na interestadual. Olho para Las Vegas enquanto o sol começa a nascer, sabendo que hoje é um novo dia e um novo começo. Aquela segunda chance que Titan estava falando para acertar as coisas. Para ser quem ela precisa. Ele entra na rotatória e para. Sentamos em silêncio enquanto olho para o prédio à nossa frente. É estuque branco com grandes arbustos ao redor do prédio. Parece um retiro. Em algum lugar que nunca iria. Mas April me trouxe aqui. Ela vai salvar minha vida.

— Você sabe... — Titan quebra o silêncio, e olho para ele. — Podemos não ser de sangue, mas sempre te considerearei um irmão.

Engulo através do aperto na minha garganta com suas palavras.

Ele alcança o console central e me puxa para um abraço apertado. Bato nas costas dele, tentando segurar minha emoção. Odeio o quanto sinto. Sempre tentei sufocar isso, mas não mais. — Cuide dela para mim? — Pergunto a ele quando ele se afasta.

Ele concorda. — Claro.

Puxo meu celular do bolso de trás e entrego para ele.

—Quer que eu te acompanhe? — Ele pergunta, olhando para as portas duplas.

Sorri disso. —Não. Acho que consigo.

Ele olha para mim sem um pingo de humor em seus olhos azuis escuros. —Estou aqui para você, Grave. O que você precisar. Sempre que você precisar.

Aceno, incapaz de expressar minha gratidão, novamente aquele nó na minha garganta. Então me viro e saio do carro dele, sabendo que estou prestes a desistir de qualquer liberdade que eu tenho.



April

Abro meus olhos pesados e rolo. Minha cabeça lateja e meus olhos estão inchados. Tenho certeza que chorei dormindo. *Estou grávida.* É por isso que estou com dor de estômago. Só pensei que era por causa de tudo o que estava acontecendo, mas depois percebi que estava atrasada, então fiz um teste. Não sei como aconteceu. Tomei anticoncepcional o tempo todo. Nunca perdi uma pílula. Mas nunca usamos camisinha.

Coloco a mão no rosto e respiro fundo. Vou fazer isso por conta própria. Sozinha. Se tivesse escolha, o teria ao meu lado, mas ele não está pronto.

Não para mim ou para um bebê. Sentando, vejo um pedaço de papel dobrado na cama. Abro, e minhas mãos começam a tremer.

Minha linda April,

Lamento ter que ir. Vou buscar a ajuda que preciso. Lamento não ser grande o suficiente para fazer isso sozinho. Foi preciso você entrar na minha vida para me mostrar que eu precisava. Eu falhei com você. E me mata saber que te machuquei. E não espero que você espere por mim, mas apenas saiba que você é tudo que quero. Eu amo você e nosso bebê mais do que tudo neste mundo. E vou ser um homem e provar isso para você.

As palavras ficam borradas, e fungo. Ouço a porta se abrir, mas não olho para cima. Tento ler a carta novamente para entender o que ele está dizendo. Mas quando sinto uma mão no meu ombro, me perco. Começo a chorar.

—Está tudo bem. — Ouço a voz de Emilee. —Você nos tem. Estamos aqui para você.

—Sim, nós não vamos a lugar nenhum, — Jasmine acrescenta antes que a sinta esfregar minhas costas.

—Ele foi embora, — consigo dizer entre soluços.

—Ele voltará. Para você e o bebê, — Haven fala.

Ele foi para a reabilitação. Ele fez o que precisava fazer por nós. E não poderia estar mais orgulhosa dele.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Grave

Sento em uma cadeira desconfortável no centro de uma sala com outras sete pessoas. É tempo de terapia em grupo. *Eu odeio essa merda!*

Não é que não tenha tido uma dose em três semanas. Não é que também não tenha bebido um gole de álcool. Não sinto falta do alto. É porque sinto falta de April. Achava que sabia o que era vício. Não sabia, mas agora eu sei. É um maldito buraco no meu peito. Não consigo dormir à noite. Não consigo funcionar durante o dia. Ela me consome mais do que qualquer droga já consumiu, e parece um peso no meu peito que não consigo remover. Não tem nada a ver com sexo. E tudo a ver com sua voz, seu cheiro, o jeito que ela sorri. Me pergunto se ela está bem. O bebê está bem?

Sou como um hamster correndo em uma roda sem chegar a lugar nenhum.

—Grave?

—Hum? — Olho para cima da minha cadeira para ver Jessie sentada na dela com um sorriso caloroso no rosto. Ela comanda esse show. — Você gostaria de compartilhar?

Porra não! — O que estamos compartilhando? — Pergunto, tentando não pensar em April e no que ela está fazendo. Sei que os Kings estão cuidando dela, mas isso não é suficiente. Eles não podem estar lá vinte e quatro por sete como eu poderia.

—Com o que você se sentir confortável, — acrescenta a morena. Ela deve ter trinta e poucos anos. Se eu a visse nas ruas, diria que seus cabelos castanhos e olhos escuros são atraentes. Mas como não a conhecia até fazer a entrada aqui, acho que seu sorriso alegre e atitude borbulhante são irritantes pra caralho.

Sento e passo a mão pelo meu cabelo. — Bem... uma vez festejei por duas semanas, — ofereço.

O cara chamado Jenson bufa ao meu lado. Este lugar não é o centro de reabilitação médio. Harbour Heights é servido aos ricos. A única coisa que poderia comparar é um clube de campo.

—E? — Ela pergunta.

—E o que? — Dou de ombros.

—O que você tirou dessa experiência? — Jessie pergunta.

—Para sempre ter certeza de que seu avião tem combustível antes da decolagem.

A mulher à minha esquerda ri e eu dou uma olhada nela. Ela é uma réplica de uma capa da Playboy. Cabelo loiro descolorido que não para até atingir sua bunda, olhos azuis brilhantes, longas pernas bronzeadas e grandes seios falsos. Ela me lembra Lucy de certa forma. Quando ela cuidava de si mesma.

— Agora isso eu tenho que ouvir, — diz Jenson.

Suspiro, me concentrando de volta no grupo. — Briguei com meu pai. E decidi ir para Vancouver no fim de semana para festejar. Bem, o que era para ser dois dias acabou sendo duas semanas. A maior parte era um borrão. Mas Cross veio atrás de mim quando não voltei e me encontrou em um motel decadente sozinho. Acontece que eu tinha perdido mais de quinhentos mil em um torneio de pôquer e tinha derrubado meu jato particular porque não tinha colocado combustível nele. Felizmente tinha paraquedas e consegui chegar a um e sair antes que ele caísse. — A maior parte ainda está embaçada, mas o que consegui juntar foi que caí logo após a decolagem no caminho de casa para Nevada. E é por isso que acabei passando mais tempo em Vancouver do que pretendia originalmente. E quando não voltei a tempo, meu irmão mandou Cross me buscar.

— Oh, meu Deus, — Jessie coloca as mãos no rosto. — Alguém se machucou?

— Não. Está no fundo do Oceano Pacífico. — Sei que tive sorte. Acredito que alguém estava cuidando de mim naquele dia.

Dois anos atrás

Sento à mesa de conferência no décimo terceiro andar do Kingdom, bebendo isotônico da garrafa. Nem fui para a cama ainda. Festejei a noite toda com Cross ontem à noite, e quando estava indo para casa para ir para a cama, meu irmão me mandou uma mensagem para encontrá-lo aqui.

— Onde está todo mundo? — Pergunto, olhando através dos meus óculos de sol. Meus olhos estão sensíveis da festa. E a porra do sol brilhante brilhando das janelas do chão ao teto está fazendo minha cabeça latejar.

— Somos só nós, — ele responde, olhando para seu celular enquanto está sentado na cabeceira da mesa.

Inclino minha cabeça para trás e puxo meu moletom para cima e sobre o meu rosto para mais proteção para os olhos. — Porque estamos aqui?

— Papai queria nos encontrar.

Coloco minhas mãos nos braços da cadeira e empurro para ficar de pé, derrubando o capuz do meu rosto. — Estou fora.

Ele salta de pé. — Grave...

*— Guarde isso, — o interrompo. — Não dou a mínima para o que papai quer.
— Ele sabe disso. É por isso que ele não me disse.*

Passo na frente das portas duplas de vidro para sair da sala de conferências assim que elas se abrem. Meu pai entra e enrijeço quando meus olhos vão para o que está ao lado dele. É uma mulher. Meu pai sempre as tem indo e vindo. Mas ele nunca as traz para o Kingdom. E ele com certeza se certifica de nunca ser visto

com elas em público. Muitos olhos e ouvidos sempre atentos para procurar a próxima grande história.

— Quem diabos é essa? — Pergunto, arrancando meus óculos de sol.

Meu pai sorri para mim e isso faz minha pele arrepiar. Ele me chamou aqui só para me irritar. — Esta... é Francesca. — Ele levanta a mão esquerda dela e vejo um enorme anel em seu dedo anelar. — Minha nova esposa. — Seu sorriso se alarga, seus olhos azuis se iluminam com entusiasmo. — E sua nova mãe.

Nunca quis matá-lo mais do que queria naquele momento. Por alguma razão estúpida, Bones me impediu de bater meu punho em seu rosto até que ele não estivesse mais respirando. Corri para fora da sala de conferências, pulei no meu carro, dirigi até nosso hangar particular e decolei no meu jato. Tinha minha licença de piloto. Agora gostaria de ter tido tempo para contratar alguém. Talvez não tivesse derrubado meu jato de sete milhões de dólares tentando voltar para casa. O casamento de meu pai e Francesca foi anulado quando voltei de minha farra de duas semanas no Canadá. Acontece que ela o encontrou na cama com sua irmã e seu acordo pré-nupcial o salvou de ter que dar a ela um centavo.

— Acho que é o suficiente por hoje, — diz Jessie com aquele sorriso de merda no rosto.

Não consigo descobrir se estou mal-humorado por falta de drogas ou porque me sinto como um animal enjaulado aqui nesta creche de elite.

— Quer compartilhar mais?

— Huh? — Olho para a capa da Playboy. — O que você disse?

Seus olhos azuis olham ao redor da sala. — Todo mundo foi embora, mas você ficou sentado. Achei que talvez você tivesse mais coisas para compartilhar. — Seus olhos voltam para os meus. — Se sim, posso ouvir.

— Ah não. — Percebo que somos os únicos dois na sala. — Não, terminei. — Odeio muito sobre este lugar, mas definitivamente as sessões de grupo. Não preciso dizer nada a esses estranhos sobre mim. A maioria eles leram nas manchetes.

Me levanto e saio da sala e viro para a direita, saindo pela porta lateral. Chego ao pátio com vista para os campos de tênis e golfe.

— Quer um cigarro?

Olho para ver que ela me seguiu para fora. — Não obrigado. Eu não fumo. — Não mais, de qualquer maneira.

Ela dá uma risada suave. — Sim, eu também. — Acendendo a ponta do cigarro, ela dá uma tragada e o apaga. — Mas quando eles tiram tudo, você tem que encontrar algo para passar o tempo.

— A quanto tempo você está aqui? — Pergunto.

— Cinco dias. — Ela estende a mão direita para mim. — Eles me chamam de Bex.

— Grave. — Aperto, me perguntando se esse é um nome falso ou não.

Ela assente rapidamente. — Eu diria que é um prazer te conhecer, mas não há muita coisa boa neste buraco infernal.

Sorri. — Poderia ser pior, eu acho. — Poderia estar morto.

Ela bufa. — Fale por você mesmo.

— Estou supondo que você não fez a inscrição?

Ela balança a cabeça e coloca o cabelo loiro descolorido atrás da orelha.

— Meu pai vai se casar com sua quinta esposa em três meses. Me encontrou fodendo meu futuro meio-irmão em sua mesa. A próxima coisa que eu sabia, ele estava arrastando minha bunda para fora da cama na manhã seguinte e mandou um carro me entregar aqui. Esta é a minha casa pelas próximas cinco semanas.

Aceno, baixando minha cabeça. — Não há nada de errado em admitir que você precisa de ajuda com o vício. As drogas podem tomar conta da sua vida. — Não estive tão sóbrio nesta quantidade de dias consecutivos em não sei quanto tempo. Nos primeiros cinco dias aqui me senti uma merda. Meu corpo tentando aprender a viver sem elas. E não as tive quando estava com April, mas a tentação ainda estava lá. Apenas escolhi não usar. Agora que sei que não posso, meu corpo ansiava por isso. Ou talvez fosse apenas minha mente querendo enterrar meus sentimentos e a mágoa. Sempre soube que tinha um problema, mas nunca quis admitir.

— Gostaria que meu problema fosse drogas. — Ela leva o cigarro aos lábios.

Franzo a testa. — Você está em reabilitação, mas não tem um vício?

Ela dá de ombros. — Dizem que sou viciada em sexo. — Virando a cabeça, ela pisca para mim enquanto morde o lábio inferior. — Eu digo que só gosto de pau. — Seus olhos caem para o meu jeans.

Sorri. — Quem não gosta de sexo?

— Não é? — Ela joga a cabeça para trás e ri. — Veja, alguém entende.

Eu concordo. — Sim.

— Grave? — Nós dois nos viramos para ver Jessie andando em nossa direção. Ela franze a testa para Bex fumando um cigarro, mas não expressa sua opinião sobre isso. — Você tem um telefonema, — ela me diz.

Começo a me afastar do parapeito enquanto Bex grita. — Te vejo por aí.



April

Estou dentro da capela de casamento, olhando para os arranjos de flores que as meninas e eu montamos. Foram seis semanas de trabalho ininterrupto, mas parece incrível, se é que posso dizer. O casamento é amanhã. Estamos aqui há três horas para o ensaio, e não poderia ter sido melhor. Deveria estar em êxtase, mas uma parte de mim ainda está tão triste. Grave se foi há mais de um mês. Não tive nenhum tipo de interação com ele, e essa foi a parte mais difícil. Sem telefonemas, sem visitas, nem mesmo uma carta. Recebo todas as minhas atualizações dele através do Titan, mas mesmo assim, ele é curto. Ele fala com ele uma vez por semana

com vários telefonemas. Sei que Cross e Bones também têm contato com ele, mas não estou perto de nenhum deles para perguntar o que eles sabem.

Titan caminha até mim, e dou a ele meu sorriso falso. Ele não acredita, mas pelo menos finge que acredita. — As flores parecem incríveis. Obrigado.

— Obrigada, mas foi um esforço de grupo. — Titan foi inflexível para que eu fizesse o casamento, mas minha pequena floricultura não estava equipada para lidar com um pedido tão grande. Então as meninas passaram dias e noites no Roses me ajudando e, quando ficamos sem espaço, nos mudamos para a casa de Emilee e dele.

— Falei com Grave ontem.

Meu coração começa a acelerar com a menção de seu nome. — Ele está bem? — Pergunto. Esse é o meu maior medo, que ele esteja com dor. Já vi documentários que mostram alguém passando por desintoxicação e como isso pode ser insuportável.

Ele concorda. — Ele estará aqui amanhã para o casamento.

Meus olhos se arregalam. — O que? Ele está saindo? — Achei que ele estava fazendo um programa de seis semanas.

— Não. Ele recebeu um passe de um dia. Ele não queria perder o casamento. E nós o queremos aqui. — Ele sorri para mim. — Ele me perguntou se eu iria buscar ele. E menti para ele e disse que iria.

Franzo a testa. — Por que você faria isso?

— Porque você vai ser a única lá.

Balanço minha cabeça rapidamente. — Eu...

— Titan, sua futura noiva está procurando por você, — Jasmine diz a ele, vindo até nós.

Ele concorda. — O dever chama.

Concordo com a cabeça, mas odeio ficar sem saber. Quero saber mais. Ele vai ficar animado por me ver? Como vou ele? Me viro e noto Bones parado ali. Suas mãos empurraram em suas calças. — Você deveria ser o único a buscar ele, — digo.

— Sou a última pessoa que Grave quer ver agora, — ele responde.

Minhas sobrancelhas se uniram. — Você não o perdoou? — Grave me machucou, mas não o conheci toda a minha vida. Não consigo imaginar o quão difícil deve ter sido para seu irmão e melhores amigos vê-lo se machucar repetidamente.

— Você fez?

Suspiro. — Grave é...

— Um viciado.

— Eu ia dizer tentando melhorar. Precisamos apoiar essa decisão. — Esfrego minha barriga crescente. Não é muito, mas mesmo que os outros não possam dizer, eu posso.

— Você ainda vai perdoar ele quando ele recair?

Respiro longamente. — Ele não vai.

— Ele vai. — Ele afirma. — Eu conheço meu irmão. — Ele diz isso com tanta convicção. Bones realmente acredita que seu irmão não será capaz de ficar sóbrio.

Fecho minhas mãos punho. — As pessoas podem mudar.

— Não, as pessoas substituem um vício por outro.

— O que isso significa?

Ele desvia o olhar e sua mandíbula se aguça. — Eu amo meu irmão. — Seus olhos voltam para os meus. — Mas você e minha sobrinha ou sobrinho são minha principal prioridade.

Lágrimas ardem em meus olhos quando minhas mãos vão para o meu estômago mais uma vez.

— Se precisar de alguma coisa, me ligue. Dia ou noite. Você entende?

Aceno e murmuro: — Obrigada.

CAPÍTULO QUARENTA

April

Estou do lado de fora da instalação, encostada em seu Challenger. Dirigi, pensando que ele gostaria de dirigir, para se sentir no controle novamente. Sei o quanto ele adora. Vejo a porta da frente se abrir, e ele sai. Meu coração bate forte ao vê-lo. Ele veste uma camisa preta do Kingdom com decote em V com um jeans rasgados e botas pretas. E ele está de óculos escuros. Sei o momento em que ele me vê porque seu corpo inteiro fica tenso.

Empurrando o carro, dou alguns passos em direção a ele, mas paro. A dúvida me enche quando ele para no último degrau. Talvez não devesse ter vindo. Titan disse que Grave ligou para ele. Era quem ele queria aqui. Ele começa a andar em minha direção, e solto um suspiro trêmulo. Minhas mãos tremem e meu coração bate forte. O sangue corre em meus ouvidos. E se ele não me quiser mais? E se sem as drogas, ele não me ama? E se...

—O que você está fazendo aqui, April? — Ele pergunta.

Engulo nervosamente ao som de sua voz. —Eu... uh... eu pensei...

Ele estende a mão e segura meu rosto. Me inclino em seu toque suave, e como uma represa se rompendo, lágrimas caem dos meus olhos e um soluço sai.

Ele envolve seus braços fortes em volta de mim e me puxa para ele. Minhas mãos agarram sua camisa, e meu rosto se enterra em seu peito. — Sinto muito, — choro.

— April. — Ele suspira. — Sou eu que estou arrependido.

— Não, não, não, — digo rapidamente e me afasto, fungando.

Ele empurra os óculos para o topo da cabeça, e minha respiração fica presa em meus pulmões quando os vejo. Eles são tão azuis. Nenhum nevoeiro envolto em drogas.

— Desculpe, April. — Ele engole e limpa as lágrimas do meu rosto. — Eu me destruí. Eu nos destruí. Mas prometo a você, vou ser melhor. Eu devo isso a você. — Sua mão desce para tocar meu estômago. Lágrimas frescas enchem meus olhos. — E nosso bebê. Eu deveria trabalhar para o perdão...

— Grave, eu já te perdoei. — É verdade. Este homem está tentando ser melhor. E sei que ele pode.

Ele envolve seus braços em volta de mim e beija minha testa. Meio rio, meio choro. Não sei o que acontecerá em três horas ou três anos, mas sei que este homem é meu rei, e serei sua rainha e o protegerei a todo custo.



Grave

Envolvo meus braços ao redor dela, puxando ela para mim. Inalo seu cheiro e solto um longo suspiro. Ela se afasta primeiro e gesticula para o meu carro. — Achei que você gostaria de dirigir. — E então me entrega as chaves.

Tomando dela, vou até o carro e abro a porta do passageiro para ela. Ela me agradece e desliza para dentro. Fecho a porta e vou até o lado do motorista.

— Espero que você não tenha ficado desapontado que não foi Titan quem te pegou, — diz ela suavemente, olhando para as mãos atadas no colo.

— April. — Estendo a mão e seguro seu rosto, levantando seu queixo para que ela tenha que olhar para mim. Aqueles olhos azuis de gelo que vejo toda vez que fecho os meus, olham para mim. Eles estão nadando em lágrimas não derramadas. Não tenho certeza se são lágrimas de alegria, tristeza ou arrependimento. Odeio não poder ler ela agora.

Me aproximo dela, inclinando sobre o console central. Sua respiração falha quando seus olhos caem em meus lábios. Vou beijar ela quando o celular dela começa a tocar. Me afasto e ligo o carro quando ela atende.

— Alô? — Ela responde, sua voz tremendo. Ela limpa a garganta e tenta novamente enquanto saio do estacionamento. — Alô?

Sento relaxado no banco, deixando meus ombros relaxarem. Não esperava que ela estivesse do lado de fora de Harbor Heights, mas ela era quem eu queria.

— Sim, estamos a caminho, — ela fala.

Minha mão esquerda agarra o volante enquanto meu aperto aperta a mudança de marcha.

— Tudo bem, vou avisar ele. — Ela desliga. — Era Titan. Ele tem o seu terno na igreja.

Um silêncio cai sobre o carro e quero fazer um milhão de perguntas a ela de uma vez. Quero beijá-la por horas. Segurar ela por dias e amar ela até morrer. Tenho que ganhar esse privilégio. Tenho que mostrar a ela o que ela significa para mim.

— Eu... — Ela é cortada quando seu telefone toca novamente. — Sinto muito. — Ela suspira, pegando.

— Não se desculpe, — digo a ela, dando-lhe um rápido olhar de lado.

— É Jasmine, as meninas...

— É um grande dia para Emilee, — digo com um aceno de cabeça. — Tenho certeza de que elas estão se perguntando onde você está. — Não tenho certeza se elas sabem que ela ia me pegar ou não. Mas só posso imaginar que estão bêbadas ou a caminho. Começando a celebração cedo.

O casamento é em duas horas. — Podemos conversar depois. — Não tenho que estar de volta até as oito da noite. E só pretendo dedicar algumas horas do meu dia a esse casamento do ano. O resto será com ela.



No momento em que chegamos à capela, nos separamos. Ela foi se vestir e arrumar o cabelo. Fui empurrado por um longo corredor e em uma sala onde um smoking estava pendurado em uma bolsa de roupas que tinha meu nome nele.

Estou sentado na cadeira de encosto alto do canto, amarrando os sapatos quando a porta se abre. Olho para cima para ver Titan entrar. — Ei. — Comprimeto.

Ele imediatamente abre os braços e caminha até mim, me puxando para um abraço de homem com um tapa nas costas. Quando ele se afasta, ele mantém as mãos nos meus ombros. — Você parece ótimo. — Ele sorri para mim.

— Você parece surpreso, — brinco.

Ele se afasta e passa a mão pelo rosto recém-barbeado. — Poderia ter ido de qualquer maneira.

Rio porque nós dois sabemos que é verdade. Eu ia apodrecer naquele lugar ou decidir que precisava mudar quem eu era e o que queria da vida. Abril é o novo eu. O futuro que quero. O que nem sabia que poderia existir.

Seu rosto fica sério e ele solta um longo suspiro. —Sério, Grave. Você parece ótimo. — Seus olhos percorrem meu rosto. —Decidiu deixar os piercings de fora?

Concordo. —Sim.

Ele agarra meu rosto. — Faz você parecer um bebê.

Os caras sempre brincavam que eu tinha cara de bebê. Nós dois começamos a rir, e a porta se abre. E imediatamente paro e limpo minha garganta quando vejo meu irmão entrar.

Titan olha para ele. — Quando terminar, me encontre no altar, — ele me diz.

Concordo. — Não perderia isso.

Ele se vira e sai, sem dizer mais nada. Bones fecha a porta assim que ele sai e me encara. Ele não diz nada. Ele apenas fica lá com os braços cruzados sobre o peito e sua carranca habitual no rosto.

Abaixo minha cabeça, ajeitando meu paletó, incapaz de encontrar seus olhos. — Você pode salvar o discurso do irmão mais velho. Você não pode me dizer nada que eu já não saiba. — Estaria mentindo se dissesse que não estava envergonhado ou com vergonha das coisas que fiz.

Ele permanece em silêncio.

Mantenho meus olhos baixos e começo a andar até a porta, pronto para acabar com isso, mas no último minuto ele agarra meu braço e me faz parar. Meus olhos se arregalam para olhar para ele. — Bones...

— Você está errado, — diz ele. — Há algo que posso lhe dizer que você ainda não sabe.

Meu primeiro pensamento é April. Ela encontrou outra pessoa. Cinco semanas sem alguém é muito tempo. Ela seguiu em frente. Encontrou alguém para tratar ela do jeito que ela merece. Ele coloca as duas mãos em cada lado do meu rosto, me puxando para mais perto dele. Observo seus duros olhos azuis suavizarem e prendo a respiração, me preparando para o pior.

— Você sabe, nós dois perdemos uma mãe, — ele começa, e um nó se forma instantaneamente na minha garganta. — Mas você sabe o que mais eu perdi? — Não respondo. — Um irmão. Um melhor amigo. — Engulo. — Eu perdi você no dia em que enterramos mamãe. E tenho perdido você todos os dias desde o seu vício.

Ele tem razão. Afastei todo mundo, até April. E preciso ser homem e assumir a responsabilidade pelos meus erros. — Sinto muito, — murmuro.

— Não. — Ele aperta meus ombros com mais força. — Me desculpe por ter decepcionado você. Mas não vou fazer isso de novo.

Fungo e ele me puxa para um abraço.

—Estou tão orgulhoso de você, — ele sussurra. —E mamãe ficaria orgulhosa de você.

Minha garganta aperta com suas palavras.

—Eu... — Ele limpa a garganta. —Eu não percebi até esta manhã que eu era o seu maior problema...

Me afasto rapidamente, franzindo a testa. —Não.

—Eu deixei você ir longe demais.

Suspiro. —Você não poderia ter me parado.

—É aí que você está errado, — argumenta. —Percebo que falhei com você da pior maneira que um irmão poderia falhar. Mas prometo a você, Kyle. Não vou falhar com você novamente. Você me entende?

Aceno uma vez, minha garganta aperta, incapaz de formar uma palavra.

—Eu te amo, — diz ele.

Nem consigo me lembrar da última vez que meu irmão disse essas palavras para mim. Depois que mamãe faleceu, as palavras simplesmente não foram ditas em nossa casa. E não percebi o quanto sentia falta delas.

—Eu te amo, Kyle. E aquela mulher lá fora. — Ele faz uma pausa e meu peito aperta. Aqui vem. O golpe que vai me deixar de joelhos. —Aquela mulher carregando seu filho também te ama. E foi preciso que ela me fizesse ver que juntos podemos superar qualquer coisa.

Soltei um suspiro trêmulo. — Eu estava com medo que você fosse me dizer que o namorado dela estava aqui, e você ia matá-lo por mim.

Ele se afasta rindo. — Ela não vai a lugar nenhum. Por alguma razão, ela quer ficar por aqui. Pode ser porque você a engravidou.

Minha boca se abre. — Dillan Reed, também conhecido como Bones, acabou de fazer uma piada?

Ele dá de ombros. — Você não é o único Reed que pode fazer as pessoas rirem.

— Há centenas de pessoas que vão discordar de você.

E assim, sinto um peso tirado dos meus ombros. Uma nuvem que não paira mais sobre mim. Me sinto dez quilos mais leve. O perdão e o amor são mais poderosos do que qualquer droga que você possa tomar.

Sempre tive um desejo de morte, mas pela primeira vez tenho algo pelo que viver.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

April

—Estamos prontos. — O coordenador de casamentos que Emilee contratou chama, entrando na sala nupcial.

Emilee se vira, alisando as mãos em seu vestido de noiva Marie-Chantal Miller. Ela se parece com a realza no material de renda branca. É um vestido sem ombros, sem costas, com uma cauda real. Foi feito para uma rainha. —Como estou? — Ela pergunta nervosamente.

—Linda, — Jasmine diz a ela antes de tomar um gole de champanhe.

—Absolutamente deslumbrante, — digo com um sorriso.

—Obrigada. — Ela caminha até mim e pega minhas mãos nas dela. — Eu não poderia ter feito isso sem você.

Minhas bochechas esquentam quando olho ao redor da sala cheia de mulheres que rapidamente se tornaram minhas melhores amigas. —Eu não fiz nada.

—Sim, você fez. — Ela solta minhas mãos e me puxa para um abraço. — Você pegou meu sonho e o transformou em realidade.

Me afasto e tento lutar contra as lágrimas que querem cair. — Eu não conseguiria fazer isso sozinha. — Ela faz parecer que planejei tudo isso desde o início. Tudo o que fiz foi fazer arranjos de flores. Mesmo isso, não fiz sozinha. Eu, Haven, Jasmine e Emilee trabalhamos dia e noite nisso. Até a Alexa me ajudou quando tinha tempo livre.

— Vamos, senhoras. É hora de ir. — Eles começam a nos levar para fora da sala. Ouço meu celular tocando na minha bolsa e rapidamente pego e saio com as meninas.

Pressiono ignorar, mas ele instantaneamente começa a tocar novamente e desta vez pressiono atender. — Eu não posso falar...

— April, estou tentando falar com você. — Ouço uma voz familiar do outro lado.

— Agora não é um bom momento, — sussurro, parando com as meninas na frente das portas duplas fechadas.

— Vou fazer isso rápido.

— Eu...

— Eles aceitaram sua oferta, — ela me interrompe.

Minha boca cai aberta com o anúncio dela. — O que? — Pergunto, me certificando de ouvir ela.

— Eles aceitaram sua oferta, April, — ela repete animadamente.

— Isso é... incrível.

— Isto é. Sei que você está ocupada. Só queria te dar a boa notícia. — Ela desliga antes que possa responder.

Puxo o telefone para longe da minha orelha e então Sarah, a coordenadora do casamento, pega das minhas mãos, guardando no bolso.

— Você está bem? — Jasmine me pergunta, seus olhos verdes cheios de preocupação.

Concordo. — Sim eu estou.



Grave

Sento à longa mesa de festa nupcial na cabeceira do salão de baile. Assisto Titan dançar com sua esposa na pista de dança preta na frente de duzentas e vinte pessoas. Olho por cima de seus rostos, reconhecendo a maioria deles. Alguns nem conseguia adivinhar quem diabos eles são.

Titan sempre foi um exibicionista. E é exatamente isso que ele está fazendo com os repórteres e convidados aqui. Ele está mostrando ao mundo que ele é um dos Kings mais sortudos do mundo, se casando com Emilee. Porque eles não estão aqui para Emilee. Ela não poderia se importar menos.

Meu irmão se senta ao meu lado. Um copo de bourbon na mão. Ele fala com um cara chamado Avery e seu irmão Tristan. Os irmãos Decker são amigos dele. Estar sóbrio mostra o quão sozinho você realmente está. Nunca cheguei perto de ninguém. Eles veriam quem eu realmente era.

Tomo um gole da minha água enquanto uma mulher que conheço bem caminha até a nossa mesa. Marsha Wells. Uma repórter que dormiu até o topo em Las Vegas. Ela é sempre a primeira a contar uma história succulenta. Sua boceta deu a ela todas as melhores conexões.

—Bones? — Seus olhos o encaram com avidez. Tenho certeza que ele já transou com ela antes. Mas posso estar errado.

—Marsha. — Ele acena para ela, tomando sua bebida.

Os Kings sempre estiveram no centro das atenções da mídia. Nossos pais começaram o Kingdom, os Três Sábios não eram melhores do que nós. Não posso nem contar as histórias que foram escritas sobre nós. Algumas verdadeiras. Algumas não. Eu as ignoro. Elas não significam nada para mim.

—Eu queria saber se você tem alguma coisa para compartilhar comigo?

— Ela pergunta a ele.

Ele inclina a cabeça para o lado e a olha de cima a baixo. Seus olhos começando em seus saltos rosa e correndo por seu vestido de cor creme antes de encontrar o dela. — Eu posso ter alguma coisa.

Ela sorri e ele se levanta, abotoa o paletó e dá a volta na mesa. — Com licença, cavalheiros, — ele diz aos irmãos Decker. Pegando a mão dela, ele a leva para a pista de dança.

Tomo outro gole da minha água enquanto meus olhos pegam a mulher mais bonita aqui. April está do outro lado do salão de baile. Seu cabelo roxo escuro estilizado em um penteado. Fios caindo e emoldurando seu rosto. Ela usa um vestido de seda preto sem alças. Engulo nervosamente e me levanto, querendo falar com ela. Faço o meu caminho ao redor da pista de dança e vou até ela. Ela está de costas para mim, falando com Jasmine.

Jasmine olha para cima e me vê chegando. Ela leva a taça de champanhe aos lábios e a inclina para trás, piscando para mim. — Tenho que ir, — ela diz a April no momento em que me aproximo.

—O que? Onde você tem que ir de repente? — Ela chama para as costas de Jasmine.

—Ela é minha parceira, — digo a ela. Jasmine sempre me apoiou. Ela entende que não somos todos iguais. Que alguns de nós sentem demais enquanto outros não sentem nada.

April se vira e olha para mim. Estendo minha mão direita para fora. — Dance comigo? — Prendo minha respiração. Ainda não tenho certeza de como ela se sente sobre mim. A situação horrível em que nos coloquei. Sentar sozinho em uma sala com nada além de seus pensamentos por semanas a fio não foi bom para mim.

Ela não diz nada, apenas pega minha mão, e a puxo para mim. Deus, perdi isso. Segurando ela. Tudo nela era viciante.

Mas a pouca esperança que tinha morre quando ela fala. —Eu não posso.

Solto ela e passo a mão pelo meu cabelo. —Certo, — digo, odiando que a machuquei. Entendo que só porque estou tentando não significa que mereço a chance de acertar.

—Quer dizer. — Ela suspira. —Eu preciso falar com você, Grave.

Suas palavras não ajudam a sensação ruim no meu intestino de que fui longe demais. Eu fiz demais. Ela não é Lucy. April exigiu tudo de mim e o que dei a ela foi uma versão diluída, induzida por drogas. —Sim claro. Acho que temos muito que discutir...

—Eu não engravidei de propósito, — ela se apressa.

Franzo a testa. —Eu nunca disse que você fez. — Esse pensamento nem passou pela minha cabeça. Levou nós dois para fazer nosso bebê. Conhecia as possibilidades quando optei por não usar camisinha.

—Estou ficando louca pensando. Finalmente me lembrei que alguns dias antes de você ir para o Roses, eu estava doente. Estava tomando antibióticos. Não sabia que eles poderiam atrapalhar o controle de natalidade. — Ela lambe os lábios. —Sinto muito. Eu não estava pensando...

—Ei, está tudo bem.

—Não quero seu dinheiro, Grave. E se você quiser ir embora, eu entendo, — acrescenta ela.

—O que? — Pisco.

—Eu não quero que você fique estressado. Se você não quer fazer parte da vida dele, também entendo.

Ela não está fazendo sentido. O que diabos ela estava pensando enquanto eu estava na reabilitação? Deveria ter entrado em contato com ela. Mas havia uma lista muito pequena de pessoas com quem poderia ter contato. Queria que ela se concentrasse no bebê, não na minha recuperação.
—April...

—Sei que as coisas não são ideais. — Ela funga e desvia os olhos para os saltos.

Coloco minhas mãos em cada lado de seu rosto e ela olha para mim, seus olhos azuis gelados cheios de lágrimas. —Do que você está falando?

—Eu não quero colocar nenhuma pressão sobre você, — ela sussurra.

—Você não está. — Asseguro a ela. Ela é a única coisa que sei que não posso viver sem. Preciso dela mais do que qualquer droga que já desejei.

Ela morde o lábio inferior. —Estou com medo. — Seus olhos lacrimejantes percorrem a sala.

—Sobre o que? — Meu peito aperta. —De mim? Prometo a você, April. Eu serei melhor para você e nosso bebê, — rapidamente a tranquilizo.

—É disso que tenho medo. — Uma lágrima rola pelo seu rosto.

—O que você quer dizer? — Seu lábio inferior começa a tremer. — Ei, fale comigo. Por favor. — Seja o que for, farei o que for preciso para consertar as coisas. Mas não consigo adivinhar o que ela está pensando.

Ela solta um suspiro trêmulo. — Temo que você não me ame sóbrio.

Meu peito apertado contrai como um vício em sua confissão. Como ela poderia pensar isso? O que fiz para fazer ela pensar que poderia amá-la menos? Eu a amo mais. Fiz isso por ela. Estou exigindo mais de mim porque ela merece isso. — April...

— Você quase me beijou em seu carro, mas parou, — acrescenta ela, me interrompendo. — E percebi que talvez você não queira...

Cortei suas palavras insanas pressionando meus lábios nos dela. Seus braços imediatamente envolvem meu pescoço enquanto ela abre os lábios para mim, permitindo aprofundar o beijo. Minhas mãos emaranham em seu cabelo, soltando seu penteado, e inclino sua cabeça para trás para me dar um melhor acesso aos seus lábios. Devoro ela. Bebo dela como se ela fosse a cura para uma doença.

Me afasto e ela abre os olhos pesados, lábios separados enquanto ela suga uma respiração. — Vou passar o resto da minha vida provando a você que eu te amo.

EPÍLOGO

April

Faz um mês desde o casamento de Emilee e Titan. Grave voltou para a reabilitação naquela noite, e uma semana depois o peguei sabendo que ele não teria que voltar como Cinderela à meia-noite.

As coisas andam loucamente ocupadas desde o casamento. Titan tinha todas as equipes de reportagem de Las Vegas lá e havia uma foto dele e de Emilee que acabou na capa de uma revista. O título dizia *O Rei encontrou sua Rainha*. Foi lindo. Enquadrei e pendurei dentro do Roses.

Acontece que aquele casamento teve muita publicidade, o que por sua vez me deu exposição. Emilee e Titan fizeram uma entrevista que foi publicada na revista também e colocaram meu nome junto com a loja como florista. As chamadas começaram a chegar. E aquela ligação que recebi logo antes de caminharmos com Emilee até o altar? Era da minha corretora de imóveis. Depois do que Emilee e Titan me pagaram pelo casamento, tinha o suficiente para fazer uma oferta na boutique que estava à venda ao meu lado. Eles aceitaram.

Eu, Jasmine, Haven e Alexa passamos a semana em que Emilee estava fora para sua lua de mel derrubando o muro que separava a boutique do

Roses. Quem diria que uma marreta e algumas cervejas seriam um ótimo apaziguador do estresse? Bem, sendo a futura mamãe, tomei refrigerante. Mas ainda havia algo muito terapêutico sobre isso, no entanto.

Ethan está ficando fora de problemas na maior parte do tempo. Ele está na loja todos os dias me mostrando que ele é dedicado e dando o seu melhor. Ele me disse que quer pagar sua dívida com o Grave da maneira certa. Respeito isso. E o Grave também. Grave está indo bem. Ele não parece muito diferente do homem por quem me apaixonei. Ele está sempre se esforçando para me fazer rir. Ele está em casa todas as noites depois de sair do Kingdom e no trabalho todas as manhãs. Não posso dizer que ele é pontual porque sempre pareço estar nos atrasando.

Fui morar com Grave depois que ele saiu da reabilitação e dei a Ethan a casa da nossa mãe. Ele tentou recusar, mas era a coisa certa a fazer. Embora ele venha à nossa casa uma vez por semana e deixe sua roupa para lavar. Ele não consegue entender o conceito de classificação de cores.

—Eu sei. Foi o que eu disse. — Grave fala em seu celular enquanto entra na cozinha. Ele vem até mim, beija meu cabelo e pega uma panqueca do prato. Ele acena com a cabeça para si mesmo enquanto apunhala o pote de manteiga de amendoim com uma faca, espalha pela panqueca e depois dobra ao meio antes de enfiá-la na boca. —Mmmm hum. — Ele murmura para o telefone antes de engolir. —Isso precisa acontecer agora. Estamos perdendo dinheiro todos os dias, — diz ele a quem está falando.

—Olá? — Ouço uma voz feminina chamar.

— Aqui, — respondo, estendendo a mão e pegando a bandeja que tem os bifes crus sobre eles fora da ilha. — Eu os temperei, — sussurro para Grave e ele os pega de mim, murmurando obrigado. Depois de outro beijo no meu cabelo, ele se foi, continuando sua conversa.

— Eu trouxe a calda, — Jasmine anuncia, entrando.

— Obrigada, — digo, pegando dela. — Não percebi que estávamos sem.

— Onde estão Haven e Emilee? — Ela pergunta, pulando para se sentar na ilha e começa a descascar uma banana que eu tinha na tigela de vidro.

— Haven me mandou uma mensagem que ela e Luca estariam trinta minutos atrasados, — respondo.

Ela revira os olhos. — Eles estão fazendo sexo mais do que eu. Toda vez que falo com ela, ela tem que ir foder o pau dele porque queremos um bebê. — Então Jasmine enfia a banana na boca mordendo quase ao meio.

Bufo. — E Emilee está no banheiro no corredor.

— A Alexa vai conseguir vir? — Ela pergunta, empurrando o que restou da banana goela abaixo.

— Não. Ela disse que ia usar este dia para recuperar o sono.

No último mês, todos nos reunimos na minha casa e de Grave todos os domingos para o brunch. Os caras grelham bifes na cozinha externa enquanto eu e as meninas cozinhamos lá dentro. Depois que tudo termina de cozinhar, nos sentamos na sala de jantar formal e comemos até que todos tenhamos que sair da sala.

Nunca pensei que esta seria a minha vida, viver com um King. Mas não conseguia imaginar de outra forma. Não sei o que trouxe Grave para o Roses naquela manhã, mas gosto de pensar que o destino sabia o que estava fazendo porque me trouxe o homem com quem vou passar o resto da minha vida.

FIM